

Padecer no paraíso?

*Experiências de mães de jovens
em conflito com a lei*

MARCELA BONI EVANGELISTA

Marcela Boni Evangelista

Padecer no paraíso?
Experiências de mães de jovens
em conflito com a lei

Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy

Salvador
Editora Pontocom
2015

Copyright © 2015 Marcela Boni Evangelista

Preparação e revisão: André Gattaz

Diagramação: Helena Jansen

Ilustrações: Luiza Nascimento

Capa: *Mãe e criança*, de Gustav Klimt (1862-1928)

Editora Pontocom

CONSELHO EDITORIAL

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

COORDENAÇÃO EDITORIAL

André Gattaz

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

EV92 Evangelista, Marcela Boni

Padecer no paraíso? : experiências de mães de jovens em conflito com a lei / Marcela Boni Evangelista. – 1ª ed.
Salvador: Editora Pontocom, 2015. – (Série Acadêmica, 12)
(Coleção NEHO-USP)

348 p. ; 21 cm.

Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-66048-54-4

‘Modo de Acesso: World Wide Web:

<<http://www.editorapontocom.com.br/1/38>>

1. Mulheres e sociedade. 2. Mulheres - Maternidade. 3. Sociedade - Criminalidade juvenil. 4. História oral. - I. Título.

CDD: 305.48

CDU: 305-055.2

Editora Pontocom

Coleção NEHO-USP

O NÚCLEO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA ORAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (NEHO-USP) foi fundado em 1991 e tem entre suas atribuições fomentar pesquisas sobre diversas manifestações das oralidades. Trabalhando também com entrevistas, um dos compromissos básicos do NEHO consiste na devolução dos resultados. Como parte de uma proposta em que os entrevistados são assumidos como colaboradores, o retorno do produto transparente na passagem das gravações para o texto escrito é tido como parte essencial dos projetos. Fala-se, contudo, de maneiras plurais de devolução: aos próprios colaboradores que propiciaram a gravação, às comunidades que os abrigam e às formas de disponibilidade pública das peças. Há níveis de comprometimento, é importante ressaltar. Pactos são formulados, sempre supondo duas esferas de atenção: pessoal – diretamente vinculado ao entrevistado, que deve ter voz nas soluções de divulgação, e à comunidade – que abriga a experiência na qual se inscreve o propósito do projeto em História Oral.

A abertura de uma coleção de publicações de trabalhos gerados ou de inspiração nos procedimentos do NEHO-USP deve ser vista como desdobramento natural do sentido proposto pelos oralistas que professam as indicações do Núcleo. Isto implica pensar que a percepção desenvolvida por esse grupo de pesquisas demanda consequências que vão além do acúmulo de gravações ou de seus usos particulares – acadêmicos ou de mera curiosidade. Porque se percebe que a formulação

de conhecimentos gerada pelos contatos entre entrevistados e entrevistadores é fruto de uma situação social, a publicação dos resultados é parte inerente à ética que ambienta o processo de gravações como um todo. O cerne deste tipo de devolução contém implicações que extrapolam os limites estreitos da satisfação miúda dos relacionamentos entre quem dá a entrevista e quem a colhe. Entendendo por ética o compromisso social mediado pelo acordo entre as partes, é para o geral, para a sociedade, que se dimensionam os fundamentos da História Oral praticada pelo NEHO.

*Munidos destes compromissos, o **NEHO-USP** e a **Editora Pontocom** publicam essa coleção de livros. São dissertações, teses, artigos e outras peças de interesse que compõem a mostra. A disponibilidade destes textos visa superar a intimidade acadêmica e assim inscrever o trabalho do grupo em uma missão maior que qualifica a História Oral como braço de uma proposta que busca compreender para explicar e explicar para transformar.*

*Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy
Núcleo de Estudos de História Oral - USP*

Sumário

Agradecimentos	7
Prefácio	10
Apresentação	14
PARTE I - PRIMEIROS PASSOS	
1. História do Projeto	20
2. As entrevistas	23
3. Definindo o tema de pesquisa	41
4. Questões de gênero e maternidade	52
PARTE II - ENTREVISTAS	
Conceição Paganele	62
Míriam Duarte	105
Solange Prudes de Moura	141
Aparecida de Oliveira	188
Teresa Maria da Conceição	206
Maria Railda Silva Alves	256
PARTE III - ANÁLISE	
1. Militância, luta e apropriação institucional	315
2. Gênero e geração: diálogos não convencionais	322
3. O amor materno: o mito e suas releituras	330
Considerações finais	343
Referências bibliográficas	345

Agradecimentos

À minha querida mãezinha Cidinha, que sempre me apoiou em todos os projetos e desafios.

Ao querido professor José Carlos Sebe Bom Meihy, que com rigor de pesquisador e carinho de amigo orientou esta pesquisa, sempre respeitando minhas decisões.

À professora Sara Albieri, que ajudou de maneira decisiva para que o projeto tivesse financiamento.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, através do Edital “Enfrentamento da Violência contra as Mulheres”, contemplou a pesquisa com bolsa de Mestrado, cujos recursos foram indispensáveis para o bom desenvolvimento do trabalho.

Às queridas companheiras de todos os momentos: Anita Cardoso Santos, Daniela Moreira, Daniela Bernardo e Renata Fornazzari.

Aos queridos amigos da graduação em História: Tamara Prior, Edney dos Santos Gualberto, Fernando Lourenço, Marcio Almeida, Tatiana Guerra, Renata Mazzeo.

Aos companheiros de trabalho que conheci no Núcleo de Estudos da Violência e que ajudaram em diversos momentos da pesquisa com informações preciosas: Gorete Marques, Renato Alves, Ariadne Natal, Adoralina Bruno, Cecília França, Bruna Charifker, Erin Suzuki, Giana Guelfi, André Pinheiro, Flávia Vernaschi, Leandro Daniel, Cleonice Elias, Iraci Oliveira, Taís Magalhães, Gláucia Gajardoni e, especialmente, a querida amiga Tatiana Conterno.

Aos meus amigos fora dos muros da academia e que foram tão importantes quanto os de dentro: Solange Oliveira, Ricardo Cosme, Jorge Flávio da Silva, Elton Régis de Lima, Daniel Lins, Fernando César Firmino, Regimar Lins, Nilson Júnior, Kátia Castilho, Sabrina

Fernandes, Audrey Cristina, Deborah Riveles, Gabriela Alves, Marcelo Guedes de Lima Alves.

Aos amigos e companheiros de pesquisa em história oral: Xênia Castro Barbosa, Márcia Nunes Maciel, Vanessa Generoso, Vanessa Rojas, Suzana Ribeiro, Fabíola Holanda, Marcel Tonini, Fernanda Paiva, Cássia Milena, João Mauro Araújo, Marta Rovai, Juniele Rabelo.

Aos meus queridos familiares que também me ajudaram em tudo o que puderam para que eu conseguisse ter tempo hábil para desenvolver a pesquisa: Romilda Boni, Lucas Boni, Juan Felipe, Rodrigo Boni, Michelly Boni, Yasmin Boni, Miguel Boni, Gilda Cleide Guedes, Idário Lima, Tatiana Santos, Altair Ferreira, Arthur Ferreira, Noemi dos Santos, Osmar Santos, Rose dos Santos, Domênica dos Santos, Leonardo Camilo.

Cada uma destas pessoas em algum momento, com paciência e amizade me ouviu falar da minha pesquisa, dos meus medos e das minhas conquistas.

Às mães que deram vida a este trabalho: Conceição Paganelle, Míriam Duarte, Solange Prudes de Moura, Aparecida de Oliveira, Teresa Maria da Conceição e Maria Railda Silva Alves.

À Luiza Nascimento, querida aluna e responsável pelas ilustrações que dão cores às histórias de vida que estruturam minhas reflexões. Um agradecimento especial pela sensibilidade, comprometimento e carinho com que leu os textos e reconheceu a essência de cada narrativa.

Aos homens da minha vida: Thiago Henrique dos Santos, querido companheiro de todos os dias e aos amados filhotes João Pedro e Bento.

*Dedico meu primeiro livro aos meus
primeiros amores. Pai e Mãe, dedico
estas páginas com todo meu amor a vocês!*

Prefácio

POR JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY*

Acompanhar a evolução deste trabalho me foi um presente delegado pelo melhor da vida acadêmica. E tal não se deveu apenas ao resultado aqui expresso. Juntamente com um grupo de estudantes e pesquisadores de diversos níveis e formações, vivemos um longo processo de maturação dos procedimentos de história oral, segundo as propostas firmadas pelo Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO/USP). Marcela foi parte dessa viagem – parte importante, diga-se – e se distinguiu por algumas contribuições fundamentais. Sobretudo, lhe valeu a ousadia no trabalho de campo. *Ousadia* e *trabalho de campo* são partes que aqui se abraçaram em complemento perfeito. Atenta ao lema do NEHO “vamos fazer o que os outros não estão praticando”, levando a sério a missão do grupo, Marcela foi a campo com o complicado fito de visitar os interiores danados, as relações familiares tecidas nas tramas de mães e de filhos jovens, vistos como delinquentes, marginais, perigosos, venenos sociais. E, como seria de se esperar, mergulhou nas turvas águas, profundas, dos dramas sociais transpostos em lares estorvados.

Em termos operacionais, desde as primeiras investidas, a pesquisadora cuidou de um aspecto importante: ler vieses teóricos variados sem, contudo, deixá-los virar forma capaz de anular a exuberância da experiência alheia, ou mesmo usá-la como mero exemplo

* Professor aposentado do Departamento de História da FFLCH-USP; professor dos programas de Pós-Graduação da UNIGRANRIO; coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP).

comprobatório de soluções apriorísticas. Isto demandou cuidados e disciplina, condições estas espelhadas na montagem do presente texto que, corajosamente não abriu mão da história inteira, não fracionou casos. Antes, o procedimento metodológico obrigou a atenção precípua às narrativas, segundo a pronúncia articulada das protagonistas. E Marcela soube ouvi-las, ser solidária, crítica, e mais que tudo, tradutora que se valeu do aparelho acadêmico para fazer vibrar um canto triste. Foi, aliás, das falas das mães que se extraíram os temas analisados.

Diria, sem medo de errar, que da escuta se fez o argumento central que visava arrancar temas entranhados em silêncios amanhados, sempre vistos à distância, como as borradas *relações de gêneros e faixas etárias*. Tudo na intimidade conflituosa de mães e filhos que conjugam de maneira própria o verbo amar. Dos labirintos abstratos e estrangeiros à nossa vivência imediata, Marcela foi lá. Foi e voltou, e agora cumpre o sagrado mandamento da *restituição pública* do trabalho. Assim, muito mais do que ver e mostrar os dilemas relatados com sofreguidão, como se fossem fatos universais, foi cuidada a motivação próxima, vertida em detalhes da nossa vida cotidiana.

De maneira sutil, anuançada, a pesquisadora construiu um delicado processo analítico, no qual os segredos da maternidade ferida iam se desvelando para lá dos mitos domesticadores da naturalidade amorosa, burguesa, de senhoras bem postas e filhos comportados. E como foi doído o andamento constitutivo do *corpus documental* deste livro. Doído sim, mas também leitoso na virtude da vida dada a um tema pouco explorado e pleno de dores contidas e incontidas. E em cada caso ia se compondo a epopéia das mães atingidas por desgraças sociais sempre tão alheias às vontades e intenções domésticas. Diria que na constelação dos acontecimentos, meu papel de orientador se organizou mais na arrumação do andamento da pesquisa do que propriamente na correção de metas. Isto se deveu à capacidade da investigadora atenta, mas também à força do tema que ditou caminhos próprios.

Outra marca importante desta aventura deu-se no respeito à indicação e sequência dos entrevistados. Marcela soube praticar a humildade desejada romaria do encaminhamento dado pelos *colaboradores*. Foi deste jeito que a entrevista mãe ou *ponto zero*, a fala de dona Conceição, serviu de chão e estrada pela qual trilharam as demais. Subjacente a essa decisão, se realizava o propósito de se reconhecer parceira, mediadora, e não diretora da investigação. Abrandava-se o olhar sociológico e assim, além de pesquisadora, Marcela se mostrou filha e mãe ao mesmo tempo. Um jogo de *dentro e fora*, de *autor e autoria* foi se exercitando. As histórias visitadas eram de pessoas que vivificam os dramas – dramas de privação de convívio e de acesso a soluções – na dureza da faina diária. Elas, as mães, seriam, portanto, as guias, guardiãs dos fatos narrados e indicadoras dos caminhos analíticos. As histórias são delas e de seus filhos. Formulava-se desta forma, na prática e em conjunto, o sagrado exercício de quantos fazem história oral: dar ouvidos a quem tem o que dizer; dizer em conjunto o que merece ser conhecido.

Desde logo, precisamos cuidar de caminhos tortuosos e cheios de pré-concepções. Foi quase que imediato verificar que não bastava mais o tratamento de vítima àquelas mulheres, valentes, combatentes de um exército desmerecido da atenção do estado e mesmo da sociedade civil. E como foi vibrante a luta dessas guerreiras para se organizar em comitês. A criação feita pelas mães de internos da Febem, a chamada *Associação de Mães e Amigos da Criança e Adolescente em Risco* (AMAR), foi a resposta mais valente que se ouviu de mulheres que não se conformaram e que de seus corações e lares precisam transformar suas dores pessoais em luta de uma sociedade toda. Tanto se fala de *empoderamento*, tanto as feministas bradam contra o falocentrismo social, tanto se diz sobre minorias e tanto se deixa de ver a batalha de mulheres que alheias a favores e reconhecimentos vão costurando seus afetos e mais amando seus filhos socialmente banidos.

O cenário geral do drama contido neste trabalho conduz, por fim a uma pergunta que não pode mais ficar sem resposta: de quem

é a responsabilidade dos desequilíbrios sociais transpostos em atitudes de risco, assumidas pelos jovens? Dos próprios indivíduos, das famílias, do governo ou nossa? Mesmo enquadrada no contexto da liquidez social dos dias atuais, não há como renunciar o crédito a pessoas, mães aflitas, que se propuseram a mostrar seus peitos feridos para convidar a todos a reconhecer a dor socialmente causada pelo abandono e carência de assistências devidas. E o rosário de problemas sociais como: consumo de drogas, violência doméstica, falência do ensino formal, desníveis sociais, repontam como brado a ser ampliado. Saúdo a leitura deste livro na rota de pesquisadores que prestam atenção ao papel do conhecimento feito com a sensibilidade cidadã.

Apresentação

A pesquisa *Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei* teve como ponto de partida a elaboração de um projeto guiado pelos procedimentos da história oral praticada no Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP), e que pode ser dividido em três âmbitos:

- *trabalho de campo*, cuja atividade central foi a realização de entrevistas de histórias de vida com mães de adolescentes em conflito com a lei;

- *trabalho textual*, baseado em três etapas: transcrição, textualização e transcrição;

- *trabalho teórico*, o qual se dividiu dois pontos: estudos específicos da teoria de história oral e a incursão na bibliografia sobre os temas que foram desentranhados das narrativas resultantes das entrevistas.

A dissertação resultante da pesquisa foi estruturada em três partes, que buscam refletir o processo do trabalho e suas diferentes etapas, bem como a gradual ampliação das abordagens temáticas. O formato foi mantido neste livro, em que se realizaram apenas pequenas adaptações no texto da dissertação, visando sua divulgação para o público extramuros acadêmicos.

A Parte I, dividida em quatro capítulos, apresenta ao leitor as primeiras questões que se fizeram sentir a partir da elaboração do projeto de pesquisa. O primeiro capítulo, *História do Projeto*, procura situar as condições de desenvolvimento da pesquisa, bem como o lugar da pesquisadora em meio à temática e às escolhas feitas ao longo do percurso. Em seguida, o capítulo *As Entrevistas* confere espaço a cada colaboradora, que têm aí sua especificidade garantida

em meio ao contexto maior que as circunscreve sob um mesmo tema. Em *Mulher, mãe ou família... A escolha da mãe como tema da pesquisa*, procurou-se explicar o problema central da pesquisa, relacionado diretamente com a experiência da maternidade na adversidade. Desta forma, ainda que questões relativas ao universo feminino e familiar se fizessem sentir e tenham tido espaço em diversos momentos, é a figura da mãe e as particularidades de sua experiência enquanto tal que direcionaram os seguintes passos da pesquisa. O último capítulo da primeira parte *Gênero e Maternidade: questão ultrapassada ou incômodo atual?* busca complementar e dar unidade a este ciclo, abordando algumas discussões que relacionam o tema da maternidade com o debate sobre as questões de gênero.

A Parte II, central na apresentação dos resultados, é também o cerne da pesquisa como um todo. Nela estão contidas as narrativas das colaboradoras em sua completude. A opção em alocá-las em meio às discussões de caráter teórico teve como objetivo não utilizá-las enquanto citação nem tampouco como anexos. Parte do texto, são *corpus documental*, mas também são texto. O que ali se encontra não é a transcrição literal das entrevistas, mas o resultado de um complexo processo de construção narrativa. Sua leitura, portanto, não pode ser considerada simples complemento da dissertação.

A Parte III, por sua vez, procura debruçar-se sobre o que pode ser extraído da leitura das narrativas em seu conjunto. Dividida em três capítulos, aí se encontra a análise das narrativas e dos temas que se mostraram centrais no conjunto das histórias de vida, desencadeando pesquisa e reflexões teóricas.

O primeiro capítulo desta parte, *Militância, luta e apropriação institucional* refere-se ao universo da maternidade vivida na esfera pública, marcada pela luta pelos direitos dos filhos em movimentos sociais. O capítulo *Gênero e Geração: diálogos não convencionais* aborda as relações de gênero que podem ser observadas nas relações estabelecidas entre a mulher-mãe e o filho homem, situação presente em todas as experiências apresentadas. O último capítulo da terceira parte é também conclusivo da pesquisa em sua totalidade.

A questão do amor materno foi fundamental desde a elaboração do projeto de pesquisa e tornou-se ao longo do trabalho problemática central. Assim, em *O amor materno: o mito e suas releituras* procurou-se discutir os elementos que constituem o amor materno enquanto um mito ou uma tradição inventada e, sobretudo, as formas de absorção por parte das mulheres-mães deste sentimento enquanto experiência vivida na concretude de suas histórias de vida.

PARTE I

PRIMEIROS PASSOS

1. História do projeto

A pesquisa *Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei*, que deu origem a este livro, teve sua origem muito antes de meu ingresso oficial no Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade de São Paulo. Atribuo o início deste processo à fase de Graduação em História no mesmo departamento. No ano de 2002 tive a oportunidade de cursar a disciplina *História da Cultura II*, ministrada pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, cujo conteúdo chamou minha atenção por tratar de assunto até então por mim desconhecido, a história oral.

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY e HOLLANDA, 2007, p. 15)

Era então meu segundo ano de graduação e, apesar de satisfeita com minha opção por estudar História, sempre senti falta de elementos mais preocupados com a história do presente. Por considerar a História uma disciplina que abarca todos os tempos e pessoas,

procurava algo que pudesse agregar os conhecimentos teóricos ali aprendidos com a minha realidade. Isto tornou-se possível após este contato com a história oral. Além dos conhecimentos da teoria específica desta forma de saber, o curso propiciou a elaboração de um projeto de pesquisa naqueles moldes. Foi então que pude finalmente unir o que aprendia ao que sentia. Na ocasião, desenvolvi projeto intitulado *Violência e Resistência: história oral de vida de jovens moradores da Cohab de Carapicuíba*.

O que motivou a escolha do tema tem raízes pessoais, assim como a opção pela pesquisa desenvolvida no mestrado. Nasci e fui criada na periferia da região metropolitana de São Paulo e sempre me senti entre dois mundos diferentes e complementares. Distintamente da maioria dos meus amigos, a vida toda tive a oportunidade de estudar em escola privada, algo de extrema importância para meus pais, que também não tiveram tal oportunidade. Aliada a meu gosto pelos estudos, esta situação me fez sempre uma privilegiada diante dos meus companheiros de bairro.

Tinha, portanto, contato com pessoas de uma classe média, cujo cotidiano era baseado na vida escolar e familiar e, ao mesmo tempo, convivia permanentemente com outras realidades, perpassadas por muitas adversidades. Falta de emprego, condições precárias de moradia, uso e tráfico de drogas, escolas de péssima qualidade e violência faziam parte de meu cotidiano, ainda que de forma indireta. Não vivi particularmente nenhum drama pessoal, mas era intensamente circundada por dramas coletivos.

Esta percepção foi tomando forma com o tempo e o ingresso na universidade aguçou meu interesse em conhecer os motivos históricos para a minha história e a história que eu via brotar diante de meus olhos nas vidas das outras pessoas. Tive ainda na graduação oportunidade de ser bolsista de iniciação científica no Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV-USP), e foi então que a questão “violência” se descortinou aos meus olhos de forma avassaladora. Embora não desenvolvesse projeto de pesquisa individual, pude apreender uma grande diversidade de assuntos e meu interesse por eles

só tendeu a crescer. No NEV permaneci por sete anos, durante os quais participei de pelo menos dois projetos de pesquisa. Um deles, *Monitoramento das Violações de Direitos Humanos*, tinha como base o acompanhamento de casos de violação de direitos humanos por meio da imprensa e a construção de um banco de dados com as informações coletadas.

A despeito das críticas à imprensa enquanto fonte de pesquisa, esta pode proporcionar grande variedade de abordagens em pesquisas acadêmicas ou não. A reiterada falta de objetividade da fonte não difere completamente de outros documentos considerados “mais oficiais” e que sofrem influência em sua composição de acordo com o contexto de produção.

Durante este período pude ter contato com grande número de casos em que ficava evidente o descaso pela população de baixa renda, moradora da periferia, como eu. Minha curiosidade foi crescente nestes anos e os estudos ali desenvolvidos permitiram uma constatação que parece óbvia: a de que não somente o Estado, mas a sociedade civil tem formas fortemente distintas de pensar a violência de acordo com as classes sociais a que pertencem suas vítimas. A imprensa, enquanto uma das formas de reflexo da sociedade, mostrava-se exercendo um papel constantemente ineficiente e muitas vezes preconceituoso com relação a esta população mais carente.

Uma espécie de vontade de saber para transformar passou a fazer parte de meu cotidiano e aquilo que me incomodava, que era a maneira diferente de se considerar atos violentos quando estes atingiam pessoas pobres em comparação com os casos em que eram atingidas aquelas melhor estabelecidas socialmente, passou a ser o meu plano de estudos para o futuro. Faltava saber de que maneira colocar isso em prática...

No período em que permaneci no NEV tive conhecimento da existência de uma associação de mães de internos da Febem chamada Associação de Mães e Amigos da Criança e Adolescente em Risco (AMAR). Tatiana Conterno, antropóloga, amiga e parceira de trabalho, havia realizado um trabalho de campo junto a essas mulheres.

Sua indignação e seus relatos me fizeram ter interesse em saber mais sobre elas. O que sabia até então se restringia ao que era veiculado pela imprensa, notavelmente incipiente em comparação com o relato vivo de minha amiga.

Além do material da imprensa, no NEV havia ainda os colegas da Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos (CTV), que faziam um tipo de trabalho mais próximo às vítimas de violência. Era o caso do acompanhamento das irregularidades acontecidas nas unidades da então Febem. O contato entre eles e a AMAR era constante e foi através de Gorete Marques, então secretária da CTV e companheira de trabalho, que consegui o contato de dona Conceição Paganelle, presidente da associação.

Na mesma época, por volta do ano de 2006, soube de uma chamada de estagiários voluntários no Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO) – o mesmo núcleo que conhecera alguns anos antes e com o qual, infelizmente, acabei perdendo contato. Vi ali uma grande oportunidade de retomar os estudos de história oral que tanto tinham despertado meu interesse. Participei de um processo de seleção e passei a fazer parte do grupo de formação do NEHO. Éramos um grupo de aproximadamente dez pessoas de diferentes áreas e que tínhamos como coordenadora a querida pesquisadora Suzana Lopes Salgado Ribeiro. Nossas atividades eram divididas entre institucionais (nas quais ajudávamos na organização do espaço, acervo e eventos do NEHO) e acadêmicas (o grupo de formação propriamente dito). Durante nossos encontros discutíamos desde textos clássicos até novidades na área de história oral. Além disso, buscávamos construir cada um seu próprio projeto de pesquisa. O contato próximo de pessoas dispostas a contribuir pessoal e intelectualmente foi verdadeiro fermento para indiscutível crescimento individual e coletivo.

Neste contexto, vislumbrei a possibilidade de retomar uma série de desejos. O primeiro deles foi de poder realizar um trabalho na área de história oral; em seguida, a possibilidade de trazer à tona um tema do presente e que demandava atenção; por fim, iniciar o

contato com a associação de mães que eu havia conhecido e que tanto tinha me chamado atenção. Não houve dúvida quanto ao enfoque do tema. Acredito que isto se deva também ao fato de ser mulher e de, na época, ter em mente um dia ser mãe. Se assim acontecesse eu poderia ou não passar pela mesma situação daquelas mulheres, o que no mundo em que vivemos não é impossível. No decorrer da pesquisa tive o privilégio de me tornar mãe e atribuo a esta novidade em minha vida novas concepções para a pesquisa em andamento. Diferentemente do que poderia parecer, estas “novas concepções” não estavam atreladas a nenhuma espécie de unilateralidade ou falta de crítica. Ao contrário, conferiram legitimidade à minha escolha. A partir daquele momento eu poderia me aproximar um pouco mais daquelas mulheres.

Iniciei o projeto sendo mulher e filha, e agora aqui estou também como mãe.

2. As entrevistas

Entrevistar faz parte do cerne do trabalho de história oral. Apesar de todos os esforços voltados para a teoria, é no trabalho de campo que as possibilidades se desenrolam. Pensando no sentido da palavra, “entre-vista” sugere a presença e o diálogo e, mais que isso, o jogo de sentidos que a relação entre os participantes propicia. Por isso, a entrevista de história oral requer cuidados diferenciados e sensibilidade por parte do pesquisador, afinal o que se busca são experiências e não informações.

Entendemos a entrevista enquanto um momento em que pontos de vista distintos se encontram. Trata-se de uma situação marcada pela interlocução e pela produção de significados novos, perpetrados pela ocasião em questão. Ambas as partes integrantes de tal interação têm responsabilidade sobre seus resultados e ao admitir a ausência de imparcialidade, o pesquisador assume os riscos de escrever a história de uma outra pessoa que por alguns momentos é ele mesmo. (EVANGELISTA, 2010, p. 178)

Este livro se construiu a partir de entrevistas realizadas com seis mulheres-mães de adolescentes em conflito com a lei. Suas histórias convergem para uma experiência comum, mas cada trajetória carrega singularidades que merecem atenção. Ao leitor apresento cada uma de minhas colaboradoras.

A realização das entrevistas deu-se ao longo de três anos, tempo durante o qual pude ampliar o contato com temas e acontecimentos relacionados à pesquisa. Desta forma, o entrelaçamento de

aprofundamento teórico e prática permitiu o surgimento de novas questões, que foram gradativamente incluídas no processo de trabalho, como procuro exibir adiante.

Paganele Conceição

A primeira entrevista da pesquisa *Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei* aconteceu em fevereiro de 2007, alguns meses depois do primeiro contato com a colaboradora Conceição Paganele, aqui tratada por *dona Conceição*. Conversamos primeiramente por telefone e ela se mostrou muito solícita em me conceder a entrevista. Aliás, dona Conceição estava bastante habituada a dar entrevistas tanto para meios de comunicação diversos quanto para estudantes que, como eu, se interessavam por sua atuação. Entretanto, nosso encontro só poderia acontecer no ano seguinte, pois como presidente da AMAR, dona Conceição estava envolvida intensamente com a organização de um ato contra a tortura na Febem.

Convidada a presenciar e participar do ato, fui ao evento com minha colega de trabalho Gorete, atuante na luta pelos direitos humanos por meio de sua ligação com a CTV. Para mim, foi uma experiência encantadora. Percebi que apesar de tudo o que me levava até ali - meu interesse pelo tema e minha origem na periferia -, o que aquelas mulheres faziam era muito mais intenso e complexo. Era de fato transformar seus dilemas pessoais em militância coletiva.

Fui apresentada muito rapidamente a dona Conceição, que era ali o centro das atenções, e a Míriam, também mãe de adolescentes internos em instituições de privação de liberdade e, no momento, integrante de uma unidade do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA).

O evento contou com a participação de outros representantes de organizações de defesa dos direitos humanos das crianças e adolescentes e com moradores da Cidade Tiradentes atendidos pela unidade

da AMAR lá instalada e voltada para a prevenção da violência na região. O ato foi em tudo emocionante, mas o que mais chamou minha atenção foi a força incorporada por dona Conceição. Nas suas palavras estava claro que sua luta, que tinha começado pela situação individual do envolvimento de seu filho com o uso de drogas, tinha se estendido para o nível coletivo. Ela era agora “mãe de todos aqueles meninos da Febem”. Essa fala me impressionou e mostrou que eu estava realmente no caminho certo.

No início do ano seguinte, retomei o contato e conseguimos marcar nosso primeiro encontro. Dona Conceição escolheu a sede da AMAR, no centro de São Paulo, como o local para conversarmos. Cheguei no horário combinado e lá já se encontrava uma moça que também aguardava para falar com a presidente da associação. Assim que dona Conceição chegou, nos atendeu com muita simpatia e, até pela ordem de chegada, a primeira atendida foi a outra moça. Ela era estudante de jornalismo e estava ali para realizar uma entrevista sobre a experiência de Conceição Paganele para a faculdade. A princípio, tínhamos o mesmo objetivo. Enquanto a moça acionava seu gravador e seu questionário eu fiquei esperando na mesma sala. A conversa delas durou cerca de meia hora e meu alívio foi imenso ao notar que a diferença entre a entrevista de jornalismo e a de história oral não estava somente no papel.

Quando a jornalista se foi, pude iniciar a conversa com dona Conceição, que certamente pensou que iria repetir mais ou menos a mesma coisa que havia dito. Já havia falado para ela sobre a diferença da entrevista que estava propondo, preocupada com a história de vida dela e não circunscrita a um evento particular. Depois de frisar este aspecto da entrevista que iniciaria, pedi que ela me contasse a história de sua vida. Nossa conversa durou pouco mais de duas horas, com pequenas interrupções, afinal estávamos no ambiente de trabalho dela e de outras pessoas. A entrevista foi permeada por momentos de emoção, revolta e até situações engraçadas. Percebi que ali iniciávamos uma relação de amizade que se mostrava mais evidente a cada novo encontro. Foi necessário realizar ainda outra

entrevista, esta sim mais objetiva, para retomar assuntos que foram mencionados superficialmente no primeiro encontro e se mostravam importantes para a construção narrativa daquela história. Tendo em vista que esta era a primeira entrevista do projeto, não posso negar minha satisfação.

Paralelamente às investidas do projeto em si, as reuniões do grupo de formação do NEHO foram conferindo consistência teórica às ações. Um dos pressupostos éticos levado a cabo pela história oral praticada pelo NEHO é a “devolução”. Seria como uma contrapartida do pesquisador para o grupo e/ou pessoa que colabora com a pesquisa. No caso de minha experiência, coloquei-me à disposição para ajudar a associação em algo que estivesse ao meu alcance. No momento, eles estavam com o *site* da AMAR bastante desatualizado e eu me prontifiquei a auxiliá-los, ainda que não tivesse muito conhecimento na área. Realizei algumas inserções no *site*, mas em função de outras demandas, acabamos interrompendo esta atividade. Além disso, um grupo de estudantes da Universidade São Judas estava realizando um trabalho que tinha como objetivo justamente desenvolver um *site* para a associação.

Dando continuidade ao trabalho, passei então à parte textual. Inicialmente, fiz a transcrição literal da entrevista; em seguida realizei sua textualização e, finalmente, fiz a transcrição. Esses passos do trabalho com a entrevista fazem parte do conjunto de procedimentos adotados pelo NEHO e têm como elemento diferenciador o método transcriativo de finalizar o texto. Esta forma de conceber a narrativa tem motivações que se estendem da preocupação estética ao comportamento ético do pesquisador, o qual tem no entrevistado um colaborador e não um depoente ou informante.

Entende-se por *transcrição* o processo que ao passar do oral para o escrito a experiência da entrevista, não se contenta com a simples representação de sons. Indo além, busca trazer para o texto escrito as sensações e percepções contidas no momento da entrevista. Por este motivo, a presença é algo insubstituível, não admitindo entrevistas, por exemplo, por telefone ou internet. O recurso do

“caderno de campo” torna-se, neste sentido, instrumento de trabalho, por conter no relato exatamente o que não está nas falas gravadas.

A transcrição é assim um fundamento-chave para a história oral, pois, sendo ela aplicada aos estudos de grupos, comunidades e indivíduos, abandona os estritos caminhos da racionalidade e se abre às convenientes dimensões subjetivas. A noção de transcrição ganha novos sentidos na história oral, pois sugere a fatalidade da transcrição como ato de recriação para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado. (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 136)

É certo que a subjetividade percorre cada momento da pesquisa, sobretudo na relação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado. Diante de críticas das mais variadas manifestações preocupadas com a cientificidade e objetividade do trabalho de pesquisa, a história oral assume seu papel diferenciado de construir conhecimento a partir da subjetividade.

O trabalho transcriativo se aproxima do artesanal. Isto se dá, pois a possibilidade de transcrição somente é viabilizada quando aquele que escreve o texto final está envolvido em todas as etapas do trabalho, desde a elaboração do projeto de pesquisa. O envolvimento direto com o tema e com o documento vivo materializado pelos entrevistados é insubstituível na composição do texto final. A experiência agregadora da pesquisa em história oral de vida confere gradativamente ao oralista a segurança necessária para escrever com propriedade sobre a vida daqueles com quem divide experiências. Tal qual o produto do artesão, o texto transcrito é o resultado

de uma série de etapas criativas que vão contornando um produto sempre inédito. (EVANGELISTA, 2010, p. 180)

A narrativa transcrita ganha legitimidade na medida em que é validada pelo entrevistado. Foi assim com dona Conceição. Após finalizar o trabalho transcriativo, retornei à AMAR para conferirmos o texto. Em função da realização de duas entrevistas, o texto somente textualizado parecia incompleto. Faltava escrever um parágrafo final que desse sentido à narrativa como um todo. Meu maior receio era justamente com aquele parágrafo, escrito por mim. Ao terminarmos a leitura, dona Conceição se mostrou muito satisfeita e emocionada, mas nada falou sobre o final. Diante disso, contei a ela que aquele final tinha sido escrito por mim ao que ela respondeu: “Mas parece que eu que falei isso!”.

Esta fala foi suficiente para que eu tivesse a dimensão da transcrição como recurso de construção narrativa. “O texto final...jamais poderia ter sido pronunciado daquela maneira final pelo nosso interlocutor; no entanto, cada palavra, cada frase, cada estrutura lhe pertence (ele não disse mas somente ele poderia ter dito)” (CALDAS, 1999, p. 75-76).

Dona Conceição foi, assim, o meu *ponto zero*, que em história oral remete ao primeiro colaborador da pesquisa. É aquele que indicará os próximos entrevistados, sendo considerado uma “reserva de memória”.

Miriam Duarte

Seguindo os passos prescritos pela metodologia da história oral, minha primeira colaboradora forneceu o contato de outra pessoa que poderia me conceder entrevista. Seria uma ex-integrante da AMAR que no momento trabalhava na unidade Sapopemba do CE-DECA. Miriam Duarte foi minha segunda colaboradora. Mesmo com

seu telefone, foi muito difícil conseguir falar com ela. Foi quando me lembrei que esta era a mesma mulher a quem eu fora apresentada no ato contra a tortura na Febem, por intermédio de Gorete. Esta me forneceu o telefone do trabalho de Miriam, e finalmente conseguimos nos falar. A simpatia de Miriam era constantemente mencionada, o que se confirmou com sua disposição em me receber prontamente. O local escolhido foi a sede do CEDECA, onde ela trabalhava.

Quando cheguei ao local, já havia uma sala preparada para que conversássemos com privacidade. Antes disso, porém, fui apresentada às pessoas que trabalhavam ali e também às adolescentes que participavam de uma oficina de culinária. Fomos para a sala e, antes de iniciarmos a gravação, Miriam comentou brevemente sobre ter uma história muito triste, como se eu já conhecesse os episódios de sua trajetória. Pude dizer que não sabia de muita coisa, mas que teríamos a oportunidade de falar sobre o que ela quisesse, não somente das experiências ligadas aos filhos. A conversa durou cerca de duas horas e foi, de fato, muito emocionante. Seus três filhos tiveram envolvimento com drogas e atos infracionais desde muito novos, sendo que dois deles haviam sido assassinados aos 17 anos. Àquela altura eu também havia me tornado mãe e creio que minha nova condição tenha a ver com certa identificação entre mim e minha colaboradora.

Miriam, apesar da doçura permanente em sua fala, permitia entrever muitas características presentes já na narrativa militante de dona Conceição. Tal postura era somente uma das similaridades. A revolta perante a inexistência de tratamentos satisfatórios para a drogadição, a consciência das deficiências no sistema educacional e a visão da Febem como instituição incapaz de cumprir seu dever de ressocialização são alguns dos pontos que se repetiam.

Esta constatação foi responsável pela primeira questão teórica que se desenhou como possível na análise nas entrevistas: a participação em movimentos sociais. Nos relatos de ambas, esta tomou forma somente após a experiência de terem filhos em conflito com

a lei, cumprindo medidas socioeducativas de privação de liberdade. Tal circunstância desvelou uma nova realidade para essas mulheres, agora marcada pela militância. Os significados de suas ações ganhavam amplitude política e uma nova simbologia passava a marcar suas construções narrativas.

A AMAR, que fora o seio desta militância, também se encarregou de auxiliar diversas outras mães que não trilharam o mesmo caminho. Os motivos para tanto são muitos e remetem à característica líquida do mundo contemporâneo, no qual a tenuidade dos laços é mais comum que o comprometimento com coletividades. Neste sentido, associações como esta se assemelhariam a “[...] ‘cabides’ em que as aflições e preocupações experimentadas e enfrentadas individualmente são temporariamente penduradas por grande número de indivíduos – para serem retomadas em seguida e penduradas alhures [...]” (BAUMAN, 2003, p. 67). Podemos pensar nas associações de diversos grupos como potencialmente efêmeras, dada a permanente incerteza e a multiplicidade de interesses que variam de acordo com o contexto. A manutenção de movimentos sociais, portanto, indica as influências desta nova forma de lutar, cada vez mais insegura, porque atada aos interesses particulares que se contrapõem aos de ordem coletiva.

Solange Prudes de Moura

Depois da segunda entrevista realizada e com material textual trabalhado, mais um passo foi dado. Novamente acionei dona Conceição, que me indicou Solange Prudes de Moura. Neste momento, fui alertada sobre a história difícil de minha nova colaboradora. As informações, no entanto, se restringiram a isto. Logo no primeiro contato por telefone conseguimos marcar o encontro para a entrevista. Diante da possibilidade de escolha do local para fazê-lo, Solange externou sua preferência por qualquer lugar que não fosse sua casa, por conta da atitude que o marido poderia ter. Sendo assim, sugeri

que fizéssemos a entrevista na sala do NEHO, no Departamento de História da USP, e Solange concordou.

No dia da entrevista, nos encontramos perto da universidade e então fomos para o NEHO. Solange, assim como Miriam, agiu como se eu soubesse de sua história e, por isso, mencionei o pouco que sabia, o que concedeu maior liberdade à entrevista. Tivemos uma conversa que durou pouco mais de duas horas. Foi até aquele momento a história que mais me comoveu. Era uma história intensamente marcada pela violência desde a infância, quando Solange fora violentada pelo padrasto por cerca de seis anos. A mãe, alcoólatra, não acreditava no relato da garota que, diante da oportunidade de sair de casa, casou-se aos treze anos. Durante os anos em que permaneceu casada teve três filhos e sofreu intensa humilhação e violência, a ponto de o marido não permitir que ela se encontrasse com os filhos. Sua história culmina com a experiência de um dos filhos deste casamento envolvendo-se com drogas e passando por diversas internações em unidades da Febem. A última delas, marcada por situação traumática, foi o elemento desencadeador para o ingresso de Solange na associação de mães em busca de medidas comprometidas com a garantia dos direitos dos adolescentes aprisionados.

Novamente, o trabalho de campo oferecia novos elementos para reflexão. Desta vez, era a violência doméstica que se apresentava como sugestão. A violência, já no projeto de pesquisa, mostrava-se um eixo temático importante. Entretanto, dada a complexidade do tema, sabia que deveria fazer algumas escolhas durante o trabalho. Um dos pontos de possível abordagem tinha relação com a violência institucional, presumida desde o princípio como algo recorrente nas entrevistas. Entretanto, tal abordagem levaria mais em conta o universo dos filhos do que o das mães, sendo este último o pretendido para reflexão. Ainda que houvesse violência indireta vivenciada pelas mães quando das violações de direitos de seus filhos, o surgimento de aspectos específicos de violência de gênero permitiu refletir acerca de novas possibilidades de análise a partir das narrativas.

Aparecida de Oliveira

O trabalho ganhava consistência a cada passo e as entrevistas eram permanentemente acompanhadas por leituras, muitas sugeridas pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, como é o caso de *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elizabeth Badinter (1985). Este texto ampliou as possibilidades de concepção acerca da maternidade, a qual deveria ser entendida em sua complexidade. Desta maneira, o amor materno, coletivamente percebido como algo inerente a toda e qualquer mulher, era apontado pela autora como uma construção, o que abria espaço para reflexão que fosse além dos aspectos até então contemplados pela pesquisa.

O grupo de mães que havia colaborado com a pesquisa até o momento poderia ser caracterizado como mantenedor da ideia de amor materno indiscutível. Entretanto, muitos eram os casos, inclusive veiculados pela imprensa, de “desamor” materno. Violência física e psicológica contra os filhos, assim como abandono e desprezo por parte das mães e outros familiares se mostravam mais frequentes do que o senso comum poderia supor.

Tomando como ponto de partida a experiência compartilhada pelas colaboradoras de serem mães de adolescentes em conflito com a lei, a situação era passível de agregar comportamentos diferenciados. Restava buscar novas redes para uma composição mais verossímil da colônia abordada.

Os conceitos de colônia e rede fazem parte do referencial em torno do qual a pesquisa se estrutura, de modo que se torna necessário explicitá-los. Antes disso, porém, cabe identificar o conceito de *comunidade de destino* que os circunscreve e atenta para

[...] pessoas, arbitrariedades, discriminação. De uma ou de outra forma, a sustentação que marca a união de pessoas são dramas comuns, coetâneos, vividos com intensidade e consequências relevantes, episódios que alteram no porvir o comportamento pretérito,

rotineiro, e que impõem mudanças radicais de vida grupal. (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 51)

É possível, portanto, identificar na pesquisa qual seja a comunidade que compartilha do mesmo “drama comum”. Falamos de famílias inteiras que experienciam em seu dia-a-dia a realidade de ver e conviver com adolescentes que não cumpriram o destino glorioso socialmente esperado.

A necessidade de um recorte mais nítido que viabilizasse a pesquisa remete ao conceito de *colônia*, cujo objetivo é “facilitar o entendimento do coletivo que se perderia na abrangência”. A escolha pela figura da mãe tem aí sua justificativa. Além da ideia inicial de realizar um trabalho que tivesse como horizonte a experiência materna, isto não seria possível sem reconhecer a atmosfera familiar em que esta se assenta.

A abordagem que é mote para o desenrolar da pesquisa, porém, embasada na história de vida de mães de adolescentes em conflito com a lei, tampouco permitiria sua efetivação, dada a abrangência de tal experiência no contexto brasileiro. Neste sentido, cabe de forma justa o conceito de rede, a qual

[...] deve ser sempre plural – idealmente várias –, porque nas diferenças internas aos diversos grupos residem as disputas ou olhares diferentes que justificam comportamentos variados dentro de um mesmo plano. (*Ibid.*, p. 54)

Partindo deste princípio, iniciei novos contatos que tivessem como elemento diferenciador a ausência de participação das mulheres em movimentos sociais de luta pelos direitos dos jovens em conflito com a lei. Contando com a colaboração de amigos do bairro onde moro, consegui o contato de uma mulher cujo filho havia saído há pouco de uma unidade de internação da Febem.

Pela primeira vez na pesquisa a entrevista não aconteceu. O contato realizado por telefone, a despeito das tentativas em explicar

o teor da pesquisa, não foi suficiente para que a possível colaboradora concordasse em conversar pessoalmente comigo. A recusa foi implacável e, diante disso, desisti de tentar novamente por respeitar a decisão de uma mãe que explicitamente afirmou não querer falar sobre o assunto em questão.

A primeira constatação depois de tal episódio foi a possível divisão entre um grupo disposto a relatar sua experiência, inclusive em forma de denúncia, e outro marcado pelo silêncio voluntário. O primeiro, formado por mulheres envolvidas em maior ou menor grau com a militância e o segundo, formado por pessoas alheias a tal experiência. Mostrava-se necessária uma incursão neste segundo grupo com o objetivo de confirmar tal suposição. Foi neste contexto que consegui o contato de Aparecida de Oliveira.

Cida, como aqui vou me referir, foi solícita em me atender, mas demonstrou certa timidez pelo telefone. Marcamos a entrevista e no dia e horário combinados não havia ninguém em sua casa. Decidi esperar e, depois de algum tempo, ela chegou do trabalho me explicando os motivos do atraso. Nossa conversa durou pouco menos de uma hora e, em comparação com as entrevistas realizadas até o momento, foi a mais “difícil”. Cida não reconhecia em sua própria história de vida algum valor, sendo que durante a entrevista os eventos citados com maior ênfase diziam respeito à história de seu filho mais velho, envolvido desde os 12 anos com o tráfico de drogas e morto pela polícia dois anos antes da entrevista.

Foi possível verificar claras distinções entre as narrativas das entrevistadas participantes de associações como a AMAR e o CEDECA e a de Cida. Um dos pontos de destaque foi a opinião acerca da Febem. Se esta era o retrato do inferno para as primeiras mães, para Cida pareceu uma possibilidade de alívio. Diferentemente dos filhos das outras colaboradoras, Cida contou como seu filho se sentia bem no local, inclusive sendo líder dos demais internos. A postura denunciante das mães militantes contrastava com a de Cida que, mesmo sabendo quem eram os responsáveis pela morte do filho, por conta do medo, escolheu não fazer qualquer tipo de denúncia.

Em nenhum momento pretendo minimizar a experiência de quem não participa de movimentos sociais, seja por opção ou desconhecimento, mas este foi um ponto fundamental para compreender as variadas possibilidades de comportamento materno frente à situação dos filhos em conflito com a lei. Além disso, depois desta entrevista ficou evidente a necessidade de abordar a questão do luto materno, afinal das quatro mulheres entrevistadas até então três haviam passado pela experiência de perderem seus filhos de forma violenta.

Teresa Maria da Conceição

Paralelamente ao trabalho de transcrição, textualização e transcrição das entrevistas realizadas, retomei o contato com associações que me pudessem indicar novas colaboradoras. Foi então que tomei conhecimento da ACAT (Associação Cristã para Abolição da Tortura). Mais uma vez, coincidentemente, foi Gorete quem me indicou a próxima entrevistada, dona Teresinha.

Entrei em contato com dona Teresinha por telefone e combinamos de nos encontrarmos na sede da ACAT, onde ela participava de um grupo de apoio. No dia combinado, conversamos durante cerca de meia hora, tempo em que pude explicar um pouco sobre a pesquisa e ela pode contar um pouco sobre sua vida. Como aquele era um lugar onde sempre falava de seus sofrimentos e dos problemas vivenciados com os filhos, dona Teresinha imaginou que eu já conhecesse parte de sua experiência, mas logo esclareci que não sabia praticamente nada sobre sua história, e que, por ser esta uma pesquisa de história de vida, não seriam somente esses episódios os que poderiam ser lembrados. Diante deste incentivo, dona Teresinha começou a contar coisas engraçadas de sua vida e que, segundo ela, fazia muito tempo que não se lembrava. Combinamos de realizar a entrevista com mais calma em sua casa, na semana seguinte.

Ao chegar ao endereço, me surpreendi ao ver que aquela senhora morava em um cortiço. Ela não estava no momento, mas assim

que recebeu meu telefonema, chegou rapidamente e me levou até sua casa. Era impressionante como a morada de dona Teresinha destoava de tudo o que a circundava. Diferente do cômodo onde ela morava, todos os outros espaços daquela habitação coletiva eram marcados pela desorganização, por gambiarras no circuito elétrico e pela sujeira. No entanto, o esmero de sua casa era tal que ela desde o início comentou como a entristecia morar ali depois de ter vivido em lugares tão melhores. Ali ela preferia não trazer os amigos. Achava vergonhoso receber seus convidados num lugar onde os vizinhos eram em muitos casos viciados em drogas.

A entrevista durou mais de três horas e dona Teresinha falou longamente sobre muitos episódios de sua vida. A relação com os filhos teve destaque o tempo todo, principalmente o que dizia respeito ao filho mais novo, segundo ela o mais amado, apesar de ser adotado. Dois de seus filhos tiveram envolvimento com atos infracionais. O mais velho, já com 40 anos se encontrava preso no momento da entrevista e o mais novo tinha um histórico marcado por diversas internações em unidades prisionais. À época em que nos conhecemos o que mais a preocupava era a situação do filho mais novo, envolvido com facção criminosa responsável por diversos rituais de comprometimento por parte de seus adeptos. Um desses rituais, o batismo, era algo intensamente perturbador para minha colaboradora, que não aceitava tal desrespeito a uma manifestação religiosa.

Foram muitos os detalhes enriquecedores deste encontro, tanto pessoalmente quanto no âmbito da pesquisa. No que diz respeito ao andamento teórico do trabalho, a entrevista de dona Teresinha retomou a necessidade de pensar o fazer da história oral adotada, por meio de alternativas relacionadas ao processo de transcrição. Além disso, no que diz respeito à relação entre mães e filhos surgia a problemática da adoção enquanto elemento intensificador de sentimentos intrafamiliares.

Maria Railda Silva Alves

Ainda que o número de entrevistas feitas parecesse pequeno diante das possibilidades de variedade de comportamento por parte de mães de adolescentes em conflito com a lei, os acontecimentos que marcaram a sociedade brasileira durante o período de realização da pesquisa não puderam passar despercebidos. Um deles, repleto de violência, teve como um dos resultados sociais a criação de uma associação de mães de vítimas de execuções sumárias. Trata-se do evento conhecido como “Ataques do PCC”, ocasião em que integrantes dessa facção criminosa deram início a uma onda de ataques contra policiais. O que se seguiu foi uma represália intensa por parte de policiais a todos os supostos “criminosos”, resultando em um número de mortos até então desconhecido na história.

Entre 12 e 20 de maio de 2006, 439 pessoas foram mortas por armas de fogo, no Estado de São Paulo, conforme laudos necroscópicos elaborados por 23 Institutos Médico-Legais, os quais foram examinados pelo Conselho Regional de Medicina. (ADORNO E SALLA, 2006, p. 7)

As vítimas eram em sua maioria homens jovens e, em vários casos, sem envolvimento com a criminalidade. A impunidade que caracterizou o evento foi o elemento desencadeador da criação do grupo Mães de Maio, em referência ao mês em que aconteceram os crimes. Tratava-se de um grupo que tinha tantas semelhanças com as mães com as quais eu trabalhava, que fui ao encontro de maiores informações. Novamente Gorete possuía o contato com a líder do grupo, Débora, e me forneceu seu telefone.

Débora mora em Santos, mas vem para São Paulo com certa frequência, o que possibilitou que nosso encontro fosse marcado em uma de suas vindas. Ela sugeriu que nos víssemos na casa de um amigo seu e no dia marcado nos encontramos.

Foi uma surpresa saber que seu amigo era um ex-colega de faculdade, Danilo, que atuava intensamente no movimento junto às mães. Na ocasião, além de Débora e Danilo, estavam em seu apartamento outras duas mulheres, que também faziam parte do grupo. Desacostumada com o tipo de entrevista por mim proposto, não imaginou que haveria necessidade de maior privacidade para que a entrevista de história oral de vida fosse realizada. Expliquei a necessidade de um futuro encontro, mas aproveitei o momento para conhecer um pouco de sua história e das outras duas mulheres, planejando futuramente reencontrá-las para também poder entrevistá-las.

Conversamos por cerca de duas horas, que foram gravadas. Foi uma experiência muito proveitosa e pude conhecer um pouco mais sobre outros grupos de mães com os quais as mulheres ali presentes tinham contato, como é o caso das Mães de Acari, do Rio de Janeiro. A entrevista de história de vida com Débora acabou não acontecendo, e ainda que tivesse sido realizada, dificilmente seria devidamente incluída em minha pesquisa. Sua história de vida anunciava a necessidade de um projeto se não em tudo, em muitos aspectos, inédito. Afinal, os “Ataques do PCC” foram ocasião que permitiu a estruturação do grupo e diferentemente do que acontecia na pesquisa que vinha desenvolvendo, muitos dos filhos vítimas da violência do evento não eram adolescentes e não possuíam necessariamente algum tipo de conflito com a lei.

Entretanto, uma das mulheres que acompanhavam Débora era antiga integrante da AMAR que ajudara a fundar a associação no final da década de 1990. Railda é seu nome e nesse encontro tive a oportunidade de ficar com seus contatos para uma futura entrevista.

Era notável que não apenas o tempo para a finalização da pesquisa estava chegando ao fim, mas o próprio trabalho de campo dava sinais de uma conclusão próxima. O encontro com Railda foi em tudo simbólico, afinal eu voltava ao ponto que deu início ao projeto, uma mãe militante fundadora da AMAR.

Planejei esta como a última entrevista e o encontro foi fundamental para iluminar diversos pontos da pesquisa. Sua experiência

era a de uma mulher que, depois de viver por vários anos submetida às arbitrariedades de um marido violento, passou a ir em busca de uma vida melhor e independente. O trabalho sempre foi marca de sua trajetória e o envolvimento de um de seus filhos com roubos e drogas, em que pese o sofrimento que causou, foi uma porta para sua entrada no universo da militância, que não foi interrompida com seu afastamento da AMAR. Ao contrário disso, a manutenção da luta pelos direitos humanos favoreceu a criação de outro grupo, este não exclusivamente voltado para crianças e adolescentes. A AMPARAR ampliou o trabalho atendendo um grupo formado por pessoas privadas de liberdade, mas não somente nestas condições, e em diferentes faixas etárias.

A última entrevista da pesquisa foi seguida de uma sensação de completude. Eu sabia que muitas outras entrevistas poderiam ser feitas, mas o material que recolhera até ali era suficiente para desenvolver o que propusera quando da construção do projeto: conhecer e buscar compreender como é vivenciar a maternidade na adversidade em suas diferentes possibilidades. E isto esteve materializado ao longo do trabalho nos comportamentos das mulheres-mães diante da condição de seus filhos em situação de conflito com a lei.

Mais que isso, foi preciso confrontar minha vida com a de outras mulheres cuja experiência jamais vivi, porém, pude imaginar com a concretude da história de vida. Ouvir, conversar, entrevistar, escutar estas histórias foi também experiência que entrelaçou vidas diferentes que, em última análise, se colocou como indagação acerca de quais papéis desempenhamos na trajetória desenhada ao longo de nossas narrativas.

Minha própria história esteve presente tanto na produção do texto, que reverbera enquanto produto acadêmico, quanto no questionamento de qual é o meu papel nesse desenlace. A leitura de *Foucault: a coragem da verdade* (GRÓS, 2004) foi elucidadora. As repetidas recomendações da mesma pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy e pela querida Suzana Lopes Salgado deram “nomes aos bois”. Quem sou eu e quem são essas mulheres?

A despeito das redes que se formaram, o grupo de mães militantes ganhou destaque incontestável. Ficaram claros os papéis: eu era a intelectual que, apesar de todas as motivações inerentes à minha vivência de mulher nascida e criada na periferia, não poderia definitivamente compartilhar daquela experiência. Meu pensar e fazer não coincidiam com os delas. Entretanto, seu pensar e agir não somente se encontravam como davam cores a uma nova identidade. Elas mostravam, mesmo sem querer, serem “intelectuais específicas”. O termo, introduzido por Foucault aponta que “é necessário, a todo o momento, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é.” (GRÓS, 2004, p.)

As mães que pude conhecer são assim – mesmo aquelas que não ingressaram na militância. Sua coragem em continuar a viver e a disposição em relatar sua vida por algum propósito as introduz num espaço que milita mesmo sem querer.

3. Definindo o tema de pesquisa

No decorrer do processo de construção deste trabalho, algumas etapas foram de fundamental importância para que as opções feitas pudessem ganhar sustentação. Inicialmente, pautada pela possibilidade de realizar um trabalho sobre mulheres, busquei conhecer melhor o que já havia sido escrito na historiografia sobre “história das mulheres”. A obra de Michelle Perrot foi o ponto de partida para refletir sobre o tipo de presença das mulheres em diferentes momentos históricos. A carência de documentação produzida por mulheres, sendo um fato, não deveria, pois, ser empecilho para o estudo do papel feminino ao longo da história, como mostra Mary Del Priore, no caso no Brasil Colônia. A constatação da dificuldade na aquisição de documentação escrita alimenta a relevância da história oral como instrumento de trabalho.

A análise documental remonta, portanto, a material produzido *sobre* as mulheres, demonstrando necessidade de interpretação cada vez menos superficial – trabalho este que envolve disposição em conectar diferentes tipos de fontes de forma a possibilitar sua contextualização. Desta forma, Priore oferece exemplo de estudo que desentranha de documentos em muitos casos burocráticos as sensibilidades vivenciadas no período.

A desnaturalização da ideia da impossibilidade, quando não da inviabilidade, de estudos sobre mulheres pode ser ainda verificada na quantidade e qualidade de trabalhos de diversas áreas, além da História, sobre questões que envolvem a condição feminina em diversos contextos. Estava certo, com isso, que a pesquisa *Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei* seria sim um trabalho de história de mulheres, mas a problemática iria além. Uma vez que reconheceu a possibilidade de fazer este tipo de

história, passaria a refletir sobre de qual mulher se tratava este trabalho.

A resposta veio certa: tratava-se da mulher-mãe. Certamente, a escolha por tal colônia estava ancorada nas especificidades do grupo, sendo uma delas relacionada à problemática já mencionada da incipiência documental. O material disponível sobre estas mulheres restringe-se quase que somente ao produzido pela imprensa. Contudo, o tipo de análise que este tipo de fonte permite é sensivelmente diferente daquele proporcionado pela abordagem de narrativas construídas pelo próprio grupo.

Distante de aparentar paradoxo, o que ficava cada vez mais claro é que, se por um lado a história das mulheres podia ser feita a partir de variadas fontes e perspectivas, no caso deste grupo, desejava-se a proposta de escrever uma história diferente. Neste sentido, a história oral foi elemento crucial, na medida em que ofereceu a possibilidade de realizar uma escrita da história diferenciada, partindo da narrativa de suas protagonistas.

Para além das histórias individuais de mulheres cujas vivências se cruzavam na experiência de terem filhos em conflito com a lei, haveria ainda outros tipos de material a seu respeito, como é o caso de reportagens produzidas pela imprensa, prontuários de unidades prisionais onde seus filhos estiveram privados de liberdade, processos judiciais, entre outros. Entretanto, ainda que o pesquisador tenha o compromisso de analisar de maneira profunda tal documentação, esta não permite conhecer a riqueza de detalhes que o relato oral oferece.

O início do trabalho de campo nesta pesquisa foi fundamental para acrescentar novo elemento à reflexão: a família. A relação entre mães e filhos estaria presente o tempo todo nas narrativas das entrevistadas, sobretudo pelo fato da experiência compartilhada por todas ser exatamente pautada pelo universo da relação maternal. Ainda que a pré-entrevista buscasse esclarecer que se tratava de trabalho de história de vida e, portanto, não centralizado em uma temática somente, tudo acabava por direcionar alguns relatos para a história da família.

Mesmo que o interesse da pesquisa estivesse focalizado nas trajetórias das mulheres em sua completude, era sabido desde o princípio que o espaço dedicado à família e ao trato com os filhos seria destaque permanente. E isto não se deveria somente à motivação da abordagem, pois em geral tratava-se de mulheres que participam de movimentos sociais formados por mães. A relevância conferida por estas mulheres a tais temas era mais um indício de que a experiência materna vivenciada configurava elemento constitutivo de sua identidade.

Em função de tais constatações, *Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei* trata de mães. A mulher e a família permearão as análises na medida em que estão incluídas na narrativa de mulheres que se definem como mães. Em alguns casos a definição é literal, mas em outros ela aparece em forma de renúncia, aparente em afirmações que privilegiam o papel social de mãe em detrimento do de mulher. A renúncia vai além e inibe experiências que envolvem sexualidade e relacionamentos que se deslocam do espaço familiar.

Isto poderia denotar a já antiga persistência da ideia de que a mulher exerce seu papel no espaço doméstico. Ao contrário, o que pode ser percebido, principalmente no caso de mulheres integrantes de movimentos sociais, é que sua maternidade é vivenciada nas ruas, em âmbito coletivo e com pretensões de transformação social. Assim, a pesquisa que aqui se apresenta fez a opção de tratar da mãe e do papel social por ela assumido diante de situação ímpar: a experiência de ter seus filhos em situação de conflito com a lei. É sobre um tipo específico de maternidade que quero me debruçar: não a maternidade ideal, projetada pela publicidade e enaltecida por novelas e filmes “água-com-açúcar”; também não se trata da maternidade comum, que pode ser entendida como aquela em que as relações entre mães e filhos se desenrolam sem problemas graves. Aqui se fala da maternidade vivenciada na adversidade. Sem seguir os padrões, são histórias de dor e de luta; acima de tudo de coragem – coragem de enfrentar a polícia, o Estado, os olhos preconceituosos da sociedade e da imprensa.

Como ser mãe nestas condições? Esta é a pergunta que perpassa toda a pesquisa. O que se busca é desvendar que tipo de maternidade vivenciam estas mulheres e como estas constroem suas identidades baseadas em situação limítrofe. É possível que o mito do amor materno seja a sustentação de tal experiência. Mas, ainda que devamos questionar tal mito, não é possível ignorar a forte presença da *mater dolorosa* em nossa sociedade. Em trabalho realizado tendo como protagonistas as mães de Acari, Freitas afirma que:

Podemos dizer que a imagem da mãe (a madona) se divide em duas visões: a mãe sofredora, a *mater dolorosa* e – consequência dos tempos atuais – a imagem de uma mãe lutadora, uma mãe guerreira. Juxtapondo-se essa imagem surge a figura da musa dos tempos modernos, uma imagem bastante enfatizada nos jornais. Uma imagem idealizada da mãe (e da mulher) como a responsável pela justiça e pela construção de uma sociedade mais igualitária, pois referenciada ao que seriam os ‘valores maternos’. (FREITAS, 2002)

Para compreender a permanência do mito do amor materno e suas contestações, é necessário ter um panorama das ideias que em diferentes contextos contribuíram para a construção figura da mulher-mãe. Desta forma será possível ter pistas sobre o tipo de maternidade com o qual nos deparamos ao ouvir as histórias de mães de adolescentes em conflito com a lei.

Na sociedade ocidental, o exemplo de Maria é essencial na formação do ideal materno. A mãe sofredora e que dá a vida pelo filho ocupa espaço ao longo da história, o que nos sugere que o amor existente entre mães e filhos é algo há muito presente nas sensibilidades. Entretanto, trabalhos como os de Badinter (1985), atrelados às concepções feministas, contribuíram para o questionamento da existência de um modelo único e imutável de mãe. Para isso, a autora

percorreu o período que se estende do século XVI ao século XX na França, buscando identificar as mudanças percebidas no comportamento materno.

Ponto que merece destaque em sua análise diz respeito à adoção de amas de leite como substitutas das mães no aleitamento dos recém-nascidos, prática que tem início nas classes mais abastadas da sociedade francesa e paulatinamente ganha espaço nos demais estratos sociais. Este aspecto das relações entre mães e filhos é também vastamente explorado na obra de Marcílio (2006). Com a introdução deste costume, temos não somente a maternidade “indiferente”, relacionada às mães que entregam seus filhos assim que estes nascem, mas também a maternidade que se apoia nas possibilidades de ganhos financeiros amamentando os filhos de outras mulheres. Este aspecto muitas vezes significava deixar de alimentar o próprio filho ou fazê-lo de forma insuficiente, o mesmo cabendo às outras crianças amamentadas pela mesma ama quando esta tomava para si a responsabilidade sobre várias delas.

A pobreza marcante na sociedade francesa na época estudada é um dos indícios que podem explicar a motivação destas mulheres, assim como os alarmantes índices de mortalidade infantil.

Essas pobres amas são por vezes doentes: enfraquecidas porque mal nutridas, sofrendo da sífilis contraída nas cidades, por vezes sarnentas ou portadoras de escrófulas e de escorbuto. Suas enfermidades alteram o leite e contaminam o bebê. E como censurá-las, em meio a essa indiferença geral? Como também censurá-las por manter junto de si seu próprio filho e alimentar o filho das outras com os restos, que completam com papas inteiramente indigestas? (BADINTER, 1985, p. 123)

É no século XVIII que se podem verificar as investidas mais intensas voltadas para a transformação do comportamento materno:

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes “ordenam” amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor materno espontâneo de toda mãe pelo filho. (*Ibid.*, p. 145)

A publicação do *Emílio* de Rousseau em 1762 pode ser considerada marco no que diz respeito à construção de um ideal de mulher e, sobretudo, de mãe. A despeito das resistências perceptíveis ainda por muito tempo às ideias ali divulgadas, é possível afirmar que foi no século XIX que os contornos desta “mãe ideal” se tornaram mais nítidos. A constituição da família burguesa e a separação cada vez mais expressiva entre os espaços público e privado tendeu a privilegiar o ambiente doméstico como exclusivo da atuação feminina.

Se nos voltarmos para outro contexto, o Brasil em seu período colonial, constataremos a existência de outros tipos de maternidades, estas constituídas a partir do projeto povoador da colonização. Como na França estudada por Elizabeth Badinter, também na colônia portuguesa verifica-se a tendência a construir um ideal de mulher e, conseqüentemente, de mãe.

Segundo Priore (2009), o Brasil no período colonial apresentou características peculiares que iam de encontro ao projeto metropolitano de povoamento e organização do território. Incorporando os preceitos religiosos vigentes a partir do Concílio de Trento, os papéis sociais de homens e mulheres foram se delineando com o claro objetivo de normatização dos costumes. As mulheres foram os alvos privilegiados desta empresa, que teve a maternidade como mote para o controle das relações estabelecidas entre os habitantes da colônia. A imposição de um tipo de organização pautada pela família tinha na mulher a âncora para sua manutenção. Entretanto, as condições em tudo adversas para tal investida fizeram conviver diversas formas

de viver e sentir. À mulher caberia o papel de mãe e para além das perspectivas estatais e religiosas, também o discurso médico desempenharia a função de justificar as disposições a serem seguidas:

O saber médico insuflava aos percursos temporais femininos uma verdadeira dramaturgia, na qual desvios, doenças e acidentes vinham sancionar os defeitos, os excessos ou a normalidade de suas fisiologias. (PRIORE, 2009, p. 26)

Neste período que abrange três séculos puderam-se verificar práticas diversas da maternidade, as quais dependiam em geral da condição social das mulheres. As regras designadas para o controle da conduta tiveram espaço inicialmente entre as classes mais abastadas. O cotidiano colonial, entretanto, marcado pelos intensos fluxos no território ainda parcamente povoado, incitava a formação de famílias cuja estrutura não apresentava solidez. As mulheres, muitas vezes abandonadas, acabavam por criar sua prole segundo as possibilidades oferecidas, as quais em nada garantiam o sucesso das pretensões médico-religiosas e estatais.

Vale apontar a multiplicidade das uniões entre homens e mulheres, que facilitavam a existência de muitas não regulares. Este aspecto refletia diretamente na criação de filhos ilegítimos, o que veio caracterizar diversas maneiras de vivenciar a maternidade naqueles tempos.

A maternidade, para a grande maioria das mulheres que não estavam institucionalmente casadas, punha em xeque o uso mesmo que elas faziam de sua sexualidade. O corpo, que fora num dado momento instrumento de prazer e vida, podia tornar-se, num outro instante, ferramenta de luto, dor ou morte: das mães e de seus filhos. (*Ibid.*, p. 44)

Além da maternidade experienciada pelas mulheres casadas e solteiras livres, havia ainda o universo que misturava o papel de mãe aos abusos e violências cometidos contra as escravas. Em ambiente propício às mais variadas formas de uniões conjugais, foi possível verificar entre as mulheres a possibilidade de resistir às imposições de uma sociedade marcada pelo poder masculino através da maternidade.

Resultado de diálogos conjugais avessos ou direitos, frutos de decisões ou de ocasiões, os filhos validavam o papel social da mulher enquanto mãe, reforçando-lhe o poder no interior deste espaço que era exclusivamente seu: o fogo doméstico. (PRIORE, 2009, p. 49)

Sua importância cada vez mais visível no ambiente doméstico conferiu à mulher da colônia um papel imprescindível para a introdução do ideal de mãe em construção naquele momento, o da “santa-mãezinha”. Tal situação permitiu que paulatinamente, a despeito das variações possíveis no nível da experiência dos diferentes grupos, as pretensões que nortearam o processo colonizador e civilizador ficassem cada vez mais claras.

Não é por acaso, portanto, que visualizamos ainda hoje traços que remetem a este tipo de maternidade, baseado na dedicação exclusiva das mães aos seus filhos e sua casa, independente de classe social, etnia ou religião. Tal comportamento materno conviveu ao longo do tempo com muitos outros, dos quais para os propósitos do presente trabalho vale destacar a prática do abandono.

Abandonar bebês é um fenômeno de todos os tempos, pelo menos no Ocidente. Variaram apenas, no tempo, as motivações, as circunstâncias, as causas, as intensidades, as atitudes em face do fato amplamente praticado e aceito. (MARCÍLIO, 2006, p. 21)

No Brasil, a falta de condições propícias para o sustento da prole misturava-se à vergonha de trazer junto a si filhos ilegítimos. A ampla utilização da “Roda dos Expostos” sugere que o abandono de crianças tinha como ponto de apoio a possibilidade de cuidados vindos de outras pessoas. A compreensão de tal fenômeno remete à necessidade de trazer à tona sua complexidade antes de apresentar juízos de valor, tal como buscou fazer Venâncio (2007). O autor afirma:

Compreender o universo feminino dos séculos passados requer antes de mais nada o estudo do abandono de crianças. Para as mulheres pobres das cidades e vilas brasileiras, enjeitar o filho consistia, na maioria das vezes, numa forma de protegê-lo. (*Idem*, p. 217)

Também as mulheres das classes mais favorecidas da sociedade faziam uso das rodas por motivações de cunho moral, sobretudo em casos de filhos concebidos antes do casamento ou por ocasião de uniões ilegais.

Apesar das diferenças contextuais das formas de vivenciar a maternidade apresentadas, é possível visualizar entre estas pontos de convergência que apontam para a utilização da maternidade pelas mulheres como instrumento de construção de seu papel social e, conseqüentemente, de sua identidade.

Em momento posterior, também o movimento feminista foi responsável por introduzir novos questionamentos à condição feminina. Trabalhos de diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia, além da própria História, incrementaram as discussões que tinham como ponto de apoio o papel da mulher na sociedade. Seja assumindo a maternidade ou a negando, é a partir deste *lócus* que diferentes mulheres ao longo da história puderam conquistar espaços em muitos casos a elas negados.

A história oral, como conjunto de procedimentos que busca trazer à tona a multiplicidade de discursos e concepções sobre temas

diversos tende, segundo Pollack (1989), a privilegiar os grupos “marginalizados”. Sua discussão sobre as “memórias subterrâneas” sugere vários dos elementos que perpassam a presente pesquisa.

Mesmo que consideremos o estudo sobre as mulheres tarefa possível, o aumento substantivo de sua produção a partir da década de 60 do século XX, paralelamente à intensificação do movimento feminista, indica que foram necessários esforços conjuntos para seu desenvolvimento. Estes vieram certamente do ímpeto das mulheres que, ao realizarem estudos sobre o tema, desafiaram as tradicionais abordagens que, em geral, colocavam as mulheres e tudo o que havia a seu respeito em segundo plano. Desta forma, as mulheres passaram também a constituir grupo contemplado pelos estudos de história oral, sobretudo nos casos de mulheres das classes menos favorecidas e que, por este mesmo motivo, apresentam até hoje raros registros sobre suas experiências.

Mulheres nas condições em que se encontram as colaboradoras da pesquisa aqui relatada constituem grupo heterogêneo, apesar de sua experiência comum. Parte delas se projetou em movimentos sociais de luta pelos direitos de seus filhos. Entretanto, quantas não permanecem na obscuridade da vergonha e do luto...

A experiência de campo propiciou o conhecimento de grupos de mães militantes, dispostas a contar suas histórias como uma de suas estratégias de luta. Ao mesmo tempo, apresentou dilemas e obstáculos à pesquisa que podem ser considerados mais como desafios às concepções afeitas ao senso comum. A recusa de mulheres a falarem sobre sua experiência foi sugestiva ao indicar aquilo que se apresentava ao trabalho desde o início como elemento constitutivo da multiplicidade de comportamentos frente à experiência da maternidade na adversidade.

Nem todas as mulheres ingressam no espaço público enquanto militantes pautadas pela situação de violência vivenciada pelos seus filhos. Algumas aceitam falar sobre o assunto sem, contudo, conferirem importância a sua história de vida enquanto parte da História. Outras preferem se calar e o silêncio como escolha também

é indicativo de um posicionamento crítico frente a tal experiência de vida.

Tendo em vista estes aspectos colocados ao longo da pesquisa de campo, o trabalho ganhou sustentação ao propor verificar e tentar compreender a subjetividade inerente às histórias de vida com as quais nos deparamos. Sem pretender qualificar os comportamentos percebidos, o objetivo do estudo foi conferir a cada um o mesmo grau de importância. Cabe a mim, enquanto pesquisadora, encarar tal multiplicidade como estratégias para enfrentar o trauma. Estratégias estas alicerçadas em condições históricas e sociais construídas ao longo do tempo e que convergem na história do tempo presente.

4. Questões de gênero e maternidade

A “entrada” das mulheres na História é algo relativamente recente. Com esta afirmação entendemos que foi a partir do movimento feminista que questões pertinentes às mulheres passaram a ser tema de trabalhos científicos. A referência ao feminismo nesta pesquisa não busca oferecer um posicionamento ideológico, de modo que apesar das diferentes correntes que se formaram a partir deste movimento e das críticas aos modelos adotados e/ou impostos pelas mesmas (PATAI, 2010), o que se busca considerar diz respeito a um conjunto de transformações que ganharam espaço a partir das manifestações que podem ser designadas como tais.

Até então, a representatividade da mulher em trabalhos acadêmicos se esgotava em posições coadjuvantes em relação à centralidade da figura masculina. O incômodo gerado por tal unilateralidade ficou mais nítido a cada nova proposta teórica e metodológica para estudar a mulher em diferentes tempos e espaços, realizada, na maior parte das vezes, por pesquisadoras também mulheres.

Foi assim que historiadoras reinterpretaram documentação já conhecida e passaram a buscar fontes alternativas que pudessem dar conta de iluminar uma história também feita por mulheres. Ao mesmo tempo, antropólogas foram em busca de diferentes culturas para colocar em questão os papéis feminino e masculino, buscando intensamente a desnaturalização dos estereótipos engendrados a partir destes.

O debate trazido à tona pelo movimento feminista, além de expor novos estudos e temas, procurou enfrentar questões pertinentes às formas de explicação acerca da mulher e sua história, ou seja, passou a questionar também os procedimentos teóricos e metodológicos para fazê-lo. Visões binárias ou universalistas já não eram mais

capazes de satisfazer tantos comportamentos e trajetórias. As categorias utilizadas mostravam-se ineficazes quando o problema era refletir acerca das relações estabelecidas em uma sociedade formada por homens e mulheres.

Seja a busca pela igualdade de direitos ou pela garantia da diferença que se desenha entre mulheres e homens, o fato é que estas foram questões que impulsionaram a proposição de uma nova categoria analítica: *gênero*. Joan Scott aborda a problemática da utilização desta categoria em sua relação com aspectos que envolvem sexo, classe e etnia:

O termo *gênero* faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para insistir sobre a inadequação das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre as mulheres e os homens. (SCOTT, 1990, p. 13)

Sem pretender esboçar uma revisão bibliográfica sobre a questão, vale ressaltar que a dimensão relacional do gênero foi desde o início de sua utilização terreno fértil para pensar das formas mais variadas as condições vivenciadas não somente por mulheres, mas também por homens, lembrando que ao abordar um destes integrantes do cenário social, o seu “oposto” inevitavelmente será incluído.

A trajetória do que podemos denominar “teoria feminista” ou mesmo os trabalhos que foram se construindo a partir da nova abordagem de gênero é indubitavelmente marcada pelo tema da maternidade – isto sem contar a atuação das mulheres nos espaços públicos. Este é o caso da origem das manifestações de cunho feminista no final do século XIX, quando as exigências das mulheres estavam embasadas em seu papel como mães. Isto inclui a proposta de uma remuneração para esta atividade, considerada o eixo da vida e da identidade feminina. O chamado “feminismo maternalista”, embora não tenha obtido os resultados almejados, foi ocasião em que foi

possível verificar tanto as mudanças no comportamento das mulheres quanto a reação da sociedade a tais proposições.

Este feminismo, enfraquecido após a Primeira Guerra Mundial, reclamava simultaneamente a igualdade de direitos econômicos e políticos e o reconhecimento social da maternidade, cujo valor era considerado igual, se não superior, ao das atividades masculinas. (THÉBAUD, 1994, p. 432)

Esta fase do movimento foi seguida por outras aspirações, as quais se mostravam cada vez mais “radicais” no que diz respeito ao questionamento do papel da mulher na sociedade. A produção acerca de temas relativos às mulheres paralelamente foi sendo acrescida por reflexões que, realizadas por mulheres ou homens, deram margem para a formação de um intenso debate, cujas linhas gerais apresentarei brevemente.

A obra de Lévi-Strauss (1956, 1982), sobretudo no campo da Antropologia, foi ponto de partida para diversas discussões ao fundamentar o surgimento da organização da sociedade na fronteira entre natureza e cultura, o que se daria por meio das relações de parentesco, da instauração do tabu do incesto e da troca de mulheres entre as famílias. Desta forma, ofereceu alguns dos elementos que embasaram a crítica de toda uma linha de pesquisas, como é o caso da desenvolvida por Gayle Rubin (1986). A centralidade do papel da mulher no contexto que se forma é a fonte do que seria denominada “opressão universal das mulheres”. A mulher vista desta forma é, portanto, reduzida ao papel que desempenha no espaço privado e na vida familiar. Ou seja, é a partir da perspectiva de mãe e esposa que a mulher construiria sua identidade. Tal explicação para a suposta opressão universal da mulher, no entanto, desconsidera situações culturais que não correspondem a tal organização.

A naturalização do papel da mulher enquanto esposa e mãe é o ponto chave a partir do qual se buscou construir a crítica de toda

uma corrente feminista. A Antropologia foi espaço privilegiado ao possibilitar a visualização de culturas nas quais as mulheres desempenham papéis profundamente distintos dos observados na cultura ocidental, como demonstra caso estudado por Strathern (2006), para citar apenas um exemplo. Além de questionar a ideia de uma dominação universal sobre as mulheres, trabalhos como este buscam confirmar a ausência de uma natureza inata acerca da posição ocupada por homens e mulheres e ainda impulsionam uma crítica às formas analíticas baseadas em explicações universalizantes ou dicotômicas.

Desta forma, é possível abordar certo paralelismo entre os questionamentos sugeridos no âmbito teórico e as atitudes que vão tomando corpo socialmente. À medida que o papel da mulher enquanto mãe é visto como uma das várias possibilidades que se colocam, ficam mais evidentes atitudes múltiplas com relação à maternidade. Ainda que a recusa a este papel não seja exclusividade do século XX, a força conquistada pelo movimento feminista, sobretudo na década de 1960, tornou menos complicadas posturas anteriormente entendidas como antinaturais.

A exacerbação do caráter natural conferido ao papel de mãe ainda no século XIX fazia com que comportamentos diferenciados ou contrários ao “ser mãe” fossem tidos como patológicos e mesmo criminosos, como observa Magali Engel:

A perda do senso moral não colocaria em primeiro plano a questão ética de que nenhum ser humano tem o direito de tirar a vida de outro, mas sim de que uma mulher cujo comportamento revelasse uma sexualidade anormal e uma ausência ou insuficiência do amor materno seria histérica e, portanto, potencialmente criminosa. (ENGEL, 1997, p. 328)

Mesmo a apresentação de desejo sexual por parte das mulheres era considerada característica anormal:

No final do século XIX, tais concepções adquiriam uma legitimidade cada vez mais sólida nos meios científicos, à medida que eram reafirmadas, fundamentadas e justificadas por especialistas de renome... Partia-se do princípio de que, por natureza, na mulher, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria, inevitavelmente, anormal. (*Ibid.*, p. 340)

Assim sendo, mulheres antes vistas como “anormais” por não quererem, não poderem ter filhos ou simplesmente por sentirem prazer sexual, puderam se apresentar à sociedade como normais. Mais que isso, mulheres cuja opção sexual era a de estabelecer relações com pessoas do mesmo sexo também passaram a ser vistas não somente com mais frequência, como com cada vez mais naturalidade, assim como o desejo de maternidade nessas condições.

As novas posturas percebidas entre as mulheres foram acompanhadas por comportamentos alternativos também por parte dos homens, o que tornou possível identificar significados inéditos no papel atribuído ao pai. A ideia de família da mesma forma sofreu importante ampliação, não sendo mais coerente aceitar um modelo único. A família nuclear marcadamente característica da sociedade burguesa, mesmo que em poucos momentos e espaços tenha sido majoritária, foi o modelo imposto como ideal.

De acordo com os supostos de tal configuração familiar exemplar, os espaços público e privado se antagonizavam, assim como os papéis assumidos em cada um. Mulheres e homens passaram a ter funções específicas e estas começaram a ser reconhecidas socialmente como as mais adequadas. A casa, a família e os filhos, embora presentes na vida da grande maioria das mulheres, não possuem os mesmos contornos para cada uma delas. Não é novidade historicamente que muitas mulheres são as mantenedoras de seus lares e, desta forma, conciliam a casa e a rua para obter as condições materiais de manutenção da família e os cuidados com a prole.

Nas ruas, as mulheres sabem se manifestar. Elas conduzem os motins por alimentos, ligados à carestia do pão, tão frequentes pelo menos até 1848, os charivaris contra os proprietários responsáveis pelo aumento dos aluguéis, elas que são as administradoras do lar, as guardiãs do orçamento. Elas se associam aos homens durante as jornadas revolucionárias que pontilham o século, presentes sobretudo em 1830... (PERROT, 2001, p. 217)

Segundo Michelle Perrot, o retraimento da mulher na sociedade francesa por ela estudada é, portanto, mais recente:

Paralelamente a esse retraimento da mulher real, desenvolve-se uma ampliação de imagens. A mulher enfeita a cidade, como enfeita a casa (retratos de mulheres, quadros de mulheres, fotos de mulheres), as igrejas (culto de Virgem Maria). Visualmente, a mulher está tanto mais presente quanto existe a tendência a limitar seu papel e sua presença por outras vias. (*Ibid.*, p. 219)

Mais recentemente é possível notar indiscutível apelo à participação paterna nos cuidados dos filhos e no compartilhamento de atividades domésticas com as mulheres. A propaganda publicitária é vigorosa nestas sugestões que, embora cada vez mais verificáveis na prática, são transformações que ocorreram em meio à manutenção de uma série de concepções que poderíamos denominar “tradicionais”.

Questões ligadas ao surgimento de novas tecnologias de reprodução não podem ser desconsideradas neste contexto de discussão acerca da maternidade. A possibilidade de desvincular os aspectos biológicos na reprodução humana remete ao questionamento de qual é o papel de mães e pais na criação dos filhos. A concepção pautada

na relação sexual propriamente dita passa a ser uma dentre outras possibilidades e, assim, a necessidade fisiológica da manutenção de relações sexuais entre homens e mulheres pode ser colocada em segundo plano (STRATHERN, 1995). Tais novas possibilidades colocam-nos distantes da revolução dos anticoncepcionais. Agora não somente pode-se escolher ter ou não filhos, mas questiona-se a própria necessidade dos homens enquanto pais. A reprodução cede lugar à criação e educação dos filhos e inegavelmente os papéis se ampliam e pluralizam.

Mesmo considerando as manifestações feministas que tiveram lugar na sociedade brasileira, a questão materna é indissociável das principais reivindicações, como atesta a presença permanente dos temas do aborto e do planejamento familiar. A despeito de seu caráter polêmico, estes foram assuntos de destaque no movimento feminista, sobretudo, na década de 1980 – momento também marcado pela Constituinte, que apresentou importantes avanços em termos de direitos da mulher. No que diz respeito ao planejamento familiar, este era um ponto conflituoso entre mulheres das classes sociais mais abastadas e as das camadas populares:

O planejamento familiar sempre fora entendido no Brasil como controle da natalidade das populações pobres... Ora, se isso parecia um direito para as mulheres intelectualizadas de classe média, tomava ares de política pública conservadora quando o alvo eram as camadas populares. Isso fez com que as feministas passassem a ter um grande papel na elaboração de projetos de planejamento familiar que buscassem atender as mulheres das camadas populares sem cair em políticas discriminatórias. (PINTO, 2003, p. 83)

Com relação ao aborto, em que pesem os apelos religiosos para sua proibição, a proposta de sua legalização foi a terceira emenda

popular promovida pelas mulheres durante o período da Constituinte, recolhendo 33.338 assinaturas. Apesar do número expressivo de adesões, tal emenda não teve repercussão na Assembleia Constituinte (PINTO, 2003).

A relevância de tais questões encontrou algum respaldo nas conquistas obtidas pelas mulheres no âmbito da nova Constituição, como pode ser observado nos seguintes direitos:

[...] às presidiárias serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação;

- licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário com duração prevista de cento e vinte dias;
- fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte das instituições oficiais ou privadas. (PINTO, 2003, p. 78)

Ampliando o olhar para outras partes da América Latina, verificamos que há diferenças substanciais entre o movimento de mulheres latino-americanas e o das norte-americanas, por exemplo. Neste sentido, o marianismo é exemplo de que nem sempre as exigências femininas se identificam. Este ponto corrobora não somente a existência de “feminismos”, mas mantém o questionamento a respeito de uma dominação universal das mulheres. Isto se dá na medida em que são as mulheres mesmas que, em alguns casos, lutam pela manutenção das desigualdades verificáveis entre os gêneros. Sua reivindicação está pautada no domínio do espaço doméstico e do desempenho dos papéis considerados femininos, ou seja, os de esposa e mãe.

Apropriando-se do *machismo* na consecução dos seus próprios interesses, as mulheres latino-americanas tornaram-se beneficiárias desse mito. Essa perspectiva, sem dúvida, reelabora o discurso e retira a mulher da condição de vítima. (SAMARA, 1997, p. 21)

Tendo em vista tais singularidades, a autora aborda o teor das desigualdades entre homens e mulheres partindo do princípio de que estas podem estar calcadas na educação transmitida privilegiadamente da mãe para os filhos, onde estaria, portanto, a origem das desigualdades de gênero.

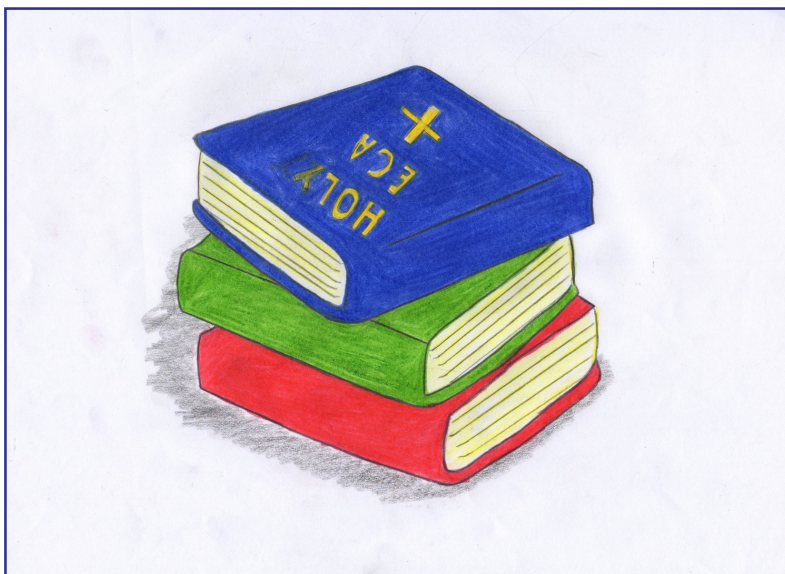
Verificamos, desta forma, que vivenciamos momento marcado pela simultaneidade de ideias a respeito de qual seria a identidade feminina por excelência. A exposição que até aqui apresentamos pretendeu dar conta de reforçar a existência não somente de “feminismos”, mas de que não há uma única Mulher e sim *mulheres*. Da mesma maneira, a possibilidade de múltiplas identidades, as quais se moldam de acordo com as circunstâncias vivenciadas ao longo de suas trajetórias.

Podemos dizer que a maternidade hoje é discutida de forma aberta enquanto apenas mais uma dentre as várias escolhas possíveis no universo feminino, aparentando ser mesmo uma questão ultrapassada para certos grupos. Entretanto, “ser mãe” continua sendo elemento definidor da identidade das mulheres, seja a partir da rejeição da maternidade ou de sua aceitação. A insistência do tema sugere sua relevância e, ainda que represente um incômodo para quem apresenta posição supostamente definitiva a seu respeito, a maternidade está intimamente ligada aos papéis assumidos pelas mulheres na contemporaneidade.

PARTE II

ENTREVISTAS

Conceição Paganele



CONCEIÇÃO PAGANELE FOI A PRIMEIRA COLABORADORA DA PESQUISA. CONSIDERADA A RESERVA DE MEMÓRIA DESTES GRUPO DE MULHERES, MARCOU O PRESENTE TRABALHO EM TODAS AS SUAS ETAPAS. FORAM DUAS AS ENTREVISTAS REALIZADAS E VÁRIOS OS ENCONTROS MENOS FORMAIS QUE TIVEMOS, DURANTE OS QUAIS PUDE CONHECER O COTIDIANO DE UMA MÃE MILITANTE. SUA HISTÓRIA DE VIDA É PARADIGMÁTICA QUANDO O TEMA É A MATERNIDADE NA ADVERSIDADE. DA PRIMEIRA CONVERSA QUE TIVEMOS À VALIDAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DO TEXTO TRANSCRITO PASSARAM-SE QUATRO ANOS E MUITAS MUDANÇAS ACONTECERAM NA VIDA DE DONA CONCEIÇÃO. O MESMO PODE SER DITO COM RELAÇÃO AOS RUMOS DA PESQUISA, QUE GANHOU CONSISTÊNCIA A CADA NOVO PASSO. ESTES FORAM, SEM DÚVIDA, ESTIMULADOS POR EXPERIÊNCIAS COMO A DESTA COLABORADORA, MULHER-MÃE MILITANTE QUE AO CONTAR SUA HISTÓRIA DE VIDA CONTRIBUIU PARA REFLEXÕES QUE ACENAM PARA TANTAS OUTRAS VIDAS...

“Eu estou preocupada em mudar a cultura da Febem”

Meu nome é Conceição Paganele. Nasci em 4 de julho de 1955, na cidade de Conte, no interior da Bahia. Lá, vivi num sítio, morei e fui criada na fazenda. Sou filha de lavradores e tinha uma vida normal de criança pobre, criança de roça, da fazenda. Comecei a estudar na época certa, e acho que um grande exemplo que trago na minha vida foi aquilo que meu pai trazia para a gente. Éramos pobres, mas ele achava que a educação era a única riqueza que podia nos deixar. Então, fazia questão que estudássemos. Com 11, 12 anos eu já sabia escrever. Naquela época, muitas mulheres na Bahia tinham maridos e filhos que vinham para São Paulo trabalhar e ganhar a vida. Acho que minha história começa marcando aí.

Eles escreviam cartas que demoravam delas receberem e quando recebiam, ficavam com aquelas cartas na mão. Não tinham como ler, não sabiam ler nem escrever. Na fazenda, quem sabia ler e escrever tinha poder, era respeitável. Meus pais liam e escreviam. Por isso, eles escreviam e liam as cartas dessas pessoas. Quando comecei a ler e escrever, aquela função que era da minha mãe passou para mim.

Como eu atendia as pessoas para ler e escrever suas cartas conhecia todos os seus segredos. Isso foi o que mais me incomodou na época. Fazia aquilo com muito prazer, mas ficava muito triste! A história de uma família me marcou: uma moça namorava um rapaz que veio para São Paulo. A sogra dela, mãe do rapaz, não gostava dela, havia uma briga entre as duas. E eu lia as cartas de uma e da outra. A mãe queria saber o que o filho falava para a namorada. Para mim, aquilo era muito ruim. Eu não podia contar essas coisas.

Eu sabia de muita coisa... Segredos, coisas íntimas das famílias e, por causa disso, com 12 anos decidi alfabetizar os “filhos” da fazenda. Aquilo me incomodava porque eu sabia ler e sabia os segredos das cartas todas, de todo mundo da fazenda. No entanto, sempre achei que aquelas coisas eram muito deles. Então, me ofereci para alfabetizá-los. Meus primeiros alunos de alfabetização foram os irmãos desse rapaz que tinha ido para São Paulo.

Eu estudava de manhã. Eu e meus irmãos andávamos três quilômetros da minha casa, na fazenda, até a cidade. Quando eu chegava, meio dia, uma hora da tarde, muitas vezes nem conseguia comer direito, os meninos já estavam me esperando lá para a aula. O problema é que não tinha espaço para a gente estudar. Tinha a casa grande da fazenda, que ficava lá abandonada, porque as filhas do fazendeiro diziam que aquele clima maravilhoso do sítio, da fazenda, aquela água natural, fazia mal para elas. Elas adoeciam com o clima, então preferiam ficar na cidade.

Naquela casa tinha uma biblioteca enorme, um salão muito grande. E eu com aquele monte de criança, de meninos... Eu também era criança, mas queria alfabetizar. E aquela casa fechada. Foi aí que descobri a biblioteca da fazenda. Arrebentei a porta e comecei a dar aula lá dentro. Me apossei das cadeiras e dos livros do fazendeiro e comecei a dar aula. Demorou alguns meses, o fazendeiro descobriu. Por acaso, ele foi na fazenda... porque eles nem iam. E quando chegou, lá estava eu dando aula. Ele ficou muito irritado! Acho que ele queria me prender, ou me matar! Hoje acho graça nisso, mas meus pais ficaram muito tristes!

Os meus pais sabiam que eu dava aula, mas não que eu tinha feito tamanha traquinagem! Minha mãe com doze filhos, nem tinha se dado conta... Eu estava na casa grande dando aula, ensinando os meninos a ler e escrever e meus pais nem se preocuparam em saber as travessuras que eu estava fazendo com meus 12 anos. O fazendeiro chamou a atenção dos meus pais, muito bravo, e eles ficaram muito bravos comigo também, o que me deixou muito triste. Então, passei a dar aula na casinha da gente mesmo. Era uma casinha simples,

de barro. Um dia um vereador, fazendeiro riquíssimo, passou pela porta da nossa casa. Eu estava dando aula, com um monte de criança. Quando ele voltou, eu estava brincando de corda. Como era criança, na hora do recreio, ia brincar também. Adorava! Era de amarelinha, de corda, estava sempre brincando. O vereador achou aquilo impressionante!

No sábado, ele chamou meu pai na cidade para saber o que era aquilo. Contou que tinha passado e visto aquele monte de criança e perguntou o que era aquilo. Meu pai falou:

— Ela dá aula, ela alfabetiza essas crianças.

— Eu não acredito! Você nunca me procurou por isso. Mas, rapaz, isso é uma coisa muito boa!

Então, mandou me chamar. Meu pai pegou o cavalo e foi na fazenda me buscar rápido porque o vereador queria conversar comigo. Ele achou que era uma coisa rara alguém inventar aquela história de dar aula por conta própria. Quando cheguei e o vereador falou o que queria, comecei a chorar porque tinha perdido o salão grande da fazenda, que era confortável. Falei porque eu tinha perdido e ele disse:

— Minha filha, mas não pode... Lá é do fazendeiro.

O que eu fazia: na minha casa não tinha cadeiras para sentar, então eu pegava uns tronquinhos. Serrava tronco de madeira para fazer os banquinhos e levava aqueles tronquinhos na cabeça para a minha casa para dar aula. A partir desse dia, o vereador falou que a prefeitura passaria a me pagar e que o meu pai construísse uma sala, fosse no mato, tirasse pau e construísse. Era tudo de taipa... Hoje nem se sabe mais o que é isso... São as paredes fechadas de barro. A armação toda de madeirinha, de cipó, de varinhas fininhas trançadas. Depois, vai tapando os buracos com barro e cobre de palhas de piaçava. Bem simples, mas era linda minha escolinha! O vereador me mandou todo o material, desde quadro, lousa, mesa de professor, carteira, tudo que as crianças precisavam para serem alfabetizadas. E a escolinha tinha um nome: “Escola Paganele”!

Depois, fui alfabetizar os pais. Já não chegava mais só os filhos, os pais tinham que aprender também. Acho que a minha história

começa a se desenrolar a partir disso, dessa coisa que me incomodava. Aquele fazendeiro poderoso não se importando com a educação daquele povo que só o servia ali carpindo, plantando, dando lucros e sem pensar um momento sequer pelo menos na alfabetização deles. E assim eu fiquei até o meu pai morrer. Quando meu pai morreu, fomos embora da cidade e meu destino tomou outras direções.

Nessa época, eu estava fazendo 18 anos. Comecei a dar aulas com 12 e já estava com 18 anos! O meu pai morreu de acidente. A máquina que ele trabalhava virou por cima dele. Com a sua morte, minha mãe e seus 12 filhos, fomos tentar a vida em uma cidade maior. Fomos para Paulo Afonso, que também é na Bahia. Lá, trabalhei como balconista, vendedora, depois fui trabalhar no Banco Real. Mas, quando cheguei na cidade eu queria mesmo era encontrar uma fazenda, um lugar de sítio onde pudesse continuar dando aula, onde pudesse continuar com a minha ideologia de alfabetizar, de preparar as pessoas.

A separação dos meus alunos foi muito difícil! A escolinha acabou fechando porque meus alunos não aceitaram outra professora. Deixei outra pessoa no lugar, mas tudo o que a professorinha falava eles comparavam comigo. Minha separação com eles foi muito dolorosa! Foi muito triste ter que ir embora e abandonar o lugar onde nasci, onde plantei alguma coisa, que eram meus alunos. Hoje tem muitos deles aqui em São Paulo. Vira e mexe, a gente ainda se fala, ainda encontro alguns deles. Mas foi difícil! Foram duas perdas muito grandes: uma foi a morte do meu pai... Com dois meses tivemos que ir embora; e a outra foi me separar dos meninos da fazenda.

No dia que falei que a gente ia embora, ganhei vários presentes! Alguns muito engraçados, que eu não podia trazer. Ganhei um porco! Imagine! Ganhei um passarinho coleirinha, que para mim foi a coisa mais fantástica do mundo! Lembro ainda daquele menino chegando com aquela gaiolinha... O porco era para vender e juntar dinheiro para que a gente não chegasse num outro lugar sem nada. Mas o coleirinha era de estimação do meu aluno. Ele chamava Toinho, Toinho Ramos. Logo cedo, chegou com a gaiolinha na mão,

com o coleirinha dele me dando de presente. Ainda hoje tenho muita vontade de ter um coleirinha para colocar no lugar. Não pude trazer meu passarinho porque a viagem era muito longa! Fomos em uma caminhonete. Minha mãe com 12 filhos! Nossa! Do Conde até Paulo Afonso, mais ou menos umas 12, 15 horas de viagem. Horrível! Num calor de matar, porque lá em Paulo Afonso é no sertão, muito quente! Chegamos quase morrendo.

Em Paulo Afonso, fui tentando a vida como vendedora para ajudar a criar meus irmãos. Trabalhei no almoxarifado do Banco Real. Lá, conheci meu marido e me casei. Casar! Fiz uma péssima escolha! Casei com um homem extremamente estúpido, muito violento! Sofri muito no meu casamento. Ele me tirou do banco porque morria de ciúme, era um homem doente.

Quando casei, tinha 20 anos, minha mãe precisou assinar para eu poder casar. A vida foi difícil! Casada, com marido ruim, venho embora para São Paulo para não dar sofrimento para a minha mãe. Chegando em São Paulo, começa uma outra história... Quando cheguei aqui, comecei por conta própria a cuidar dos filhos das mulheres que trabalhavam fora e deixavam os filhos sozinhos em casa. Já que eu ficava em casa e as crianças ficavam sozinhas, eu as pegava para dar banho, comida, se ficavam doentes eu cuidava, dava remédio. Mas, por conta própria, ninguém me pedia.

Morei em vários lugares: em Carapicuíba, na vila Mota, na casa de um tio do meu marido, depois em Osasco e em Santo Amaro. Em Santo Amaro foi que comecei mesmo a cuidar das crianças. Sentia que era uma região mais pobre, porque tinha muito mais criança ficando sozinha. A mãe saía para trabalhar e eu percebia que aquela criança estava ficando sozinha. Comecei a trazê-las para perto para não acontecer nenhum tipo de coisa ruim. Tinha medo de ver criança sozinha.

Nessa época, eu já tinha filhos. Quando vim para Carapicuíba, tinha a Valéria e o Frank tinha acabado de nascer. Lá aconteceu um episódio muito marcante, que foi o parto do meu terceiro filho, o Téo. Quando o Téo nasceu, eu estava sozinha. Quer dizer, o pai estava

dentro de casa, mas era como se eu estivesse completamente sozinha. Ele chegou do serviço e eu falei que precisava ir para o hospital, que o neném ia nascer. Tinha 22, 23 anos, mas era tão bobinha! Até hoje não imagino como podia ser tão tonta! Falei assim:

— Ah! Jante que nós vamos para o hospital que eu vou ganhar neném.

— Não, hoje não! Espera!

E eu esperei. Sabe aquela criação de que tudo é feio, tudo é proibido e que mulher só obedece? Isso estava muito enraizado na minha vida. Foi a forma como fui criada. Via as pessoas da fazenda serem assim, obedecerem a vida inteira. Minha mãe obedeceu a vida inteira o meu pai. Eu nunca revidei! Sempre de cabeça baixa, chorando muito! Mas, naquele dia fiquei esperando... Imagina, meu Deus! Não, hoje não!

Naquele dia, ele chegou de fogo... A bebida fazia parte dessa história também. Eu pensei: “Bom, como ele disse que é para esperar até amanhã, eu vou esperar.” Continuei calada, sofrendo as dores quietinha. Ele comeu, tomou banho e dormiu. Enquanto isso, fiquei me torcendo de dores. Quando foi por volta da meia noite, meu vizinho chegou, eu estava na porta de pé, com uma dor danada! O vizinho era o dono da casa que a gente morava. Ele disse que achou estranho me ver em pé ali naquela porta. Ele nunca tinha me encontrado àquela hora porque meu marido morria de ciúme de todo mundo! Mas, enfim, não falei nada e ele foi embora dormir. Nisso, me deu muita dor de barriga! Era meu terceiro filho e ainda era burra desse jeito! Não sei se a dor de barriga era do medo que eu sentia, porque estava sozinha com aquele homem dormindo. Eu ali, me torcendo sozinha e ele roncando... Nós morávamos numa casinha bem simples e o banheiro era fora de casa. Então, a gente tinha no quarto aquelas bacias de fazer a necessidade e de manhã ia no banheiro jogar. Começou a me dar vontade de fazer xixi e água descendo... Era a bolsa estourada! Nesse intervalo, me deu dor de barriga com diarreia. Acho que foi o medo. A diarreia fez parte do meu medo. Quando abaixei, o neném veio com aquela cabeçona. Percebi que ele estava nascendo e gritei!

Fui para a cama, andando mesmo com o neném saindo e quando deitei, o neném saiu. Comecei a acordar meu marido, a gritar por ele: “O neném nasceu! O neném nasceu”. Quando ele acordou assustado e olhou, o neném já estava lá! Ao invés dele me socorrer, ele falava:

— Tomara que você morra! Eu quero que você morra! Eu quero que você morra! Tomara que você morra! Tomara que você morra!

Agressivo dessa forma! Eu olhando para ele, mas naquele momento tinha uma paz tão grande ao meu redor. Aquilo parecia uma coisa divina. Enquanto ele me agredia, dizendo que queria que eu morresse, o neném começou a chorar e se afogar naquelas águas, naquelas coisas... Falei para ele:

— Olha, o neném está se afogando...Levanta! Vira ele!

Olhei, vi o neném no meio das minhas pernas se afogando e disse para ele levantar a criança. Ele pegou o neném e quando virou, disse:

— Ó, é homem!, segurando o neném com a mão.

— Põe ele aqui do meu lado, coloca esse nenê aqui do meu lado. Do outro lado dessa cerca tem uma senhora, dona Francisca, que é parteira de Pernambuco. Chama ela para vir me ajudar a cuidar do nenê.

Ele foi, gritou, gritou e a mulher não atendeu. Mas, o neném começou a chorar desesperado, ele mesmo pediu socorro. A filha da parteira falou:

— Mãe, é o neném que acabou de nascer. Olha o choro... é da mulherzinha do lado. Ganhou neném sozinha e era o marido dela que estava chamando. Vamos lá.

Saíram as duas naquela luzinha de candeeiro e vieram em casa. Quando ela chegou na porta, falou:

— Mas, minha filha, porque você não foi pro hospital?

— Ah! Meu marido mandou eu esperar pro outro dia...

— Pelo amor de Deus!

Os vizinhos já odiavam meu marido, sabiam que ele era muito estúpido. Aí, ela foi cortar o umbigo do neném, cuidar de mim, dar

banho no neném, arrumou tudo. Quando foi de manhã, os vizinhos perceberam, por causa das roupas que estavam sujas. Os cachorros tinham puxado aqueles lençóis todos sujos pelo meio do quintal. Foi um horror! Esse parto foi uma cena! Mas, meu filho nasceu com cinco quilos e meio. Três dias depois de nascido, foi pesado na balança de um bar! Ele era enorme!

Senti todas as dores do parto sozinha! Passei por tudo sozinha! O neném saiu sozinho, éramos eu, ele e Deus. Era um menino ótimo, perfeito, maravilhoso. Graças a Deus! Comi muito abacate na época da gravidez... É muito engraçado lembrar disso! Não tinha muita opção porque, além de tudo, meu marido era ruim até na alimentação. Ele chegava ao ponto de me negar até isso. Esses abacates eram meu vizinho, dono dessa casa, que trazia. Ele trabalhava numa chácara e levava sacos de abacate e de laranja. Na gravidez do meu terceiro filho, me alimentei praticamente só de abacate e laranja. O que meu marido dava dentro de casa era para alimentar os outros dois filhos. Se fosse eu fizesse uso, faltava.

Foi uma vida muito difícil! Por isso digo que depois que ele morreu tive os dez melhores anos da minha vida. Foram anos muito bons, vivi numa paz muito grande. Mesmo assim, senti muita falta dele no início, tive toda a dificuldade de enfrentar a vida porque nunca tive muita liberdade, meus pais diziam que tudo era feio e proibido. Casei com um homem extremamente ciumento. Ele tinha um ciúme doentio, acho que porque ele fazia muita coisa errada. Ele não me deixava sair de casa, passear, eu não sabia pegar ônibus, tinha uma dificuldade muito grande.

Na época, ele estava desempregado. Mas, depois prestei concurso na prefeitura e tudo foi se arranjando. Isso porque uma coisa boa meu pai deixou na nossa vida: o estudo. Aliás, ele fez tudo de bom! Tudo o que sei, tudo o que sinto e minha forma de pensar vão muito em direção ao que ele fez pelos outros. Ele era uma pessoa que tinha um grande coração. Era estúpido, um baiano ignorante, do pavio curto, mas tinha um coração que se derretia... Era um pai que quando batia na gente, nos agredia, saía chorando por conta daquela agressão.

Depois, fui morar em Santo Amaro, onde nasceram meus outros dois filhos. Lá cuidei muito de crianças na minha casa mesmo porque a região era mais pobre e as crianças ficavam mais sozinhas. As mães tinham que trabalhar e as crianças eram muito pequenas. Minha casa sempre foi muito cheia de gente. Lá trabalhei como doméstica, lavei e passei muita roupa para fora. Depois, prestei concurso e entrei na prefeitura, que naquela época era Regional. Mesmo trabalhando na prefeitura, continuava fazendo faxina como diarista, trabalhando dia e noite porque o salário não dava, era pouco para cuidar de cinco filhos.

Nisso, fui cuidando dos meus filhos, eles foram crescendo... Costumo falar que tive 11 anos de infelicidade ao lado do meu marido, que era muito violento, uma pessoa extremamente bruta, ciumenta... Tanto que muitas vezes até me agredia. Muitas vezes! Depois da sua morte, vieram dez anos de felicidade! Eu me sentia uma vencedora, porque era muito feliz mesmo! Tinha uma casinha humilde, pequena... Nessa época, morava na Cidade Tiradentes, numa casa da Cohab. Já não moro mais lá, mas continuo tendo minha casa. Foi esse o lugar onde meu marido morreu, depois de um ano que tínhamos mudado. Deus faz tudo certinho mesmo... Antes, quando a gente morava de aluguel, teve um dia que ele chegou e falou assim para mim:

— Olha, tem uma companhia chamada Cohab que faz inscrição para casa própria e eu fiz. E é para Carapicuíba.

Eu conhecia Carapicuíba porque tinha morado lá e falei:

— Ah! Que legal. Então vou voltar para perto dos teus parentes.

Ele tinha alguns parentes que moravam lá que eu adoro. Passaram-se uns quatro anos quando um dia chegou uma carta dizendo que tinha saído a casa. Só que quando fomos olhar, ele falou:

— Olha, eu não quero! Não é Carapicuíba, eu não quero!

Era na Cidade Tiradentes e eu falei:

— Ah! Mas, vamos olhar assim mesmo, quem sabe a gente sai do aluguel.

— Não, mas eu te prometo que eu compro um terreno para você construir.

— Não, mas vamos olhar mesmo assim. Já são tantos filhos, vamos olhar.

Decidimos ir e quando chegamos lá ele não queria de jeito nenhum. Odiou a Cidade Tiradentes! Não queria morar lá, mas eu insisti. Para poder mudar para a casa tinha que dar uma entrada em dinheiro e fazer um cadastro, mas eu não tinha CIC nem identidade. Que absurdo! Tinha carteira assinada, mas não tinha documentos, veja como eram as coisa antigamente... Na Bahia não se exigiam essas coisas.

Então, fui tirar a minha identidade e o CIC para dar entrada nessa casa. Quem me ajudou muito para conseguir tirar os documentos, arrumou o dinheiro e tudo foi minha comadre, a Bete, mulher dum japonês, uma pessoa maravilhosa. Na época que tinha trabalhado no banco, quando casei, não tirei o meu PIS. No ano que saiu a casa, quem não tinha tirado o PIS quando casou poderia tirar tudo de uma vez. Eu aproveitei e fui. No ano anterior já tinha dado a entrada para retirar os juros do PIS, no banco de Pernambuco, onde era registrada. O dinheiro chegou justamente na época que saiu minha casa. Recebi o aviso que o meu PIS PASEP estava no banco e quando cheguei lá podia retirar todo o dinheiro e, então, tirei uma bolada! Fui para casa com aquele dinheiro na bolsa, morrendo de medo. Lembro que escondi parte do dinheiro, porque se meu marido visse, tomava tudo. Quando ele chegou do trabalho à noite, falei assim:

— Olha, eu já tenho dinheiro para dar entrada na casa.

— Como?

— Fui lá no banco e tirei meu PIS PASEP.

Todo o dinheiro que tinha de PIS PASEP e dos juros eu retirei. Os juros eram um salário mínimo que guardei escondido, numa porta separada do guarda-roupa. Mas, o restante do dinheiro eu tinha que dar na mão dele de qualquer forma e foi o que fiz. Falei:

— Esse aqui é pra gente dar entrada na casa e eu tirar meus documentos que estão faltando.

Então, fui com a Bete tirar os documentos e dar entrada na casa. Pegamos a chave, fizemos a mudança e ainda deu para fazer

uma despesa para levar para a Cidade Tiradentes. Ainda fiquei com um dinheirinho escondido algum tempo para ir gastando com os meus filhos. Mas, com menos de dois anos que morávamos lá, meu marido enfartou e morreu. Como a casa estava no nome dele, fiquei com minha casa quitada. Não foi imediatamente porque tinha algumas prestações atrasadas. Infelizmente, quando ele veio a falecer estava desempregado. Mas, era um grande profissional! Trabalhava em metalúrgica como soldador “classe A”, que é um dos metalúrgicos que mais ganhava dentro de uma fábrica. Meu marido ganhava em torno de dez salários mínimos! Mas, era preguiçoso, trabalhava três meses, recebia aquele dinheiro e ficava seis meses parado. Pelo menos naquela época, vinte anos atrás, ainda se escolhia emprego. Era década de 1980 e nessa época os metalúrgicos escolhiam emprego! Os patrões iam em casa buscar ele para trabalhar porque poucos soldadores eram tão bons. Era um sujeito bom para trabalhar, mas que não tinha coragem de trabalhar. Podia ter me deixado muito bem de vida, mas... Me deixou ferrada! Me lembro que ele ia começar a trabalhar, tinha feito teste numa metalúrgica no Ipiranga. Foi tão interessante... Naquele dia, antes de dormir, ele fez um monte de brincadeiras chatas comigo, ficou cantando umas músicas com as crianças para me irritar e depois falou assim:

— Ah! Vou dormir. Tenha certeza de uma coisa: nesse serviço agora eu vou me aposentar. Eu não vou sair de lá, não vou ser mandado embora. Vou me aposentar.

Fiquei arrumando as roupas dele para ir trabalhar, quando daí a pouco ele começou a tossir, vomitar e disse que estava passando mal. Pensei: “Nossa, o que será?”. Perguntei se ele queria ir ao médico, porque o posto de saúde era bem pertinho da nossa casa, na rua de baixo. Fomos e o médico aplicou uma injeção de Diasepan e mandou voltar para casa. Não demorou nem uma hora, ele caiu na porta de casa e morreu, foi fulminante. Realmente ele não foi mandado embora. Na verdade, nem chegou a começar a trabalhar. Eu perdi muito com isso porque os documentos dele, onde tinha as últimas firmas em que ele trabalhou ficaram nessa firma e eu não tinha o

endereço. Por isso, acabei pegando uma pensão muito abaixo do que tinha direito.

Mas, enfim, fui trabalhar, entrei na prefeitura, trabalhei muito, criei meus filhos... Quando meu marido morreu, minha filha mais velha, Valéria, ia fazer dez anos; o Frank fez nove no dia do sepultamento dele. O pai morreu em 22 de setembro e foi sepultado no dia 23, quando o menino fez nove anos. Tinha também o Téo com sete, a Viviane com cinco e o Cássio, que é o caçula, de três para quatro anos.

E então aquilo que eu tanto evitava que acontecesse com os filhos das minhas vizinhas passou a acontecer com os meus. Tive que deixar meus filhos sozinhos e fui trabalhar. Já trabalhava limpando a casa de um e outro, mas era ali pertinho. Com o falecimento do pai, realmente fui trabalhar fora como diarista, depois como vendedora na Marisa, que foi quando a prefeitura me chamou. Na prefeitura foi muito bom porque eu tinha um salário melhor e comecei a mudar tudo na minha casa. Comprei cama nova para os meus filhos, porque até aí o pai nunca se preocupou com isso... E a gente foi muito feliz! Até que dez anos depois... Quando foi em 1997, 1998, meu filho caçula apareceu com algumas atitudes estranhas. Desconfiava que era droga e realmente foi. A droga que até hoje assola e destrói os meus sonhos e minha tranquilidade. No início, quando desconfiei e, depois, quando descobri, foi muito difícil!

Na época, ele estava com 14 para 15 anos. No início, era maconha, porque tinha aquela sonolência, ele comia tudo que aparecia na frente. Achava muito estranho e pensava: “Será que é a adolescência? O que será?”. Tive uma paranoia muito grande em relação aos outros filhos. Quando o pai morreu, a única coisa que tinha medo era das drogas, dos filhos entrarem por esse caminho. Quando percebi que os mais velhos não tiveram problema com isso — o Frank e a Valéria começaram a trabalhar até mesmo antes da idade, o Téo foi fazer serviços gerais de escritório, fez SENAI — estavam todos bem direcionados, estudando, se profissionalizando, relaxei um pouco. Pensava que o Cássio, que era o caçula, já tinha o exemplo dos

irmãos mais velhos, mas mesmo assim ele seguiu outro caminho. E acho que foi aí que me enganei.

Na época, não tinha todas essas informações que hoje passam na televisão. Então, ficava pensando no que mais se falava: que a adolescência transforma muito, essas coisas. Mas, os outros quatro não tiveram essa transformação. Lógico que teve mudança de comportamento em alguns momentos, mas era uma coisa natural. A adolescência do Cássio seguia muito além da dos outros, porque ele se isolava, não me olhava mais no olho.

Até então ele dormia na mesma cama comigo, foi criado assim. Quando o pai morreu, como ele era o caçula, passou a ficar na cama comigo. Mas, com essa mudança, ele já não dormia mais, foi para a cama dele. Eu queria conversar com ele olhando no olho, mas ele baixava a cabeça, já não vinha mais no meu colo como antes... Ele era muito mimado por todos os irmãos, por todo mundo, porque ele era o pequeno da casa. Eu ficava naquela confusão, pensando se era a droga ou a adolescência dele que era diferente. Chamei os meninos e falei o que achava. Eles falaram que era paranoia minha:

— Ah! de novo! Ela fez isso com a gente, agora ela está com ele. Mãe, para com isso! O menino não está fazendo nada disso.

Mas, estava! Eles só concordaram comigo no dia que começaram a sumir as coisas em casa. Primeiro começaram a sumir os CDs. Todo mês ele tinha que comprar um CD de pagode. Estava começando a adolescência e adorava pagode. Até a droga entrar na vida dele, ele tinha uma coleção de CDs e todo mês comprava um novo e ainda tinha que ser original! Naquela época também não tinha tanta pirataria como hoje. De repente, todos os CDs começam a sumir. Quando os dele acabaram, começaram a sumir os dos irmãos. Ele sempre dizia que tinha emprestado e não recebia de volta. Tudo começou a ser estranho dentro de casa. Antes, ele pedia dinheiro para comer coxinha, pastel, comprar caldo de cana, mas sempre trazia a garrafa para tomar em casa com todo mundo junto. De repente, não trazia mais nada. Nisso, o valor dessa coxinha e desse pastel começou a aumentar. Chegou uma hora que eu falei:

— Nossa, mas essa sua coxinha está muito cara! Você vai comer dez coxinhas? Mas, você vai comer tudo isso?

— Não, porque eu vou tomar caldo de cana, porque...

— Mas, antes você trazia, agora você não traz mais. O que está acontecendo?

Comecei a desconfiar dessas coisas, até o dia que deixei o dinheiro... Sempre guardei dinheiro dentro do bolso de um paletozinho que ficava pendurado no guarda-roupa. Recebia meu pagamento e já colocava o dinheiro ali. Se a gente precisasse, para o que precisasse, o dinheiro estava em casa. Mas, o dinheiro começou a sumir, o dinheiro do mês não dava mais para o mês. Fui percebendo que a coisa estava ficando brava... Via que o dinheiro sumia da minha bolsa, então deixei de propósito uma notinha e fiquei de lado. Entrei em casa e deixei a bolsa com nota colocada estrategicamente. Era abrir e achar. Ele entrou logo em seguida no quarto e saiu de casa. Quando ele saiu, olhei a bolsa e o dinheiro não estava mais lá. Então, coloquei um pano enrolado na cabeça para que ele não me reconhecesse, deixei tudo e fui seguindo, ele na frente e eu atrás, ele andava muito rápido e eu fui seguindo... Ele passou no portão de um determinado prédio, deu aquela paradinha e já saiu... Tudo muito rápido! Toma lá, dá cá. Parece que já está na mão.

Voltei para casa e falei para os meninos que ele tinha pegado o dinheiro, onde tinha visto ele ir e tudo que tinha acontecido. Os meninos falaram que o lugar era uma boca de drogas. Aí, pronto! O mundo desmoronou! Porque não tinha mais segredo. Aquilo que eu ainda tentava me enganar, mesmo sabendo que não estava sendo enganada... Pensava: "Ai, meu Deus, tomara que não seja, mas eu vou a fundo, eu vou atrás, eu quero saber, eu quero descobrir!" Nesse dia não tinha mais segredos. Eu senti que o mundo acabou, desmoronou mesmo assim... Foi uma tristeza muito grande na minha casa. Meus filhos passaram a ter vergonha de sair na rua porque um dos irmãos estava usando droga. Todo mundo já sabia, nós também, mas não tínhamos a certeza de ver, de pegar, só sabíamos que a coisa estava muito errada. Depois que descobrimos, ele já estava roubando

muito dentro de casa! Depois, a coisa foi piorando e comecei a buscar ajuda. Fui no Conselho Tutelar, no Fórum de Itaquera, queria que alguém me ajudasse a cuidar dele porque via que ele estava se matando nas drogas.

Cheguei a conversar com ele um dia depois que descobri. Conversamos e ele negou, não assumia de jeito nenhum. Depois, viu que não tinha mais como negar e ficou calado. Tentei buscar ajuda, mas infelizmente não tem... Sempre achei que isso podia ter a ver com a ausência do pai. Talvez porque ele era o mais novo e nem lembrava direito do pai, suas recordações devem ser pouquíssimas. Ele sentia muito a falta paterna dentro de casa, era uma coisa que o incomodava. Como pai, meu marido não era carinhoso, mas também não era agressivo. Diferente do que fazia comigo, ele não batia nas crianças, não era agressivo com os filhos. Era bem mais ponderado com os meninos. Com a Valéria então, era um carinho danado!

A partir disso, minha história começa pela luta mesmo, pela defesa dos meninos da Febem, que é quando o Cássio vai para a Febem. Depois de ter procurado tanto alguma ajuda, percebi que infelizmente não tem o que fazer. Eles falam para a gente:

— Olha, tem algumas clínicas evangélicas, que se ele quiser, ele vai e fica internado lá, mas só se ele quiser. E são pagas. Dispende de alguns rendimentos nossos e se ele não quiser ninguém pode fazer nada.

Mas, o preocupante é: se o adolescente não quiser, ninguém pode fazer nada, mas drogado ele roubou para usar droga, e então puderam prender. Ele não falou se queria ser preso. Eu falava:

— Olha, ele corre risco. Ele oferece risco. E na hora que ele cometer qualquer coisa grave, ninguém vai perguntar se ele quer ser preso, nem se ele pode. Não, vão simplesmente levar e prender. E aí, não trata nada e acabou. E aí, se ele matar alguém? E se ele morrer?

— Ah! Mas, a gente não pode fazer nada. Então, ninguém pode fazer nada.

Nisso, foi se desenrolando a história da droga, até o ponto que paguei tudo que podia. Tudo o que a gente tinha construído, a nossa

felicidade de dez anos, nossa casinha... A gente tinha uma piscina de plástico que enchia todo dia de domingo. Enquanto eu ficava fazendo almoço eles estavam lá, brincando na água, ouvindo música, era uma festa! Todo final de semana era uma festa lá em casa!

Tudo isso foi destruído com a droga. A gente teve que pagar ladrão, bandido, traficante, polícia para não levarem ele preso. Chegou uma hora que eu não tinha mais cartão de crédito, talão de cheque, a gente não tinha mais nada em casa. Então, ele começou a roubar para manter o vício de droga. Foi aí que ele foi para a Febem.

Nisso ele já estava usando cocaína e depois foi para o crack. Da maconha para a cocaína foi rápido, acho que demorou uns oito meses. Para começar a pagar os outros por causa da droga demorou mais um pouco. Essa questão da droga é um saco sem fundo, uma coisa muito séria que nada supre, não tem dinheiro que dê. Quanto mais você dá, mais eles querem, até acabar e destruir tudo!

A gente foi se destruindo, negociando. Meu filho mais velho, o Frank, entrava nas bocadas para pagar traficante para não matarem o Cássio. Eu passava noites na rua, vigiando ele. E ainda tinha que trabalhar. Nessa fase, trabalhava há anos com a mesma chefia e eles me adoravam. Cumpria meus horários e não faltava no trabalho. Com esses problemas, comecei a faltar, chegar atrasada, desanimada, chorar e eles começaram a se preocupar.

É que a dor de ter um filho nessa situação de droga é tão grande que não deixa a gente falar! Ela dói e envergonha. A mãe se sente o fim da... Eu não conseguia falar... Como ia falar para alguém que meu filho estava usando droga? Queria morrer, mas não queria falar isso para ninguém. Eles me perguntavam o que estava acontecendo, o que eu tinha, e eu não dizia nada, só chorava. Até o dia que não teve mais jeito. Eles me viram na porta da Febem. O Cássio já estava na Febem quando meus chefes me chamaram para conversar. Pena que eu não tinha confiado neles... Eles falaram:

— Que pena que você não confiou na gente. Nós somos seus amigos.

Eu desabei. O mundo desabou para mim porque todo mundo do meu serviço tinha me visto chorando na porta da Febem em uma rebelião. Foi quando fui conversar com eles, falar o que tinha acontecido. Só que com o Cássio na Febem era muito pior! Se eu já faltava vigiando, eu faltei 15 dias direto quando meu filho foi para a Febem. Meu chefe me chamou e falou:

— Olha, o que é que eu faço? Você pode ser exonerada! O que é que eu faço?

— O senhor faz o que o senhor quiser.

Continuei faltando e ele abonou de um lado, aceitou de outro, me deu férias de outro para que eu não fosse exonerada. Eles foram muito bons comigo. Isso aconteceu em 1999, mas tudo tinha começado em 1998. Eu conseguia falar de todos os problemas, menos da “droga” do Cássio e menos ainda que ele tinha sido preso. Nem para meus amigos eu conseguia falar.

Foi nesse momento da minha vida que comecei com a luta de mudar a Febem, de mudar aquela cultura de tortura. Apareci nos jornais, na televisão, e não teve mais como esconder... O Cássio nunca chegou a ser violentado na Febem, acho que no máximo levou uns tapinhas. Isso porque quando ele foi preso, eu ficava chorando na porta para ver ele, acionei até o Conselho Tutelar. Foi a época em que o Conselho Tutelar mais agiu dentro da Febem, porque eu chamava todos eles para irem na unidade da Imigrantes ver como os adolescentes eram tratados. Teve vigilância o tempo inteiro!

Só fiquei sabendo da situação da Febem com a entrada do Cássio. Descobri também que o Conselho Tutelar era obrigado a fiscalizar. Com essa obrigatoriedade, eu convocava duas vezes por semana todos os Conselhos de São Paulo para irem para a Febem olharem os meninos que estavam sendo espancados. Ficava sabendo desses espancamentos durante as visitas. Comecei a conversar com as famílias nas filas, porque naquela fila...

A primeira vez que me deparei com a Febem, com aquela fila de mulheres, cada uma com o olhar mais triste que o meu, cada forma de se vestir, a simplicidade das suas roupas, muitas vezes mais

simples que as minhas, aquelas sacolinhas que levavam o “jumbo” tão simples, tão ruim, eu pensava: “Meu Deus, mas aqui só tem pobre! Mas, aqui só tem gente que está na minha situação ou pior do que a minha!”

Isso começava a me incomodar. Era uma seleção de pessoas extremamente carentes e pobres. Carência total! Carência de saber se comunicar, de exigir seus direitos, porque não conheciam, não sabiam exigir nada. Foi então que descobri o Estatuto da Criança e do Adolescente e ganhei um de uma conselheira chamada Conceição. Então, começo também a devorar esse estatuto, a querer entender tudo isso.

Nesse momento, o Cássio sofre um acidente durante uma rebelião e quebra os dois calcanhares. Ele não tem calcanhar; ele destruiu lá na Febem. E aí a Febem foi me violando... Aliás, esse Estado! Esse Estado foi negando o que deveria ter me dado, me garantido e não me garantiu nada! Tive que trabalhar para criar meus filhos e precisei deixá-los sozinhos porque não tinha creche ou uma escola integral, porque não tinha um equipamento público em que no horário fora da escola eles tivessem onde ficar. Agora, o ponto de droga era no final da minha rua...

Por essas coisas, esse é um Estado que me deve demais! Enquanto eu trabalhava para cumprir minha parte de pai e mãe dentro de casa, meus filhos ficaram jogados. A pensão que eu tinha não dava para dar conta deles. Nisso, meu filho se vicia na esquina de casa ou dentro da escola! A mesma escola que deveria garantir a educação, foi lá que ele começou a usar droga, dentro do equipamento público! E os responsáveis pela educação, ao invés de me chamarem, sentarem comigo em busca de uma solução, ter outra atitude, não fizeram nada disso. Se isso tivesse acontecido há uns dez anos, a coisa talvez fosse mais tranquila e a gente poderia ter tomado alguns encaminhamentos. Mas, a escola também se nega e se cala diante daquela droga dentro da escola...

É aí que penso na diferença da minha escolinha lá no interior da Bahia para a escola do Estado que deveria garantir educação e

não garante nada! Quando chega nesse ponto da droga na própria escola, me vejo totalmente abandonada. E nas filas durante a visita da Febem eu via a mesma história nos rostos daquelas mães... Todas tinham uma história igual. Éramos vidas diferentes, mas com um histórico muito parecido de violência do marido, de mães separadas, viúvas ou solteiras, que a droga entrou em casa e que o filho passou a praticar roubos para manter o vício ou foi traficar para comprar o luxo que via na televisão.

Era gente muito pobre e aquilo começou a me incomodar. Além de tudo que já tinha buscado resolver e não conseguia, meu filho ainda tinha que sofrer agressões na Fundação do Bem-estar do Menor? E onde estaria o bem-estar nesse momento? Começo a denunciar, a falar para todo mundo o que estava acontecendo. Até o dia em que teve uma rebelião e eu apareci fazendo denúncias. Os jornalistas falavam:

— É, porque os infratores, os bandidos estão em cima do telhado. Atearam fogo...

E eu falava:

— Como é que você sabe por que eles fizeram isso?

Comecei a enfrentar a imprensa para falar o porquê deles fazerem isso durante as rebeliões. A verdade é que lá embaixo dos telhados eles já não aguentam mais de apanhar! Tem menino sem dente, cego, de formas terríveis. Por isso, a imprensa começa:

— Quem é essa mulher? Mas, quem é você?

— Eu sou mãe do menino que está aí dentro!

— Mas, aí, como é que está?

— O meu está ótimo. No meu ninguém mexe. Porque, o meu tem sempre alguém vigiando por perto, tem alguém olhando. Mas, tem outros que estão dessa e dessa forma. E o meu assiste. E se assiste, o trauma de quem é agredido e o trauma de quem é obrigado a assistir é igual. A violência é indireta, mas, está ali! Com as mães também... Estão sofrendo aquilo indiretamente.

A AMAR surge nesse momento. O Cássio é transferido da Imigrantes para a unidade do Tatuapé onde tinha uma equipe muito

boa. O Resende era o diretor, um psicólogo que tinha uma visão do trabalho com família e que acreditava que a ressocialização só era possível a partir do momento que a família fosse parte dessa “prisão” dos meninos. Separado, ninguém ia conseguir êxito porque a família é fundamental e é a base de tudo. Na unidade dele, como tinha essa abertura, começamos a entrar para fazer trabalhos voluntários de artesanato. Do artesanato, inventamos de fazer almoço para os meninos, fazer bolo, enfim, a gente inventava de tudo para estar perto dos filhos.

Até aquele momento era o filho que nos interessava e eu era uma das voluntárias que puxava esse carro. A abertura desse diretor com as mães fez com que a Febem começasse a prosseguir-lo e ele acabou sendo convidado para ir embora. O Resende não tinha perfil para trabalhar na internação da Febem porque o perfil de quem trabalhava com isso tinha que ser violento e ele não era. Tinha uma equipe, um pessoal super bom na unidade e, com a saída dele, convoquei 32 mães no final de semana, para irmos até o fórum pedir para que o juiz corregedor não deixasse o diretor ir embora.

Quando chegamos, aquele monte de mães que surgiu sem avisar, o juiz corregedor passou por uma situação que nunca tinha visto. Ele chamou cinco de nós para conversar, falamos o que queríamos e ele disse que isso não era problema dele, que era problema administrativo da Febem. Ele, como era do Judiciário, mandou que a gente fosse resolver o problema na Febem. Então, fomos na sede da Febem na rua Bela Cintra e quando chegamos o presidente, que era o Dr. Eduardo, não estava. Fomos atendidas por um dos seus assessores, que nos tratou muito mal! Mas, a gente conseguiu falar com ele e quando saímos de lá, ligamos para a unidade para falar para o Resende, que não sabia de nada, o que tínhamos feito. Ele falou:

— Vocês são loucas! Vocês são loucas!

Chamou a gente e fizemos uma reunião. Aí, começou aquele negócio de “puxa-saco” por parte das mães, todas preocupadas com o Resende:

— Porque, ai o Seu Resende vai sair! Ai!

Eu parei no meio da reunião e falei:

— Olha, eu não estou preocupada com o Resende. O Resende é um ótimo profissional, vai arrumar emprego. O Cássio é meu filho e eu vou estar sempre por perto cuidando e olhando. Eu estou preocupada em mudar a cultura da Febem.

Nessa ideia de mudança de cultura, o Resende, muito esperto, pegou essa fala minha e convocou uma reunião para a semana seguinte. Nessa reunião, trouxe outras pessoas e, assim, formou o grupo de mães. Ele falou que essa fala era muito poderosa e que nunca tinha escutado de ninguém a vontade de mudar a cultura da Febem. Mudando essa cultura, mudaria toda a medida socioeducativa. E eu tinha essa fala, eu tinha essa ousadia. Ele disse também que dali poderia sair uma grande associação. Com isso, ele foi nos orientando, chamando outros amigos para nos falar sobre direitos humanos, políticas públicas, ECA, enfim, a gente foi se capacitando. Eu me capacitei dentro desses cursos, em que uma vez por semana a gente se encontrava para tentar entender, estudar o porquê nossos filhos chegaram às drogas.

Tivemos a ajuda de outros profissionais como a Roseli, por exemplo, que era assistente social, técnica de uma das unidades. Hoje, ela é socióloga, está fazendo doutorado em Serviço Social. Ela é ótima! Devo muito à Roseli porque ela chegou a fazer um estudo sobre dependência química por causa da minha angústia, para tentar responder minhas perguntas, diminuir meu desespero. Ela tem vários trabalhos, em que conversou com o Cássio sobre coisas muito particulares. Uma vez por semana, no horário de almoço, ela o encontrava numa praça na rua, dando orientação, tentando resgatar ele junto comigo... Ela disse que eu nunca iria ver esse trabalho... O trabalho está na PUC, mas eu só vejo se um dia ele me permitir, porque penso que é um trabalho deles dois.

Tem algumas pessoas na Febem que me ajudaram muito. O Resende foi fundamental como diretor, a Roseli foi uma peça muito importante na minha vida e na do Cássio, a Jucélia também foi uma pessoa muito importante. Ela era técnica e conversou muito comigo,

falando que o caso do Cássio não era crime nem marginalidade, era dependência química. Eles foram muito legais comigo, mas eu também corri atrás. Eu tinha muito desespero e as pessoas viam que eu não conseguia aceitar aquilo, não conseguia me conformar sem uma explicação lógica.

Eu continuava trabalhando e conseguia fazer tudo isso... A AMAR surgiu com a saída do Resende da unidade e a gente continuou seguindo suas orientações. Comecei a ler tudo que falava de droga e medida socioeducativa. Sempre estava atenta a tudo que se falava disso na televisão e no rádio. Lia tudo o que saía em revista, comecei a ler muito livros e a participar de tudo quanto era seminário com esse tema.

Nesse momento, eu saio daquela vida de dona de casa e vou para um outro núcleo, um outro meio onde se discute as medidas socioeducativas, o problema do tráfico e uso de drogas, e onde se pensa em política, o que está faltando... Caio nisso de cabeça e não vejo mais nada. Queria entender todo esse mundo desconhecido e o que poderia ser feito. Começo a participar de inúmeros seminários; para os cursos, pedia bolsa. Não tinha como pagar? Eu fazia uma cartinha, ia lá ou ligava e pedia uma bolsa:

— Olha, eu não posso pagar, mas eu quero fazer.

Assim, fui aprendendo e me formei fazendo esses cursos e seminários. Foi isso que fiz da minha vida durante alguns anos. A partir daí, comecei a enfrentar a Febem de verdade, me dando o direito que ninguém deu. Eu tinha o direito de fiscalizar porque era a líder das mães! Eu falava que era a representante e ia entrar e ver. Com isso, me garanti um direito e eles tiveram que baixar a cabeça...

Fui fundo nisso, entrava e saía da Febem a hora que quisesse. Chegou uma época que a Febem reconheceu tanto a importância do nosso papel, que quando havia conflitos, ao invés de chamar a Tropa de Choque, eles me chamavam. Entrava no meio das rebeliões, mediava os conflitos, tanto que os meninos que estavam acima do telhado desciam quando eu chegava e acabava-se tudo. Então ao invés da Tropa de Choque, chame a Tropa das Mães!

Eu atuava em todas as unidades. Quando tinha conflito em Franco da Rocha, a própria Febem me ligava, a mesma coisa no Cadeião de Santo André:

— Dona Conceição, os meninos estão agitadíssimos. Venha pra cá!

Chegávamos, eu e mais duas ou três mães, conversávamos com os meninos, explicávamos que aquela não era a forma de resolver as coisas, que a gente ia tomar as providências e que a presidência da Febem estava do nosso lado. Era assim que a gente trabalhava e tudo ficava bem. Chegou uma época que eu passei uma semana inteira dentro da unidade do Tatuapé, sem conseguir ir embora... Naquela época, por volta do ano 2000, com a atuação da AMAR dentro das unidades, não havia tantas mortes, a violência dá uma calma. O presidente dessa época na Febem era o Doutor Eduardo. Com a sua saída, entrou um grupo que era da mesma linha e a gente conseguiu avançar com nosso trabalho.

Mas, quando a Febem começou a boicotar nossas entradas, a deixar a gente de fora, os meninos passaram a morrer de forma escandalosa dentro da instituição. As mortes nunca eram esclarecidas nem se encontrava quem matou! Começaram a aparecer meninos mortos queimados, enforcados, mortos a estiletagens e com balas, projétil de arma de fogo, tipo de arma que não poderia ter lá dentro. Com a entrada do Benedito Duarte, que acho que foi um dos primeiros que estragou tudo, foi proibida a entrada nas entidades. Para isso, teria que entrar com um aviso prévio de, no mínimo, dez dias, que é tempo suficiente de sumirem os hematomas. Com isso, a violência cresceu muito rápido. A gente tentou entrar algumas vezes, chegamos a conseguir no Tatuapé, mas em outras unidades não porque o presidente já tinha determinado que ninguém poderia entrar a não ser que avisasse antes. E disso para cá começou a piorar...

Quando conheci a Febem, em 1998, se falava muito nos adolescentes que sumiam, nas mães que diziam que os filhos desapareceram e nunca mais foram encontrados. Como também se falava que altas horas da noite vinham grupos de outras unidades e espancavam

os meninos. Eu achava que aquilo era fantasia, ouvia, mas não dava muita atenção. Até o dia que eu vi! Estava dentro da unidade de Franco da Rocha, 10h30 da noite, quando encostou uma van lotada de homens e cada um abriu a porta, foram no quartinho, pegaram uns pedaços de pau, umas barras de ferro enormes e estavam entrando na unidade para espancar os meninos. Eu tinha acabado de sair e os meninos já estavam todos prontos para dormir... Eram funcionários da Febem de outras unidades, que vinham só para espancar os meninos. Os adolescentes contavam essas coisas, mas a gente não dava muita atenção, até que eu vi isso de perto.

As autoridades falavam que os meninos sumiam, que os desaparecimentos aconteciam em momento de fugas. O tempo passava e eles nunca mais tinham notícia. Os meninos simplesmente sumiam e as mães nunca mais os encontravam. Depois pude ver isso muito próximo, porque a gente acompanhou o caso de um dos meninos que sumiu. Tudo foi se concretizando, as falas daqueles garotos já em 1997, 98, 99, do sumiço de alguns colegas que nunca mais apareceram para aquelas mães, depois eu pude ver na realidade, aconteceu mesmo!

O caso que acompanhamos foi de um menino que sumiu da unidade do Tatuapé, o Eduardo. A mãe e nós fizemos de tudo para encontrar e ele foi localizado três meses depois, no IML, tendo sido enterrado como indigente no Cemitério de Terra reta em Mairiporã. Ele sumiu aqui e quando foi no outro dia seu corpo foi encontrado com muitas marcas de bala e espancamento num terreno baldio. Todas aquelas denúncias de antigamente que recebíamos e não achávamos verdadeiras, passamos a ter a certeza.

Quando presenciei a chegada daqueles funcionários, fizemos a denúncia. Na hora, voltei lá para dentro e falei que não ia embora enquanto aqueles funcionários não saíssem. O diretor falou que eles estavam ali para garantir a minha segurança, isso depois de eu ter passado o dia inteirinho com os meninos e já estar indo embora! Falei:

— Ah! Para com isso! Que segurança! Eu já estou indo embora.

— Ah, não, eles vieram fazer uma revista.

Dez e meia da noite com os meninos dormindo? Não tive dúvidas e disse que ia acompanhar a revista. Eles falaram que iam me vencer pelo cansaço e passaram a noite fazendo isso. Depois, como mandaram os meninos tirarem toda a roupa, eu não podia mais ficar. Mas, tinha um rapaz conosco que foi acompanhar a revista dos meninos. Isso foi uma forma de humilhação! Iam acabar com os meninos naquela noite. O que posso dizer é que essa situação é um crime muito grande! O pior é que essas pessoas continuam na Febem, nos cargos de direção. Quem caiu, foi mandado embora ou exonerado foram os monitores, aqueles que eram “pau mandado”, que só obedeciam as ordens.

Quando isso aconteceu, o Cássio ainda estava internado, mas mesmo assim eu não tinha medo. Denunciava tudo e nas visitas de fiscalização, um método que adotamos era esse: se o Cássio estava numa unidade, eu não visitava a unidade dele, outra mãe fazia isso para que ele não se sentisse mais protegido que os outros. Ele até sabia o que eu estava fazendo, mas lá eu só entrava no dia da visita. Naquele momento, eu estava fazendo um outro papel, um outro trabalho.

O número de mães que ajudam constantemente na AMAR hoje é muito pequeno, porque todas precisam trabalhar para sobreviver. Por isso, quando temos algum projeto, a gente precisa contratar pessoas de fora. Mas, para algumas coisas a metodologia é diferente. Por exemplo, para fazer abordagem na Febem, tem que ser familiar, é mais seguro. Hoje o grupo da AMAR entra nas unidades com tranquilidade, mas quando não éramos reconhecidas era diferente... E qual era a nossa abordagem? Falamos que somos mães, que somos da AMAR! São as nossas palavras de ordem. Por mais violentos e irados que os meninos estejam, quando se fala que é mãe e é da AMAR, aí pronto, acabou.

Por conta disso, sempre procurei trabalhar com a visita de fiscalização e de acompanhamento familiar com pessoas que passaram pelo problema, com familiares, pai ou mãe, que já tenham vivenciado aquela crise. A gente se identifica muito mais com os

meninos porque passamos por essa experiência e fica mais fácil para abordar. Se chega uma pessoa desconhecida, eles vão olhar desconfiados, mas quando a gente fala:

— Nós somos pais, nós também tivemos filhos internados, começamos a nossa luta e nós sabemos o que é isso aqui. Começamos uma luta de mudança de pedagogia de tratamento aqui.

Com isso, os meninos se interessam e falam:

— Ah! é... E onde seu filho ficou?

Ele se identifica com a gente e a confiança surge de forma muito tranquila. É a mesma coisa com as mães, com os grupos de famílias que nós fazemos. Segundo o que eles falam, quando estou no grupo a reunião é maravilhosa e elas voltam. Mas, quando deixei meus grupos de família na mão dos profissionais, dá para contar nos dedos as mães que vêm. Isso é uma coisa seriíssima!

Essa identificação é o elo, o imã que nos une. E foi nessa identificação que consegui minhas melhores amigas! Foram as mães da Febem! Sabe assim, de chorar junto, de socorrer uma a outra... É um amor diferente, uma dor que une e um amor que brota de muita confiança. De olhar no olho e contar segredos que a gente sabe que não ia conseguir contar para mais ninguém. Entre a gente não tem segredo, porque a mãe é muito cúmplice do filho. Não existe maior cumplicidade do que entre mãe e filho. É a própria natureza, não existe cumplicidade maior. Tem segredos, coisas dos filhos, que só nós mães para entender. Uma vez ouvi de algumas mães:

— Isso eu vou contar só para você. Eu nunca contaria para ninguém. Eu nunca contei, mas acho que é o momento agora da gente conversar, entendeu?

Quando existe a identificação o silêncio se quebra! Mas, leva tempo, é um processo longo... O que fica é essa identificação, essa confiança, essa cumplicidade, esse amor dos filhos... Até hoje, continuo guardando segredos... Às vezes, acho que é uma missão. Falo para minhas filhas que missão é um caminho solitário, não é um caminho compartilhado. Nas horas mais difíceis que enfrentei, fiquei sozinha porque era minha missão...

Enfrentei uma situação muito grave na Febem em 2005. Foi um espancamento que quando identifiquei, estava sozinha... Claro que pedi providência, ajuda, mas naquele momento, meu caminho era só. Mesmo na minha vida pessoal, nos momentos mais tristes, sempre estou só... Meus filhos brigam por isso, não aceitam, ficam reclamando, mas entendo que é essa a minha missão. Ela me faz ir por esse caminho de reflexão solitária...

Tenho uma família maravilhosa, tenho meus filhos, genros e noras que são maravilhosos e graças a Deus a gente se dá muito bem. Para mim é como se fossem todos filhos. São cinco filhos, cinco genros e noras, então são dez filhos. A gente é muito unido, mas existem momentos de sair para ficar só! Acho que faz parte dessa missão que Deus me deu. E essa missão tem muito a florado o meu lado de mãe! Mas, também tenho meu lado mulher, claro.

Depois da morte do meu marido, tive um namorado, mas antes de acontecer tudo isso. Naqueles dez anos de felicidade... Ele era muito legal, gostei muito dele... Mas acabei adotando um filho, que hoje tem 13 anos. Quando aconteceu, já no início de tudo isso na vida do Cássio, meu namorado não concordou. O César apareceu, tinha sido abandonado pela família e eu jamais ia deixar um filho abandonado. Ao invés de ir para a SOS, trouxe para a minha casa e quando a mãe aparecesse, eu devolvia. Mas a mãe nunca apareceu... Aí, eu tinha que escolher entre ele e o menino. E eu escolhi o menino... Entre a mulher e a mãe, fiquei como mãe. Depois disso, a gente acabou o relacionamento, que já tinha uns oito anos. Não ia dar certo mesmo... Se ele fosse outra pessoa, não teria imposto uma situação dessas. Mas, depois passou e com os problemas de casa, esqueci um pouco o lado da mulher. Eu me anulei totalmente como mulher, não conseguia viver porque estava muito envolvida com a questão da Febem.

A Febem tomou oito anos da minha vida. Era de dia e à noite, sábado, domingo e feriado, sem ter tempo para mais nada, só para os meninos da Febem. Passava Natal e Ano Novo, Dia das Mães com eles. Tenho poemas e coisas lindas que eles me davam. Fui eleita a

“Mãe do Ano”... Com isso, passei a ser a grande mãe, a “Mãe da Febem”, e isso me trazia muito amor e muito orgulho.

Quando era pequena, eu sonhava muito e nesses meus sonhos, eu tinha muitos filhos! Era como se fosse um orfanato. Eu era uma mãe de um orfanato com muita criança, muito jovem! Aí, fui crescendo com aquilo. E as crianças dos meus sonhos, eu cuidava muito bem delas. Elas tinham roupas de princesa, os meninos eram muito bem vestidinhos, de suspensório. Eu via até a roupinha deles... E dava muitos presentes para eles. Mas, no fundo do meu sonho tinha sofrimento... Tinha alguma coisa que judiava dos meus meninos, daquele monte de criança. Era um lugar muito grande com muita criança! Eu tinha amor por elas, cuidava, dava presente, pareciam príncipes e princesas. Mas, no fundo, alguém judiava deles. Então, aquele mau trato se transformava em pesadelo e eu acordava...

Era um sonho de olhos abertos porque com os olhos abertos eu vi tudo aquilo depois... Os anos foram passando e eu pensei: “Meu Deus, por que será que eu sonho com esse lugar? É um orfanato, o que é?”... Quando me deparei com a Febem, a unidade que meu filho entrou, até a porta era igualzinha a do sonho... Comecei a perceber que havia alguma identificação entre aquelas crianças com quem eu sonhava e os jovens com quem passei a conviver. Por isso eu falo da missão... Isso vem desde a infância, mas faz um tempo que não sonho mais com meu orfanato...

Falando de sonho, o meu maior sonho é montar uma comunidade terapêutica e expandir a AMAR para todo o Brasil, como já estamos fazendo. Temos unidades em seis estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Piauí, Rio Grande do Sul, Brasília e Minas. Mas, meu grande desafio é criar uma comunidade terapêutica para tratamento da drogadição nos moldes que acredito que pode ter cura...

Falo do tipo de tratamento que tem onde hoje o meu filho Cásio está internado. Onde se trabalha o desvio de caráter que a droga produz no ser humano. Porque a droga traz um caráter tão ruim, que o drogado se torna mentiroso, manipulador e chantagista. O dependente químico mente tanto que até ele acredita na própria mentira.

Esse é um caráter que a droga desenvolve e se não houver o tratamento de desvio de caráter, não vamos alcançar a cura. Tinha certeza que meu filho só ficaria num tratamento como esse, caso contrário a gente não ia conseguir. Não adiantam as clínicas com psiquiatria, que os mantêm dopados, nem as casas de recuperação evangélicas. Podem adiantar em algumas coisas, mas não acredito que é esse o caminho.

Hoje o Cássio está numa comunidade em Porto Feliz, na região de Sorocaba. É uma comunidade terapêutica onde se trabalham os 12 passos e o amor exigente, mas principalmente o desvio de caráter. Esse é o modelo que quero, mas é um tipo de tratamento não muito conhecido. A diretora dessa comunidade ficou dez anos estudando um tratamento para drogadição, ela fez isso que hoje eu faço. Tudo que conheço de clínica, de casa de recuperação, já fui em muitas...

Teve uma época que eu não conseguia nem dormir direito... Dependendo da situação que estou vivendo, não consigo dormir. Por exemplo, quando enfrento situações com os meninos de muita violência, fico passada, surto! Chego até a perder a voz. Me dá uma tosse, fecha a garganta e eu não consigo mais falar.

Uma das coisas que mais me atormenta são os inquéritos contra mim! Não tenho problema de falar sobre isso simplesmente porque tenho certeza de que daqui a pouco vou receber uma indenização muito boa pelos danos morais que eles têm me causado. Infelizmente, isso começou com a vinda dessa atual presidente da Febem, que é uma mulher que vem do Sistema Prisional. Quando ela veio para a presidência da Febem, ela trouxe um grupo do Sistema Prisional. Tenho minhas dúvidas se um grupo com essas características seria bom para cuidar de adolescentes... Ela colocou nas unidades um grupo que age com muita violência conhecido como GI, que é o grupo de intervenção rápida, e transformou as unidades em RDD [Regime Disciplinar Diferenciado], onde os meninos são barbaramente espancados.

Eu identifico essas barbáries e começo a denunciar as rebeliões por conta das torturas, dos espancamentos... Eles começaram a me

acusar de que eu é que incentivava as rebeliões e fazia as fugas dos meninos da minha casa! Eu fazia com que os meninos fugissem e espancasse uns aos outros. Isso de que eu estava incitando fugas e rebeliões se expandiu. Era a única forma de me calar, para que eu não pudesse mais entrar nas unidades. Inventaram essa história para que eu não fosse denunciar as barbáries praticadas lá dentro. O juiz corregedor, que também claramente se colocava a favor deles, vai e levanta falso, faz esse tipo de acusação, e pede, abre um inquérito policial.

Eram outras pessoas que falavam com os meninos no telefone, não era eu. Quando acontecia de algum adolescente me ligar no celular, eu pedia para que não fizessem isso. O meu celular é muito divulgado, mas eu jamais faria isso! Sei que não pode ter celular dentro da Febem e jamais vou incentivar nada que é crime, que é errado. Mas, me acusaram, disseram que era eu que incitava as rebeliões e facilitava as fugas. Me acusaram de facilitação de fuga, incitação ao crime, destruição de patrimônio, uma série de barbaridades! Por isso, continuo afastada de lá... Já me ameaçaram de morte, sofri perseguições, fui muito ameaçada. Ainda não tenho muita segurança para andar, precisei até ficar com escolta policial. Era para ter retomado a escolta, mas como não estou fazendo meu trabalho de fiscalização, acho besteira...

Não sofro mais ameaças, parei de fazer qualquer tipo de atividade. Já não vou mais à Febem, não moro mais na mesma casa, tive que mudar totalmente o rumo da minha vida em função de tudo isso porque fiquei com muito medo. Hoje não consigo nem andar sozinha. Quando eu ando só, estou sempre olhando para todos os lados, sinto pavor, mas se estou acompanhada de alguém, ando mais tranquila.

Tem um processo em que denunciei tudo isso na Polícia Federal. Dei número de telefone das ameaças, mas nunca chegaram a nada! Agora, o processo contra mim continua! Agora, o que eu fui ameaçada e perseguida, até agora nada. Mas, é um processo que não tenho medo de jeito nenhum, porque jamais incitaria a violência! Eles sabem disso...

As pessoas que me acusam também são acusadas! Me acusam porque combati essas pessoas, por causa dos crimes de violência que eles praticavam. Jamais ia incitar os meninos a se rebelarem sabendo que quem mais sofre são eles! Jamais incitaria um menino à fuga, sabendo que um filho fugitivo dentro de casa é uma coisa muito terrível. A gente também está fugitiva. Essas são coisas que estão fora do meu contexto de vida, da minha forma de viver. Vivo em busca de paz e queria que todo mundo vivesse na paz e tivesse os direitos garantidos. Fico indignada quando vejo crianças e jovens praticando violência, com arma na mão. Isso é inaceitável! Não merecemos ouvir nem ver uma coisa dessas, é agressivo demais! Alguém tem que responder por isso! Isso tem que chegar ao fim! Mas, a gente chega lá. A semente está lançada...

Sou evangélica e acredito que a religião alimenta ainda mais minha luta. Por isso acredito na missão. Acho que Deus tem uma missão para cada um e acredito que a minha é essa. A missão de alguns é ser pastor, de outras é ser missionário, de outras cantar, louvar, pregar, outras de visão, outras de revelação... E eu acho que a minha é essa. É uma luta, uma missão pelos direitos humanos. É um dom de Deus mesmo, não acredito noutra coisa que não seja por Deus, porque nos momentos mais tristes eu estava sozinha, mas sei que Deus estava do meu lado. E tem momento que só ele mesmo estando comigo, vai direcionando as coisas, que vão tomando outra direção.

Com a mudança de presidência na Febem e essas denúncias ficou muito difícil continuar o trabalho. Em dezembro de 2005 aconteceu uma coisa muito triste: nós da AMAR temos um programa de apadrinhamento de Natal e tínhamos um parceiro que apadrinhava 50 crianças todo ano. Com essas acusações, perdi os meus padrinhos e 50 crianças carentes foram devolvidas para a gente. Essas crianças são filhos, irmãos da nossa comunidade. Para mim foi uma grande mágoa, porque 50 crianças deixaram de ser apadrinhadas no Natal por conta das acusações... Era uma firma enorme, que apadrinhava 50 crianças todo ano. E teve outros parceiros que depois também

perdi. A gente estava discutindo um grande projeto de reciclagem, visitando cooperativas de reciclagem para geração de renda das famílias pobres da Cidade Tiradentes. E esses meus amigos abandonaram, me deixaram, nunca mais me procuraram...

Não acho que eles acreditaram nas acusações, mas um processo criminal é uma coisa muito séria e enquanto isso rolar eles não voltam lá. É um processo de uma mão do governo do Estado, o governo Alckmin. Quando ele era governador, numa coletiva de imprensa, ele citou meu nome e isso acabou com muitas parcerias que eu tinha. Isso é muito prejudicial para mim, para o meu trabalho e para as crianças que a gente atende. Mas, eles vão ter que me pagar por isso, não podem ficar impunes dessa forma.

Hoje, tenho três projetos aprovados no CMDCA [Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente], que estavam no eixo das prioridades, das necessidades, das vulnerabilidades. O projeto está aprovado, mas não recebi a contemplação do dinheiro. Isso é perseguição política!

Esses projetos são para a Cidade Tiradentes. O trabalho que desenvolvo não é só para a Febem. A AMAR possui duas unidades em São Paulo: a do centro, voltada mais para as questões da Febem e a da Cidade Tiradentes, que busca a prevenção. Para o adolescente chegar na Febem tem toda uma falta de estrutura atrás disso. A nossa ideia era trabalhar a prevenção para que a criança não chegue lá. E trabalhar as crianças da Cidade Tiradentes na prevenção porque toda a minha história começa lá, naquela Cohab. Lá começamos um trabalho com crianças, montamos uma brinquedoteca com apoio do Comitê Betinho, Santander Banespa, Ação da Cidadania.

Agora estamos sem isso, está faltando verba porque tudo isso prejudicou nossa atuação. Tínhamos duas psicólogas para atender os casos de violação e uma série de problemas que chegam de assunto psicológico. Aulas de capoeira e karatê ainda temos; temos geração de renda, que agora está bem fraquinha. E a proposta é trabalhar mesmo a cidadania, o direito, o direito de brincar, o reforço escolar, a dificuldade que a criança tem na escola vai ser trabalhada lá dentro

da AMAR. E mesmo agora que estamos sem nenhuma ajuda, fui bancando, enfiando a cara e pensando: “A gente tem que fazer alguma coisa pelas crianças para que elas não cheguem lá na Febem.”. Esse é o nosso trabalho.

Estou também começando um trabalho desse tipo em Mongaguá, no litoral. O que me levou a começar esse trabalho foi um adolescente assassinado dentro da Febem que era de lá. Só trabalhei em unidades de meninos, mas atendi alguns familiares de meninas e esse garoto foi assassinado no ano passado. Fui atrás da família para que a gente pudesse entrar com uma ação contra o Estado. Dos 28 casos que temos de meninos que morreram assassinados lá dentro, temos decisão favorável de pelo menos seis. “Decisão favorável” é quando existe a decisão de indenização para as famílias e não de punição dos responsáveis. Até então, nada disso era feito e eu fui atrás dessas famílias e quero começar um trabalho lá.

Comecei a fazer visita na cidade e vou começar a fotografar porque fui falar com um futuro candidato da cidade e ele me disse que lá não tem favela... Mas eu fui justamente na favela! Ele disse que aquilo é moradia social, mas aqueles barracos não podem ser chamados de “moradia social”. Parece que favela só existe em São Paulo, mas não é bem assim. Fazia uns dias que vinha tendo a ideia de encontrar essa família e depois que encontrei, decidi que vou começar a fazer um trabalho de prevenção lá também.

Mongaguá ainda é uma cidade pequena, onde a violência ainda não é tão grande, mas que está aumentando muito. Onde eu fui é muito grande a população de crianças na rua! É um lugar extremamente carente! Na verdade, periferia é tudo igual. Mas, lá tem um motivo a mais que me leva, que é a morte do Ricardo... Eu não o conhecia e quando soube da sua morte fui atrás para conhecer a família. Eles são tão carentes! Primeiro, fui ligando para vários locais para poder chegar a algum parente dele, até que consegui falar com um rapaz que disse:

— Nossa! Se você não vem, ia ser muita decepção para esse povo!

Marquei a visita e fui. Quando cheguei, eles estavam sentados na rua me esperando. Nunca tinham me visto e quando fui me aproximando, procurando o número da casa, eles falaram:

— É ela. Essa é a mulher.

Já sabia que era naquela casa... As pessoas são muito carentes e precisam de alguém que leve um mínimo de esperança. O Ricardo era primário, nunca tinha se envolvido com o crime. Disseram que foi uma besteira, que na realidade nem tinha sido ele. Ele veio para a Febem e depois de dois meses foi assassinado dentro da unidade. Foi duro ouvir da família:

— Não! Ele foi para lá vivo! Aí, eles vêm aqui buscar a gente e entregam morto?! Então, a gente precisa fazer alguma coisa. Não precisa?

Eu disse:

— Lógico que precisa!

As pessoas não conhecem seus direitos mais simples. No dia que liguei e falei com o rapaz do posto de saúde, que era a única referência para localizar a família, parecia que ele tinha ganhado um prêmio. Ele falou:

— Eu sou amigo da família. Eu conheço... Ai, meu Deus, eu não acredito que tem alguém que vai fazer alguma coisa! Eu não acredito que tem alguém preocupado com essa família. Nossa, senhora eu te agradeço. Que Deus lhe abençoe.

Era impressionante a alegria do moço de perceber que tinha alguém que estava procurando aquela família para ajudar. O barraco onde a mulher mora nem porta tem, não tem nada, é de uma pobreza muito grande. Isso também me motivou para fazer um trabalho lá. Nessa visita, consegui ver tantos Ricardinhos...

Acho que essa carência toda também tem a ver com a ida desses meninos para as instituições. Essa carência leva muitos deles para os caminhos da violência. Hoje tem uma coisa muito séria que é a forma como chegam para as crianças e adolescentes as informações sobre o ter, o querer, o possuir. Essa coisa toda da roupa de marca, do tênis de marca influencia de um jeito muito forte a vida das pessoas.

Tenho entrado em barracos de favela caindo aos pedaços em que o menino sai de dentro com a uma camisa caríssima, uma bermuda lindíssima, um tênis de 600 reais no pé. Isso mostra o valor que tem o consumir! Não importa onde eu moro ou durmo, mas como tenho que me apresentar para os outros.

Quando vejo isso, me dói na alma. Acho que ter vaidade é um direito de todos nós, mas essas crianças não são educadas para a realidade delas. Não que eu concorde dela viver na miséria, de jeito nenhum! O que incomoda é ela estar naquele barraco caindo com um tênis de 600 reais no pé. Era preciso balancear isso com educação e informação do contexto social em que a gente está inserido. E buscar esse tênis caro, essa roupa de marca, essa moto, esse carro, através da transformação pelo saber, pela educação e não através da violência como os meninos acabam fazendo. O que falta é orientação mesmo, é esperança na vida deles, é que alguém proporcione isso, porque só através do estudo eles vão conseguir chegar a algum lugar que não a vida interrompida com 15, 20 anos, como acontece com tantos meninos...

Uma solução para isso tudo seria a valorização da família. Enquanto não se investir na família, nada vai acontecer porque a família é a base. Tem famílias que estão tão desestruturadas, já vem de décadas nessa situação, que se a gente não mostrar que é possível um outro caminho, não tem solução. Por isso, nosso governo precisa investir pesadamente na orientação e no apoio familiar. É preciso resgatar essa família, dando a ela a orientação e a esperança para que a gente consiga chegar a algum lugar.

Quando aconteceu tudo isso na minha vida, é até engraçado, mas meus filhos pararam de estudar enquanto eu voltei. É que tenho uma outra cabeça. Apesar de toda minha criação simples, tive uma educação que naquela época era de qualidade. Hoje, vejo meninas que fazem o nível universitário fazendo perguntas sobre coisas que aprendi quando estudei! Tive uma família pobre, mas muito boa, com um equilíbrio muito legal. Meu pai e minha mãe me deram base de vida e, principalmente, pela educação! Sem ela hoje eu

não estaria aqui. Seria só mais uma mãe e talvez meu filho já estivesse morto.

Com certeza, se não tivesse a base que tive dos meus pais, hoje o Cássio não estaria na comunidade na qual eu acredito. Talvez fosse mais um assassinado pelas mãos da polícia ou dos traficantes. Enquanto não houver atenção para a educação, não haverá mudança. Precisamos dar o primeiro passo! Essa mãe de hoje precisa de orientação, que dela vai passar para o filho. No meu caso, fui eu que passei tudo para os meus filhos. Se nesse momento de dificuldade eles pararam de estudar, se o mundo acabou para eles e ninguém queria saber de mais nada, eu fiz diferente! Eu fui estudar! Quando eles me viram estudando, disseram:

— Pronto, ela pirou de vez. O Cássio drogou e ela pirou. Ela agora ficou louca. Mas você está mesmo estudando?

Agora todo mundo voltou a estudar. Às vezes, não basta a estrutura familiar, porque o problema é maior, é social. É toda uma estrutura social. Se a sociedade não estiver preparada para isso, se não houver essa base, esse amparo, o combate ao tráfico, não conseguimos encontrar uma solução. Meu filho, por exemplo, na realidade não é uma pessoa do crime organizado. É um tonto, que se enfiou nas drogas e não conseguiu mais sair, se tornou um dependente químico muito sério. A situação dele é muito grave, mas não é um rapaz com perfil violento, de sair com arma na mão para assaltar.

A falta de informação das pessoas traz uma forma preconceituosa de falar, de tratar os meninos como “infratores”. As pessoas são ignorantes, não porque são burras, mas porque não conhecem essa realidade. E as pessoas que conhecem o assunto não fazem questão de explicar. Ninguém faz questão que se entenda profundamente como funciona esse lado. Isso porque as pessoas que dominam nosso país estão com todos os seus direitos garantidos, estão num outro patamar. O que mais me deixa triste é que elas só se preocupam consigo mesmas...

Uma vez, estava na sala de espera de um programa de TV e tinham lá algumas dondocas gordinhas que iam desfilarem moda, era

o lançamento de uma grife para gordinhas. Estavam elas e eu na mesma sala quando surgiu o assunto do problema da educação. Eu ia falar sobre o tema Febem, educação, coisas do tipo. Uma delas falou assim:

— Ah, eu não estou nem preocupada com a educação. Eu não estou nem aí... Eu garanto a educação do meu filho, pago colégio, está tudo certo. Não tem porque eu estar me preocupando.

Elas eram tão volúveis! Eu falei:

— Dá licença... Eu acho que você deveria se preocupar com a educação pública sim. Sabe por que, querida? Você pode garantir o melhor colégio para o seu filho, você paga, está tudo certo... Mas, eu não posso garantir para o meu... E aí, eu vou para aquela escola péssima, pública, que não ensina nada, onde o tráfico de droga domina lá dentro, onde a violência está lá dentro. E sabe o que vai acontecer? O teu se prepara para ser doutor e o meu não consegue fazer nada! Numa esquina da vida, num momento de muita violência, os dois se cruzarão. O teu doutor vai ser roubado, e o meu, pobre, que não teve qualificação nenhuma vai assaltar. Ladrão. E acontece uma tragédia, vai que o meu mata o teu. Olha as nossas duas dores aí se encontrando de uma forma terrível! Você perdeu e eu perdi, porque mãe não pari filho, por mais pobre que seja, para ser marginal, para ser criminoso. Mas, se a gente não pensar na educação, na família e nas crianças, num momento da vida, numa esquina qualquer os caminhos vão se cruzar. E a dor não é só minha. Então, pense nisso, minha filha...

Elas ficaram pálidas até o fim! Nenhuma respondeu uma palavra. Eu saí da sala e fui embora... Um exemplo disso é o caso da Liana: uma menina rica, que foi se meter lá no meio da mata... Fui lá quando aconteceu e era um lugar totalmente ermo. E a tragédia que aconteceu com essa menina? Não acabou cruzando o caminho de uma pessoa doente, abandonada por todo mundo, expulso da escola? A mãe tentou o tratamento, buscou ajuda, mas não teve! Como a gente pode não se preocupar? Como a gente pode ser hipócrita de querer rebaixar a maioria penal, sendo que a gente ainda não fez

nada pela criança que nasceu? E poderia fazer, porque é de grão em grão que a gente faz um montão!

Sobre as atividades da AMAR, o atendimento funciona assim: são reuniões em que a maioria das mães vêm encaminhadas pela Febem para o grupo de apoio. Os juízes exigem que a família esteja inserida num grupo onde possa tirar as dúvidas, que possa orientá-las. A cada quinze dias a gente reúne esses grupos de família. Mas, os grupos vão mudando e como mudam! Conforme o filho sai da internação, as mães vão embora.

Agora, nosso foco maior é a Cidade Tiradentes, porque é dentro da comunidade. A ideia é trabalhar na prevenção diretamente com pessoas da comunidade. Fizemos um projeto muito legal, discutimos com o juiz, foi aprovado, mas ainda não veio o dinheiro. Na verdade, são três projetos do CMDCA, onde os empresários doam 1% do seu imposto de renda para financiar projetos. Mas, o repasse do dinheiro eles fazem quando querem. Os projetos aprovados em 2005 estão entrando em vigor agora em 2007. Todo esse tempo o dinheiro ficou parado e nossos projetos, um deles é de fortalecimento da família, continuam parados.

Mas, vejo toda essa luta de um jeito positivo. O processo que me incriminava foi arquivado e minha inocência foi provada! Acho importante explicar esse processo porque a luta por direitos humanos pode trazer muito sofrimento, ameaças, perseguições, processo de criminalização, como o que aconteceu comigo, mas no fim a justiça prevaleceu. Houve o arquivamento do processo de uma forma maravilhosa, principalmente pela atitude do promotor: ele fez todo o levantamento das denúncias ao invés de condenar e fez uma defesa em cima do meu processo.

Os próprios funcionários da Febem que queriam me prejudicar acabaram ajudando na minha defesa. A falta de conhecimento deles sobre o direito e a lei é tão grande que quando falo para um adolescente se comportar para não causar tumulto e não atrapalhar a desinternação dele, eles configuraram como se fosse uma violação, um incentivo ao menino se rebelar. Essa é a acusação de rebelião

que fizeram contra mim. Fica clara a falta de conhecimento e de preparo que existe com esses funcionários, que na própria fala deles terminam me defendendo.

Lutar por direitos humanos é difícil, você corre risco de vida e de morte, e também corre risco de ser processado injustamente. Tudo isso é doloroso, mas acho que valeu a pena. São dez anos de luta que valeram muito a pena! Nossa luta é pela mudança total da instituição, pela redução dos grandes complexos e diminuição do número de adolescentes internados por unidade. Tinha que haver outras políticas de apoio e proteção e não só de criminalização e a gente conseguiu isso. Há dez anos, quando entrávamos nas unidades, eram complexos enormes, com muitos adolescentes e uma das coisas que mais assustavam era o problema da escabiose. Os meninos tinham muita sarna, tanto que suas partes íntimas pareciam que iam cair... No dia que vi meu filho fiquei apavorada e isso era regra em todas as unidades.

Essa era uma luta muito grande que a gente tinha de questionar o atendimento médico sobre a escabiose que quantas famílias levaram para casa! Eu mesma trouxe para casa o contágio daquela sarna que levou anos para curar. E era uma coisa que se repetia e se alastrava cada vez que vinha o calor. Em casa, chegamos a jogar um sofá fora porque pegava nas roupas e em todas as coisas. E hoje, depois de muita luta, a gente percebe que ainda tem, mas é num número muito reduzido, e que aquela coisa alarmante que contaminava as famílias já não existe, o que foi um grande avanço. Fomos nós que enfrentamos de frente essa questão e a melhoria do atendimento de saúde, o que a gente considera uma vitória.

A demolição dos grandes complexos e a construção de novas unidades também consideramos uma vitória. São anos de luta para que o sistema seja descentralizado e que o atendimento seja pedagógico. Infelizmente a gente ainda não conta com a vitória da implantação da medida pedagógica. Ainda existe uma medida de muita repressão, contenção e não a aplicação da medida pedagógica. Além da luta pela melhoria da saúde e da construção de novas unidades

menores, também lutamos por uma educação de qualidade. Além disso, temos as ações de indenização e de reparação que consideramos vitoriosas. Não falo nem de indenização, mas de reparação de danos nos casos de grande violência, como os espancamentos que aconteceram em Tupi Paulista e na Vila Maria.

Um dos desafios da AMAR era ter um grupo de defesa que pudesse, quando o adolescente morresse dentro de alguma unidade, buscar uma reparação para família. Afinal, se eles estão sob a custódia do Estado e sob uma medida socioeducativa em que as famílias não têm o direito de estar junto na hora em que precisa e que quer, então que o Estado seja responsável por essas vidas que estão lá.

Em 2003, começamos a contabilizar as mortes e realmente foi alarmante! Aquelas mortes que aconteceram quando não conhecíamos as mães eram ainda mais numerosas. Com o movimento da AMAR, a gente começa a ir para a porta da Febem, para o Fórum e começa a se infiltrar. Essas coisas vieram à tona com o pedido de reparação. Não digo que as mães vão ser indenizadas, mas vão receber alguma coisa, elas têm direito a uma reparação pelo dano à vida do filho, à vida dela! Afinal, a vida do filho dela foi tirada. Ele perdeu a vida e ela sofreu o dano. É como aconteceu com aquela família de Mongaguá e em vários outros casos. Temos aproximadamente trinta casos em que a AMAR está acompanhando o pedido de reparação e alguns já com decisão favorável.

Sobre a mudança de nome de Febem para Fundação Casa, achei uma falta de respeito conosco e com a sociedade. A nossa casa é outra história. Agora, a Fundação Casa é uma prisão! Aquilo não pode ser considerado uma casa, porque se fosse assim o menino não precisaria nem sair de casa, afinal a casa é tão boa! Acho que eles comparam casa de pobre com a Febem e não é isso! Casa de pobre não é uma prisão, pode ser simples, ter vários conflitos, mas tem liberdade, intimidade, é nossa privacidade. Não sei o que eles querem em comparar uma instituição dessas com tanta violação com a casa da gente. Minha vontade é fazer alguma coisa para mudar isso...

No caso de nomes, o da AMAR tem a palavra “risco”. Quando penso nessa palavra, acho que todos estamos em risco. Questionamos muito quando foi decidido colocar a palavra risco porque podia causar algum mal entendido. Podiam pensar que a própria família era responsável por colocar a criança naquela situação. Mas, por outro lado, de que risco a gente estava falando? Depois de muito discutir, chegamos à conclusão de que as crianças realmente vivem em risco constante de acidente, de envolvimento com drogas, enfim a criança precisa de apoio porque vive em risco. Pensamos na palavra “vulnerabilidade”, mas acabamos concordando que “risco” mostrava a situação das crianças e mesmo que haja preconceito em relação a isso, de considerar a família culpada, foi a escolha que fizemos.

Quando penso na minha vida, vejo momentos muito bons e outros muito tristes. Tive momentos muito especiais, um dos melhores foi ganhar os prêmios de direitos humanos. Foi muito emocionante ter esse reconhecimento, esse respeito em momentos tão difíceis. Mas os momentos em família são os melhores! Quando estou com toda a minha família junta, quando eu consigo fazer isso... Infelizmente, há muitos anos não consigo juntar todo mundo, mas como é bom reunir todos os meus filhos, noras, genros e netos!

Acho que o pior momento da minha vida foi descobrir que o Cássio estava usando droga, ver ele preso, as rebeliões, ver minhas amigas ali, morrendo, vendo os filhos no meio do fogo cruzado, desmaiando. O pior momento da minha vida foi descobrir a drogadição do meu filho. Pode ter certeza disso! E ver ele preso, algemado. Isso foi muito triste e não sei se tem recuperação. Mas, continuo lutando para que os direitos de outros filhos sejam respeitados tanto na Febem quanto na vida, tentando buscar a prevenção com projetos sociais e espero que minha luta motive a de outras mães, sempre!

Miriam Duarte



MÍRIAM FOI A SEGUNDA COLABORADORA DA PESQUISA, TENDO SIDO INDICADA POR DONA CONCEIÇÃO. A ENTREVISTA ACONTECEU NO SEU LOCAL DE TRABALHO, UMA UNIDADE DO CEDECA EM SAPOEMBA, ZONA LESTE DE SÃO PAULO. EX-INTEGRANTE DA AMAR, AJUDARA NA SUA CONSTITUIÇÃO, MAS DEPOIS DE ALGUM TEMPO OPTOU POR SE AFASTAR E REALIZAR UM TRABALHO DIFERENTE, MAS COMPLEMENTAR. NO CEDECA, SUA FUNÇÃO É DIRETAMENTE COM OS ADOLESCENTES E FAMILIARES E A LIGAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO FEBEM É MENOS INTENSA. SUA HISTÓRIA DE VIDA SE MISTURA À VONTADE DE MUDAR A SITUAÇÃO DOS ADOLESCENTES CARENTES. A EXPERIÊNCIA DE SEUS FILHOS, DE TÃO DOLOROSA, FOI INCENTIVO PARA CONTINUAR LUTANDO. CERTAMENTE FOI UM ENCONTRO QUE MARCOU A HISTÓRIA DESTA PESQUISA. PELA PRIMEIRA VEZ UMA MÃE EXPUNHA A DOR DO LUTO MATERNO.

“A mãe conhece o caminhar do filho, o andar do filho”

Meu nome é Miriam Duarte. Não é fácil contar a história da minha vida, mas vamos lá... Na minha infância, meu pai bebia muito. Lembro de coisas da infância até o meu pai parar de beber. Ele frequentou o AA durante uns trinta anos. Meu pai bebia, minha mãe trabalhava e eu ficava com minha avó e com minha tia Maria, a irmã mais velha da minha mãe. Só no final de semana, minha mãe pegava eu e meu irmão. Então, eu ficava mais com a minha avó e com a minha tia.

Tia Maria sempre foi muito brava, eu morria de medo dela, me tremia todinha de medo. A gente não podia brincar de nada, nem eu e nem os filhos dela. Ela tinha aquela coisa de “menina para cá e menino para lá”. E em casa só tinha eu de menina, os filhos dela e meu irmão eram todos homens... Então, eu só podia brincar de sábado e domingo. Mesmo assim, eu dava um jeitinho. Brincava em cima da cama dela, de boneca, ou na sala sentada sozinha. Ela fazia umas bonecas para mim de meia velha e eu ficava lá brincando. De panelinha velha também...

Quando no final de semana me juntava com minhas primas era bem mais divertido, mais gostoso. A gente brincava até de namorado... Tinha uma área de vidro na casa da minha avó, que a gente colocava a boca cada uma de um lado e ficava fingindo que estava beijando. Era engraçado! Afinal, na novela eles beijam assim. Lembro disso até hoje...

Quando minha mãe parou de trabalhar, eu estava com dez anos e foi aí que fiquei mais em casa. Minha mãe é mineira e meu pai

cearense. Eles se encontraram em São Paulo e também moravam aqui. Minha mãe já é falecida há 24 anos, mas meu pai é vivo. Eu estava de dieta do meu filho Michael quando aconteceu. Ela teve um problema de paralisia nos rins e não dava mais para fazer nem transplante, nem à hemodiálise ela ia resistir... Eles foram casados 19 anos e depois se separaram. Meu pai era muito mulherengo, minha mãe muito ciumenta, daí separaram. Depois disso, ficamos morando com a minha mãe... Meu pai tem uma casa na mesma rua onde moro hoje em dia, mas ele está morando em Mongaguá.

Minha adolescência foi mais marcante que a infância. Foi uma adolescência muito boa e tranquila. Minha mãe era aquele tipo tradicional, então os filhos não podiam ter amizades. Se a gente quisesse sair tinha que ser com os primos e primas. Mesmo que o bairro fosse violento, o que até hoje é verdade, eu não percebia essa violência no bairro. Talvez porque nessa época eu fosse muito para a região do ABC. Eu morava no Jardim Planalto, mesmo lugar onde moro até hoje, mas sempre ia para a casa da minha avó em Camilópolis, no ABC. Minhas outras primas também iam para lá e a gente ficava sempre junto. Os primos e primas só saíam se fossem juntos. Com o passar do tempo, cada uma foi arrumando seu namorado, casando.

Quando a gente teve nossos filhos, tentamos fazer com eles o mesmo que nossos pais sempre tinham passado para a gente. Tentamos criar eles com os primos e primas, sempre juntos... Mas, acabou não dando certo porque meus meninos iam para Camilópolis, mas os filhos das minhas primas não vinham para o nosso bairro porque era violento. Meus filhos não gostavam disso, achavam que os primos estavam desfazendo do lugar onde eles moravam. Por que eles tinham sempre que ir para lá? Acabaram ficando por aqui mesmo, não quiseram mais escolas no ABC, não quiseram mais nada lá.

Eu até explicava para eles que era por causa da violência do bairro. Sinceramente, até preferia que eles fossem para a casa dos primos em Camilópolis. Mas, eles acabaram se afastando e cada um começou a ter seu grupo de amizade. Mesmo escola, tentei colocá-los em Santo André, mas eles fizeram questão de retornar para a escola

do bairro. Aqui, foram pegando amizade, e nessa nova convivência meus três filhos acabaram se envolvendo e tudo aconteceu bem rápido...

Tive três filhos. O meu mais velho, o Jones, foi o primeiro que teve o envolvimento com a droga, quando tinha 14 anos. É complicado, mas a gente tenta nunca culpar o outro. Da mesma maneira que eu sofri com meus filhos, outras mães também sofreram com os delas. Mas isso a gente só aprende com o tempo. Só depois que você passa pelo sofrimento é que você percebe que a outra também tem esse mesmo sofrimento. Não adianta apontar essa mãe como errada, esse filho como errado, porque o sofrimento é igual. Você começa a nivelar as coisas na igualdade.

Antes disso tudo acontecer comigo, dos meus filhos entrarem no envolvimento, posso dizer que vivia alienada. Queria seguir o padrão que meus pais me trouxeram, mas por causa disso não percebi o desenvolvimento do mundo. Quando se é criada naquele esquema tradicional, naquela alienação toda, isso acaba passando para os filhos também. Mas meus filhos não aceitaram as coisas da forma como eu queria. Eles perceberam o que eu não tinha percebido na minha adolescência. Eu ia até Santo André, mas minhas primas não vinham até a minha casa. Já tinha aquela exclusão “seu bairro não presta, então você mora ali, o seu bairro não presta...”

Apesar de serem lugares próximos, Santo André fica perto do Jardim Planalto, tem muita diferença. Na verdade, tem uma ponte que separa os dois lugares. Essa ponte é impressionante! De um lado é a zona leste, você atravessou a ponte é o ABC, mas já muda. Até o ar muda. Não tem lixo, não tem bagunça, é até engraçado. De um lado é uma desorganização total, do outro é tudo organizadinho, bonitinho. A gente fala que é a pontinha de São Paulo, chega ali, acabou. E o pior é que é isso mesmo. Tem um riozinho que é só atravessar, está no ABC. Parece que é até mais claro, sabe... Nossa, muda tudo! Tudo é diferente!

Sempre vivi no Jardim Planalto. Nasci e fui criada aqui. A adolescência foram tempos muito bons, mas que me deixaram bem

alienada. Nós todos, porque teve prima minha que teve o mesmo problema com o filho de envolvimento com drogas. Mas, hoje vejo tudo de outra forma...

Com 14 anos o Jones conheceu as drogas e começou a se envolver. A partir daí, foi usuário de drogas, e aos 17 anos, foi assassinado pela polícia, no ABC. Eu percebi logo o envolvimento dele com as drogas... Acho que era porque a gente tinha muita cumplicidade, de conversar mesmo, abertamente. A mãe conhece o caminhar do filho, o olhar do filho. Quando tem alguma mudança, por mínima que seja, a mãe percebe.

A primeira mudança que percebi no Jones foi o modo de abrir e fechar o portão. Percebi que o menino que estava entrando em casa não era o mesmo que tinha saído... No começo, bem no início, foi a maconha. Mas, eu vivia no mundo alienada. Não conhecia nada, nenhum um grupo de apoio, autoajuda, não sabia nada disso, ficava toda perdida! Então o que eu pensava: “Ah, vou orar bastante”, que eu sou budista. “Vou orar para ter sabedoria, para saber o que tenho que fazer.” Não sabia onde ir, quem procurar, não sabia de casa de recuperação nem nada. Vivia completamente alienada quando a droga surgiu na minha vida. Pensava: “O que eu faço com isso? Onde eu levo para tratar? Como cuidar?” Fiquei desesperada porque não sabia de nada! Quando descobri onde poderia procurar ajuda, o Jones já estava com 16 anos. Foram dois anos buscando ajuda. Foi aí que eu vim conhecer o CEDECA, onde hoje eu trabalho. Comecei a trabalhar em 2005, mas fui acompanhada com meus filhos pelo CEDECA desde 1998.

Quando o Jones foi morto ele tinha só 17 anos... As coisas aconteceram assim: depois de muitas buscas, consegui uma casa de recuperação. Ao todo foram quatro e a única que deu mais ou menos certo foi a última, em São Caetano, no Cláudio Amâncio. Lá, ele ficou cinco meses, até que fugiu desse tratamento. Mesmo fugindo, posso dizer que ele mudou com o tratamento. Ele não usava mais cocaína, a maneira de falar e de se vestir era totalmente diferente. Ele amadureceu. Mas, depois de um tempo, começou a sair de novo.

Afinal, ele ficou cinco meses fechado no tratamento e quando conseguiu fugir, queria ser livre de novo. E começou a sair, foi saindo, foi saindo...

Até que me falaram, porque eu mesma não vi, que um policial pegou ele e mais dois meninos, e como reconhecia ele de atos infracionais que já tinha cometido, pediu dinheiro para ele, só que ele não tinha. Mesmo assim, o policial deu o horário e o dia para ele entregar o dinheiro, senão ia jogar algum BO para cima dele. Por causa disso, ele foi atrás desse dinheiro, e nisso, em Santo André, ele assaltou um homem que era policial aposentado, que estava à paisana...

O policial sacou a arma e deu um tiro na nuca dele. Ele morreu na hora. Os policiais já o conheciam por causa dos atos infracionais. Foram muitas idas na delegacia! A maioria das vezes por causa de roubo de carro e de moto... No bairro onde moro é assim: os mais “maduros” pedem o que querem: tal carro, tal moto e os moleques vão mesmo buscar. Eles fazem isso porque às vezes querem algumas coisas que os pais não têm condições de dar. Eles não sabem, não conseguem esperar. Além disso, também tem o desejo da droga, poder ter a droga, poder usar... Aí é que eles fazem o que mandarem mesmo. Muitas vezes, são motivados por coisas materiais: roupa de grife muito forte, muito cara, tênis muito caro, essas coisas. Até o que comer mesmo, em restaurante mais caro eles procuram. E não são só traficantes, envolve bem mais coisa, até a polícia mesmo! Quando eu precisava ir na delegacia, muitas vezes a polícia vinha avisar em casa:

— Ó, prenderam teu filho, estamos levando para tal DP.

Muitas vezes, eu chegava na delegacia bem depois que a polícia tinha avisado e eles ainda não tinham chegado porque ficavam circulando no bairro com o meu filho, batendo muito mesmo nele! O menino chegava na delegacia todo quebrado, todo estourado. Eles falavam que ele tinha se machucado porque tinha tentado fugir. E não era, era *couro* mesmo! Porque eles batiam, espancavam mesmo! Enquanto isso, eu ficava lá esperando. Em muitas situações chorei muito porque por mais que seu filho erre, você não aceita que outro

o machuque. Por mais que você veja que ele está errado, você não permite esse tipo de coisa. Porque você que é mãe não consegue machucar os seus filhos e fica muito doído quando você vê ele machucado por outro. Eu acredito que o falar, o rezar, o pedir a Deus, vai trazer o conserto. A mãe sempre tem essa esperança, porque a esperança da mãe é a última que morre. Mas, a minha esperança tiraram... Vieram e tiraram do jeito que quiseram...

O Jones foi para Febem em 1998 porque cometeu um ato infracional, roubou um rapaz que dirigia um caminhão de Coca-Cola. Ele fez isso para fazer uso mesmo da droga. Às vezes, ele ficava devendo até para o próprio tráfico. Nessa época, ele já usava cocaína. Depois de quatro meses internado na unidade do Tatuapé, mais ou menos em 2000, ele fugiu durante uma rebelião e veio para casa. Eu, que não tinha experiência de nada pensei: “E agora, estou com um fugitivo dentro de casa. Vou levar de volta”. Conversei com ele, falei:

— Você vai ter que voltar. Eu vou lá no fórum, converso com os promotores, com o juiz, peço para você voltar para a unidade que você fugiu. Você não vai passar pela UAI.

UAI é Unidade de Atendimento Inicial. Naquele tempo tinha a UAI e a UAP, que hoje é UIP. A UAP, que era Unidade de Atendimento Provisório, era na Imigrantes. Ele falava:

— Mãe, pelo amor de Deus, se eu voltar eu não quero passar pela Imigrantes, porque lá é muito ruim! Se a mãe conseguir me levar até a unidade de internação onde eu *tava*, eu até volto. Mas, pela Imigrantes eu não vou passar! Eu prefiro morrer do que passar pela Imigrantes.

Na unidade Imigrantes torturavam demais os meninos! Então, fui pedir orientação para os advogados do CEDECA. Foi até para a Valdênia, que falou:

— Olha, o problema dele é drogadição, não é internação na Febem. Ele precisa fazer um tratamento de drogadição, então a gente vai procurar um local para ele ficar, para fazer um tratamento e ver a melhoria dele. Aí a gente faz um relatório para pedir para o juiz a liberdade assistida.

Eu concordei e a gente tentou quatro casas de recuperação. Uma foi em São Lourenço da Serra, mas não deu certo, ele ficou só 10 dias; outras foram na “Gata Preta” e uma em Camilópolis. Nenhuma deu certo. Ele falava que não dava certo porque as casas eram evangélicas, tinha que cavar muito buraco e ler muito a bíblia... Ele fazia até piada, contando que tinha que comer versículo atrás de versículo. Falava:

— Mãe, de manhã é um versículo, depois outro versículo, depois outro e aí cavar buraco para fazer plantação.

Na última, em São Caetano, ele ficou cinco meses. Em São Caetano não foi assim, a ideia era trabalhar com ele mesmo, ele mesmo se ajudar, foi o “amor exigente”, então ele conseguiu aprender algumas coisas. Mesmo depois de tudo isso a gente continuava tendo diálogo. E como continuávamos! Penso que o que eu aprendi a ter eu aprendi a dar, que era beijar, abraçar... Eu e meu filho a gente beijava de selinho, se abraçava, deitava um pertinho do outro. Até mesmo quando ele tinha muito desejo por causa da drogadição, ele falava:

— Mãe, deita perto de mim e não deixa eu sair!

Então eu deitava de um lado, meu irmão do outro e ele ficava no meio. Ele falava:

— Por mais que eu queira sair, não deixa!

A gente abraçava ele e não o deixava sair. A gente tinha essa cumplicidade de conversar, que nunca mudou. Quando comecei a frequentar reuniões sobre drogadição, de autoajuda, eu achava que meu filho não usava droga, porque ouvia as mães contarem que os filhos delas roubavam televisão em casa, eram agressivos, falavam palavrão e meu filho não fazia nada disso. Por isso eu repito: “o que eu aprendi a ter, eu aprendi a dar!”. Acho que por isso meus filhos não tinham essas coisas. Teve uma técnica da Febem, que uma vez me falou assim:

— Seu filho só não virou coisa pior porque você aprendeu a dar amor para ele, porque senão ele teria virado coisa pior. Ele só não virou um marginal ruim mesmo porque o que você deu para ele foi muito amor, então isso ele ainda tem para distribuir um pouco.

Nunca esqueço a fala dessa técnica. Quando penso no que levou meus filhos a se envolverem, tenho a plena certeza de que foi muita proteção e muita proteção estraga. Eu tinha mania de proteger demais... Não ensinei a falar “não” para muitas coisas...

O Jones ficou quatro meses na Febem, na unidade do Tatuapé e depois fugiu numa rebelião. Ele disse que lá estava muito ruim. No mesmo dia, eu tinha passado a noite no portão da unidade, porque tinha dado na televisão e eu fui correndo para lá. Foi onde eu conheci a dona Conceição... O filho dela não estava mais lá, mas ela estava lá no portão. O CEDECA também estava lá ajudando as mães, as famílias, para dar notícias. Como naquela época a dona Conceição ainda estava começando a associação de mães e não era tão conhecida, ela ficou do lado de fora. Já o CEDECA estava do lado de dentro da unidade e a Valdênia ainda falou para mim:

— Olha, eu vi teu filho. Pode ficar despreocupada que eu vi o Jones.

Ela tinha visto mesmo porque ele me contou, mas ele disse que depois que ela e o padre foram embora, ele não ia ficar lá para apanhar. Ele contava que dentro da unidade acontecia muita tortura, muita cachorrada... Ele falava assim:

— Mãe, eu não apanho, mas os meninos que estão à minha volta apanham demais e é muito ruim ver os meninos apanhando e não poder fazer nada. Eu não sei se é pior levar um soco pra doer ou ver o outro apanhando, sofrendo.

Nessa época, ele já não ia mais para a escola. Já no início da drogadição, a primeira coisa que ele abandonou foi a escola. Eu fui descobrindo só aos poucos, porque eu colocava ele no portão da escola todos os dias e via ele entrar. Na hora de sair, eu pegava ele no mesmo portão e ele estava lá. Mas, mesmo depois que o portão é fechado, sempre fica uma porta aberta e os alunos sabem muito bem qual é e saem por ali.

Quando descobri que isso estava acontecendo, o Jones já tinha muitas faltas. Mas, a escola não comunica a família, o que me revolta! Como eu colocava ele na escola todo dia, para mim ele estava

indo todo dia; do mesmo jeito eu pegava ele todo dia, então não tinha como desconfiar que ele não estava lá. Quando a escola veio me comunicar, meu filho já estava praticamente desistente. Eles não têm essa preocupação de avisar a família quando percebem que o aluno está faltando, estourando de falta, para saber por que isso está acontecendo. A escola da periferia não tem o olhar voltado para o que tem ao seu redor. Para ela, o aluno tem que estar ali, se aprendeu ou não, para eles tanto faz. Eles acham que já estão fazendo o papel deles... Afinal, já estão concursados mesmo, estão ganhando o deles, que se dane o resto. Fora isso, vem tudo pronto para os alunos. O aluno só decora, não tem direito de pensar! Fiquei muito magoada com a situação da escola. Foi uma coisa que me machucou muito mesmo! O fato de não terem me comunicado antes a falta do meu filho.

Quando fiquei sabendo, fazia quase um mês que o Jones não ia para a escola. Ele era muito esperto! No começo, o caderno ainda tinha data e ele sempre copiava alguma coisa para ir colocando, em todas as matérias. Só quando ele começou a fazer um uso mais forte da droga é que começou a pular folha e eu comecei a perceber. Falei:

— Jones, você não está indo para a escola? Eu te coloco lá todo dia, você não está indo?

Ele respondia que estava indo, mas o professor tinha faltado. Então, fui na escola saber e a situação já estava nesse estado. E isso porque eu procurei a escola! Enquanto isso, meu filho ficava em favelas bem próximas da escola e da minha casa...

Com o Jones, tudo tinha horário. Era impressionante! Ele tinha um respeito com horário danado. Na primeira semana foi assim: normalmente, ele chegava em casa 11h08, 11h06 da noite, porque a escola era próxima. Depois de uns dias, ele começou a chegar 11h15 e eu falei:

— Jones, você chegou 11h15, assim são sete minutos de atraso! O que aconteceu?

Fiz isso porque ele mesmo passava esse respeito com o horário. Ele respondeu:

— Ah, mãe, eu *tava* conversando com um colega. A gente veio descendo o morro conversando, mas aí ele foi para a casa dele e eu vim para cá.

Até aí tudo bem, eu pensava: “também não vou ficar cobrando tanto que eu vou matar o menino sufocado. Conversar com o colega sete minutos não é o fim do mundo”. Mas, no outro dia ele chegou 11h25! Aí, eu pensei: “17 minutos, daqui até ali, o colega mais 10 minutos”...

— Jones, olha, 17 minutos hoje. Toma cuidado. Fica muito tarde. Você sabe como o bairro é!

— Ah, mãe, eu *tava* conversando com uma menina.

Perguntei de novo para ele e nisso percebi o jeito como ele abriu o portão. Sabe quando dá um eco no teu ouvido? Eu senti isso dentro de mim. Não era o mesmo menino que estava voltando... Depois, já percebi o olho vermelho e perguntei se ele tinha bebido porque até aí eu não sabia que era reação da droga... Ele estava mais sorridente... Ele ria normalmente, mas era um sorriso assim meio mole, parecido com o de quem bebe. Mas eu não senti cheiro nenhum e não sabia o que era. Conversei com meu irmão que mora no mesmo quintal:

— Olha, o Jones chegou tantos minutos depois do horário, eu senti a maneira dele abrir o portão diferente dos outros dias e ele chegou assim com o olhar mole, rindo demais.

— É droga. Vamos ver amanhã.

Mas, no dia seguinte, ele não voltou, simplesmente sumiu... Fiquei que nem louca por três dias procurando o Jones pra cima e pra baixo. Foi quando ele já estava na favela. Ele tinha só 14 anos e já estava usando cocaína. Ele só usou maconha e cocaína. Nem beber álcool ele bebia. Sei disso porque depois ele foi se abrindo, me contava as coisas e eu falava:

— Mas, Jones tenta parar, né...

Porque com ele não tinha outro argumento. Eu não tinha condições para pagar nada. Não existe nenhum acompanhamento psicológico de graça e para pagar um não tinha condições. As coisas

que a gente podia pagar, a gente pagava. Falavam para mim da tal acupuntura, eu logo ia atrás para ver. Uma vez, minha vizinha descobriu um endereço em Santana, fui lá e levei ele, porque até aí eu tinha condições de pagar. Chegando lá, furou toda a orelha, a médica até pediu para ele ficar mais em casa, para não usar de jeito nenhum, mas para ele não valeu de nada. Porque eu acho que ele até podia furar a orelha, mas tinha que ter um outro tipo de acompanhamento também. Mas, eu não tinha a mínima ideia de como lidar com a situação. Então, achei que furar a orelha ia resolver todos os problemas.

Também cheguei a levar ele para o “Coronel Ferrarini”, que é um trabalho da polícia militar. Quer dizer, tudo o que eu tinha condições de levar que era gratuito, ou que eu tinha como pagar eu levava. E ele ia numa boa em todos! Em reunião de AA ele reclamava um pouco porque falava de álcool, não falava de droga. Ele falava que era ruim, só tinha gente velha e ele não tinha nada a ver com os bêbados. Ainda fazia piada... Mas nenhuma alternativa que eu busquei ajudou de verdade.

Meus três filhos acabaram se envolveram com atos infracionais. O Jones e o do meio foi mais com droga, agora o caçula... O do meio chama Michael. Ele era muito apegado com o Jones. Nossa! Eles estavam no início da adolescência, tinham dois anos de diferença um do outro. Na época, o Michael estava com 12 e o Jones já ia para 15. Quando o Jones começou a sumir, o Michael foi tendo uma revolta dentro dele. Ele falava:

— Ah, quando eu crescer mãe, eu vou ser a polícia da Rota, porque aí eu vou pegar todas essas pessoas ruins que estão fazendo mal para o Jones e aí vou prender todo mundo!

O Miguel, o caçula, já era mais tranqüilão. A gente dizia que ele era o mais enjoado, não achava certo o que acontecia e dizia que quem entrava nisso era porque queria. Ele discriminava bastante. Já o Michael era diferente, ele era muito apegado com o Jones. Tanto é que com o passar do tempo, quando o Jones foi para a Febem, o Michael queria ficar com ele e cometeu um ato infracional para

ficar junto com o irmão. E acabou mesmo ficando junto com ele durante três meses.

Quando o Jones foi transferido para a Febem do Tatuapé, o Michael continuou na Imigrantes. Por causa disso, ele adoeceu dentro da Imigrantes. Ele queria estar a todo o momento perto do irmão. Quando o irmão fugiu, ele tinha acabado de ser transferido para o Tatuapé, o que deixou ele muito triste!

Para ir parar na Febem, o Michael andou num carro que já tinha sido roubado. Ele andou de carona, porque não sabia dirigir na época... Mas, ele sabia que o carro era roubado. Ele confirmou tudo para o juiz, que perguntou:

— Você sabia que o carro era roubado?

— Sim.

— Você sabia que era errado?

— Eu sabia.

— Você sabia que você ia vir para a Febem?

— Eu sabia.

Ele queria de qualquer forma ficar perto do irmão. E esses três meses que ficaram juntos foi a última vez, porque o Michael continuou na Febem quando o Jones fugiu. Quando fazia mais ou menos oito meses que o Jones tinha fugido, ele faleceu... O Michael chegou a sair da unidade para o velório do irmão, mas não viu mais o irmão vivo...

No velório do Jones o Michael sofreu demais! Ele abria os olhos do irmão como quem não acreditava que ele estivesse morto. Ele abraçava o irmão desesperadamente, gritando muito! Depois, um pouco mais calmo, ficou só observando... Cada tijolinho que colocavam era uma lágrima... Ele ficou olhando até o último tijolinho e falou:

— Mãe, só faltam dois, para nunca mais!

Mas eu tinha que ser forte. Fiquei segurando a barra para todo mundo: para o Michael, para o Miguel, para o meu marido, para o meu irmão...

O Michael estava internado e só saiu para o velório do irmão, depois voltou para a Febem. Eu me arrependi de ter deixado ele voltar,

devia ter deixado ele fugir porque esse menino sofreu tanto dentro da Febem! Aqueles técnicos não tiveram a compreensão. Ninguém teve a compreensão de fazer um trabalho com ele, dar um respaldo pensando que ele tinha perdido um irmão, e eles poderiam fazer um trabalho diferenciado. Deviam pensar: “esse menino está com uma dor de perda, o tempo que ele viu o irmão foi outro, agora ele está vendo o irmão morto, acabou de chegar de um velório, não vai voltar para casa”. Todas essas coisas foram tiradas dele brutalmente.

Ao invés de um trabalho diferenciado, o que faziam? Batiam, espancavam. Esse era o respaldo que eles davam: batiam no meu filho, colocavam ele nas trancas, aqueles quatinhos em que colocam o adolescente de castigo para refletir. É o quarto de reflexão, como eles falam. É mais como se fosse uma solitária.

Ele saiu em março para ver o irmão, voltou para a Febem e ficou até agosto, foi quando ele saiu de LA [liberdade assistida]. Mas, saiu completamente revoltado, porque aquela angústia dele não foi trabalhada, então ele saiu com ódio de tudo e de todos. Era tanto ódio que depois de seis meses ele voltou para a Febem. Começou a andar com todo mundo e eu perdi totalmente o controle, porque a Febem também cumpre esse papel de distanciar o filho da mãe. O filho acaba pensando: “Então, já que eu pude dormir na Febem, eu posso dormir fora de casa”. A Febem vai fazendo esse desligamento. Eles conseguem distanciar da família, desse mundo, de tudo. O sistema prisional faz isso, ele consegue fazer!

Desta vez, ele roubou um carro e acabou voltando para a Febem. Aí sofreu mais ainda porque já era reincidente, acabou ficando mais tempo. A Imigrantes já tinha caído, então ele ficou em Franco da Rocha, que hoje é penitenciária. Na Imigrantes tinha provisória em cima, que eram as UAPs, e tinha umas unidades educacionais embaixo, que eram as casinhas. Era a mesma coisa que ver campo de concentração, eu chegava até a passar mal. O cheiro era horrível, tudo era horrível! Você sentia a tortura pelo cheiro.

E dessa segunda vez, o Michael ficou sete meses, isso porque consegui a liberação do juiz para tirar ele de lá e transferir para a

instituição do Cláudio Amâncio. A instituição Cláudio Amâncio é uma casa de recuperação, de tratamento de drogadição que usa o “amor exigente”. Foi onde o Jones ficou mais tempo. Eu conversei no CEDECA e perguntei se caso eu conseguisse levar o Michael transferido para lá, eles pagavam a internação. A Valdênia falou que sim e então eu fui, conversei no fórum com os promotores, falei da situação da drogadição e eles permitiram. Mas também só ficou três meses na casa de recuperação e fugiu. Isso porque acostumando no fechado, chega uma hora que mesmo que você leve eles para se tratarem, eles não querem ficar, porque falam que é tudo igual, é tudo a mesma prisão. Ele costumava falar:

— Ai, mãe, não. Já *tava* preso, vou ficar mais preso. Não, não quero mais, não aguento mais.

Com o Michael o problema com drogas também foi maconha e cocaína, mas ele era mais tranquilo que o Jones. O Jones usava cocaína constantemente, já o Michael era bem mais tranquilo. Isso em termos, porque quando se trata de droga nada é tranquilo, mas em vista do irmão que usava dia e noite, definhou muito, foi se acabando muito, ele conseguia se segurar mais.

Agora o Miguel era mais maconha e ainda assim quando queria, porque o que aconteceu com o Miguel foi diferente, difícil até de explicar. Até hoje não consigo explicar porque o Miguel entrou no crime. Dos meus três filhos, ele era o que mais falava:

— O Jones vai dormir em qualquer lugar, né? Não vê a cama, não vê nada disso.

E foi o que teve mais passagem na Febem... O Miguel faleceu também, em 2003, quando tinha 17 anos... Fazia só três anos que o Jones tinha morrido. Mataram meu caçula na rua de baixo de onde eu moro, pelas costas. Até eu sei quem foi, cheguei a fazer a denúncia para a polícia. O caso ainda está aberto, estão investigando, fazendo alguma coisa. O pior foi o motivo: uma moto velha. O Miguel pegou essa moto de outro menino, que era colega dele, para dar uma volta. Ele andou até as 3h, mas o dono da moto não gostou e simplesmente matou ele porque ele ficou três horas com uma moto.

Nesse dia, ele estava em casa, de liberdade assistida. Quando o Miguel começou a se envolver com o crime, ele tinha 14 anos e foi apreendido pela primeira vez quando estava com 15. O curioso é que, diferente dos irmãos, o problema dele não era a drogadição, mas a criminalidade. Não consigo explicar como isso aconteceu...

Dos meus filhos, o Miguel era o que mais estudava, tem ensino médio, fazia curso, era o mais dedicado, o mais enjoado, o mais medido, o mais limpinho, o mais assim... Tudo dele era diferente! Não sei se é porque ele viu um irmão morrer, o outro ir preso... Acho que ele pensou: “Acho que meu caminho é esse também”. Fiquei tão envolvida com o Jones que acho que não consegui perceber que o Michael e o Miguel estavam indo para o mesmo caminho. Quando fui ter a noção já era tarde demais...

Hoje o Michael tem 24 anos. Ele estava bem até esses dias, numa casa de recuperação. A situação dele era bem complicada, tinha passado pelo sistema prisional, era fugitivo. Depois de muito conversar com ele, falei:

— Olha, você tem que fazer seu tratamento primeiro, depois a mãe vai atrás de um laudo para ver se consegue a sua liberdade, mas primeiramente você precisa se tratar para eu poder te ajudar.

Isso fez um mês que ele estava internado na casa de recuperação quando fugiu. No dia seguinte, foi preso no portão de casa. No caso dele, era só droga mesmo, mas ele acabou sendo preso pelo roubo de um carro. Mesmo o pai dando o carro para ele andar, já para ele não mexer no de ninguém. Bem, na semana que o carro ficou quebrado, ele mexeu em outro...

Ele era muito apegado com o Jones. Muito mesmo! E depois ficou assim com o Miguel. O momento em que se desgrudaram foi a hora da morte do Miguel. Tomavam banho no mesmo horário, almoçavam juntos, tomavam café juntos, tudo deles era junto. Naquele dia, eles estavam sentados na calçada. O Michael estava com fome e falou para o Miguel que ia entrar para comer. O Miguel, então, disse que ia dar mais uma volta de moto. O Michael comeu, voltou para onde eles estavam, sentou na calçada e ficou esperando

o irmão. Mas, o irmão não apareceu. Ainda olhei da janela da sala, brinquei com ele:

— *Eita*, Michael, o Miguel te deixou aí, hein... Você vai esperar até amanhã, agora.

Ele sumiu. Ele disse que ia atrás do irmão e nisso os vizinhos da rua de baixo já vinham falando que o Miguel estava baleado. Na hora, achei que não era verdade, porque uma pessoa falou assim:

— Míriam, ele morreu, porque o tanto que foi de tiro, morreu. E outra falava assim:

— Não aconteceu nada, socorreram.

Quando ligaram para mim do hospital, ele já estava morto. O Michael ficava com medo de me contar e falava:

— Mãe, os médicos estão fazendo de tudo, viu?

Eu pedia para me ligar qualquer coisa que acontecesse. Nisso, meu vizinho ligou e eu não atendi, quem atendeu foi uma das minhas vizinhas que estava dentro da minha casa. Passaram para elas o que tinha acontecido, e uma falou o que eu nunca queria ter ouvido:

— O Michael não queria te falar, mas ele já morreu.

Para mim foi muito difícil... É difícil até encontrar palavras... É uma dor muito profunda! Não consigo conter as lágrimas quando lembro... Tudo aconteceu bem no momento que eu estava superando os três anos de morte do Jones. Na hora que eu superei uma dor, veio outra. Muito difícil! Eu choro quando lembro, não tem como... Todos os dias é difícil! E o que mais dói é que o Michael estava na liberdade assistida.

A gente cansa de ver famílias carentes precisando de ajuda, os filhos precisando de tratamento, mas isso não existe! Fico muito revoltada com isso! Nada é de graça, é tudo mentira! E quando você percebe que perdeu seus filhos por causa de uma mentira, por acreditar numa ajuda que não existe, não tem como... Bate uma agonia muito grande! Falam que existe rede para atendimento disso e daquilo, mas é tudo mentira. Eu mesma perdi meus filhos de bobeira...

Perdi meus filhos porque vivia num mundo alienada. Por causa de uma escola que só decora, não deixa pensar nem aprender. Fui

criada na ditadura, vivi num mundo todo alienado e meus filhos também. É como o Michael fala:

— Mãe, eu sou contra a opressão. Eu tenho amizade? Eu tenho muita amizade, com tudo quanto é pessoa, do crime organizado e tudo. Eu sou contra o crime organizado. É escravidão. O tráfico é escravidão. Viver dessa forma é escravidão.

Ele me escreveu uma carta que eu sempre gosto de mostrar que dizia assim: “Agora é hora pra tudo, porque eu *tava* sem os meus documentos, *tava* fugitivo. *Tava* cheio também de ser fugitivo, mãe”. Fazia oito meses que ele era fugitivo e ele mesmo falou que estava cheio dessa vida. “Agora é a hora! Eu só vou ficar um ano do castigo e seis meses que eu *tava* devendo pra justiça. Só um ano eu vou ficar. Mas, quando eu sair eu vou poder ter meus documentos”.

Ele ainda falou que vai terminar os estudos e vai mudar muita coisa:

— Ó, mãe, eu vou me dedicar que nem a senhora. A senhora é um espelho para mim. Eu vou me dedicar que nem a senhora, eu vou estudar para ter conhecimento, argumento para mudar algumas coisas.

Acho isso muito bacana! Sempre tive vontade de estudar, de fazer uma faculdade, mas não tinha condições, então esperei. Além disso, tinha meus filhos, tinha que dedicar a vida para eles. Depois que eles se envolveram com drogas e com o crime, tive que me dedicar ainda mais, afinal eram meus filhos. Então, tinha que lutar mais ainda por eles, porque esperança de mãe nunca morre. Mesmo que te arranquem um filho, se sobra mais um, sua esperança é nesse. Eu falo assim para o Michael:

— Ó, seus irmãos partiram desse mundo, mas não partiram do nosso coração. Eles estão vivos nas lembranças boas.

Não consigo lembrar dos meus filhos presos na Febem. Lembro deles brincando comigo na cama, me empurrando, me beijando, me fazendo cócegas, comendo junto comigo... A gente brincava mesmo! Estávamos sempre juntos. Por mais pobre que a gente fosse simples, a gente era feliz. Até os próprios funcionários da Febem falavam:

— Nunca vi muita sofrimento e vocês sempre sorrindo, vocês todos.

A gente sempre estava sorrindo, sempre feliz. Por mais que estivesse sofrendo, a gente estava feliz. Eles podem ter partido desse mundo, mas do meu coração eles nunca vão partir. Eu sempre falo para o Michael:

— Seus irmãos partiram, mas você vai cumprir o desejo de cada um. Cada um tinha um desejo e você sabe qual é, porque vocês conversavam muito.

Eu também sei dos desejos deles. O Miguel, por exemplo, tinha vontade de fazer Psicologia ou Direito. Ele era o mais estudioso deles. O Jones não. O Jones era daqueles que pensavam que bastava ter um emprego que estava bom. Já era mais preguiçoso para estudar. E o Michael tem vontade de fazer Física, Matemática, mais as exatas. Mas, até Psicologia ele tem vontade de fazer. Esses dias falei assim para ele:

— Ah, eu esperei tanto e estou aqui estudando, você também vai. Michael, eu não vejo meus estudos acabarem em 2010. Eu vejo meus estudos acabarem em 2018, que é o tempo que eu tenho pra fazer tudo que eu quero.

Agora estou fazendo faculdade. Sempre tive vontade, mas não tinha condições. Mesmo quando vim trabalhar no CEDECA, que já pagava um pouquinho melhor que a AMAR, ainda assim eu tinha que fazer outras coisas em casa que também tinha vontade. Aos poucos, fui descobrindo meus desejos. O luto fica aqui dentro de mim, mas eu tinha que voltar a viver.

Então eu e meu marido começamos a reformar a casa. A gente tinha vontade de reformar a casa, que era velha, porque até então tudo era para os filhos. A gente ia esquecendo daquilo que gostava. Aí, reformei a casa, depois comprei algumas coisas novas que eu queria como a geladeira, porque a que eu tinha era bem antiga, desde o tempo que eu casei, 27 anos atrás. Bastante tempo, mas ela continua lá porque fiquei com dó de desfazer dela, coitada. Fora que as coisas antigas duram muito mais! Mas, minha geladeira não tinha

freezer, então eu não podia comprar as coisas em promoção para guardar. Por isso, comprei a geladeira nova. Também consegui trocar o fogão e outras coisinhas básicas... Fui comprar um liquidificador, porque o meu tinha quebrado, um DVD. E também fui trocando as coisas, cortina, tapete, fui enfeitando a casa para dar mais vida.

Depois que a gente arrumou toda a casa, pensei: “Agora está na hora! Já pagamos o pedreiro, já pagamos toda nossa dívida. Agora está na hora, vou entrar numa faculdade”. E calhou do emprego também pedir. Quem não fosse iniciar a faculdade, estaria fora. Eu já estava com vontade mesmo, aí rapidinho prestei o vestibular e passei... Mas fiquei com um medo danado! Também, já fazia trinta anos que eu tinha terminado os estudos! Dá medo mesmo! Mas, consegui passar e comecei a fazer. Primeiro, tinha prestado vestibular para fazer História, porque adoro História! Sempre fui curiosa para saber a história do Brasil, como tudo começou! Parece que é uma busca de onde falhou e o que foi bom também em outras épocas, o que deu certo, que pode ser retomado. Só que como pouca gente se inscreveu, não formou turma. Foi uma pena!

Eu nem tinha colocado outra opção. Depois, chegou a cartinha da faculdade falando que não tinha formado turma. Eu me senti uma adolescente naquela hora. Parece que voltei ao passado. Fiquei tão triste, tão triste! E não tinha tentado outras faculdades, só tinha me planejado para essa, que era mais perto de casa, ia dar facilidade em outras coisas, ia ter mais tempo. Então, tinha que ser essa! Mas, já estava muito em cima, então liguei para a faculdade perguntando já que não tinha formado turma, o que eu deveria fazer. A moça que me atendeu falou para eu escolher outro curso. Mas, como não tenho computador em casa, no outro dia cheguei aqui no serviço e as meninas me ajudaram.

Pensei em fazer Biologia, mas tem Química e Física. “Não, pelo amor de Deus! Esse eu não posso, senão eu vou ficar doida!” Fui pensando até que decidi fazer Letras. Liguei para a faculdade, mas eles disseram que também não tinha formado turma. Fiquei inconformada! O que formava turma nessa faculdade? Então a moça sugeriu

Pedagogia. Era o único curso que eu não queria fazer de jeito nenhum! Disse que ia pensar e ligava no outro dia. Conversei com minha coordenadora e falei que só tinha Pedagogia. Ela falou:

— Ó, é o mais tranquilo para você que está há tempo sem estudar. Vai fazendo Pedagogia que é mais tranquilo e depois você faz História da Educação, vai fazendo...

Acabei concordando e não é que comecei a gostar! Comecei o curso no meio do ano passado, já fui para o terceiro semestre na UniABC. Não é considerada muito boa, mas é perto da minha casa. Além disso, o que importa também é o nosso esforço. Você pode estar na melhor faculdade do mundo e se você não tem esforço, não consegue ir para a frente... Você pode estar em uma faculdade que não é considerada tão boa e, pelo seu esforço, ter uma formação muito boa!

A verdade é que comecei a gostar de Pedagogia. Não sei se foi porque também sou apaixonada por Psicologia, História, Sociologia, e no primeiro semestre teve tudo isso, História da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação e Filosofia da Educação. Essas, nossa! Sou apaixonada! Agora, Português odeio, não tem jeito. Ainda bem que não entrei em Letras. Aprendi a gostar também por causa da necessidade. Esse semestre teve Metodologia, senti um pouco de dificuldade, mas depois consegui. Pedi ajuda para as meninas do trabalho e elas me ajudaram. Não fiquei de exame em nenhuma até agora! E costumo dizer que só termino em 2018. Fico fazendo planos que depois que eu terminar a faculdade tem a pós, tem o Mestrado, tem o Doutorado. Eu penso a longo prazo, 2018, daqui a dez anos. Se vou estar viva ou não, não sei, mas meu objetivo é esse e vou alcançar!

Agora, o meu marido, *só por Deus!* Ele é assim: o que é errado é errado. Se a pessoa fez alguma coisa errada tem que ir preso, tem que morrer — mas isso era com o filho dos outros. Quando aconteceu com o dele realmente, ele perdeu o chão! Toda saúde que ele tinha acabou! Hoje ele tem pressão alta, problema de arritmia, tudo isso. É aposentado, mas continua trabalhando como motorista de ônibus, graças a Deus! Mas, não adianta, ele não aceita. Ele fala:

— Imagina, eu sempre dei bom exemplo, sempre fui trabalhador, nunca deixei faltar nada para eles em casa; deixei de ter minhas coisas para dar pra eles. Sempre fiquei em cima deles e eles me apunhalaram pelas costas.

Às vezes, ele fica revoltado, ainda mais em época de aniversário. No mês de junho, que tem aniversário do Jones e do Miguel, é sempre mais difícil. Épocas assim são as que mais mexem com ele. Junho é um mês que ele fica irritadíssimo porque é o mês do nascimento dos meninos. Ele não se conforma até hoje! Enquanto o Michael estava em casa, ele ainda estava um pouquinho alegre. Agora, com o Michael preso...

Uma vez ele bateu no Jones. O Jones estava usando droga, ele perdeu a paciência e deu um couro no menino! Foi o primeiro e o último. Ele se arrependeu muito! Mas, eu mesma falei para o Jones:

— Seu pai fez isso porque ele não estava aguentando mais. Ele não tem a paciência que eu tenho. Ele não estava aguentando mais.

Mas isso nem chega perto de violência... Meu marido é mole até demais. Eu que tomava mais atitude, tinha mais iniciativa. Eu falava:

— Olha, vou levar no Ferrarini, vamos? Olha, eu vou fazer isso, vamos?

Ele me acompanhava em tudo. Sempre fizemos tudo junto. Mas, eu tinha que dar o primeiro passo... Ele sempre foi assim. O menino saía da Febem, eu falava para ele:

— Quando ele chegar dá uma dura. Com energia, com pulso forte, porque senão o meu vai ficar mole!

Ele chegava e falava:

— Olha, meu filho, não rouba não, não mexe em nada de ninguém. O pai trabalha, vai dando as coisas pra você até quando Deus quiser!

Eu ficava puta com essa reação dele, não aceitava! Eu acho que a reação dele tinha que ser mais dura! Ele devia falar: “Olha aqui, não quero mais você fazendo isso, senão eu vou descer o porrete! Vocês vão ficar trancados dentro de casa!” Eu mesma não falava,

mas queria que ele falasse. Muito engraçada eu, né... Pensava assim porque aí eu seguia o embalo dele. Eu era mais enérgica, cobrava mais. Não sei se era a religião, porque ele era crente, tudo tem que orar, orar, orar. Tudo Deus vai salvar. Talvez por isso ele fosse assim.

Sou budista há vinte anos. Os meninos tinham prática comigo até os 13 anos. Era uma beleza! Depois que eles pararam acho que o carma se manifestou. Tem que rir para não chorar nessas horas. Na época que o Jones morreu, eu estava muito forte porque tinha aprendido muitas coisas novas e oração espiritual. Eu estava muito forte mesmo! No budismo, eles sempre falavam sobre o significado da vida, da morte, que caminham juntas. Diziam que quando alguém morre, não é o fim, mas sim o começo, que vai iniciar uma nova vida. Então, eu estava bem ali, orava muito para ter a sabedoria, saber como agir, como fazer e ter paciência, não falar as coisas para piorar a situação.

Eu tinha muita preocupação no falar também, de falar coisas que machucassem eles e eles acabarem saindo para a rua mais violentos, fazerem mais mal para as pessoas lá fora. Eu tinha muito essa preocupação de o que eu tinha que falar para ir amenizando tudo e para terminar com isso.

Quando o Jones faleceu, eu estava muito forte mesmo! Aí, o que eu fiz? Ele faleceu numa segunda-feira, às cinco horas da tarde. No mesmo dia, às sete horas da noite já consegui localizá-lo em Santo André. Na terça-feira, às duas e meia da tarde, já estava no cemitério e quinze para as quatro eu fiz o enterro. Fiquei só uma hora e pouco com ele. Não quis a noite inteira, não quis nada disso. Pensei: “Se pode enterrar hoje, então vai ser hoje. Não quero nada que prorogue mais”. No outro dia, meu marido acordou e eu falei:

— Você não vai ficar em casa. Você vai trabalhar. Você vai seguir sua vida normal! Cada um tem sua escolha de vida e escolhe da maneira que quer morrer. Ele fez a escolha dele.

Parecia que eu estava com uma força danada mesmo! Ele continuou fazendo as coisas dele normalmente, porque eu estava muito forte. Também dei força para os meninos porque, na época, o Michael

estava internado. Fui ver o Michael no final de semana tranquila. Por causa da situação, aproveitava para ver ele duas vezes por semana na Febem. E fui indo... Quando tinha denúncias, eu ia fazendo, estava bem forte mesmo! Até que veio a recaída. Eu me segurei tanto! Eu me tranquei tanto para ajudar o outro, mas não teve jeito, veio a recaída. Fiquei mal durante um ano. Na hora que caí em mim, fiquei realmente muito mal!

E quando estava me recuperando novamente, veio a morte do Miguel. Na hora que eu estava aceitando novamente o que tinha acontecido com o Jones, que eu não queria mais pensar no que tinha acontecido, veio a morte do Miguel. Na hora que aconteceu, fiquei completamente abobada. Não conseguia nem pensar... Falava:

— Não, não pode ser, é um pesadelo e eu vou acordar a qualquer hora.

Meu marido também ficou atordoado. Ele travou, e nessa hora acho que vieram todos esses problemas de saúde que ele tem hoje. Porque acaba refletindo no corpo. Em mim foi a pele que ficou toda manchada. Porque alguma coisa sempre somatiza, estoura para fora.

Para mim, a fase mais difícil foi a falta... Fiz tanta coisa, acordei no meio da noite, andei sem parar atrás deles. Tem horas que fico pensando se eu tivesse ficado em casa... Não deveria ter ido tanto atrás deles, acho que se tivesse ficado em casa tinha dado mais certo. Tem hora que fico me interrogando. E se eu tivesse desprezado? Mas, ao mesmo tempo eu penso: “Se eu tivesse desprezado e tivesse acontecido isso eu não teria aproveitado tanta coisa que nem eu aproveitei com eles”.

O que me dói muito é que a gente quer seguir o ciclo da vida e da morte e acaba não conseguindo. Os filhos deveriam enterrar os pais e não os pais enterrarem os filhos. E hoje é o que mais está acontecendo... A mesma relação de carinho que eu tinha com o Jones tinha com os outros dois. Mas, confesso que acabei focando muito a atenção no Jones. Às mães que vêm aqui no CEDECA e têm mais filhos, eu falo sobre o risco de focar num só, porque eu fiz isso e não deu certo. Os outros acabam cobrando. Por exemplo, quando eu

comprava roupa para o Jones, o Miguel não aceitava porque o irmão passava o dia na favela e só vinha para dentro de casa quando queria. Mas quando eu comprava roupa para o Michael e para o Miguel, eu também comprava para o Jones. O Miguel perguntava:

— Mãe, pra quem é essa?

Quando eu dizia que era para o Jones ele falava:

— Então é fácil, né, ele faz o que ele quer, ele apronta o que ele quer e ainda quando chega em casa tem roupinha nova?

— Não, vocês têm que entender que ele é igual a vocês, que nesse momento quem está precisando de ajuda é ele e vocês têm que me ajudar a ajudar ele.

Acho que esse tipo de coisa acabou motivando os irmãos a se envolverem também. Porque sem querer, é coisa de mãe... Sem querer você vai fazendo as coisas. Aquele que mais precisa é que a mãe fica mais em torno, parece que é sempre o que mais erra, o que mais faz coisa errada que a mãe fica mais em torno para proteger, para tirar dali. É engraçado, parece um bichinho que está atrás das suas crias mesmo. É o instinto de querer proteger, ter junto a você.

Comecei a trabalhar no CEDECA depois que eles viram minha luta na AMAR, sempre disposta nas rebeliões todas. Eu entrava, ficava. Lutava mesmo! Não tinha tempo ruim, nem dia e nem hora para mim. Teve um dia que o Michael, que na época estava de liberdade assistida pela última vez, acabou voltando para a Febem. Foi bom para ele ter a experiência. Ele via o que dava quando os adolescentes subiam para o telhado. Ele mesmo falava como os adolescentes davam trabalho! Falava que era mais fácil negociar com a Tropa de Choque do que com os adolescentes!

Cada um dos meus filhos achava que as rebeliões aconteciam por motivos diferentes. Mas, casa cheia, superlotação é sempre muito ruim! Isso porque diminui o tempo do banho, a comida, tudo diminui, até a paciência de um com o outro. O Miguel via dessa forma, que tudo era muito ruim quando a casa estava cheia. Já o Michael falava para mim que a rebelião era o “cutucar de hora extra”. Que os funcionários, para conseguirem mais hora extra, cutucavam eles,

torturando, falando nome feio, provocando mesmo, instigando eles para rebelião. Eles diziam que precisavam de dinheiro, de hora extra. E esse tipo de situação dobra o salário deles. Então, cada um teve uma visão.

O Miguel deixou uma frase que a dona Conceição até usou no último ato: “Se as mães soubessem o que era a Febem, elas não saíam de lá de dentro”, porque a gente nem imagina o que é aquilo. Meu envolvimento com a AMAR começou por causa do meu filho. Eu me interessei porque fui aprendendo muita coisa mesmo, comecei a ir para Fórum, para formação, a gente ia em tudo. Nem conhecia o ECA e lá comecei a conhecer. Na AMAR fiquei de 1999 até 2004, atuando mesmo. Participei da organização no início, bem no comecinho. Acho que contando com a dona Conceição tinha mais de vinte mães. O próprio diretor de uma unidade, o Sr. Resende, participou da formação da associação. Muita gente ajudou! A Valdênia, o padre Júlio, todo mundo junto. Era todo mundo mesmo, porque quando a AMAR nasceu todos falaram:

— Agora nasceu uma organização verdadeira, que veio das mães. Agora vai mudar a história das outras unidades da Febem porque são as mães.

Mas, o medo das mães é muito grande! Elas tinham muito medo de fazer denúncias e os filhos acabarem sofrendo represália e muitos sofriam mesmo! Eles mesmos falavam para a gente não desistir, que não se importasse com eles, que era para fazer a denúncia. Tanto o Miguel como o Michael falavam isso para mim. Quando eu dizia que colocaria eles em outra unidade, eles:

— Não, porque se a senhora me tirar daqui, a senhora não vai saber o que acontece aqui dentro.

— Até eles participavam dessa luta da gente. Eles tinham esperança que ia trazer melhoria. Na AMAR, a principal atividade era visitar as famílias e o atendimento com as famílias. Mas, não tinha nada além disso, nem um passeio com as pessoas atendidas, por exemplo. Fiquei cinco anos sem férias, sem nada, só denúncia dentro da cabeça.

O atendimento era feito na sede mesmo. As mães chegavam, a gente fazia a coleta de dados, preenchia a ficha e perguntava sobre a unidade que o filho estava. Elas passavam a unidade para a gente, o tempo que o menino estava e ali iam se soltando. Vamos supor, se o filho dela estava no Tatuapé, eu começava a conversa contando onde o meu estava. Acho que de falar que o meu estava numa unidade ali dentro também fazia com que elas confiassem mais no trabalho. Por isso, elas começavam a contar as coisas que aconteciam nas unidades, do que os filhos reclamavam, tinham confiança.

A dona Conceição na hora já fazia um relatório, coisa que a gente nem sabia fazer direito, colocava tudo aquilo que a mãe passava para a gente e depois passava para o Fórum para eles tomarem as providências. Muitas vezes, eles faziam visitas por conta das nossas denúncias. Quando os promotores e a juíza iam visitar as unidades tudo batia! Nada era mentiroso. A gente atendia a mãe e também tinha que prestar atenção se ela estava falando verdade, porque tem muitas que aumentam a história, assim como tem menino que “se mata” para falar que foi funcionário que bateu. Tinha algumas que aumentavam, então quando a gente desconfiava, ia atrás para saber, falava com mais mães daquela unidade para saber direitinho se o que uma estava falando batia com o que a outra falava.

As visitas nas unidades ficaram muito difíceis durante uma época. A gente não fazia visita, proibiram todo mundo de entrar. Foi a época em que o Saulo, que já foi presidente da Febem, era Secretário de Segurança. Ele era muito torturador, era terrível! Até o Conselho Tutelar mal entrava, eles proibiam, tinha que ser tudo pelo portão. Então, a gente ia lá, panfletava e dava para as mães o endereço da AMAR.

Naquela época que tínhamos ligação com o Ilanud [Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente], a gente falava que tinha advogado, e quando falava isso, as mães viam como a salvação! Pensavam que iam tirar os filhos delas da Febem. Coitadinhas... Mas esse era o único jeito de trazer essas mães, para abrir os olhos delas.

Elas vinham e a gente começava a conversar, levava no Ilanud, apresentava tudo, e trazia *na raça* para participar mesmo. Mas, muitas vezes ficava difícil delas virem porque normalmente é gente muito pobre, que não tinha dinheiro nem de passagem. O dinheiro de passagem que tinha era para ver o filho, se usasse para outra coisa, não ia. Bem complicado mesmo... Porque quando o filho da gente começa a cometer ato infracional, quando vai apreendido, a gente faz de tudo! Suja até o nome, porque perde telefone, cartão de crédito, tudo! A mãe só se dedica àquilo, só enxerga aquilo. Dizem que os meninos custam caro para a Febem, mas o engraçado é que a gente tem que levar tanta coisa para lá!

Eu saí da AMAR em 2005... A Conceição ficou muito magoada, ficou até doente porque eu saí, porque eu era o braço direito dela. Coitada, fiquei sabendo que ela entrou até em depressão. Nossa, ela ficou muito mal! Um dia levantei em casa e falei para mim mesma: “Não quero mais ir para a AMAR. Não quero voltar mais para lá”. Não sei se foi porque não tinha férias e eu já estava cansada de tanta denúncia, de tanta coisa que não via resolvida...

Eu queria respostas, mas não tinha. Queria um tempo para mim. Naquele dia, acordei de manhã, fiz oração, chamei meu filho e falei:

— Ó, a mãe vai levar você lá na liberdade assistida.

Como era perto do CEDECA, disse para ele que ia dar uma passada lá. Ele falou:

— A mãe vai fazer o que lá?

— Ah, vou ver se tem um emprego pra mim...

— A senhora vai mesmo?

— Eu vou.

Quando cheguei no CEDECA, lá estava a Hilda que hoje é minha coordenadora e que tinha sido educadora dos meus filhos. Era educadora na assistência que fazem com as famílias, como faziam com a minha. É no que eu trabalho hoje! Quando cheguei, a Hilda estava lá e eu conversei com ela:

— Vocês estão precisando de educadora?

A Sueli e a Hilda falaram:

— Estamos! Pra quê? Você vai indicar alguém?

— Vou.

— Quem?

Quando eu disse que era eu, não pude deixar de rir... Elas não acreditaram e perguntaram se eu ia sair da AMAR. Eu disse que sim, que queria dar uma descansada na cabeça, trabalhar com outras coisas porque não estava aguentando mais. O duro foi conversar com a Conceição! Eu não tinha coragem de chegar nela e falar que ia sair de jeito nenhum! Um dia teve uma reunião no CEDECA do Belém e ela me chamou:

— Míriam, vamos lá pra reunião do CEDECA do Belém amanhã às 9:00h?

Eu, tranquila, disse que sim. No outro dia, fiquei pensando no caminho: “Meu Deus, reunião no CEDECA do Belém. Ai, meu Deus, vai estar todo mundo do CEDECA lá. Será que elas vão perguntar alguma coisa na frente da Conceição?” Aí, eu estou danada de vez!

Eu ainda estava na AMAR, só que ninguém sabia que eu ia para o CEDECA. Ainda não tinha começado, estava esperando resposta do projeto, essas coisas... Cheguei lá tremendo todinha. Nisso, foi chegando o povo. A Sueli conversava comigo no olhar! Ela mexeu a sobrancelha meio perguntando se a Conceição sabia e eu respondia também com gesto e a gente acabou se entendendo. Ela deu um jeito de passar para todo mundo no olhar. Mas, chegou um educador, que era educador do meu filho junto com a Hilda e falou:

— Ah, eu vou dar um abraço nessa mulher maravilhosa, Conceição, que agora é nossa!

Essa mulher ficou verde, me chamou de traidora:

— Sua traidora! Você me traiu!

— Não! Eu não conseguia falar com você. Eu ia te falar! Não era dessa forma, né.

Ela não aceitou muito. Ela não aceita até hoje! Ela tem as falas dela, mas deixa pra lá... Apesar disso, continuamos sendo amigas. Não tem como. Ela virou a cara para mim por um tempo, eu chegava nos lugares ela virava o rosto, mas eu ia lá do lado dela, ficava:

— Ó, veia doida, se cuida, fica bem boazinha viu...

E dava risada! Depois tudo voltou ao normal! Ela teve a compreensão. Eu disse para ela:

— Conceição, a AMAR já não está bem. Eu preciso trabalhar. Eu queria coisas novas e eu estou atrás disso. A vida do ser humano é assim: ir em busca de alguma coisa. Ainda estou em busca, quero alguma coisa que me responda por dentro. Fiquei com as mãos, adorei trabalhar com elas, adorei orientar elas. Mas, com os meninos é muito bom!

O papel do educador no CEDECA, nesse projeto em que eu trabalho, é o das medidas socioeducativas de liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade. É com o meninos que passam pela Febem, depois por uma audiência e recebem uma medida do juiz. Aqui, fazemos o acompanhamento que é basicamente o atendimento semanal, atividade externa, que são os passeios, atendimento grupal, são dois por mês para eles, encaminhamento para cursos, porque aí fora não tem nenhum curso profissionalizante gratuito. Tem o projeto Abrinq, o “Fala Sapopemba, de olho nas políticas públicas”. A gente consegue encaminhar e eles têm uma ajuda de custo. Ajudamos esses adolescentes a refletir e a família também. Mas, com certeza, o nosso maior inimigo é a droga.

O Conselho Tutelar também encaminha alguns casos para nós, porque é comum a gente atender a mesma família que eles. O CEDECA faz esse trabalho complementar indo visitar essas famílias. Às vezes, quando tem adolescente ameaçado de morte, a gente já passa para o Conselho Tutelar e eles acionam o PPCAM para auxiliar esse adolescente. O PPCAM é o Programa de Proteção à Criança e Adolescente Ameaçado de Morte, pelos direitos humanos. Esses trabalhos também conseguem incluir a família, e essa é a ideia mesmo! Tem alguns projetos que estou conhecendo agora e me aproximando aos poucos para poder acompanhar as famílias também.

Faz três anos que estou trabalhando nisso... No começo, estava no núcleo Madalena, onde fiquei seis meses, e atuava na região onde moro, no Jd. Planalto. Só que as pessoas perceberam que eu comecei

a ficar muito triste... Não sei se é porque eu andava nos mesmos lugares que antes eu ia atrás dos meus filhos... Às vezes eu passava e os meninos falavam “A mãe do Jones! A mãe do Michael!”, e aquilo foi me entristecendo. Por isso, eles me transferiram para esse outro núcleo onde já vai fazer três anos que eu estou.

As atividades do CEDECA variam de acordo com a unidade, tem vários projetos diferentes. E não são só com medidas socioeducativas, tem ação protetiva também. Onde eu trabalho é mais voltado para as medidas e círculo de violência, que é para aquele menino que está com “um pé lá e outro cá”, quer dizer, já está cometendo atos infracionais. Vamos supor: o menino que eu atendo vem com um coleguinha e a gente começa a perceber alguma coisa diferente, já começamos a conversar.

Na maioria das vezes, esses meninos atendidos ajudam a gente porque através deles nós conseguimos cercar aquele outro menino que a gente tanto quer trazer. Trabalhando hoje no CEDECA, eu agradeço meus filhos! Eu penso assim: “Foi o mal do bem”, foi o mal que me acordou para muitas coisas e me ensinou muitas coisas. Ter outro olhar, ter outro ouvido... E ver as pessoas como elas são mesmo. Tem família que a gente percebe o problema na raiz mesmo, aí você tem a compreensão do porque esse menino está cometendo ato infracional.

Quando atuei no Planalto e no Madalena percebi que tinha uma distribuição de motivações. Lá eu sentia que o que motiva os meninos é o poder. Eles estão atrás de poder, moto, carro, essas coisas. Onde estou atuando agora, que é o Promorar, o que os motiva é a fome. É o bolsão da miséria! Os meninos que roubam, que traficam, não é para colocar uma roupa, é para comer! Os atos infracionais deles o que são? A maioria das meninas que estão aqui são das famílias deles que eu consegui trazer para cá. Quando elas se envolvem com atos infracionais é por causa de calcinha e sutiã, loção de corpo, xampu. Já os meninos é chinelo, roubo em feira. Esse é um lugar onde você vê a exposição da fome, as pessoas expostas mesmo em todas as idades, sentadas na calçada... Não tem nada! Nem um posto

de saúde tem. Local para diversão então, nem pensar! A diversão que tem aqui é funk num tal de Sardinha. Ontem ainda brinquei com um adolescente que atendi pela primeira vez. Perguntei:

— Onde você foi curtir esse fim-de-semana?

— Ah, tia, eu fui pro Sardinha.

Falei que lá era chato porque ficava todo mundo espremidinho que nem numa lata de sardinha. Ele falou:

— Ah, mas tem bastante mulher.

Esse lugar já tem um histórico. A gente sabe porque as meninas estão trazendo para a gente a situação, por exemplo, de que as meninas sem calcinha não pagam para entrar, uns absurdos! Umas coisas de louco! Tem uso de drogas e tudo mais! Como não tem revista direito, eles levam drogas, fazem tudo que querem. Na minha época o mais próximo disso era a Gretchen!

Meu irmão também era muito apegado com o Jones, tinha muito amor por ele! Foi muito difícil por ser o sobrinho mais velho, foi o primeiro neto da minha mãe, então ele tinha um amor imenso! E a coincidência é que depois que ele casou, teve o filhinho dele, o menino nasceu um dia antes do Jones. O Jones é do dia 22 de junho, o filho dele é do dia 21 e ainda parece com o Jones! Até no jeito de andar, olhar, em tudo... Hoje, meu sobrinho tem 14 anos. O Jones era vivo quando ele nasceu. Meu irmão também era carinhoso com os outros meninos, mas com o Jones era mais. Quando o Jones faleceu, ele transferiu esse apego pro Miguel, o caçula, que também era muito carinhoso com ele. O Michael também, mas o Miguel era carinhoso demais. Era bocudo e era carinhoso. Batia e assoprava, ele era desse jeito.

Na adolescência, meu irmão Nelson também só saía com meus primos e primas. A gente sempre ia para baile e adorava dançar! Não tinha um tostão, mas a gente adorava dançar. Ainda bem que naquela época os bailes não eram no Sardinha! Eram na Sunshine, lá no Parque das Nações. Também tinha o Palace em São Caetano, e a gente ia só para esses lugares. Nessa época, eu tinha uns 15, 16 anos... Tocava Dancing Days, que era época de Discoteque, Michael

Jackson... Nossa, como a gente dançava! Samba também! A gente dançava a noite inteira! E nada de drogas! Eu sabia que existia, mas a gente não via...

Também tinha muitas festas em casa de família, nas minhas tias. Quando a gente não podia sair, minhas primas faziam festa na casa delas e a gente ia nem que fosse para tomar suco, bater papo e escutar música a noite inteira. Era muito gostoso. Ia todo mundo junto, primos e primas. A única coisa ruim era que se algum menino se aproximasse da gente para conversar, os primos faziam fofoca, eram todos fofoqueiros. E isso porque quando a gente ia para os bailinhos ainda nem namorava... Eu mesma nem fui muito namoradeira. Antes do meu marido tive só um namorado, mas não deu certo, foi coisa rapidinha de um mês, e depois foi o meu marido.

Meus filhos terem ido para a Febem mudou muita coisa na minha vida... A gente fica com os “tico e os teco” meio bagunçado... A Febem é uma coisa que não muda, aquilo não muda nunca! Pode mudar de presidente, pode mudar as paredes, pode derrubar tudo e construir de novo, mas a cultura de tortura e pancadaria continua. O que dá raiva é isso! A tortura continua, as mentiras continuam... E violência, muita violência também. É violência para os meninos que estão lá dentro e para aqueles funcionários de pátio. Porque na hora que acontecem as coisas sempre sobra para quem está no pátio, que são os meninos e esses funcionários. Quem está no alto, na torre, nunca sai do lugar.

Os funcionários que não conseguem ficar na Febem são os que não conseguem cometer isso. Os que ficam é porque têm que cometer essas violações. Tem pessoas que passam pela Febem e ficam um ano, é o máximo que conseguem, porque é enlouquecedor! Agora se chegar numa unidade e a pessoa falar que tem trinta anos lá, pode-se dizer que virou “bicho papão”. Apesar disso, também tem funcionário bom, tem técnicos bons, que sabem que alguns estão ali violando os direitos e lutam da maneira que dá. Fazem denúncia escondidos, porque acho que é um meio de se aliviar também daquilo que se vê. Se abrir a boca ali acho que é perigoso até morrer, porque

a pior coisa é lidar com bandido e para mim quem trabalha ali é bandido, é só olhar as atitudes deles.

Na AMAR mesmo teve muito funcionário que trouxe informações para a gente. Muitos técnicos pedindo socorro porque não aguentavam mais ver o que estava acontecendo na unidade, mas que ninguém poderia saber que eles estavam denunciando. Tinha funcionário que na sexta-feira ia embora e voltava na segunda. E quando voltava, ia chamar o menino, o menino estava todo estourado. Os maus funcionários se aproveitavam de menino que não tinha visita. Porque tem menino que a unidade não é perto de casa, a família é muito pobre, não tem estrutura nenhuma, então não vai ver o adolescente. Vai ver de que jeito? E os funcionários aproveitam e batem neles porque não tem visita. São coisas muito difíceis, mas nada disso eu levo para casa. Eu consigo separar tudinho! Não levo nada daqui para casa, nada mesmo! Eu trago da faculdade para o trabalho, isso sim! Todo mundo do CEDECA me ajuda, a Míriam e a Cris sempre estão me ajudando. A Cris já tem formação de Psicologia e a Míriam, esse é o último ano dela.

Se eu for pensar no momento mais feliz da minha vida... Ai, foi ter meus filhinhos. Não tem coisa melhor! Eu falo que é a dor do amor... Só um foi parto normal, mas eu sofri muito. No parto do Jones eles tentaram normal, mas não conseguiram porque ele sentou na última hora, então foi cesárea. Para ver como ele era bonzinho...

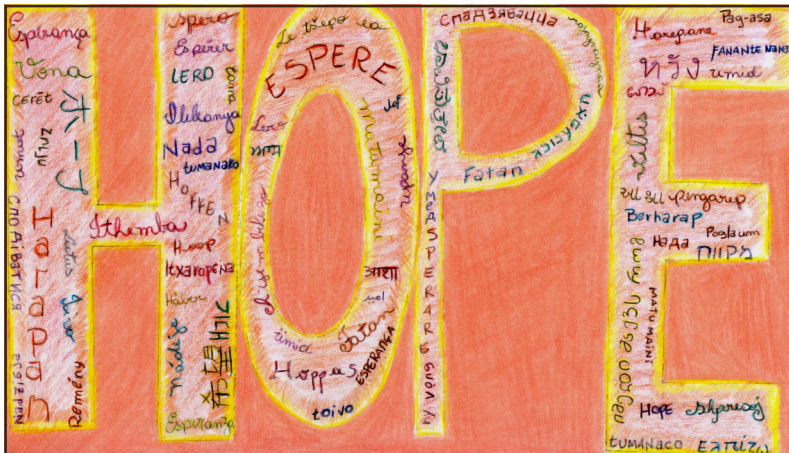
O Michael foi normal e o Miguel foi gerado de pé, aí quando eu fiz força, os médicos confundiram o calcanhar dele com o cotovelo e me mandaram fazer força. Na hora que eu fiz força, eram os pezinhos que saíram. Aí fizeram o pélvico, eu fiquei de cócoras, eles deram anestesia... Que sofrimento! Ele era muito grande! Nasceu com quase cinco quilos e 51 cm. Muito grande! Ficar grávida é uma surpresa! O jeito como você fica, a barriga começando a mexer, é tudo novo, tudo muito estranho, o peito, tudo. Mas, no fundo eu gostei de ficar grávida, gostei de ser mãe.

O momento mais triste da minha vida foi com o Miguel, quando ele era pequeno, porque ele era muito grande, por causa da gordura

mesmo. Foi uma criança que com quatro meses pesava 11 Kg, uma obesidade grande mesmo! Os pulmõezinhos fechavam por causa da gordura, então ele sofreu muito! Era um menino que com 15 dias se crescesse algum cabelo, tinha que raspar para colocar o soro. Foi uma época muito difícil! Dos quatro meses dele até um ano, teve que fazer um tratamento. Depois melhorou e nunca mais teve nada...

Meu maior sonho hoje é vencer a droga! Não só no caso dos meus filhos. Meu trabalho também me coloca de frente para isso todo dia. Chega menino aqui que não aceita nada que tem para oferecer. Não tem muita coisa, mas o pouco que temos, eles não querem. Nenhum tipo de ajuda. Eu fico para morrer! Me dói muito essa situação! Mas, continuo lutando e quem sabe um dia as coisas mudam...

Solange Prudes de Moura



O ENCONTRO COM SOLANGE FOI O QUE MAIS ME IMPRESSIONOU ATÉ AQUELE MOMENTO DA PESQUISA. SEU CONTATO TAMBÉM ME FORA PASSADO POR DONA CONCEIÇÃO E CONSEGUIMOS MARCAR A ENTREVISTA RAPIDAMENTE. O LOCAL ESCOLHIDO POR SOLANGE FOI A SALA DO NEHO NO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA USP. OS DRAMAS NARRADOS DURANTE AQUELA TARDE FORAM MARCANTES PARA MIM. AS VIOLAÇÕES SOFRIDAS PELA COLABORADORA IAM MUITO ALÉM DO SOFRIMENTO QUE TIVERA COM SEU FILHO QUE HAVIA PASSADO PELA FEBEM. POR CONTA DISSO, FOI O TRABALHO TEXTUAL QUE MAIS SE ALONGOU, TENDO SIDO UMA DAS ÚLTIMAS TRANSCRIÇÕES REALIZADAS. CADA VEZ MAIS O CONTATO COM AS COLABORADORAS AFLORAVA TAMBÉM MINHAS SUBJETIVIDADES E DAVA SUSTENTAÇÃO AO TRABALHO QUE ESTAVA DESENVOLVENDO.

*“Parece que inverteram os papéis...
No final, fui eu quem protegi minha mãe...”*

Meu nome é Solange Prudes de Moura e minha história de vida não é brincadeira... Mas, vamos lá! Minha mãe era noviça num convento aqui em São Paulo, no bairro da Saúde. Foi quando ela conheceu o meu pai... Aí abandonou o convento porque ficou grávida de mim e posso dizer que já começou tudo errado. Depois disso, eles acabaram ficando juntos e tiveram mais dois filhos além de mim, o Sérgio e o Rubens.

Quando eu tinha mais ou menos três anos de idade meu pai foi embora e deixou a gente sozinho com a minha mãe. Minha mãe, coitada, ficou meio desesperada quando se viu tendo que criar três filhos sozinha e começou a beber. Nessa época passamos a morar junto com meu avô. Mas minha mãe conheceu uma outra pessoa e foi tão rápido, começaram a viver juntos. No começo foi tudo bem e quando eu tinha cinco anos minha mãe me mandou para Mogi para morar com meu avô novamente. Só que pouco tempo depois meu avô teve broncopneumonia e veio a falecer. Quanto a mim, tive que voltar para São Paulo, para a casa da minha mãe.

Os problemas começaram quando eu tinha uns seis anos de idade... Essa parte da minha vida é horrível. Não sei nem como contar... Bem, comecei a sofrer violência sexual por parte do meu padrasto... Foi mais ou menos na mesma época que minha mãe começou a beber. Até hoje me lembro de cada detalhe, de tudo!

Eu tinha só seis anos... Ele chegou para mim e falou, não tinha ninguém em casa, ele fechou toda a casa e disse que a gente ia brincar

de casinha, que ele ia ser o papai e eu ia ser a mamãe. Depois disso ele tirou minha roupa e me colocou deitada no sofá. Meu Deus, que nojo que me dá! E começou... Era horrível demais!

Depois que minha mãe começou a beber as coisas ficaram ainda mais complicadas. Tudo era mais difícil! Nos dias em que ele estava de folga, eu dava um jeito de sumir e conseguia fugir. Eu chegava da escola, via que ele estava dormindo e fugia dali, ficava o dia inteiro na rua. Ia para o meio do mato para ninguém me achar e passava o dia inteiro ali até minha mãe chegar do trabalho. Quando minha mãe chegava, ele contava para ela que eu tinha passado o dia inteiro na rua e eu acabava apanhando da minha mãe. Isso se repetiu até meus 12 anos de idade, que foi quando minha madrinha descobriu tudo.

Eu nunca cheguei a contar para minha mãe. Tinha muito medo! Também minha mãe só vivia bêbada! Quando chegava do trabalho já começava a beber. Quando não aguentava mais, ia dormir... Eu não sei como ela aguentava! Chegava do trabalho, começava a beber e depois no outro dia levantava para ir trabalhar de novo! Era impressionante como ela conseguia fazer isso!

Depois que meu avô morreu, não sei o que aconteceu com a minha mãe. Estava indo tudo bem e, de repente, do nada, ela começou a beber e é alcoólatra até hoje! E ainda vive com esse homem.

Quando minha madrinha descobriu, me chamou para conversar e foi quando eu contei tudo o que acontecia. Ela conversou com a minha mãe, me chamou e eu fiquei conversando com as duas, contando tudo que tinha acontecido... Só que virou uma verdadeira confusão!

Minha mãe me catou, me levou na família dele, na casa da mãe dele e dos irmãos, fez eu contar para eles, só que todo mundo ficou olhando para mim como se não estivessem acreditando... Daí, ele chegou bêbado e falou que eu estava mentindo, que eu era uma mentirosa! Depois disso, minha mãe ligou para minha avó e mandou ela me buscar. Mudei mais uma vez de casa e dessa vez fui morar com a minha avó...

No primeiro dia que minha avó me levou para morar com ela, o segundo marido dela, que era muito amigo do meu padrasto falou uma coisa que durante anos ficou na minha cabeça... Ele falou assim que toda a culpa era minha:

— Você é a culpada, você provocou ele, por isso que isso tudo aconteceu...

Só que eu era uma criança, meu Deus! Depois desse dia, o marido da minha avó começou a me perseguir. O tempo que morei com eles foram os seis meses mais difíceis que eu passei na casa da minha avó. Ele não me deixava assistir televisão, eu tinha que tomar banho de água fria quando minha avó não estava em casa porque ele desligava a chave de luz. Nossa, foi uma perseguição! Até que eu saí de lá, fui embora.

No meu último dia lá aconteceu uma tragédia! Eu tinha que ir para a escola, mas o marido da minha avó não queria me deixar passar e ficou me cercando no quintal. Quando minha avó viu o que estava acontecendo começou a brigar com ele e acabou furando um dos olhos do velho com uma barra de ferro. Ele ficou cego de um olho!

Eu fiquei desesperada, fui correndo na casa dos vizinhos para pedir para alguém separar a briga. Meu medo era que ele furasse o olho da minha avó também, porque, como ele tocava violão, tinha umas unhas grandonas, e ele tentou mesmo! Os vizinhos acabaram me levando para a casa de uma amiga minha que morava perto e no outro dia, minha avó pegou minhas coisas e me levou de volta para casa da minha mãe.

Meu maior desespero foi ter que voltar para lá! Só de pensar no drama de enfrentar meu padrasto eu ficava desesperada! Eu pedia para os vizinhos deixarem eu dormir na casa deles, eu fazia qualquer coisa para ficar longe. Consegui até fazer amizade com um pessoal que morava na casa do lado que eram evangélicos e eu sempre pedia para dormir na casa deles porque tinha medo de dormir em casa.

Mas, eles não sabiam de nada. Até que um dia minha vizinha que era professora perguntou, mas eu não tive coragem de contar para ela. A única coisa que falei foi:

— É porque eu achei umas fotos debaixo do colchão do meu pai com outra mulher e ele está querendo me bater.

O pior é que eu tinha achado mesmo as fotos dele com umas mulheres e tinha dado para minha mãe. Aí, aproveitei e falei que era por isso que eu pedia para dormir lá, com medo dele. A verdade mesmo eu nunca contei. Mas, fiquei pouco tempo na casa da minha mãe. Com uns 13 anos já fui embora de casa fugida.

Aqui começa uma outra parte da minha história... Eu estudava no Embu e lá tinha um rapaz, o Suail, que não saía do meu pé. Ele invocou comigo de um jeito! Até que minha mãe chamou ele para conversar e acabou deixando eu namorar com ele! Ela só esqueceu de perguntar se eu queria... E nisso, eu fazendo de tudo para me livrar dele porque não gostava dele.

Mas, parece que de tanto você pisar na pessoa, você acaba gostando dela. Foi o que aconteceu comigo, acho que comecei a gostar dele. No fundo, foi mais por causa do meu padrasto. Quando o Suail veio falar com ele para namorar comigo, meu padrasto não deixou, falou que não, que eu não ia namorar. Daí, acho que de birra, comecei a gostar dele, a ficar mesmo com ele. Foi só ele proibir que eu quis. Eu tinha uns 13 anos e namorei por dois meses praticamente escondida.

Até que um dia a mãe dele, dona Adalgisa, me chamou na casa dela para conversar. Ela me falou que tinha mandado os filhos dela todos irem embora viver suas vidas, que todo mundo era maior de idade e ela estava cansada. Daí, veio conversar comigo e mandou eu ir em casa, arrumar minhas coisas e perguntou se eu tinha coragem de fugir. Eu falei que sim e ela respondeu:

— Então, vai na sua casa e arruma suas coisas que eu vou levar você embora.

Ela sabia tudo o que tinha acontecido porque eu tinha contado para ela do meu padrasto. Então, ela me levou embora. Durante um mês eu fiquei assim: dormia na casa de um filho dela, depois na casa de outro filho, até ela e o Suail montarem uma casa. Quando isso aconteceu, passei a viver com o filho dela. Nisso se passaram dez

meses até que ela conseguisse os papéis do casamento, porque eu era muito nova, tinha só 13 anos. A gente casou no papel, mas para isso tive que falar com o juiz, fazer corpo de delito e um monte de coisas.

Quando casei, já estava gostando dele, mas meu casamento foi horrível! Tudo horrível! Desde o começo foi tudo errado. Ele era uma pessoa estúpida, grosseira, não era nada carinhoso, não era nada daquilo que eu esperava de uma pessoa. Eu pensava que pelo menos iria me casar, ter minha casa, minha família, mas isso foi coisa que eu nunca tive... Deu tudo errado!

Foram dez anos apanhando dele! Nesse tempo, tive três filhos: a Vivian foi a primeira, eu fiquei grávida aos 15 anos de idade e ela nasceu quando eu tinha 16; depois veio o Sidney quando eu tinha 18 anos e o Rodrigo, quando eu tinha 23.

Até a gente casar, ele nunca tinha me batido. Desde quando a gente começou a ficar junto ele já era grosseiro, estúpido, mas nunca tinha me batido. A primeira vez que me agrediu, eu não estava nem grávida da Vivian, tinha uns 14 anos, por aí. E o motivo foi ciúmes! Passei dez anos ouvindo a mesma frase, que hoje tenho até nojo quando alguém repete perto de mim: “Eu te amo, mas eu ainda vou te matar”. E ele não tinha motivo nenhum para fazer isso. Ele chegava em casa bem, de repente saía e quando voltava parecia um louco quebrando tudo, espancando todo mundo dentro de casa...

Na época que a gente se casou ele tinha 18 anos, não era tão mais velho que eu. Acho até que não “caiu a ficha” que ele era casado, porque ele gostava muito de farra, de sair com os amigos e, pior, tinha várias mulheres, me traiu muitas vezes...

No início das agressões eu tentei reagir, mas mulher não tem força física. Por isso acabei levando a pior, apanhando mesmo. A verdade é que mulher não pode demonstrar medo e eu fiquei com medo, não consegui esconder e nisso ele começou a me bater direto. Era um motivo pior que o outro. Cabelo eu não podia cortar; roupa, eu não podia usar roupa curta, parecia mais uma crente andando na rua.

Tudo aquilo que eu tinha pensado, que ia ter uma casa minha, nada disso aconteceu... Quem mandava na casa era ele e a mãe dele, eu mesma não mandava em nada! Na maioria das vezes me sentia a empregada da casa. Minha sogra me acordava às seis da manhã para arrumar a casa e eu só ia parar de limpar aquela casa às dez da noite.

Tudo começou com ciúmes. Nenhum homem podia olhar para mim que ele ficava nervoso. Outra coisa que começou a acontecer foi que eu saía escondido para ir na casa da minha mãe e ele descobriu, aí as coisas pioraram. Eu não podia sair de casa, só se ele me levasse, se eu saísse sozinha apanhava.

Nossa, já apanhei com pedaço de pau, com cabo de ferro, já levei coronhada! Tenho até foto que comprova isso. Ele já brincou com a minha cabeça fazendo roleta russa, colocava o revólver na minha cara e começava a puxar o gatilho. Quando essas coisas começaram a acontecer eu pensei: “Não é para eu morrer mesmo, eu não morri porque Deus não quis”, porque a bala picotou e não saiu. Ele ainda ficou nervoso, foi para o quintal e ficou puxando o gatilho porque a bala não tinha saído. Nessa época eu já tinha a Vivian e o Sidney. Do Rodrigo eu apanhei até quando estava grávida.

O pior foi o motivo: um cachorro. Ele tinha um cachorrinho... E eu tinha que cuidar desse cachorro, além de ter dois filhos, uma casa com todo o serviço e ainda estar grávida do terceiro. Esse cachorrinho sumiu e quando ele chegou à noite e foi procurar, não encontrou. O cachorrinho deve ter escapado, ou alguém pegou, porque era bonitinho. Como eu não sabia o que tinha acontecido acabei apanhando e o pior é que estava grávida de oito meses! E não parou por aí. Eu cheguei a perder dois bebês de tanto apanhar.

Sinceramente, no fundo, fiquei contente em ter perdido os bebês porque ter um filho com aquele homem era melhor não ter mais nenhum. Hoje eu penso assim, mas naquele tempo foi diferente. A Solange de hoje é outra, porque a de antes era uma bobona! Eu era boba demais... Se soubesse como seria, não teria tido nenhum filho com ele. Eu sempre usei anticoncepcional, mas não me adaptava a nenhum, vivia fazendo mal para mim. Por isso, o médico vivia

trocando o remédio e era bem nessas trocas que eu acabava ficando grávida.

Nem considero que eu tinha relações com ele. Mais do que tudo eu era obrigada! Não era por prazer, era uma coisa mais forçada mesmo. E muitas vezes, quantas vezes ele me bateu... Ele me levava para a cama, queria que eu fizesse sexo com ele e ainda queria que eu tivesse orgasmo. Isso era impossível! E ele ainda ficava todo irritado. Já chegou a me estuprar mesmo!

Teve uma vez que ele começou a me bater meia noite e vinte e parou só dez horas da manhã! Naquele dia eu realmente pensei que ia morrer! Sinceramente, eu pedia para Deus para morrer logo: “Me mata de uma vez, pelo amor de Deus para acabar esse suplício”. Nesse dia ele chegou em casa todo bonzinho e trouxe uma rosa vermelha – até hoje eu odeio rosa vermelha por causa disso – depois falou que ia sair e voltava logo. Quando foi mais ou menos meia noite ele chegou. Fiquei quieta, não falei nada, perguntei se ele ia jantar e ele falou que ia se virar na cozinha. Foi lá, fez o prato tudo normalmente e começou a comer. De repente, largou o prato e falou:

— *Vamo* lá pro quarto que eu quero conversar.

Ele me levou para o quarto, trancou a porta e começou a me bater, quebrou até uma mesinha que tinha lá na minha cabeça. Essa noite eu apanhei com barra de ferro, com pedaço de pau, com tudo que se possa imaginar. Chegou até a me cortar com uma faca de churrasco, eu tenho até hoje a cicatriz, fiquei horrível!

Nesse dia, a Vivian não estava em casa, como era a mais velha tinha ido para o Pantanal com a avó passear na casa do irmão dela. Só estava o Sidney em casa. Eu nunca esqueço a cena do Sidney em pé na porta do quarto chorando, batendo com a mãozinha na porta, pedindo para abrir a porta desesperado. Teve uma hora que eu estava caída no chão, meio atordoada, não sei o que me deu, que eu levantei, consegui abrir a porta, saí correndo e pulei o muro do vizinho. Só que ele me achou e não tinha o que fazer, não tinha como fugir. Bati na porta do vizinho. Não queria que ele me deixasse na casa dele, só queria chegar até a rua. Mas, o vizinho não abriu a

porta. Quando meu marido viu que eu pulei o muro aí me bateu pra caramba mesmo!

Só que minha única preocupação era o Sidney, que tinha uns três anos na época. Depois que tinha me batido muito, me pegou pelo braço e falou assim:

— Vamos sair!

Aí, me colocou no banco de trás do carro deitada e colocou o Sidney na frente. Graças a Deus passou na casa do irmão dele e deixou o Sidney lá para ele cuidar. Essa foi a única hora que eu fiquei aliviada, porque pelo menos o Sidney estava com alguém que ia cuidar dele. Depois disso, ficou rodando São Paulo comigo embaixo do banco, dando voltas e mais voltas, até que parou na Marginal Pinheiros. Nessa hora realmente eu pensei: “Agora aqui ele vai me matar, ele vai me jogar por aqui”.

Parou o carro e me fez descer. Começou a me xingar e a me bater tudo de novo. Ele me xingava de tudo quanto é nome, de vagabunda para pior. Depois de tudo isso, me levou de volta para casa e perguntou para onde eu queria ir. Eu falei que queria ir para a casa da minha mãe. Só que antes me fez deitar no chão e ficou rodeando... Até que me levou para a cama e quis fazer sexo comigo... É muito humilhante lembrar de tudo isso!

Eu fiquei toda preta de tanto hematoma, dos pés à cabeça... E não parou por aí. Quando chegou na rua da minha mãe ele continuou com as agressões. Eu só pensava: “Gente que me viu desde criança, me vendo apanhar na rua”. A sorte foi que uma senhora bem velhinha, que Deus abençoe ela, começou a falar com ele:

— Filho, pelo amor de Deus, solta a menina, ela já está muito machucada, solta ela.

— Não, ela é vagabunda, tem que apanhar mesmo!

Mas de tanto conversar, ele me soltou e eu consegui correr para a casa da minha mãe, que não estava lá, e fiquei trancada lá dentro! E teve muitas outras vezes... Até um dos meus irmãos ele já machucou. Até hoje não entendi aquela confusão... Afinal, eu só podia ir para a casa da minha mãe se ele levasse.

Teve uma vez que não lembro bem porque a gente brigou e ele disse que ia embora e levaria as crianças. Eu disse que ele não faria isso, peguei a Vivian pelo braço e fui correndo para a casa da minha mãe. Eu sempre faço isso... É estranho! Ele foi atrás de mim e começou a ameaçar todo mundo. Deu para ouvir meu irmão pedindo socorro porque ele tinha pego uma garrafa e estava cortando meu irmão, que era tão novinho, tinha uns 15 anos na época.

Eu sempre ia para a casa da minha mãe porque não tinha outro lugar! Não havia outro lugar. Se existisse outro lugar com certeza eu iria, mas não existia, era o único lugar que tinha. Quantas vezes eu pedi pelo amor de Deus para minha mãe para eu voltar para casa e ela dizia:

— Não, você não quis casar? Você quis casar, agora você que aguenta. Pelo menos ele tem dinheiro. Fica com ele, que ele tem dinheiro.

E até que era verdade. Ele era protético, tinha uma protética e ganhava muito bem. No começo, logo que a gente foi morar junto, não. Mas depois de um certo tempo as coisas melhoraram. Primeiro ele trabalhava num laboratório na Av. Angélica, depois foi para a Liberdade. Nessa época, eu queria trabalhar também de qualquer jeito e ele acabou me colocando para trabalhar com ele. E assim a gente começou...

Teve uma época que ele passou a sair com a mulherada toda, mas eu já não estava mais nem ligando, não estava mais nem aí. Eu pensava mais no trabalho. A gente começou a guardar dinheiro até abrir uma poupança e abrir nosso próprio laboratório. Para facilitar moramos três anos na Liberdade até que mudamos de vez para a Raposo Tavares. Lá, no fundo da nossa casa, a gente montou nosso laboratório. E deu certo!

Tinha bastante serviço porque ele era bem conhecido, então cada vez o negócio crescia mais. E foi tanto que a gente alugou uma sala em Pinheiros, na Rua Mourato Coelho onde ele montou o laboratório dele. Depois disso, ele falou que eu não precisava mais ir. Nossa, eu fiquei com muita raiva! Afinal, eu tinha ajudado ele a se

erguer e depois veio falar que não precisava mais de mim! Daí em diante o negócio dele eram as mulheres, os amigos, os rachas de carro. Direto ele voltava com o carro guinchado, todo quebrado para casa.

Quanto às mulheres, no começo eu fiquei triste, não era isso que eu esperava dele. Quando eu descobri a primeira traição estava grávida da Vivian. Eu lembro que era uma mulher loira e eu vi eles dois passando de moto. A mãe dele estava do meu lado e disse que não era ele, mas eu tinha visto e era sim! A mãe sempre encobria as coisas que ele fazia, mas mesmo assim acabei sabendo de muita coisa através dela porque quando eles brigavam, no meio da discussão ela deixava escapar alguma coisa.

Essa mulher que eu tinha visto com ele, por exemplo, fiquei sabendo desse jeito. Ela era casada, mas fazia filme pornô, e o marido acabou descobrindo. Sei que o marido foi tirar satisfação com ele numa padaria no Campo Limpo, onde a gente morava na época, e parece que ele furou o cara com uma chave de fenda.

Eu estava grávida da Vivian, minha primeira filha... Soube até de outros filhos que ele tinha fora do casamento! Um dia a mãe dele no meio de uma briga falou:

— E aquela mulher que tá grávida de você e aquele trouxa do engenheiro que vai criar seu filho pensando que é dele.

Essa era uma mulher chamada Telma, que era protética também. Eles se conheceram, tiveram um caso e ela era noiva de um engenheiro. Ela acabou engravidando e disse para o engenheiro que o filho era dele e eles iam casar. Essas coisas fui descobrindo aos poucos.

E assim ele foi crescendo na profissão. Chegou até a fazer trabalho que veio dos Estados Unidos que os dentistas mandavam para ele. Dava palestras, era um dos melhores protéticos que tinha em São Paulo na época. Mas, ele acabou se afundando por causa de amigo e de mulher. Eu e a mãe dele chegamos a ir nos fóruns da Vila Madalena para pedir ajuda, falei com assistente social e tudo, disse que ele estava com maus elementos, essas coisas. A assistente social

falou que não podia fazer nada, a única coisa que fez foi me dar o papelzinho da OAB da Liberdade para pedir a separação.

Outro problema é que ele bebia. Quando estava sóbrio era uma maravilha, mas quando ele bebia... Depois que me separei descobri que não era só bebida, ele usava droga também. Sei que comecei com maconha e depois foi para a cocaína. Por isso a mudança de comportamento. Só isso para explicar a pessoa chegar boa, trazer rosas e, de repente, sair e voltar parecendo um monstro, querendo devorar todo mundo que está na frente.

Mas, foi muito difícil me separar desse homem, meu Deus! Eu pensava: “Ai, meu Deus, porque ele não sai com essas mulheres e vai embora, vai morar com elas e me deixa em paz”. Mas, ele não ia embora e também não me deixava ir. Toda vez que eu tentava ir embora, ele ia atrás me buscar. Eu ia para a casa da minha mãe e ele me fazia voltar. Eu acabava indo porque ele usava as crianças... Nem sempre eu levava meus filhos, muitas vezes ia fugida mesmo e tinha que ser rápido!

Mas, ele vinha com as crianças e falava que se eu não voltasse não veria mais meus filhos. Então eu acabava voltando. Até que a última vez foi a gota d’água! A gente saiu de São Paulo e foi morar na Bahia, em Feira de Santana. Todo mundo falou que assim as coisas iam melhorar, ele ia se afastar dos amigos, das mulheres e ia ser diferente. Então fomos. Meu Deus, foi pior! Lá não tinha parente, não tinha para onde correr. Eu não tinha ninguém... Lá ele continuou bebendo, também saía com amigos e arrumou outras mulheres. Não adiantou nada!

Aqui em São Paulo ele tinha perdido muita coisa. Foi aí que arrumou esse emprego na Bahia através de um conhecido e decidi ir para lá. Mas, tudo acabou piorando. Ele fazia as mesmas coisas e eu não tinha para onde correr. Para piorar ainda mais, fui assaltada na rodoviária de Feira de Santana assim que cheguei lá.

Ele tinha ido na frente, depois eu fui com as crianças. Como fui assaltada, fiquei nove meses sem os documentos meus e das crianças. Depois de muito insistir, voltei para São Paulo para tirar os

documentos. Viemos eu e o Rodrigo, que na época era o caçula. Quando fomos para lá, o Sidney tinha cinco anos, o Rodrigo um ano e nove meses e a Vivian já era maiorzinha, com sete anos. Quando cheguei aqui contei tudo para a mãe dele que acabou indo para a Bahia comigo quando eu voltei.

Assim que cheguei de viagem ele já veio para cima de mim para me bater. A mãe dele parecia um cão de guarda, ficava 24 horas por dia de olho para não deixar a gente sozinho e evitar qualquer coisa. Até que um dia ele pediu para a mãe dele comprar cigarro no barzinho que tinha no condomínio onde a gente morava. Eu estava na cozinha, ele veio para perto de mim e, do nada, me deu um tapa no meio da cara! Eu fiquei muito nervosa e falei:

— Você não vai me bater!

Mas, ele me pegou, me encostou na porta da cozinha e começou a me estrangular. Eu fiquei me debatendo e comecei a gritar desesperada! Nisso ele pegou uma panela de pressão que estava com o feijão cozinhando e tentou me queimar. Só que antes dele fazer isso eu bati no fundo da panela que abriu e acabou caindo encima dele. Ele ficou todo queimado! Tem até hoje as marcas. E mesmo assim ele continuou tentando me queimar.

Graças a Deus os vizinhos do apartamento da frente entraram correndo e me ajudaram. Como a porta não estava trancada, eles abriram. Era um casal que morava lá, a Geovana e o Moacir. Eu só lembro do Moacir segurando ele pelo pescoço e tirando ele de cima de mim. Eu aproveitei e corri para o banheiro, foi quando minha sogra voltou perguntando o que estava acontecendo ali.

Para mim essa foi a gota d'água! Depois disso fiquei três dias dormindo no quarto das crianças. Teve uma noite que eu vi pela sombra que tinha alguém na porta do quarto onde eu estava dormindo com as crianças. Era ele tentando desmontar a fechadura da porta para entrar no quarto. Quando vi comecei a gritar, a chamar a mãe dele, que estava em outro quarto. Quando ela apareceu, vi que ele correu para o quarto do lado, dava para ver pela luz debaixo da porta.

Contei para ela que ele estava desmontando a fechadura, ela olhou, foi lá no quarto e viu que ele estava dormindo. Mas no dia seguinte minha sogra achou a marreta que ele estava usando... Ele estava com uma marreta e uma chave de fenda tentando invadir o quarto. Depois desse dia ela pegava o colchão e colocava na porta do quarto onde eu estava e dormia lá.

Até que não teve mais jeito, a situação estava insuportável! A dona Adalgisa me deu dinheiro e falou para eu voltar para São Paulo. Ela mesma comprou a passagem para mim, me deu um pouco de dinheiro e falou para eu voltar. Numa conversa com ela eu disse:

— Vou voltar para São Paulo e quando chegar lá vou arrumar um emprego, vou arrumar uma casa e a senhora vem com as crianças.

A gente combinou isso e para mim estava tudo bem. Só que não aconteceu nada disso! Eu cheguei aqui em São Paulo dia 17 de dezembro de 1990, nunca esqueci esse dia... No dia 21, já estava trabalhando numa loja na rua Teodoro Sampaio e todo dia na hora do meu almoço eu saía correndo, comprava ficha DDD no correio e ligava para a vizinha, a Geovana, para falar com a minha sogra e saber como estavam as crianças.

Até o dia que eu liguei e a Geovana falou assim:

— Olha, Solange, não tem mais ninguém morando aqui. Foi todo mundo embora.

— Como assim foi embora?

— Eles se mudaram.

Meu deus do céu! Fiquei desesperada! Tive que ligar para o laboratório onde ele trabalhava. Liguei para lá e ele começou a debochar da minha cara por telefone falando:

— Você nunca mais vai ver seus filhos, vou para um lugar que você nunca mais vai achar!

Até hoje, tanto tempo depois, não consigo controlar a angústia que senti naquele dia... Sou mãe e como mãe podem fazer o que quiserem comigo, podem me xingar, me maltratar, fazer o que quiserem, mas com os meus filhos não! Podem acabar com a gente, sabe, mas não mexam com nossos filhos. Não mexam! Por nossos

filhos, a gente é capaz de qualquer coisa! O que eu não me confortava era que minha sogra me traiu, foi embora com meus filhos. A dor de imaginar que eu poderia nunca mais ver eles era grande demais! E realmente fiquei um bom tempo sem ver meus filhos.

Até que ele veio atrás de mim em São Paulo. Trouxe da Bahia uma Winchester e uma “12” para me matar aqui em São Paulo. Eu tive que sair do emprego e minha vida virou um inferno! Foi quando descobri que ele estava em Campinas com minha sogra e as crianças. Ele chegou para mim e falou:

— Você quer ver seus filhos? Eles estão em São Paulo, na Freguesia do Ó, mas você vai ter que ir comigo.

Quando eu falei para as pessoas, minha mãe e todo mundo falou:

— Não vai que ele vai te matar por aí.

— Eu prefiro morrer, mas eu quero ver os meus filhos.

Tomei coragem e fui. Nem acreditei quando vi as crianças... Elas estavam na casa de uma irmã dele. E ela e a mãe dele começaram a pedir que eu que voltasse para ele, que eu tinha que dar uma força para ele, que tinha perdido tudo, essas coisas. Eu falei:

— Eu não vou mais ajudar ele, estou cansada. Ajudem vocês. Eu não vou, eu não vou voltar pra ele!

Por causa disso, a irmã dele fez um escândalo na rua, me colocou para fora da casa, me chamando de tudo quanto é nome. Eu tentava chegar perto das crianças, mas ela ficou segurando meus filhos, não me deixando trazer meus filhos comigo... Eu lembro dela agarrada com o Sidney, ele gritando que queria vir comigo, a dona Adalgisa segurando a Vivian, todo mundo chorando e eu indo embora desolada...

Nesse dia, fiquei perambulando atordoada, sem saber para onde ir. Fiquei andando pelas ruas da Lapa, parada na frente da ponte e a vontade que eu tinha era de pular. Se eu não podia ver meus filhos preferia morrer de uma vez! Eles são tudo para mim! Até que a polícia apareceu e me deu uma bronca porque estava ali.

Respirei fundo e peguei o primeiro ônibus que passou. Quando fui ver nem sabia onde estava. Só sei que fui andando por aí até que

fui parar na casa da minha avó em São José uma hora da manhã! Depois minha avó ligou para minha mãe contando o que tinha acontecido e ela foi lá me buscar. Depois disso, eles sumiram de novo e eu não vi mais meus filhos por muito tempo...

Tentei continuar minha vida com muito custo e depois de bastante tempo conheci uma pessoa, acabei ficando grávida, mas também não deu certo. Nessa época, estava morando na casa da minha mãe. Quando vim fugida da Bahia, estava tão desesperada que é até engraçado, mas nem pensei para onde iria, simplesmente vim embora. A sorte foi que meu irmão e um amigo ele foram me buscar na rodoviária e ele me perguntou:

— Solange, onde você vai morar?

— Não sei, não tenho nenhum lugar, nem embaixo da ponte.

Eu vou ficar por aí.

Nesse tempo meu irmão tinha se separado da mulher, então falou assim:

— Solange, eu estou morando sozinho, vem morar comigo aí você me ajuda, a gente racha as despesas.

Para mim foi a melhor alternativa. Então, logo que vim para São Paulo fui morar com meu irmão, em dois cômodos, era tão pequenininho que mal cabia nós dois. Se um fosse na cozinha, o outro tinha que ficar no quarto de tão pequenininho que era onde ele morava. E foi assim no começo, fui me virando. Depois, fiquei um tempo na minha mãe e foi quando conheci essa outra pessoa...

É estranho... Parece que não sou eu que conheço as pessoas, as pessoas que me conhecem. Um dia estava chegando do trabalho e vi ele perto da minha casa, mas até aí não liguei. Um belo dia estava lá no portão aí ele bateu palma e me chamou, falou que era aniversário dele e me convidou para a festa. Eu disse que não, que estava cansada e tinha que trabalhar, essas desculpas todas... Até que, de repente, ele me agarrou e me beijou... Fiquei sem reação, olhando para a cara dele enquanto ele ia embora dando risada. Depois disso, começamos a namorar e acabei engravidando... O nome dele era José Augusto e nosso filho se chama Felipe, que hoje está com 16 anos.

Foi uma pena que não deu certo. E o problema todo foi meu ex-marido que começou a ameaçar ele dizendo que se chegasse perto de mim, ele ia me matar e matava ele também. O José Augusto ficou com medo, a família dele também, aí a gente se separou... Eu gostava dele, ele me fazia rir... Era uma pessoa que tinha uma alegria muito grande de viver, só que acabou morrendo pouco tempo depois durante uma briga numa festa...

Mais uma vez tentei continuar minha vida, trabalhando e fazendo o que podia... Trabalhei em tantos lugares! Depois que saí da loja da Teodoro Sampaio, trabalhei no “Espetinhos Mimi”, no Morumbi, que foi quando fiquei grávida e parei de trabalhar por causa da gravidez. Dois meses depois que eu tive o Felipe arrumei na “Laudery”, uma lavanderia, onde trabalhei como auxiliar de escritório e fiquei por dois anos.

Com o pai do Felipe fiquei pouco tempo. A gente começou a namorar em fevereiro e vivia terminando e voltando, até que fiquei grávida no mês de março. Logo depois apareceu meu ex-marido fazendo as ameaças e a gente se separou de vez e não ficou mais junto. Depois disso, saí da casa que morava com meu irmão e fui morar com minha mãe no Embu. Aí fui trabalhar para cuidar do Felipe... No começo o pai dele não ligava não, mas depois começou a se aproximar mais e posso dizer até que os dois tinham uma amizade muito legal, eu achava bonitinha a amizade deles. Nossa, o Felipe adorava o pai dele!

Enquanto isso, meu ex-marido continuava aparecendo. Ele apareceu tantas vezes na minha vida que mais parecia um pesadelo! Nessas alturas as crianças estavam com a minha sogra, mas só Deus sabia onde!

Acabei decidindo ir morar sozinha com o Felipe até que minha mãe deu a ideia de ir morar com a minha avó, que estava sozinha. Aí eu poderia cuidar dela e não precisaria pagar aluguel. Como eu trabalhava, minha mãe falou que eu podia deixar o Felipe com ela. Nessa época, arrumei um emprego no Shopping Plaza Sul. Comecei a trabalhar e todo mês dava um dinheiro para minha mãe e comprava

as coisas para o Felipe. Foi quando a dona Adalgisa apareceu novamente dizendo que meus filhos estavam aqui em São Paulo, se eu não queria ver eles, mas tinha que ser escondido do Suail. Se eu chegasse perto dos meus filhos, ele mataria as crianças e a mim também. Foi então que comecei a ver eles escondidos porque eles estavam num internato.

Sem eu saber eles tinham colocado meus filhos num internato! A Vivian no Maria Auxiliadora e o Sidney no Cristóvão Colombo, os dois no Ipiranga. O Rodrigo que era o mais novinho continuava com a avó. Essa situação ficou por uns dois anos e acho que a decisão foi mesmo da avó porque chegou uma hora que ela mesma disse que não queria mais saber e tinha que trabalhar. O jeito era colocar eles em internato.

No internato era assim: toda sexta-feira eles iam passar o final de semana em casa e no domingo tinham que voltar. Eu sempre dava um jeito de ver eles ou na sexta-feira ou no domingo. A gente marcava o encontro ali no Ipiranga mesmo e ficava batendo papo, conversando, a gente fazia piquenique no parque da Independência... Depois eu os acompanhava até o colégio, cheguei até a participar de algumas festinhas de lá com eles. Lembro da primeira comunhão da Vivian e do Sidney cantando no coral. Ele fez aula de canto durante os três anos que ficou lá e estava indo bem. Era legal ver eles assim... Teve algumas vezes que até consegui dar um jeito deles passarem o fim-de-semana comigo na casa da minha avó.

Eu me dava bem com as crianças. Meu marido é que era o problema. Além de bater em mim, ele também fazia isso com meus filhos. Na Vivian e no Rodrigo nem tanto. O foco dele mesmo era o Sidney porque desde que nasceu ele era o mais colado comigo, não desgrudava. Então, ele fazia de tudo, me provocava para ver se eu tinha alguma reação para ter um motivo para me bater. Como ele viu que eu não ligava mais para nada, ele achou outra forma de saber que eu ia partir para cima dele, que era o Sidney. Então, ele ia para cima do Sidney e sabia que eu ia defender meu filho. Isso já era um motivo para me bater. Ele tinha que ter um motivo, ele queria um motivo!

Quando não era o Sidney, ele ficava xingando, colocava defeito em tudo que eu fazia. Se eu fazia comida, ele chegava e xingava. Quantas vezes ele via tudo pronto e virava a mesa com tudo falando que não ia comer aquilo! Era o tipo de pessoa que não se contentava em comer um arroz, um feijão, um bife, uma batata frita e uma salada. Todo dia tinha que fazer um banquete para ele, então era muita coisa! Era arroz, feijão, farofa, salada, pasteizinhos, não-sei-oque, eu passava o dia inteiro cozinhando. E não podia repetir cardápio senão apanhava!

Mas, depois de um tempo, as crianças acabaram saindo do internato porque tanto no Cristóvão Colombo quanto no Maria Auxiliadora, eles só podiam ficar até a quarta série. Quando minha sogra apareceu já fazia um tempo que eles estavam lá, então eu fiquei dois anos vendo eles desse jeito. A gente ia até o Corpo de Bombeiros, no Ipiranga, e lá eles ficavam brincando. Até que foi uma época gostosa.

Depois eles saíram de lá e foram morar em Cotia com a avó. Desde quando eu era casada, eles tinham um terreno em Cotia, então a minha sogra construiu uma casa lá e ficou morando sozinha com as crianças. Porque chegou uma época que meu ex-marido desapareceu, sumiu... Ninguém sabia notícia dele. Para mim até que foi bom, podia ter ficado assim mesmo. Eu ia para Cotia, via meus filhos, eles vinham para minha casa, tudo estava bem. Foi nessa época que conheci meu atual marido, com quem estou há 12 anos.

Quando encontrava com as crianças era uma verdadeira festa! Era legal, a gente brincando é uma coisa que nunca vou esquecer... Teve uma vez que fui até Cotia e estavam todos meus filhos juntos: o Rodrigo, o Felipe, a Vivian e o Sidney e eles começaram a cantar a música da Família Adams. Eles falavam que a gente era igual a Família Adams e ficavam cantando aquela música: "Tara taran..." Era muito engraçado todo mundo cantando direitinho...

A gente ficava brincando com isso e eles falavam:

— A mãe é a Mortícia, a Vivian a Vandinha. E quem é o Tropeço? O Tropeço é o Miguel!

Miguel é o meu marido atual... Nunca vou esquecer disso. Foi um dia tão engraçado! Foi legal a gente brincando... Agora, quando eles estavam perto do pai era tudo diferente.

Uma das vezes que fui até lá, dei de cara com o pai deles. Isso acabou acontecendo porque minha sogra me enganou, falou que eu podia ir que estava tudo bem e quando cheguei lá, dei de cara com ele! Senti um gelo na barriga! E dava para perceber que lá o clima era tenso.

Quando eu ia lá as crianças brincavam, a gente batia papo, eles conversavam numa boa. Agora quando ele estava lá eu percebia que ficava tudo diferente. Uma vez fiquei na lavanderia com a mãe dele porque estava com medo, e ele ficou na casa com as crianças. Eu via as crianças todas sérias, quietas, fechadas, não era mais aquela alegria. Aliás, era horrível!

Depois de um tempo ele começou a bater também no Rodrigo. Então apanhavam o Sidney e o Rodrigo. Logo que fui morar com o Miguel, a mãe dele me ligou falando que era para o Sidney ir morar comigo, para eu ficar um tempo com ele. Eu disse que tudo bem, arrumei escola e ele passou a morar com a gente. Nessa época ele tinha 12 anos.

O problema era que o Sidney não parava em escola nenhuma. Depois descobri que ele estava cabulando aula e tinha entrado nas drogas. Minha sogra já sabia de tudo, mas não me contou, eu não sabia de nada! Por isso o Sidney vivia cabulando aula e enfiado no fliperama. Eu ia na escola atrás dele e cadê o moleque? Estava no fliperama! Quando ele via que “a casa tinha caído” para ele, que eu tinha descoberto, ele fugia para a casa da avó. O Sidney ficou nessa de fugir da casa da avó para a minha e vice-versa acho que até ele ir para a Febem pela primeira vez.

Eu só fui descobrir que o Sidney estava usando drogas dentro do Fórum! A primeira vez que fui para o Fórum porque ele tinha aprontado, a promotora perguntou:

— Desde quando você está usando droga, moleque?

— Desde os 11 anos.

E quando isso aconteceu ele já tinha 14 anos! Foi como se eu tivesse levado um tapa na cara! Eu estava desconfiada, mas fazia pouco tempo, não tinha ideia que era desde os 11 anos. Comecei a desconfiar porque eu comprava roupa para ele e sempre sumia... Dava um tênis para o Sidney, o tênis sumia. Comprei videogame, o videogame desapareceu. O moleque tirava a roupa dele completa, vivia pegando todas as coisas dele. Por mais que comprasse as coisas, parecia que ele nunca tinha nada. Quando a gente vê que as coisas estão sumindo de casa é porque tem algum problema grave, pode ter certeza que é droga.

Ele começou como todo mundo: usando maconha. Mas, o caso dele foi ainda pior! Ele mesmo me contou que o pai dele usava droga e levava ele junto para ver. E quando ia comprar também levava o Sidney, um absurdo! Ele chegou a falar para o Sidney:

— Se você quiser usar droga, pede para mim. Não pede para os outros não que eu te dou.

E, sei lá, o Sidney achou isso normal, natural e também começou a usar droga. Começou com a maconha, depois foi para a cocaína. Ele falou que experimentou uma vez o crack, mas não gostou. Eu sei que depois ele ficou só com LSD, que foi a droga que ele mais consumiu. E eu fui uma burra! Não entendia nada de droga, estava tudo na minha cara e eu não tinha visto! Porque a gente que é mãe quando descobre vai logo atrás de maconha, que é uma coisa que todo mundo já viu, é mais natural, normal, a gente sabe como que é, ou a cocaína que parece um pozinho.

Eu revirava o quarto dele, procurava tudinho e não encontrava nada! Só depois fiquei sabendo no fórum que era LSD e explicaram que era um adesivo pequeno que eles cortam até em quatro partes. Eu nem sei como usa aquilo! Podia estar na minha cara e eu não ia saber nunca! Ele me contava que quando ia para a escola o pessoal pensava que ele era “boy”. Como eu trabalhava no shopping e ganhava bem eu sempre dava dinheiro para ele. Só por causa disso ele conseguia comprar essa droga, que é bem mais cara que as outras. E tudo isso eu fiquei sabendo no fórum!

Tem tanta coisa que aconteceu com o Sidney que eu só soube muito depois! Teve um caso sério que aconteceu com uns caras lá de Cotia... A dona Adalgisa gosta muito de costurar, tem máquina industrial, e os bandidos de lá estavam montando uma fábrica de costura e queriam a máquina dela. Eram três máquinas industriais. Eles falaram que estavam montando uma fabriquinha de costura e queriam a máquina dela. Quando o Sidney ficou sabendo ele disse:

— A máquina da minha avó vocês não vão pegar não. Eu não vou deixar, porque ela costura, usa aquelas máquinas.

— Não quero saber, vai ter que dar.

Eram três caras... Eles violentaram o Sidney de bronca porque ele não quis dar a máquina da avó. Isso eu também só fiquei sabendo no fórum, minha sogra não tinha me contado nada que meu filho tinha passado. Muita coisa ela encobriu, escondeu. Se ela tivesse me contado, talvez muita coisa podia ter sido evitada...

Internei o Sidney duas vezes em clínicas de recuperação. Uma foi em Campinas, onde ele ficou dois meses, mas teve que sair porque acabou brigando com outro adolescente. Quando há briga, eles são convidados a se retirarem, então mandaram ele de volta para casa. Mas fizeram tudo errado! Ele era menor de idade e mandaram ele para casa sozinho!

A segunda clínica eu procurei desesperada por causa do fórum. Eles falaram que eu tinha que arrumar imediatamente uma clínica para o Sidney porque eu tinha feito um acordo para não mandarem ele para a Febem. Lá fui eu correndo desesperada, ligando para um e outro, mas ninguém conhecia uma clínica. Procurei tanta gente para tentar ajudar o Sidney, mas todo mundo falava a mesma história, que não tinha como ajudar. As pessoas falam isso porque não é o filho delas, aí fica fácil falar!

Até que eu consegui achar uma através do Projeto Pixote da Unifesp. Mas, antes disso me deram um papel falando que tinha uma clínica chamada “Poder Jovem”, em Santo André e lá fui eu mais uma vez para tentar internar o Sidney. Pois ele ficou lá um dia! No outro já me ligaram para buscá-lo. Quando fui conhecer o lugar

eles me mostraram uma coisa, um prédio bonitinho onde meu filho iria ficar, mas o Sidney me contou que não era nada daquilo:

— Mãe, não é lá que eu fiquei. Me levaram para uma chácara com outros moleques.

— Como chácara, filho?

— Não era lá mãe. Levaram para uma chácara onde tinha várias casas e a que a gente ficou tem várias beliches, o telhado todo quebrado, daí só tinha pra comer arroz e se a gente quisesse mistura eles deram uma vara pra ir pescar.

Eu denunciei essa clínica! E era paga, eu paguei! Tem que tomar muito cuidado com essas clínicas... Muito cuidado! Eles mostram uma coisa para os pais e depois colocam seus filhos em outro lugar. Eu até conversei com a Promotoria quando denunciei essa clínica e depois descobri que eles não deveriam nem ter cobrado porque era da prefeitura de Santo André. Algumas pessoas só vão porque como é da prefeitura acham que é gratuito, mas quando chega alguém que não tem informação eles cobram, como cobraram de mim. Sem contar que o que mostram é uma mentira! Mostram um lugar bonitinho, que a gente pensa: “Meu filho vai ficar aqui, vai ficar bem”. Aí, mandam seu filho para outro lugar. Fiz questão de denunciar esse lugar para a Promotoria, na Vara da Infância e da Juventude. Mas, no fórum falaram que eu tinha que arrumar outra clínica de qualquer jeito.

Dessa vez, só me restava a da Unifesp, com o Pixote. Essa foi uma indicação da própria promotora, que era muito legal! Aliás, tem promotor que muitas vezes acaba atuando como defensor... Foi aí que o Sidney começou a participar do Projeto Pixote, onde ficou uns dois meses e não estava usando droga, ficou limpo... Lá ele passava por avaliação psicológica, eles tinham vários tipos de artesanato, muitas atividades. E não ficavam internados, iam três vezes por semana. Ele gostava tanto de lá que ficou sem usar droga durante esse tempo.

De repente, ele teve uma recaída tão brava, mas tão brava, que não conseguiu segurar o Sidney. Estava tudo bem até que minha sogra

apareceu em casa para passear, para visitar a gente e ele acabou roubando minha sogra, levou todo o dinheiro dela. Ela tinha trazido uma calça jeans de presente, ele pegou a calça também e sumiu, fugiu de casa. Só apareceu no outro dia muito drogado! Muito drogado mesmo! Depois desse dia, o Sidney desandou de vez e eu não consegui mais controlar ele. Bem que tentava segurar ele dentro de casa, mas ele sempre dava um jeito de fugir. Até acabou fugindo de casa porque roubou a casa dos vizinhos, que ficaram furiosos e queriam dar uma surra nele. Dessa vez ele acabou voltando para a casa da avó e lá era ainda pior porque ele só se metia em confusão. Não demorou muito roubou a bolsa de uma mulher lá em Cotia, aí chamaram ele para o fórum e ele foi, coitado! Eu não sabia de nada, mais uma vez a avó dele não me avisou.

A primeira vez que fui chamada no fórum foi mais por vadiagem, por ficar cabulando aula e fazer pequenos furtos, essas coisas assim. Quando o Sidney foi pela primeira vez para a Febem, que eu o internei, foi por causa desses problemas com droga, por causa de furto. Na segunda vez, ele apareceu com uma “12” na casa da avó falando que ia matar os traficantes que moravam nas redondezas. Ele tinha muita raiva porque saía de casa vestido e os traficantes pegavam toda a roupa dele e deixavam ele só de cueca.

Minha sogra chegou a falar com os traficantes, perguntou se o Sidney estava devendo alguma coisa, que se tivesse a gente pagava, mas falaram:

— Não, o Sidney não deve nada pra gente. Só que a gente quer que ele ande como a gente quer. Ele vai andar como a gente quer e fazer o que a gente quer.

Eles falavam que o Sidney estava na mão deles. Ele saía todo vestidinho, bonitinho e voltava só de cueca para casa. Até que ficou cansado disso, pegou uma “12” com um menino de lá e falou que ia matar os traficantes. Quando a dona Adalgisa soube, imediatamente acionou a GCM de Cotia. Quando os policiais chegaram, o Sidney estava dormindo e fizeram ele falar onde estava a arma. Ele mostrou e foi levado preso, ficou 45 dias na Guarda Municipal de Cotia...

Na época ele tinha 15 anos, não podia ter ficado preso lá. Deveria ter ido para a UAI, mas ficou 45 dias preso! Quando estava perto da audiência, mandaram ele para a UAI, onde ficou cinco dias e retornou. Eu perguntei por que não deixaram ele lá desde o começo, já estava do lado do fórum mesmo, mas fiquei sem resposta... Então ele voltou, teve a audiência e dessa vez eu consegui libertar o Sidney, mas tive que me comprometer a interná-lo na clínica. Foi quando deu tudo errado!

Depois que ele teve a recaída, fui chamada novamente no fórum. Era no mês de janeiro quando houve a medida socioeducativa e me chamaram novamente. Lá eu tive que admitir que não sabia mais o que fazer para controlar o Sidney, não tinha mais como segurá-lo, não sabia mais o que fazer. A juíza sugeriu até que eu trancasse ele em casa, pusesse grades nas janelas. Mas, ele era capaz de fugir do mesmo jeito! Foi quando falaram que não tinha outra alternativa a não ser mandar ele para a Febem. E foi isso que aconteceu... Ele ficou quatro meses na Febem e saiu de lá dia 4 de abril.

Voltou para Cotia e lá conheceu um cara que o chamou para assaltar uma lotérica. Foram esse cara, o Sidney e um outro rapaz, que também era menor. Ele ficou do lado de fora vigiando, enquanto o outro com esse moleque foram lá e assaltaram a lotérica. Esse outro garoto se evadiu do local para outro lugar, e o Sidney e esse adulto foram pegar um ônibus, pasmem, em frente à lotérica! Muito espertos esses ladrões!

Quando o ônibus chegou na Raposo Tavares, a viatura já estava esperando por eles com a rodovia fechada. Ele contou que viu de dentro do ônibus a viatura fechando tudo, só esperando eles aparecerem. O cara que estava com ele deu a arma na mão dele e falou para ele segurar. Ele falou que na hora olhou para todo mundo que estava dentro do ônibus e pensou: “Poxa, o pessoal deve estar aqui trabalhando, não tem nada a ver com a nossa história...” Depois disso, ele só levantou, foi para fora do ônibus com os braços para cima e a arma na mão. Ele disse que até tomou um susto quando olhou para o chão e viu um policial deitado embaixo do ônibus com a

arma apontada para ele... Foi quando ele jogou a arma e se entregou. Pegaram o outro cara também e os dois foram presos. Foi aí que começou o suplício do Sidney!

Dessa vez posso dizer que ele foi para a Febem mesmo! Mandaram ele para a unidade 31 de Franco da Rocha. No começo eu não fui. Entrei numa depressão tão forte que comecei a ficar com medo até de sair de casa! Nisso ele ficava me mandando carta, até que eu consegui ir. Quem estava indo visitá-lo no começo era a avó. Mas, chegou uma hora que eu falei para mim mesma: “Não, eu tenho que sair disso, não posso ficar assim”. Afinal, foi tanta coisa que aconteceu com o Sidney...

Teve um tempo que eu parecia um cão de guarda à noite, não dormia porque sempre achava que alguém ia invadir minha casa e ia matar todo mundo. Cheguei a passar no médico e até comecei a tomar antidepressivo, mas me invoquei e falei: “Não vou mais tomar porcaria nenhuma porque não vou ficar dependendo dessa porcaria não. Eu tenho que fazer isso sozinha por mim mesma!”

No começo foi difícil sair na rua... Eu tremia tanto! Tinha tanto medo da rua! Como tive Síndrome do Pânico, ficava apavorada quando saía na rua, me dava uma tremedeira horrível, um medo, qualquer pessoa que chegava perto me assustava. Foi horrível! Mas, aos poucos voltei a sair de casa e acabei indo visitá-lo na 31. No começo, parecia tudo bem. Tinha atividade e até um grupo que tocava. Até que um dia, eu não sei o que aconteceu porque foi de uma hora para outra, começaram a bater nos meninos.

Minha sogra tinha ido no final de semana visitar o Sidney e quando ela chegou me falou que ele estava com o pé enfaixado, que ele tinha machucado jogando bola. Quando eu fui para a Febem e vi ele com o pé enfaixado, perguntei o que tinha acontecido, que a dona Adalgisa tinha me contado que foi jogando bola, mas ele falou:

— Não, mãe, foram os funcionários. A gente estava dormindo de noite, eles entraram parecendo uns doidos e começaram a bater em todo mundo lá, e na hora que começou a bater eu coloquei o pé na frente e tomei uma paulada no pé.

Teve uma vez que estava a Promotoria inteira lá e eles denunciaram para os promotores o que estava acontecendo. O Sidney foi um dos que denunciou. Outro garoto que denunciou foi o Ronaldo, filho da Maria José, que depois eu conheci na AMAR. Lá na Febem eles eram espertos... Na ala onde meu filho ficava a maioria dos meninos era maior de idade. Só o Sidney e mais três eram menores de 18 anos, mas quando a promotoria esteve lá para investigar essas coisas mudaram rapidinho. Tiraram os menores e mandaram para outras unidades, como aconteceu com o Sidney e o Ronaldo, que foram mandados para a 25, que era conhecida como Franquinho.

Lá parecia que estaria tudo bem, mas o Sidney contou que como ele tinha denunciado na outra unidade, ele sofria perseguições por parte dos funcionários. Sei que nessa época estourou muita rebelião por lá. De dezembro de 2002 a janeiro de 2003 aconteceu um monte de rebelião em Franco da Rocha, mas a Franquinho ainda não tinha entrado.

O Sidney contou que uma noite os funcionários entraram onde eles estavam dormindo, que são tipo casinhas lá em Franquinho, não é igual às outras unidades. Pois os funcionários invadiram o lugar, pegaram os moleques, levaram para fora e começaram a espancá-los. Fecharam tudo, levaram os moleques para trás das casas e começaram a espancar. A rebelião estourou quando outros meninos, de tão revoltados que ficaram quando viram o que estavam fazendo com os colegas, conseguiram estourar as portas e foram em socorro dos outros.

Depois da rebelião, a Febem ficou mais de uma semana nas mãos dos meninos. Meu filho disse que na hora os meninos ficaram todos com medo porque chegou o Choque... Mas os moleques tomaram coragem, foram falar com o Choque e entregaram a casa. Foi aí que o Sidney e outros moleques foram transferidos para a unidade 30. Na 30 foi cruel! Foi horrível! No começo, quem mandava eram os meninos, era a época em que o Batoré era o “general”. Lembro até que tinha na parede uma reivindicação dele com a assinatura do diretor da unidade embaixo! Lá estava escrito que ele queria isso e

aquilo e o diretor assinou embaixo. Na verdade, era ele quem mandava lá dentro.

O Sidney chegou a ter uma discussão com o Batoré porque quando entravam meninos de outras unidades, ele judiava e batia nos moleques, não deixava nem eles comerem. Parece que ele chegava até a jogar produto químico nas partes íntimas dos meninos, judiava mesmo! O Sidney e o Ronaldo não concordaram com isso e acabaram discutindo com o Batoré. Nessa época eu já conhecia a Maria José da AMAR, mas a gente nem fazia ideia que nossos filhos se conheciam...

Quando o Sidney me contou o que tinha acontecido, ele falou de um outro menino que também tinha discutido com o Batoré e eu fiquei muito preocupada, pedi pelo amor de Deus para ele não fazer mais isso! Logo depois, teve a fuga de 121 menores em que o Batoré fugiu também. Nesse dia, graças a Deus eu não fui para lá, senão teria morrido do coração. Minha sogra foi visitar ele e disse que quando chegou lá achou estranho porque o portão estava todo aberto, os meninos andando de um lado para o outro nos corredores. Daí, ela ouviu um moleque gritando:

— Cadê a mixa, cadê a mixa?

Ela até perguntou o que era mixa para o meu filho e ele explicou que era uma chave. A ordem que o Batoré deu para os meninos era para que mesmo os que não quisessem fugir, fizessem barulho para dar tempo dos outros fugirem. E claro que já estava tudo no esquema com os funcionários porque estava tudo aberto!

Minha sogra falou que foi uma gritaria imensa! Que de repente parecia que os moleques estavam loucos... Muitos fizeram que iam fugir, mas voltaram, igual meu filho. Era dia de visita e eles pareciam uns cachorros loucos, correndo. Até que começaram uns tiros e o Batoré desapareceu com a turma dele. O Ronaldo, que era amigo do Sidney, fugiu e ficou escondido na redondeza, numas casinhas que tinham ali perto e que vendiam salgadinho. Perto das unidades sempre tem uns quiosquinhos de madeira onde o pessoal vende salgadinho, bebida, essas coisas. Ele contou depois que se escondeu lá atrás e ficou até que a polícia o achou e levou de volta.

Isso tudo aconteceu em Franco da Rocha. Nessa época, em 2003, a Imigrantes nem existia mais. Mas, na rebelião a polícia conseguiu controlar a situação, ficou tudo calmo. Enquanto tudo isso acontecia eu estava no fórum tentando a transferência do meu filho. Lá tinha uma televisão e um cara falou para mim:

— Outra rebelião! Mas não precisa se preocupar porque não é Franco da Rocha, não.

Filho da mãe de homem mentiroso! Quando cheguei em casa vi que era sim Franco da Rocha e na unidade do meu filho! Tinha estourado outra rebelião e os moleques destruíram tudo. Por causa disso eles foram mandados para a Penitenciária de Avaré e o Sidney foi também. Ele ficou 28 dias sem comunicação. Eu mandava carta e ele não recebia, eu falava com a assistente técnica – porque disseram que lá teria duas para atender os 50 adolescentes – e perguntei se podia mandar alguma coisa, mas não podia mandar nada. Visitar também não podia. Quando eu mandava carta para ele quem respondia eram os presos de lá que acabaram começando a cuidar dos meninos. Para mim, aquilo era um absurdo! Além de tudo isso, foi uma verdadeira dor de cabeça descobrir para onde ele tinha ido. Ninguém avisou para onde os meninos tinham sido levados e eu tive que ficar ligando para um e outro para descobrir. Isso porque teve moleque que foi para Hortolândia, Avaré, para a Cadeia de Suzano, foram espalhando a molecada para tudo quanto foi lado. As mães ficaram doidas!

E eram todas penitenciárias! Depois disso retornaram para a unidade 30. Apesar de que teve moleque de Hortolândia que nem trouxeram, ficaram lá para sempre pelo que a gente ficou sabendo depois. Quando eles voltaram, tinham mudado todo o sistema da Febem por causa dessas rebeliões. A visita, por exemplo, passou a ser só de meia hora. Eu fiquei revoltada com o que estava acontecendo ainda mais depois do que eu mesma vi! A unidade estava muito fechada, mas tinha uma frestinha na porta por onde eu fiquei olhando no dia da visita. Vi a hora que o funcionário foi chamar meu filho e ele saindo de lá só de cueca. Depois, ele levou meu filho para outra

sala e vi ele dando roupa para ele vestir. E naquele dia estava tão frio que nem eu estava aguentando! Era inverno...

Quando o Sidney veio, ele me contou, com medo, mas me contou que eles estavam dormindo sem cobertor, que não tinha colchão e ficavam sem roupa, só de cueca, naquele frio. Ele falou que os oito, que eram oito em cada cela, se juntavam um no outro para se esquentar. Nossa, aquilo me deixou desesperada! E meu filho ainda tinha bronquite asmática e estava ruim, falava comigo cansado. Eu fiquei com muita raiva e passei dias ligando para a Febem pedindo para alguém atender meu filho. Eles sabiam que o Sidney tinha esse problema porque quando a técnica chama a mãe para conversar a gente já passa o histórico do adolescente. Então, sabiam que ele precisava ser atendido, levado para a enfermaria para fazer inalação. No final de semana seguinte foi minha sogra quem foi na visita e me contou que ele havia apanhado. Quando falei com ele, ele me disse:

— Mãe, eu estou todo machucado, mas não posso levantar a camiseta porque se eu levantar e os funcionários virem, vou apanhar mais. Se a senhora ver a cela, estão os moleques todos arrebetados.

E essa não tinha sido a primeira vez que o Sidney tinha apanhado. Uma das vezes foi por causa de um episódio que tinha acontecido lá em Avaré. Não sei bem o que aconteceu, mas na penitenciária de Avaré um preso de lá deu um toque para o Sidney para ele e os outros meninos não comerem o “bandeco” que viria. Isso foi perto de mandarem eles de volta para Franco da Rocha. Quando chegaram de lá alguns moleques começaram a vomitar sangue e ter diarreia, e a diarreia era sangue também... Os meninos estavam com fraqueza, sem vontade de levantar e o Sidney foi pedir socorro para um deles que estava morrendo, que nem conseguia levantar mais e eles estavam dando bolacha na boca dele, pedindo pelo amor de Deus para alguém ajudar. Aí, ele aproveitou a hora da visita, contou para minha sogra e ela falou assim para o funcionário:

— Olha, se um menino morrer lá dentro da cela e vocês não socorrerem, eu sou testemunha. Depois não venha falar que foram os meninos que mataram, foram vocês que não quiseram cuidar dele!

Até que esses funcionários, os mesmos que minha sogra xingou, levaram o menino para ser socorrido. E por causa disso, o Sidney apanhou, levou uma surra!

Teve outra vez que ficou conhecida como banho de sangue que foi assim: apareceu a turma do Choquinho e a gente nunca tinha ouvido falar desse tal Choquinho. Os meninos chamavam de “MIB – Homens de Preto”, e esse grupo virou o terror dali. Nesse dia do banho de sangue um adolescente da ala do meu filho foi passar perto de um funcionário e não pediu a licença. Por causa disso, eles bateram nele e em todo mundo, apanhou todo mundo! Vieram esses caras do Choquinho, que eram mais de trinta homens, todos de preto, e foram tirando um por um e batendo e espancando. A unidade B, que era próxima, ouviu os meninos gritando desesperados, pedindo socorro e ficaram desesperados também. Começaram a chutar a porta e gritar, falando assim:

— Vão matar os meninos lá dentro.

Ficaram chutando a porta até que os caras do Choquinho foram lá e bateram tanto nesses meninos do bloco B, que começaram a chamar esse dia de banho de sangue. Falaram que o pátio, tanto da ala B como da C ficaram lavados de sangue. Nossa, quando eu fiquei sabendo disso, quando meu filho me contou, na hora eu falei:

— Eu vou para o fórum, tenho que fazer alguma coisa. Não vou sair daqui enquanto não resolver isso...

Fui para o fórum 10h da manhã, contei o que estava acontecendo e falei que não ia embora dali até alguém me dar uma solução. Falaram para eu esperar a promotora, que demorou uma hora e quando deu meio dia e pouco chegou um cara e falou para mim:

— Você não é uma das mães de Franco da Rocha?

Eu respondi um “sim” com tanta raiva, pensando: “Alguém tem que me ouvir hoje”. Ele me falou que tinha trinta mães de Franco da Rocha lá embaixo e perguntou por que eu não me reunia com elas. Elas também tinham vindo denunciar o que estava acontecendo em Franco da Rocha. Desci e uma mãe falou assim para mim:

— Essa aqui é Conceição Paganele.

Apertei a mão dela, mas ainda não sabia quem era Conceição Paganele. De lá mandaram a gente para um auditório onde ficamos esperando, depois vieram os promotores conversar com a gente, até que uma das mães falou que era para o filho dela ser avaliado, mas não tinham levado ele:

— Sabe por que não trouxeram meu filho, que tinha uma avaliação aqui no fórum? Vão ver lá na Febem! Meu filho está irreconhecível, está todo deformado de tanta porrada que ele levou na cara.

Ela ficou tão nervosa que até desmaiou lá. Junto com as mães tinha um menino que tinha o mesmo nome do meu filho e que levantou a camisa e mostrou o corpo todo marcado. Naquela hora me deu um aperto! Aquele Sidney tinha saído, mas ainda faltava o meu...

Nesse dia as mães denunciaram tudo e eu falei para mim mesma: “Não vou sair daqui!” Até que vi um advogado que eu conhecia e contei tudo o que estava acontecendo. Ele pediu uma avaliação técnica do Sidney porque eu falei:

— Faz um mês que meu filho não tem psicólogo, não tem assistente técnico, o assistente técnico quando você liga lá sempre está doente. O relatório dele, o juiz está esperando desde março e nós já estamos em maio. Esses moleques estão ao Deus dará. Não tem atividade, não tem nada! Não estudam, não fazem nada! — Não existia mais nada lá dentro.

Então foi marcada para o dia 25 de junho a avaliação técnica do Sidney. Depois disso fui na Febem e falei:

— Sidney, fica quieto que eles vão pedir a sua avaliação, você vai ser levado para o fórum.

Ele ficou até contente. No dia 25 de junho ele foi levado para avaliação técnica e falou com uma técnica e uma psicóloga. Elas queriam ouvir a mim e a avó, que eram as duas responsáveis pelo Sidney. Ele ficou sentado lá fora enquanto a avó estava falando com a mulher e me disse:

— Olha a minha mão, mãe.

A mão dele estava enorme! Inchada!

— Os funcionários me bateram. Faz quatro dias que eu estou sem comer nada.

Ele falou que não estava conseguindo comer nada e tinha apanhado de novo. Pedi pelo amor de Deus que ele aguentasse mais um pouco, que logo, logo ia sair de lá. Fiquei com medo dele contar na avaliação, não queria que ele denunciasse os funcionários porque antes eu já tinha denunciado no fórum e o Sidney falou que os funcionários estavam ameaçando ele. Ele chegou a falar para mim:

— Mãe, eu vou morrer na Febem!

O Sidney falou que não era mais para eu denunciar porque já estavam ameaçando. Quando eu saí da assistente técnica, quem foi denunciar? Meu filho. Quando ele foi falar com as promotoras, levantou a camisa e pronto, não precisava falar mais nada! Até tiraram foto dele, tem foto dele lá no fórum. As costas todas marcadas, nas pernas as marcas das pauladas que ele levou. Depois disso não deixaram mais ele voltar para Franco da Rocha. Para piorar, minha sogra falando com a psicóloga, disse que o Sidney via vultos e ouvia vozes. Quando minha sogra me contou isso eu falei:

— Mas, desde quando o Sidney vê vultos e ouve vozes?

— Quando ele era criança e estava com febre!

— E a senhora foi falar isso pra psicóloga?

Foi por isso que quando eu entrei na sala a psicóloga disse que meu filho sofria de psicopatia, que ele era um psicopata e não iam liberar ele de jeito nenhum porque ele podia ter um surto psicótico e sair matando Deus e o mundo. Eu comecei a dar risada da psicóloga de tão nervosa que fiquei. Não entendi nada e enquanto isso ela estava arrumando as coisas dela para ir embora...

Quando saí da sala fui direto falar com a minha sogra:

— O que aconteceu que você falou com a psicóloga e ela falou que não vai liberar o Sidney? Que falou que ele é psicopata? Meu Deus do céu! A senhora ferrou o Sidney de vez!

Depois que o Sidney fez essa denúncia, pedi para acompanhar porque fiquei com muito medo dele falar outras coisas. Isso porque

ele tinha me contado que em Franco da Rocha tinha meninos até morrendo e eu fiquei com medo dele contar isso no fórum. Teve até uma vez, durante uma visita, que o Sidney apontou um rapaz moreninho, magrinho e falou:

— Está vendo aquele moleque ali, mãe? Ele está marcado para morrer.

— Mas, marcado para morrer por quê? Ele brigou com algum moleque? Os moleques vão matar ele?

— Não, mãe, funcionário.

— Mas, por quê?

— Droga. Ele está devendo droga, dinheiro de droga.

Nunca esqueci esse menino...

Eram os funcionários que levavam drogas para os internos, principalmente depois que os pais paravam de ir, abandonavam os meninos, eles começavam a apanhar. Tem muitos pais que não vão mais visitar, então não tem como os adolescentes pagarem. Por isso eles tinham que pagar com a vida! Foi o que aconteceu com esse moleque. Então, o que eles, os funcionários, fazem? Promovem uma rebelião falando que os moleques fugiram da Fundação Casa e dão um jeito de “sumirem” com eles...

Teve um caso que foi até acompanhado pela AMAR de uma mãe que ficou quatro meses procurando pelo filho. O menino chamava Celso e alegaram em Franco da Rocha que ele tinha fugido, mas ele não apareceu em casa. Então, mandaram a mãe procurar. Foi o que ela fez. Achou o filho dela enterrado como indigente, em Terra Roxa, lá em Mairiporã. A polícia encontrou o corpo daquele moleque com vários tiros na cabeça no meio do mato, sem identificação, sem nada, não estava nem com a roupa da Febem. E eu fiquei com medo do Sidney falar sobre isso. Quando ele me contou eu falei:

— Sidney, fecha a boca, não fala nada! Isso aí é sua sentença de morte. Se você abrir a boca, vão te matar mesmo. Não conta aquilo! Espera quando você sair da Febem aí a gente procura a Promotoria e você conta tudo que você sabe que acontece na Febem...

Depois daquele dia, mandaram o Sidney de Franco da Rocha para o Tatuapé. Lá ele ficou um mês e 21 dias... Foi quando encontraram meu filho queimado... Ai, meu Deus, quanto desespero! Lembro como se fosse hoje a última vez que falei com meu filho... Ele se ajoelhou nos meus pés e me implorou:

— Mãe, me tira daqui! Me manda de volta pra Franco da Rocha porque lá eu sei que as pessoas são ruins, mas é mais fácil de lidar. Aqui não. Aqui é pior, mãe! Porque aqui as pessoas se fazem de boazinhas, mas são ruins, então é mais complicado de lidar com elas.

Um mês e 21 dias! Esse foi o tempo que meu filho suportou. Ele disse que estava apanhando de novo no Tatuapé e eu não sabia o que fazer... Que droga de lugar é esse? É o inferno! Quando a gente se viu, ele apontou um funcionário que estava no portão. Um moreno, altão, que estava com uma camisa branca com listras verticais azuis e uma calça jeans e falou:

— Me bateu, mãe, na quinta-feira. Me espancou. Eu não aguento mais.

A psicóloga bem que tentou. Disse que estava enviando o conclusivo do Sidney para o fórum porque o que ele precisava mesmo era voltar para casa! Quatro dias depois, me ligam às 8h30 da noite dizendo para eu ir para a Febem na manhã seguinte porque tinha acontecido uma coisa grave com o Sidney. Eu imaginei tanta coisa! Briga com outro adolescente, tudo o que se pode imaginar, menos o que tinha acontecido...

Quando cheguei lá, me levaram para a sala do diretor para dizer que meu filho estava queimado! Tacaram fogo no meu filho! Levaram ele para uma droga de uma cela e tacaram fogo nele vivo! Queimaram meu filho vivo! Como ele era forte, ainda sobreviveu! E isso graças a dois meninos que tentaram ajudar. Se não fossem eles... Um que chamava Klebinho falou que ficou desesperado quando viu a fumaça e que correu para ver o que era. Quando abriu a janelinha da cela, viu os olhos de desespero do meu filho, pedindo socorro em chamas! Minha vontade quando lembro de tudo isso é de gritar, esbravejar, sei lá... Eu não pude fazer nada... Eles doparam meu filho

aquele dia e tacaram fogo nele! Deram calmante para ele e levaram ele para o quarto, depois puseram fogo nele.

Ele ficou 17 dias na CTI. Foram 17 dias em que eu vi meu filho morrendo aos poucos... Ele era bem branquinho, tinha os cabelos claros e os olhos verdes... Meu filho parecia um menino moreno de tão queimado que ele ficou! 70% do corpo queimado! Quando cheguei lá, estavam fazendo curativo nele e eu pude ver bem que colocaram fogo nele na linha da cintura, bem na parte do tronco, onde tem os órgãos vitais! Eram queimaduras de terceiro grau! Nos braços dele a pele desceu toda... Ele parecia carvão, os pés dele pareciam carvão de tão negros que estavam, você não via nem as unhas.

Só que da linha da cintura para baixo estava branquinho! Só queimaram a parte do tronco, os pés e os braços, para ele não ter reação! Tudo o que eu sentia era indignação! Eu não tinha nem mais lágrimas! No rosto e nas pontas das orelhas ele tinha algumas queimaduras, mas eram de primeiro grau... Quando viraram ele para dar injeção, vi a tatuagem que ele tinha escrito “Esperança”... Ele adorava essa palavra... Deu para ver que não tinha quase queimadura nenhuma nas costas. Meu filho estava deitado quando botaram fogo nele!

Naqueles dias, me falaram tanta coisa! Uma mais absurda que a outra! E minha ira só aumentava! Falaram que ele teve um probleminha de manhã, que ficou nervoso e foi levado para a enfermaria. Lá deram remédio para ele se acalmar, um sedativo, e depois ele foi conduzido ao quarto para descansar. Minutos depois meu filho apareceu em chamas... Essa foi a explicação que me deram!

Depois de 15 dias que meu filho estava no hospital, vieram com outra versão: que meu filho ficou ameaçando o professor de informática chamado Fábio, que é da Fundação Bradesco, e armaram um esquema para ele, que ele era da turma do Batoré... Eu falei:

— Impossível meu filho falar que é da turma do Batoré, já que ele brigou com o Batoré em Franco da Rocha! Impossível!

Falou que ele disse que era da turma do Batoré, parente do Batoré, não sei o que, e que ele foi atrás do Fábio no curso de informática... E eu falei:

— Mas, como ele sai do curso dele, que ele fazia caligrafia, como um adolescente pode andar sozinho... Não pode! Pela Febem não pode, não tem aquele livre acesso a uma sala ou outra, não tem! Porque tudo é controlado.

Falaram que ele foi até a sala do professor e que o professor entregou um isqueiro para ele. Depois ele ficou nervosinho porque foi acender um cigarro antes do horário — que eles podiam fumar dois cigarros durante o dia — e os funcionários foram brigar com ele e ele acabou discutindo com os funcionários. Depois disseram que ele ficou agressivo e acabou brigando com os funcionários. Então, foi levado para ser medicado, tomar um calmante e tacou fogo nos colchões no quarto... O que podia ser mais absurdo que isso? Eu não entendi foi nada e falei:

— Engraçado, meu filho disse que lá, até a gente quando vai lá é tanta revista. Meu filho falou que eles têm umas dez revistas por dia para tudo. Engraçado, logo naquele dia meu filho foi levado para o quarto e o funcionário não revistou ele, se ele estava com o isqueiro!

Logo naquele dia o funcionário não revistou! Porque o adolescente, quando fica no quarto sozinho, tem que tirar todos os colchões, não deixam com nada, só o adolescente. E justo naquela ocasião não tiraram os colchões. Ele foi conduzido para descansar e logo depois apareceu em chamas... Ele mesmo tinha colocado fogo nos colchões, depois ficou acuado e falaram que aí o moleque que estava perto começou a gritar que estava pegando fogo. Quando chegaram lá e viram, o socorreram e levaram para o hospital.

Sei que meu filho entrou andando ainda no hospital, mesmo todo queimado, entrou andando... Algumas pessoas que tinham parente lá me contaram que ele entrou andando e com o pé queimado! Ele ficou 17 dias na CTI e foi um suplício! Foi horrível! Eu saía do Embu e só tinha 15 minutos com meu filho. Esse era o tempo que eu podia ficar naquele CTI. Já as pessoas da Fundação Casa, da porcaria da Febem, podiam ficar o tempo que quisessem. Isso era revoltante!

O Estado tinha todo o controle sobre o meu filho e eu não tinha controle nenhum! Eles ainda tiveram a coragem de falar para

mim que tinha uma lista de quem da minha casa podia visitar meu filho: era só eu, minha filha e a avó. Meu marido foi um dia para visitar, aí eles ficaram sabendo e foi a maior confusão! Vieram me dar bronca e me xingar dizendo que só poderiam as pessoas que estivessem na lista.

Agora eles poderiam, aqueles estúpidos, se quisessem, ficavam lá o dia inteiro. Eu nem sei por que eles montavam guarda no quarto do Sidney. Tinha funcionário que ficava lá o dia inteiro, de manhã até a noite para vigiar meu filho. Ele queimado ia fugir, né?

No começo, assim que ele foi internado, ele ainda falou algumas palavras. Mas, como ele respirou muita fumaça tóxica e prejudicou os pulmões, foi muito pouco que ele conseguiu falar... Ele falou com a avó. Ela disse que ele falou: “Vó” com muita dificuldade. A avó perguntou, porque estavam alegando que ele colocou fogo:

— Sidney, foi você que colocou fogo? Se você não conseguir falar, se não foi você fecha os olhos.

Ela disse que ele fechou os olhos, querendo dizer que não tinha sido ele que colocou fogo no quarto. Ele queria falar... Eu tentei perguntar para ele, ele tentou falar comigo. Lembro disso até hoje. Eu ficava perguntando desesperada:

— Sidney, o que aconteceu naquele lugar? Sidney, foi você que tacou fogo?

Uma vez ele ficou tão desesperado que começou a se debater, ele queria falar e não conseguia, não tinha fôlego. Como ele ficou muito agoniado eu desisti:

— Deixa você melhorar, você vai se recuperar, fica calmo que depois a gente vai poder falar tudo, contar tudo que aconteceu.

Infelizmente, nada disso aconteceu... Eu vi ele numa quinta-feira, aí passou sexta, sábado e quando foi no domingo colocaram ele em coma induzido porque ele não suportava mais aquela dor, as queimaduras... Além disso, iam ter que fazer raspagem, tirar aquelas peles mortas, ele recebeu sangue também, transfusão, essas coisas todas. Durante a raspagem, a médica até falou assim:

— Ele pode não voltar da raspagem porque ele já está muito sedado por causa das queimaduras, do coma induzido e a gente vai ter que fazer mais ainda.

Para fazer a raspagem eles já deixam a pessoa sedada. E mesmo assim quando ia fazer curativo ele ainda gemia, ele sentia dor... A médica então falou que ele poderia não voltar, mas graças a Deus ele fez a raspagem e voltou ainda vivo! Foi um guerreiro! No dia 5 de setembro, quando fui ver ele, já estavam tirando aquele tubo por onde ele estava respirando e eu até questioneei, dizendo que ele estava respirando com dificuldade, mas me disseram que ele precisava aprender a respirar de novo com o próprio pulmão. Fiquei preocupada porque os batimentos cardíacos dele estavam muito rápidos, mas falaram que era normal.

Não tinha nada que eu pudesse fazer, então fui embora... Eu fui a última pessoa que viu ele vivo. Fui embora e quando foi 5h da manhã falaram que ele teve a primeira parada respiratória, mas fizeram ele voltar. Quando foi 7h ele teve a segunda e faleceu... Era dia 6 de setembro... O dia que meu filho faleceu...

Como ele já tinha problema de bronquite asmática, mesmo que ele tivesse vivo disseram que talvez ele ia ficar vivendo com tubo de oxigênio, essas coisas... Queimou demais os pulmões, queimou muito, ia ter que fazer muita cirurgia. O Sidney que era uma pessoa vaidosa, ele não ia aguentar. A única coisa que posso dizer é que isso tudo foi um inferno! Quando a Conceição Paganele ficou sabendo do caso, que o Sidney tinha sido queimado na unidade, ela entrou em contato comigo e falou que tinha uma repórter que queria falar comigo. Eu dei entrevista e foi até por telefone mesmo. Mas o pessoal da Febem tinha falado que não era para eu dar entrevista! Isso foi pouco antes dele falecer...

Quando viram a entrevista que tinha saído no jornal, me ligaram chamando para ir na Febem, que queriam falar comigo. Colocaram o jornal dobradinho, bonitinho, virado para a cadeira onde eu ia sentar. E lá estava a gangue deles, o diretor e os seus assistentes. Entrei na sala meio atordoada, sentei e quando olhei para eles falaram

que eu não podia ter dado essa entrevista. Fizeram até uma comparação entre mim e a mãe de um funcionário, o Rogério Rosa, que tinha sido morto em uma rebelião no dia 12 de agosto. Colocaram a foto da mãe dele e a minha lado a lado e falaram:

— O filho dela está morto e o seu não. O seu está no hospital ainda vivo. Você está vendo isso aqui? — E apontou uma pilha de papéis e relatórios — Nunca ninguém fez tanta coisa por ele como eu!

Deu vontade de falar para ele assim: “É, estou vendo que nesses dias que meu filho ficou no hospital o senhor deve ter trabalhado muito no relatório dele.” Ele continuou:

— Agora, a dona Maria de Fátima pode entender nessa entrevista que a senhora não tem como cuidar do seu filho e pode enviar ao manicômio judiciário. Eu vou pedir para que assim que seu filho melhorar do hospital, para ele ir direto, ele nem vai para sua casa mais, ele vai direto para o manicômio judiciário.

Isso tudo porque eu dei aquela maldita entrevista! Ficaram me ameaçando para eu calar minha boca ou mandavam meu filho para o manicômio judiciário. Na hora, eu estava tão nervosa, tão atordoada, que debochei da cara dele, dei risada e fui muito cínica, igual a ele. Eu já estava meio passada mesmo...

Só que, infelizmente, pouco depois o Sidney faleceu. Aí sim não quis mais saber de nada! Realmente fui dar entrevista, ninguém vai mais podia ir atrás do meu filho mesmo! Depois disso comecei com a AMAR e fizemos um ato. O primeiro ato que fizemos foi no dia 6 de outubro. Foi aí que começamos a ir para a praça fazer aquele “Ato Silencioso”, na frente da Secretaria da Educação toda quarta-feira.

Sobre a morte do meu filho, a Promotoria falou que foi uma coisa muito bem feita, mas não acredito em crimes perfeitos, acredito sim em crimes mal investigados, quando não há interesse. Depois que dei a primeira entrevista, apareceu muita gente no hospital interessada no caso do Sidney. O próprio médico falou:

— Não sei por que tanto interesse num delinquente!

É cada coisa que você tem que ouvir! Um absurdo! Sei que foi uma confusão depois que o Sidney morreu... Eu fiquei atordoada! Sabe quando você vai fazendo as coisas, mas parece que não tem noção de nada? Parece que você está sem chão, sem rumo... Você vai indo, mas sem destino?

E assim fui caminhando... Fui para Ribeirão Preto com a Conceição, falei com a Ashma Jahandir, da ONU, denunciei a Febem. Teve uma audiência pública na Câmara de Vereadores, eu também fui. Quando teve na OAB, eu fui. Sei que fui para tantos lugares... E sempre denunciando! Denunciei para a imprensa... Logo depois veio a morte do filho da Maria José, amigo do Sidney, que tinha discutido com o Batoré, e que foi assassinado com 40 naifadas dentro da Febem também. Todos acreditam que foi a própria turma do Batoré que fez isso. Só então eu e Maria José descobrimos que nossos filhos se conheciam... Que coincidência! Se meu filho tivesse em Franco da Rocha ele teria morrido do mesmo jeito. Talvez tivesse até morrido junto com o Ronaldo...

Depois da morte do Sidney eu participei de muita coisa! Quando você está militando, que é como eu falo, você está indo atrás, está brigando, você é movida pela raiva, pelo ódio! Mas, e quando a raiva e o ódio passam? Parecia que minha ficha não tinha caído ainda. Quando vem o silêncio, quando tudo aquilo passa, é a pior parte... Aquilo arreventa você. É uma dor in-su-por-tá-vel! Só agora estou começando a sair de casa de novo. Tenho essas etapas, tem épocas que começo a sair de casa, aí de repente vem aquela tristeza e eu me fecho, me tranco de novo. Passei um ano inteiro praticamente dentro de casa!

A morte do meu filho foi em 6 de setembro de 2003. Ele ficou um ano, três meses e 20 dias na Febem... Fez 18 anos lá. Depois que o Sidney morreu foi complicado, porque além de ter que lutar com a minha dor, tinha meus outros filhos que ainda precisavam de mim. O Felipe era um dos melhores alunos da escola e quando tudo isso aconteceu ele travou...

Tem uma coisa que aconteceu naquela época que eu nunca vou esquecer... No final de ano, o Sidney era sempre o mais animado!

E naquele fim de ano, o Felipe entrou em desespero! Ele gritou tanto dentro de casa que eu não aguentei. Ele falava:

— Cadê você, Sidney, você tinha que estar aqui! Era pra você estar aqui. Eu sou pequeno, mas eu vou crescer, eu vou crescer e eles vão pagar pelas coisas que fizeram com você. Era pra você estar aqui, pra gente jogar bola... Você prometeu!

Ele sempre mandava carta falando para o Sidney: “Quando você sair daí a gente vai bater uma bola” e o Sidney “É isso mesmo!” Nosso fim de ano acabou depois disso porque todo mundo ficou arrasado, começou a chorar, acabou tudo! O Felipe, depois que o Sidney morreu, se bobear nunca mais foi o mesmo na escola, não quis mais saber de estudar, cabulava aula escondido. Foi muito difícil! Fiquei em cima dele e do Rodrigo porque não queria que aquela história se repetisse!

Quando tinha reunião dos pais, eu ficava até com vergonha porque me chamavam e falavam: “Esses dois são irmãos, acontece isso, isso e isso”. Outros pais falavam assim:

— Pega esses maus elementos e joga na rua! Manda embora! Expulsa eles da escola!

Eu engolia o choro na hora, mas depois me desaguava... Conversei com uma moça, a Valquíria, acho que era a vice-diretora, contei as coisas que tinham acontecido e ela teve uma paciência de Jó comigo! Se fosse pelos outros pais, meus filhos tinham sido expulsos da escola porque só aprontavam.

Mas, eu consegui, graças a Deus, reverter a situação e na reunião seguinte, quando a Valquíria falou o nome dos meus filhos, ela disse:

— Esse aqui eu preciso falar. Esse adolescente aqui só dava problema na escola, era um dos piores da escola, só arrumava confusão, não ficava quieto, só cabulava aula. – E mostrando o boletim – Agora não tem uma nota vermelha esse bimestre, só nota azul. E muitos que estão vindo desde o começo do ano, que vêm para a escola todos os dias estão com tudo vermelho. Eles são inteligentes, basta dar uma chance e uma oportunidade para eles.

Eles sempre foram inteligentes, os dois. Só tiravam nota azul. Eu peguei no pé, fiquei mesmo em cima até que graças a Deus, agora está tudo bem. Mas foi fogo para controlar os dois... Depois disso, o Rodrigo e a Vivian também foram morar comigo. Já tive muito problema com o Rodrigo porque lá em Cotia ele era companheiro do Sidney. Quando um fugia de casa, o outro ia atrás. Eles ficavam dias no meio do mato. Quando o Sidney morreu, quem se reuniu com o Rodrigo foi o Felipe e eu tinha medo deles começarem a fazer alguma besteira! A Vivian hoje está casada e eu tenho um netinho de dois anos, o Flavinho. O Rodrigo, graças a Deus, está trabalhando registrado. Ele tinha abandonado a escola quando estava na sexta série, mas agora voltou e está no Pró-jovem. Ele fala assim:

— Mãe, eu preciso correr atrás e fazer alguma coisa da minha vida.

Ele diz que quando terminar o Ensino Médio vai fazer Engenharia Civil, porque gosta de prédios, construção é com ele mesmo! O Felipe também está bem! Esse ano a gente fez um acordo, porque de tanto ele me encher para trabalhar, queria porque queria trabalhar, eu acabei deixando. Começou a trabalhar e acabou não indo mais para a escola porque disse que não gostava da escola onde eu coloquei ele. Agora estou procurando outra escola e no ano que vem ele vai trabalhar e estudar. Ele trabalha numa autorizada da Yamaha como auxiliar de mecânico. Esse ano foi até para a fábrica da Yamaha fazer curso e disse que ano que vem vai de novo... Já tive problema por causa desse negócio de moto porque ele estava pilotando sem habilitação e me mandaram para o fórum do Brás. Na hora falei:

— Não acredito! Outro filho na Febem não! Eu não deixo!

Mas, graças a Deus não deu em nada, só fez um acordo de que não vai pilotar moto até fazer 18 anos. A sorte é que nenhum deles teve problema com drogas. Se fosse droga acho que tinha pirado, acho que eu enlouquecia... Amo meus filhos, mas nesse meu novo casamento não quis ter mais um não... Nem eu e nem o Miguel, nenhum de nós quis. Ele tem dois filhos do primeiro casamento e eu já tinha quatro, aí seria demais! Está ótimo assim...

A gente se conheceu no Shopping onde eu trabalhava. Ele era segurança e eu gerente de uma loja. Quando a gente saía do Shopping tinha uma turminha que se reunia num posto de gasolina e eu ia de vez em quando. Passava lá, tomava uma água de coco e ia embora. Até que um dia eu estava lá com o pessoal e o segurança me chamou. Ficamos lá batendo papo até que ele me convidou para sair qualquer dia, e foi aí que tudo começou.

Estamos juntos há 12 anos, mas não vou mentir, não está fácil não... Já pensei muitas vezes em me separar. É complicado porque meus filhos não são filhos dele, então ele pega muito no pé, cobra muito. Ele fala que eu tenho que resolver, mas não me ajuda, fica só na cobrança. E muitas vezes já pensei em me separar e falar que não dá mais, que não aguento mais. Mas uma coisa eu posso dizer: ele nunca me agrediu!

Agora não sou mais a boba de antes, a boba de antes é capaz agora de bater! Se a mulher abaixa a cabeça o homem bate mesmo! Se na primeira vez que o homem levantar a mão a mulher não for dura, ela vai apanhar! O problema do Miguel é que ele é muito machista também. Eu quero trabalhar e ele não deixa, quero estudar, também não deixa. E eu sempre trabalhei: no Shopping, com telemarketing, como auxiliar em teatro. Eu adoro teatro! E ele odeia, não me deixa nem ir ao teatro! Parei de trabalhar por causa desses problemas com o Sidney, ele estava dando muito trabalho, mas quando penso em voltar ele começa a ficar nervoso, a ficar bravo. Esse é o único problema dele, além de ser ciumento! Já falei para ele procurar um psicólogo. Não quero ser vítima de crime passional, pelo amor de Deus! Já passei por coisa demais na minha vida, era só o que faltava!

Mas, quando não estou naqueles momentos de ficar fechada, deprimida, eu tento fazer as coisas. Já fiz cursinho, vestibular, cheguei a passar e não fui. Sabia que o Miguel ia ficar pegando no meu pé e só isso já me deixa nervosa! Quando estava no cursinho, ele ia até lá me buscar! Mas, depois passa um tempo, quando não estou mais envolvida com a militância ou outras coisas e começo a me isolar novamente.

Já tentei várias coisas, mas não gosto de tomar remédio, antidepressivo. Uma vez me colocaram numa terapia de grupo. Mas, o pessoal vinha com aqueles problemas do dia-a-dia, eu fiquei até com inveja. Eu ia falar o que? “Meu filho morreu na Febem, aconteceu isso e isso na minha adolescência”. Lá o pessoal falava que estava com raiva de vizinho, que o marido não liga porque ela anda de minissaia... Para eles isso é problemão... Para quem passa por uma coisa mais difícil, esses tipos de coisas são bobagem. Fala com o marido, para de brigar com o vizinho. Sei que não deu certo e eu parei. A terapia de grupo não funcionou. Aí me deram aqueles remédios e também não funcionou.

Eu gosto mesmo de ficar com meus pensamentos. Nos meus pensamentos eu sou livre, posso fazer o que quiser, ir para onde quiser, viajo o mundo inteiro. E esses psicotrópicos não deixam você pensar, nem raciocinar, você só vive com sono. Eu vejo as pessoas que usam e ficam com aquela fisionomia de cansaço, querendo dormir, aquele olhar pesado, totalmente dopadas. Eu não quero ficar assim não! Falei que não ia tomar isso e não tomei! Eu tinha que controlar a situação sozinha!

E tento continuar com a minha vida. Hoje, apesar de tudo, me dou bem com a minha mãe. Acho que de todos os meus irmãos sou a que se dá melhor com ela. Esses dias estava pensando nisso: é como se eu tivesse ficado a vida inteira do lado da minha mãe e ela nunca notou que eu estava lá. Já vi minha mãe chorar pelos meus irmãos, mas nunca vi ela chorar por mim. Minha mãe já me viu apanhar, já me viu implorar para ela para eu voltar para casa, sem saber onde ia ficar... E quantas vezes meu padrasto estava lá e eu fiquei chamando por ela e pedindo ajuda de noite e ela não estava lá porque estava bêbada demais para me socorrer. Eu gosto da minha mãe, mas hoje ela é muito dependente, pede para eu fazer tudo. Eu olho para minha mãe e sinto muita tristeza por ela ter ficado com esse homem e me jogado fora, porque é como se ela tivesse me jogado fora. Sinto como se ela tivesse a vida inteira tentando se livrar de mim. Lembro de quando eu tinha 11 anos de idade, ela chegou bêbada, pegou uma faca e falou assim:

— Ninguém gosta de você, ninguém quer saber de você, por que você está viva?

E veio para cima de mim com a faca para me matar. Eu consegui fugir dela e subi em cima do telhado de casa para ela não me pegar e lá fiquei o dia inteiro com medo dela... Hoje posso dizer que sinto que perdoei. Acho que meu padrasto também. É até engraçado porque quando eu vejo ele não sinto raiva. Para mim é como se ele não estivesse ali, é totalmente indiferente. Eu até cumprimento, ele tenta puxar conversa... Mas, hoje ele é diabético e tem as duas pernas amputadas. Um dia minha mãe falou assim:

— Vamos lá embaixo com seu pai – ela chama ele assim— aí você ajuda a empurrar a cadeira de rodas dele.

Onde ela mora é um morro e eu falei brincando:

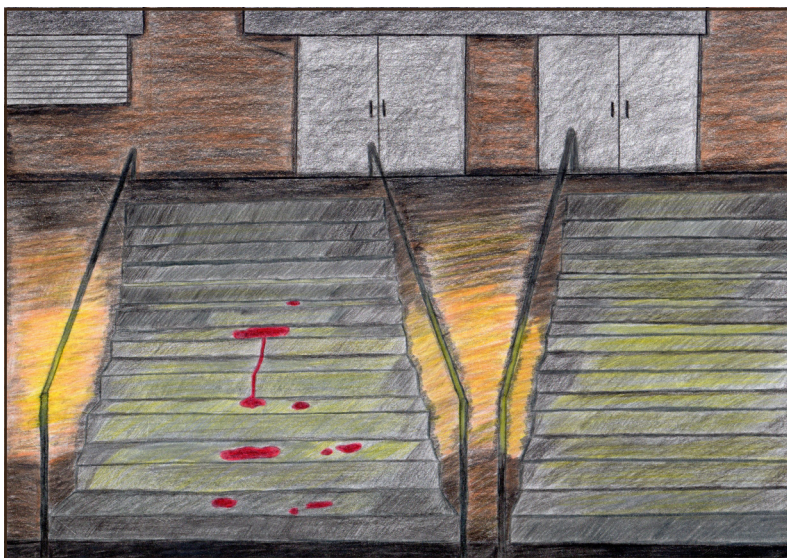
— Só se for para eu pegar e soltar a cadeira. Subo lá no morro e quando chegar lá em cima, eu solto a cadeira.

Eu falei brincando, mas eu falo essas coisas para assustar mesmo, para não vir pedir para eu fazer nada para ele. Agora é assim, mas antes eu tinha raiva, muita raiva dele, porque depois que eu fui embora ele começou a bater na minha mãe. Ele bebia também e queria bater nela! Quando eu fiquei sabendo, fiquei com tanta raiva que fui na casa da minha mãe e falei para ele que se ele voltasse a colocar a mão na minha mãe eu matava ele. Ele nunca mais bateu na minha mãe. Ele tem medo de mim, eu sinto que ele tem... Lembro que eu falei para ele quando eu tinha uns 14 anos:

— Se você colocar a mão de novo na minha mãe eu vou te matar!

E até hoje ele tem medo, receio de falar alguma coisa pra mim. Parece que inverteram os papéis... No final, fui eu quem protegi a minha mãe...

Aparecida de Oliveira



A BUSCA POR EXPERIÊNCIAS QUE AMPLIASSEM A REFLEXÃO SOBRE A MATERNIDADE NA ADVERSIDADE CONTINUAVA SE MOSTRANDO UMA NECESSIDADE PARA O BOM ANDAMENTO DA PESQUISA E UM DESEJO PESSOAL POR CONHECER UNIVERSOS AINDA DESCONHECIDOS. TOMEI A DECISÃO DE DAR ALGUNS PASSOS EM DIREÇÕES DIFERENTES E OLHEI AO MEU REDOR. AFINAL, COMO MORADORA DA PERIFERIA, CERTAMENTE HAVERIA BEM PERTO DE MIM MULHERES CUJOS FILHOS HOUVESSEM VIVENCIADO A SITUAÇÃO DE CONFLITO COM A LEI. FOI ESTE O MOMENTO EM QUE CONHECI CIDA, A PARTIR DO CONTATO DE UM AMIGO. SUA HISTÓRIA, MESMO QUE DE FORMA DISTANTE SE ENCONTRAVA COM A MINHA. AO CONTAR OS DRAMÁTICOS EPISÓDIOS DO ENVOLVIMENTO DE SEU FILHO COM O TRÁFICO DE DROGAS, OS CENÁRIOS E NOMES MENCIONADOS SOAVAM FAMILIARES. NARRANDO SUA HISTÓRIA DE VIDA, APONTOU PARA A EXISTÊNCIA DE UMA NOVA REDE, FORMADA POR MULHERES CUJAS TRAJETÓRIAS NÃO ERAM MARCADAS PELA MILITÂNCIA. DE INCONTESTÁVEL IMPORTÂNCIA PARA O TRABALHO, AS PECULIARIDADES DE SUA NARRATIVA CONFERIRAM NOVAS CORES PARA AS REFLEXÕES QUE A PARTIR DE ENTÃO SURGIRAM.

*“Apesar de tudo, comigo, como filho, ele era um amor!
Me tratava bem, tudo o que eu queria ele fazia,
como foi até o último dia da vida dele”*

Meu nome é Aparecida de Oliveira. Minha infância inteira passei na casa da minha avó materna, em Mauá, e foi lá que sempre morei. Quando era pequena, gostava de brincar de casinha. Tinha uma tia minha que me dava bonecas e eu adorava brincar de casinha com uma menininha que morava perto! Essa foi a minha infância...

A minha mãe sumiu, não tenho mãe nem pai, nunca os vi. Sei que são vivos, mas nunca os vi. Quando nasci, minha mãe deixou a mim e minhas irmãs com a minha avó e ela e meu pai largaram de mão, foram embora, sumiram. Eu devia ter um mês de vida, por aí. Minhas irmãs são mais velhas, eu sou a caçula. Elas também não viveram com a minha mãe.

Esses tempos uma das minhas irmãs estava mexendo com esses negócios, foi no cartório para saber da nossa mãe, falou que ela e meu pai são vivos, mas nunca apareceu nada além disso. Por pior que pareça, nunca tive interesse em ir atrás, diferente das minhas duas irmãs. Eu penso assim: se minha mãe não teve interesse até agora, depois de velha é que não vai ter mais... Minha avó também nunca falou nada sobre ela.

Quando minha avó morreu, eu estava com uns 25 anos. Um pouco antes disso fui morar “sozinha”. Morei em Barueri por uns dois anos. Morávamos eu e uma prima, mas eu acabava ficando mais sozinha do que com ela. A casa era no mesmo quintal de uma tia nossa. A gente se dava super bem! Foi quando comecei a trabalhar.

Trabalhei primeiro em casa de família, depois, quando peguei uma certa idade, comecei a trabalhar em firma. Eu ainda estudava, gostava de estudar...

Até hoje nem eu sei por que fui embora da casa da minha avó. Só sei que quis ir. Mesmo assim minha avó mandava dinheiro para a minha tia para ajudar a pagar as contas. Eu gostava de morar sozinha... Era melhor que morar com a minha avó... Ela era igual uma mãe, ruim também. Tinha mania de não deixar a gente sair. Por isso, não me arrependi de ter ido embora. Mesmo assim, eu gostava da minha avó, nunca deixei de ir ver ela, principalmente quando ela ficou doente. Ela tinha câncer no estômago e foi tudo muito sofrido até ela falecer, com 60 anos. Meu avô também tinha problema de saúde e acabou morrendo do coração, com 70 anos.

Comigo, graças a Deus, deu tudo certo. Minha irmã sempre fala que eu podia ter virado uma galinha quando fui morar sozinha, coisa que nunca aconteceu. Pouco depois, conheci o João. Ele foi meu primeiro namorado, quando eu tinha 14 anos. A gente se conheceu na época que comecei a ir para salão, quando fui morar em Barueri. Era época dos bailes do salão da cidade e eu o conheci lá. Começamos a namorar e ficamos um tempo só namorando, depois casamos.

Foi aí que vim morar na Cohab de Itapevi. Quando fiquei grávida do Rodrigo, ele foi ver os negócios para a gente casar. Casamos, compramos esse apartamento onde moro hoje e quando a gente veio para cá, o Rodrigo já estava com um mês. Nessa época, eu trabalhava na Marcin como auxiliar de produção, profissão que tenho até hoje.

O casamento foi bom... A gente só casou no cartório. Como estava grávida, não quis casar na igreja. Depois disso, tive a Letícia e o Lucas, que agora tem 13 anos. Quando vim para cá, logo que o João comprou o apartamento, apesar de tudo, não queria morar aqui, mas como já tinha comprado eu vim. E depois, foi correndo tudo normal, as crianças foram crescendo... Mas, eu continuava não gostando daqui...

O Rodrigo, meu filho mais velho, deu bastante trabalho! Quando ele tinha uns 14 anos, conheceu uns meninos do prédio 70, que é bem conhecido por causa do tráfico de drogas. Mas, na escola, nunca deu trabalho. Quando ele começou a sair de casa, a Letícia falava assim:

— Mãe, o Rodrigo está andando com gente que não presta.

E eu falava:

— Ai, Letícia, lógico que não.

— Mãe, todo dia eu vejo ele com gente que não presta.

Eu achava que não era verdade... Quando fui descobrir que ele estava fumando maconha, ele tinha 15 anos. Descobri quando pegaram ele na escola com droga e ele foi preso. Ele já estava vendendo droga desde os 14, mas eu nem imaginava... Porque ele não saía de noite, meu ex-marido não deixava. Quando era nove, dez horas ele já estava dentro de casa. Então, o que ele tinha que fazer, fazia durante o dia. Como eu e meu marido trabalhávamos, a gente chegava em casa sete horas da noite, ele ficava sozinho e o que tinha que fazer, como vender droga, era de dia que ele fazia. Foi aí que tudo começou. Foi quando me avisaram no serviço:

— Seu filho está preso.

A polícia ligou no meu trabalho falando que tinham pego o Rodrigo, que ele estava com uma boa quantidade de droga e que era para eu ir embora. Falaram que ele estava na frente da escola quando levaram. Saí do trabalho, fiquei um tempão lá esperando e então fomos para a delegacia de Itapevi. Depois saiu, ficou todo bonitinho por um tempo, mas acabou voltando para as drogas de novo. Nessa época, ele ficava no prédio 70 e já estava vendendo droga. Ele não fumava aqui dentro de casa, nem tentava roubar alguma coisa. Não dava trabalho em nada nesse sentido, porque tem criança que é assim, mas ele não. Nunca deu trabalho, só que já estava virando traficante, dono da boca mesmo. Ele vendia droga no prédio 70 e aqui na rua arrumou uma turminha e ele mesmo vendia. No prédio que a gente mora não, porque só quem fumava aqui era ele, e ele não vendia nada aqui. Nunca deu trabalho aqui no prédio.

Quando ele ficou na Febem, eu tinha que ir todo sábado ou quarta-feira na visita. Não podia abandonar porque ele era “de menor”. Quando eu não podia ir na quarta-feira, saía do serviço e ia ver ele de sábado. Na visita, a gente entrava e ficava até 5h da tarde com ele... Mas mesmo lá dentro ele conseguia vender droga. Não sei como! Achava que por estar lá ele ia melhorar, mas não, mesmo assim ele conseguia vender droga e fumar lá dentro, mas em nenhum momento ele sofreu algum tipo de violência.

Ele já tinha apanhado da polícia. Uma vez ele contou que os policiais o levaram até um bairro próximo e deram uma surra porque ele era “de menor”. Mas lá na Febem não. Da primeira vez, ele ficou internado no Brás e depois ficou numa unidade que fica perto da cadeia, na Raposo Tavares.

Nessa segunda vez, primeiro ele ficou na delegacia de Itapevi por duas semanas, depois levaram para a Raposo Tavares. Quando ele estava preso, no mês de dezembro, teve uma rebelião. Fiquei sabendo pela televisão, vi os colchões queimando e foi um desespero só! Saí correndo de casa e fui para lá. Quando cheguei, fiquei sabendo que ele também estava no meio.

A única coisa que ele contava da Febem era que ele lá era o líder. Na rua ele já era, todo mundo respeitava ele. O apelido dele era Rodrigão e não tinha uma pessoa que não respeitasse. Na Febem ele já estava tipo chefe. A maioria dos meninos que foram presos daqui acabaram indo para o mesmo lugar, então já conheciam ele. Parecia mais que ele estava numa casa porque não reclamava de nada. Ele gostava muito de comer e falava:

— Nossa, lá tem tudo de comer!

O negócio dele era comer. Quando eu chegava lá, ele me tratava bem, me apresentava para os amigos, mandava eu comer, fazia tudo para me agradecer... Durante as visitas, nunca tive contato com funcionários, eles nem ficam lá dentro, ficam meio escondidos. A visita era no pátio e ficavam só os meninos. Às vezes ele me deixava lá com a irmã dele, que sempre ia comigo, e ia conversar com os amigos. Acho que eles iam fumar...

Lá dentro ele não tinha inimigos. Enquanto estava lá, ele falava que quando saísse não ia mais vender droga, que ele ia roubar... Eu falava:

— Rodrigo, para que isso?

— Não, eu vou morrer mesmo, um dia eu vou morrer.

Ele só falava assim. Qualquer oportunidade, ele falava que ia morrer logo, só falava em morte. Ele era uma pessoa que não queria sair dessa vida. Mesmo se tivesse vivo hoje, não queria sair. Ele falava que ia morrer mesmo e que não ia sair das drogas.

Eu conversava com ele, falava assim:

— Filho, sai dessa vida, seu pai dá tudo o que você quer.

Ele tinha tudo o que queria. O negócio dele era roupa de marca. Eu e o pai dele trabalhávamos e a gente dava tudo o que ele queria. Se queria da marca Adidas, a gente dava. Eu falava:

— Olha onde você está, é essa vida que você quer?

— Não.

— Então, filho, vamos para casa, é melhor.

— Não, mãe, eu vou sair dessa vida, não quero não.

Meu marido ia arrumar serviço para ele, falava que quando ele saísse de lá, eles iam trabalhar. Ele voltou para casa, ficou bem umas duas, três semanas, aí começou a sair de novo. O pai conversava muito com ele. Teve um dia que ele chegou em casa muito louco, drogado, não sei se ele tinha cheirado, o que tinha acontecido. Foi a primeira vez que chegou querendo quebrar tudo, até bater em mim ele queria. Meu marido chegou nessa hora e conversou com ele, viu como ele estava drogado, acho que ele tinha fumado pedra... Mas, só foi nesse dia. O pai conversou com ele, deu leite, ele dormiu e acordou mais calmo. Mesmo assim, ele continuava indo para a rua, só chegava 3h, 4h da manhã. Eu mesma não conseguia dormir enquanto esse menino não chegava. Às vezes, eu saía para trabalhar e ele ainda não tinha chegado. Ia trabalhar com o coração tão apertado! Lá na firma, não podia me abrir, porque tem coisas que a gente não pode falar... Eu até brincava com o pessoal, mas meu pensamento estava sempre nele! E como ele deu trabalho!

Teve um dia que ele pegou droga com um traficante chamado Neto, guardou aqui na rua debaixo, aí vieram e roubaram. Por causa disso, ele ficou quase um mês fora de casa. Fui achar ele depois desse tempo na Estação da Luz, parecendo um mendigo. O que eu fiz então... Recebi meu salário e paguei tudo o que ele devia de drogas. Tive que pegar todo o salário e ir na casa do Neto, pagar para ele poder vir embora para casa. Ele tinha fugido porque estava devendo e o traficante queria matar ele. Nisso ele já estava cheirando cocaína e usando maconha. Só uma vez que acho que ele usou pedra, que foi quando ficou agressivo, queria bater na irmã e no irmão dele. Se meu ex-marido não tivesse chegado na hora, ele tinha aberto a gaveta para pegar a faca. Eu tenho uma faca grande que meu marido comprou para cortar carne, e nesse dia ele quase pegou a faca e veio para cima de mim. Mesmo assim, nunca coloquei ele para fora de casa. Quando ele chegava assim, eu já sabia como era, esquentava comida porque ele vinha com muita fome. A gente conversava um pouco, ele comia, tomava banho e dormia, mas nunca fui de tocar ele para fora, nada disso.

Nesse tempo todo, mesmo sabendo que estava usando drogas, traficando, tentava manter ele perto... Teve um dia que ele queria guardar droga aqui, foi quando eu falei:

— Não, aqui não Rodrigo, você tem irmã, você tem irmão, você tem que respeitar.

Ele pegou e guardou na casa não sei de quem e eu falei:

— Aqui você não vai guardar. Eu já te aceito do jeito que você é, mas guardar droga aqui você não vai guardar.

Apesar de tudo, comigo, como filho, ele era um amor! Me tratava bem, tudo o que eu queria ele fazia, como foi até o último dia da vida dele. Até hoje eu não esqueço dele falando que ia buscar a pizza para mim... Se eu estava com dor, ele ficava todo preocupado... Ele chamava a irmã de magrela e falava:

— Magrela, fica lá com a mãe, que a mãe não está boa.

Ele nunca queria me deixar sozinha. Eu fazia o almoço, a janta para ele. Como gosto de cozinhar, fazia tudo para ele... Aí ele enchia

aquele prato e comia com gosto! O que ele mais gostava era de arroz, feijão e farinha. Não ligava para mistura, o negócio dele era o arroz e o feijão mesmo. Se tivesse carne, ele comia, mas não ligava para isso. Não sei se é porque ele fumava e ficava com aquela ansiedade de comer, mas se deixasse ele comia até gelado. Eu costumava ir muito na feira porque ele adorava comer abacate, banana, fazia aquela mistura, amassava tudo e comia... Eu gosto de fazer arroz, lasanha, panqueca. Minha comida favorita é panqueca... Faço com carne moída ou então com frango. Mas, hoje quase não cozinho mais...

Meu filho mais novo mora com o pai e a única que fica comigo é a Luciene, então quase nunca cozinho. Já vai fazer oito meses que estou com o mesmo gás. Minha filha que acaba cozinhando. Quando chego muito cansada, ela limpa a casa, ela mesma faz a comida, já deixa tudo pronto... A gente sempre se deu muito bem! Ela conta tudo para mim.

Meu filho mais novo, o Lucas, agora está com 13 anos, uma idade perigosa... Mas, graças a Deus, ele é muito diferente do Rodrigo. O Rodrigo desde pequeno foi agitado. Comprei videogame para ele, mas ele não ligava. O negócio dele era ficar na rua. Desde pequeno adorava pular muro, empinar pipa, vivia machucado, com o braço quebrado... E o mais novo não gosta de nada disso. Quando chegava época de pipa, o Digo já estava pulando os muros. O pequeno não, o negócio dele se deixar, é ficar o dia inteiro no videogame.

O Digo era muito diferente! Eu sempre pedia para ele tomar cuidado quando saía. Às vezes, ele ia para bailinho, para lanchonete e arrumava briga. Ele era muito briguento! Teve um dia que chegou aqui tão nervoso, foi direto pegar minha faca. Eu levantei, era 1h da manhã, e ele queria pegar a faca e ir no prédio 70. Peguei a faca da mão dele e falei:

— Rodrigo, pelo amor de Deus! O que você vai fazer?

— Não, eu vou matar aquele moleque.

Peguei a faca da mão dele, escondi e fui acalmando aos poucos... Ele tinha brigado, estava todo rasgado, com o nariz sangrando.

Ele foi um menino que deu muito, muito trabalho mesmo! Depois de dois meses que tinha voltado para casa, quando foi para a Febem a primeira vez, pegaram ele de novo com uma quantidade de pedra aqui na padaria perto de casa, na rua de casa. Nesse dia eu estava trabalhando e a polícia invadiu minha casa com meu filho pequeno aqui, que estava com 10 anos. A polícia entrou e rasgou todo o meu sofá, abriu e quebrou a porta do meu guarda-roupa. Colocaram, forjaram droga para incriminar o Rodrigo! Isso tudo porque o Rodrigo sabia de um policial que morreu e que o próprio amigo dele tinha matado. Ele não podia entregar o amigo, mas a polícia mesma falou:

— Se você entregar, você vai solto.

O amigo dele tinha matado um policial aqui na rua Porto Velho, perto de casa. Ele sabia de tudo, porque logo que o menino matou, eles vieram aqui em casa todos cheios de sangue. Eu falei:

— Rodrigo, porque ele está todo cheio de sangue...

— Ele brigou.

Foram entrando, falaram que mataram o policial e o Rodrigo estava junto. Só que não foi o Rodrigo que matou, foi o amigo dele. Meu filho estava com a moto do amigo na hora, colocou ele na moto e veio para cá. Pelo que sei, o amigo dele matou esse policial para vingar a morte do tio dele.

Depois disso, o Rodrigo foi de novo para a Febem e ficou oito meses, dessa vez com 17 anos. Nessa segunda vez, continuei indo visitar, não deixava de ir, levava o “jumbo”, bolacha, tudo para ele. Depois de quase um ano, soltaram ele e ligaram para eu ir buscar. Quando ele saiu, eu falei:

— Rodrigo, não vai para a rua agora, porque os policiais já tinham prometido, eles sabem que você saiu da Febem e você é de menor.

Quando foi solto, ele ficou um mês em casa, mas logo depois começou a andar na rua de novo. Continuou frequentando os mesmos lugares de sempre. Quando o Neto foi preso, aí que ele começou a vender droga mesmo! Começou a vender aqui na rua e ficava a

noite inteira nisso. Não sei o que ele fazia com o dinheiro... Nunca teve moto, carro, nem namorada ele tinha... Eu mesma não via dinheiro dele, não sei o que ele fazia. Como não deixava ele guardar dinheiro em casa, ele pagava para uma mulher, acho que da rua Curitiba, que também mexe com isso, para que ficasse com o dinheiro dele. Só se guardasse em outro lugar mesmo porque aqui ele nunca guardou. Tanto que quando os policiais invadiram minha casa, reviraram tudo e não acharam nada. Quando eles vieram, eu tinha deixado tudo arrumado e o Rodrigo nem tinha aparecido aqui.

O Lucas estava jogando videogame quando eles invadiram a casa perguntando onde era o quarto do Digo. Foram lá, mexeram no guarda-roupa dele e foi onde colocaram a droga. Aí chamaram uma vizinha para comprovar que tinham achado a droga. Mas, eu tenho certeza de que essa droga não estava dentro da minha casa. A única pessoa que estava aqui era meu filho e eu estava trabalhando.

Quando cheguei avisaram que ele tinha sido preso. Larguei a bolsa aqui e fui direto para a delegacia, onde fiquei até 2h, 3h da manhã. Era a segunda vez que ele era preso... Já tinham avisado que quando ele saísse iam matá-lo, só que ele não quis dar ouvidos. Quando voltou para casa, falei para ele ficar aqui, até pensei em ir embora daqui esse dia... Mas, não adiantou... Acabou acontecendo o pior... Eu estava deitada porque ia trabalhar no outro dia. Isso foi na sexta-feira e no sábado eu ia trabalhar. Falei para ele:

— Digo, a mãe tá com uma vontade de comer pizza!

Ele pegou, foi na padaria e buscou a pizza. Mas, já estava meio bêbado, dava para perceber que tinha bebido. Falei para ele ficar aqui, não ir para a rua. Mas, sabe quando você está sentindo que vai acontecer alguma coisa... Ele não me escutou e falou:

— Não, mãe, eu vou trazer a pizza, aí você vai dormir, e pode ficar sossegada que eu vou ficar por aqui mesmo.

Trouxe a pizza para mim umas 11h e ficou na esquina da padaria. Foi quando veio um Uno preto, sem placa, sem nada e atirou! Ele estava na esquina quando atiraram nele, e era para ser ele mesmo. Ele nem deu ouvidos quando chamaram do carro, já estava meio

assim, tinha fumado maconha... Quando ele olhou, viu um carro fumê, era um Fiat. O cara só abriu o vidro e atirou. Ele ainda tentou sair correndo, mas acho que era para ser o dia dele mesmo, porque ele tentou entrar em todos os prédios da rua, mas os portões estavam todos fechados. Ele acabou morrendo ali mesmo, na rua... Ele correu muito e mesmo assim levou um monte de tiros na perna... Ele estava cheio de droga e dinheiro no bolso, ainda continuava vendendo...

Fiquei sabendo porque veio um monte de gente me avisar, as amigas dele começaram a gritar, mas eu já imaginava... Quando cheguei lá na rua, ele estava morto... Ave Maria, nessa hora eu fiquei desesperada! Não queriam deixar eu ver o corpo do meu filho... Só fui ver quando ele já estava sem vida no hospital. Ele levou muito tiro aqui na avenida, só levaram para o hospital porque tinham que levar... Eu e meu marido também fomos para lá...

Parece que os policiais tinham uma lista. O primeiro a morrer foi um amigo do meu filho, eles andavam sempre juntos. Depois que mataram esse menino, foi a vez do Rodrigo... Eram todos policiais, mas não fardados, tudo normal, à paisana mesmo...

Fiquei no hospital a noite toda e depois levaram o corpo para Barueri. Meu marido que viu tudo isso, porque eu tive que vir em casa atrás dos documentos dele. O velório foi por aqui mesmo, no centro de Itapevi... Esse dia foi muito difícil para mim. Nossa, é difícil até para lembrar! Para piorar, teve a minha separação, aí acabou tudo mesmo...

A separação aconteceu porque peguei meu marido com outra. O Rodrigo ainda era vivo e já estava sabendo de tudo. Ele ficou até chateado e acho que isso piorou as coisas ainda mais... O pai dele foi embora com a outra menina e nós ficamos aqui. A mulher morava perto daqui, mas eu não conhecia, nunca vi ela. Eles se conheceram quando ele trabalhava como entregador de pizza na Paulista. Desde então ele já estava me traindo. Fiquei muito magoada porque, além disso, só eu que corria atrás do Rodrigo por causa de todos os problemas dele. Onde ele ia eu estava atrás, cheguei até a segui-lo para

saber afinal onde ele buscava a droga. Descobri que era na Barra Funda.

O Rodrigo não gostava nem um pouco que eu ficasse atrás dele. Quando ele percebia, ficava nervoso e falava:

— Sai andando, sai andando.

Eu sempre dizia:

— Rodrigo, para com isso, é perigoso!

Mas ele não me escutava, na verdade, nunca me escutou. Como meu marido trabalhava direto, até meia-noite, 1h da manhã, quando chegava eu e a Letícia já estávamos atrás do Rodrigo. A gente ia nos prédios, em tudo quanto era lugar.

E tudo acabou acontecendo na mesma época. Até hoje não sei como não entrei em depressão. Acho que era porque eu trabalhava. Cheguei a ficar um dia internada, não conseguia comer nada, foi horrível! Agora estou engordando de novo, mas fiquei tão magra que usava número de calça 36... De tanto nervoso, comecei a fumar muito mais, mas continuava sem comer nada... Era tanta coisa na minha cabeça: o Rodrigo e meu casamento de 17 anos que tinha acabado. Foi uma grande decepção!

O meu filho caçula sempre foi mais seco, nem no enterro e no velório do irmão ele foi. Eu falei:

— Filho, vamos lá, é o seu irmão.

— Não, ele que quis entrar nisso...

Ele era mais seco, mas em compensação a Letícia chorou pra caramba quando tudo aconteceu, porque os dois eram muito apegados. Até hoje ela ainda pega foto dele para ficar olhando. Ela também tentava conversar com ele, mas não adiantava. Ele xingava, ficava bravo, não gostava de ouvir nada. Mesmo assim, ela falava para ele ter cuidado com a polícia. Por mais que a gente falasse, ele não ouvia, nunca quis ouvir.

Agora a Letícia está com 19 anos e o mais novo com 14. Na época da morte do Rodrigo, eles eram bem novinhos, ele com 12 anos e ela com 17. Dos meus filhos, só o Rodrigo se envolveu com drogas, graças a Deus! Ele deu muito, muito trabalho! Não vou falar

que estou feliz porque ele morreu, mas hoje está tudo diferente... Eu vivia atrás dele, pensei até em pedir a conta no serviço para ficar atrás dele. Ficava pensando como ia fazer isso, porque dependo desse trabalho. Já trabalhava no mesmo lugar que estou até hoje. Cheguei a trabalhar à noite para ficar cuidando dele, mas quando chegava de manhã e eu dormia, quando ia ver ele já tinha saído. Agora não, agora a gente está em paz.

Ainda penso muito nele, não gosto nem de ver fotos. Parece que tem alguém me chamando... Eu oro muito, vou para a igreja... Agora estou indo na igreja “Mensagem Amor de Deus”. Mas, já frequentei todas as igrejas que alguém pode imaginar. Estava disposta a entregar nas mãos de Deus, porque o Rodrigo era uma pessoa que não queria parar mesmo. Tanto que ele se envolveu tanto a ponto de virar traficante! Antes de descobrir isso, eu não tinha percebido nada... Minha filha já tinha percebido e eu falava para ela:

— Você pega muito no pé dele, ele não está fazendo nada.

Quanta ingenuidade! Só fui descobrir mesmo quando pegaram ele aqui na escola com uma boa quantidade de pedra. Quando faleceu, ele estava com 18 anos. A gente sente muita saudade! O pai dele então! O pai amava muito ele! Tentava orientar, conversava:

— Assiste o jornal, olha o que dá, ou é cadeia ou é morte. É essa vida que você quer? Ou é cadeia ou é lá na terra.

Mas, ele falava que ia morrer de qualquer jeito... Já tinha começado a andar com pessoas que não prestavam... Engraçado que na escola ele nunca deu trabalho, ia bonitinho. E continuou a ir mesmo depois que se envolveu com drogas. Quando ele foi para a Febem, vieram na escola para ver como era o comportamento dele e ninguém tinha nada de mal para falar. No prédio que a gente mora também vieram pesquisar, mas aqui ele também nunca deu trabalho. O que ele fosse fazer de errado, ele fazia lá fora. Nem os amigos ele trazia para casa porque eu não gostava. Nessa parte ele respeitava. Eu não gostava que ele trouxesse os amigos porque tem a Letícia, que é menina... Teve só uma vez que ele desrespeitou a gente e ficou agressivo porque tinha fumado muito. Mas, o que ele tinha que fazer, ele fazia tudo na rua.

Hoje em dia eu trabalho e cuido da casa. Não tenho o costume de sair. Tenho um namorado já vai fazer dois anos, o nome dele é Luís e a gente trabalha junto. Ele é super legal! Quando comecei a namorar com ele, o Rodrigo já estava nas drogas e não aceitava meu namoro. Por isso, o Luís não vinha aqui, talvez fosse medo. O dia que o Rodrigo viu ele aqui, eu tive que falar que era amigo da firma. Não sei, mas acho que o Luís ficava com medo porque ele mexia com drogas. Então, a gente ia se encontrar lá na esquina. Agora ele vem aqui em casa. Ele me ajudou muito quando tudo aconteceu e sempre me fala para tomar muito cuidado com o pequeno, que eu tenho que cuidar dele em primeiro lugar.

Meu namorado foi casado por quatro anos, mas não teve filhos. Quanto a mim, não sei se quero casar de novo... Às vezes penso que sim, outras acho melhor não, porque ele é muito ciumento! Não posso falar com homem nenhum! Meu marido não era assim. Então eu fico pensativa com esse ciúme, apesar de que ele nunca chegou a me agredir. Mas, dá um certo receio... A gente vê tanta coisa que acontece...

Meu marido, apesar de tudo, era super legal! Se dava bem com os filhos... A gente nunca teve nenhuma briga! A única coisa que estragou foi isso, a traição... Mas eu nunca nem soube o que é briga. E o tempo todo, ele nunca deixou faltar nada aqui dentro. Hoje em dia a gente conversa, ele vem aqui para ver as crianças, tudo normal.

Meu filho mais novo quis morar com o pai e falou:

— Você não está sozinha, então vou morar com o pai. O Digo já morreu, para ele não ficar sozinho...

Meu ex-marido namora faz uns três anos, mas não mora com a menina, ele fala que ele não quer agora. Ela também tem dois filhos pequenos. Sofri muito quando fiquei sabendo! Gostava muito dele! Afinal, foram 17 anos de casamento e ele foi meu primeiro namorado... Mas, passou. Fiquei um mês muito mal, emagreci bastante. Tudo piorou com a morte do Digo, aí eu fiquei acabada de vez.

Mesmo assim eu ia trabalhar, porque se ficasse em casa era pior! Eu trabalhava chorando, mas ia. Foi muito difícil porque no trabalho não tinha ninguém com quem falar do assunto. Quando

aconteceu tudo, no meu serviço já ficaram sabendo, porque a maioria do pessoal mora aqui no bairro. Cheguei a arrumar muito serviço para esses meninos da rua. Quando pegavam temporário, eu já avisava. Tem uns que estão lá até hoje. Então, dos meninos a maioria me conhece. Cheguei a levar até o Rodrigo como diarista, ele adorou! Ele levantava junto comigo, 5h da manhã, mas sempre dava a fumadinha antes dele ir... Quando o serviço parou, não teve mais diarista e ele parou de ir...

Eu nunca usei drogas! Deus me livre! Nem de bebida eu gosto. Até o cigarro eu comecei a fumar há pouco tempo, depois que me separei. Minha filha também não fuma nem bebe nada. Agora, eu trabalho das 5h30 às 2h da tarde. E namorar é só de sábado... Ele vem aqui, a gente fica um pouquinho, porque ele também trabalha domingo, então a gente quase não sai. Pior é que não tenho vontade de sair de tão cansada que fico. Às vezes, chego tão cansada que tomo um banho e já era. Na empresa onde trabalho não tem parada, a gente trabalha 12 horas direto. Acho que é porque a gente presta serviço para o Correio. Então, não tem nem tempo de sair. Quando meu namorado não vem, eu assisto a novela até umas 9h, depois vou para a cama. Quando vou ver, já estou cochilando no sofá. Essa semana mesmo eu fico direto das 5h da manhã até as 6h da tarde. Só quando o serviço maneira é que a chefe dá descanso para a gente.

Nas horas vagas fico só dentro de casa. Gosto de ficar aqui limpando tudo e aproveito o resto do tempo para descansar. Minhas amigas às vezes brigam comigo porque me chamam para sair e eu não vou. Esses dias, fui no aniversário do sobrinho do meu namorado, mas ficamos só um pouquinho lá, quando era 10, 11h a gente já estava em casa porque ia trabalhar no outro dia.

Quando estou por aqui gosto de assistir TV. Filme então, adoro! Os meus favoritos são os de romance. O que eu mais gosto mesmo é “Um amor pra recordar” que é muito bonito. De ação não gosto muito, meu negócio é romance. Na televisão, assisto só novela e jornal, mas às vezes, nem isso eu consigo assistir. Quando vejo, já é 2, 3h da manhã, acabou tudo e eu estou no sofá.

Também gosto de muito música! Mas, na época que eu ia nos bailinhos não eram essas músicas de agora. Gosto mesmo de música antiga! Ia muito no Baile da Saudade... Adoro melodia, essas músicas de “negão”! Apesar de não saber dançar, acho lindo ver os outros dançando! Quando tenho um tempo, fico na casa de uma amiga aqui do prédio. É a única casa onde vou. Conversava muito com a mãe dessa minha amiga, mas agora ela se mudou para Sorocaba. Minha vida é assim... Mas, estou feliz! Graças a Deus, agora eu estou numa paz, num sossego...

As coisas estão indo bem... Tive momentos muito difíceis. Acho que o mais triste de todos foi perder o meu filho e me separar do meu marido. Mas, graças a Deus, a dor por causa do meu casamento passou até que rápido. Tem muita mulher que volta atrás, que aceita, mas eu não aceitei. Ele até tentou vir atrás de mim, mas eu não quis mais. Foi difícil aguentar, mas eu consegui. É difícil, porque eu penso assim: “se ele fez isso uma vez, ele vai fazer mais e se aconteceu isso é porque não tem mais nada, por que eu vou ficar correndo atrás?” Sofri, mas não corri atrás. E agora, quando a gente se encontra, não sinto mais nada... Acho que ele também não... A gente conversa numa boa, ele vem ver como está a Lê, se ela está indo para a escola... Quando o Lucas vem de fim-de-semana, a gente conversa. Até que a gente se dá bem!

Não achei ruim quando o Lucas foi morar com o pai, até porque ele vive mais aqui. Por mais que tenha acontecido isso, o pai dele foi muito bom comigo, eu tenho que dar graças a Deus! O que aconteceu de ruim foi a traição mesmo, mas tirando isso ele foi muito bom, nunca deixou faltar nada para os meus filhos, e até hoje é assim.

Vai fazer 22 anos que moro nesse apartamento. Quando aconteceu tudo com o Rodrigo, o pessoal do prédio ficou muito triste porque, apesar de tudo, não tinha um que não gostava dele. Aqui ele nunca dava trabalho. Tinha a droga dele, fumava, mas fumava lá na garagem. Nunca trouxe ninguém para fazer bagunça dentro do prédio. Ele respeitava os vizinhos, sempre cumprimentava as mulheres,

que ele chamava de “tia”. Tanto é que todo mundo foi no velório dele.

O velório durou a noite inteira e ele foi enterrado de manhã. Como eu sofri! Quase não fiquei perto dele... Quem ficou mais foi minha filha... Quando voltei para casa foi pior ainda... Não conseguia dormir, tive que ficar na casa da minha tia por uns dias e só depois vim para casa. Toda hora ficava ouvindo a voz dele. Era uma sensação horrível! Quando ele estava vivo era um entra e sai o dia inteiro:

— Mãe, tem comida? Mãe, não sei o que...

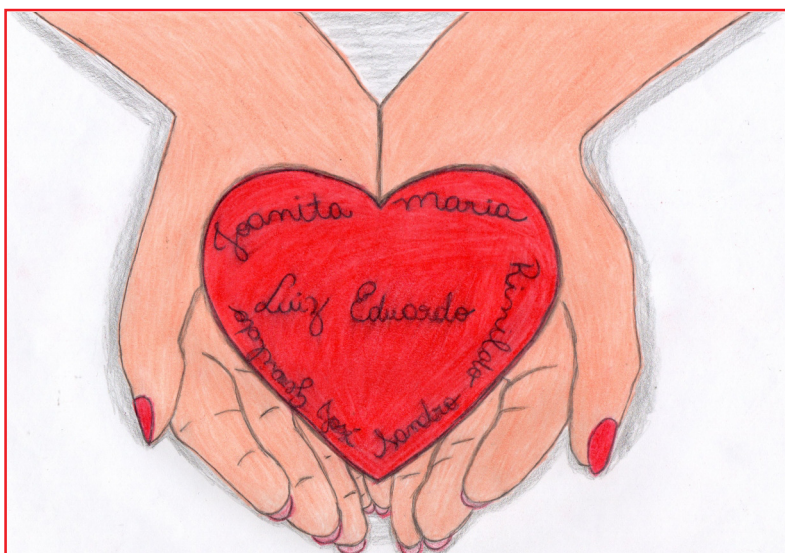
Depois ficou só o silêncio... Foi horrível! Foi triste não ouvir mais a porta batendo e ele me chamando...

Apesar do meu sofrimento, nunca pensei em denunciar os policiais. O Rodrigo falou que tinha uma lista logo que ele foi preso. Ele já sabia que os policiais queriam pegá-lo. Só depois que ele foi me explicar que não era por causa de droga. Quando ele morreu não estava devendo nada. Tudo aconteceu porque mataram o policial. Mas, eu tive muito medo... Acabei deixando quieto. Ainda mais porque tem os outros filhos e eu não queria que nada acontecesse com eles!

Quando eu vejo um policial, não gosto nem a pau! Principalmente depois de tudo que aconteceu na minha vida... Ainda mais sabendo que foram eles que mataram meu filho. Não sei exatamente quem foi, só sei que era um policial à paisana, que foi o mesmo que matou o amigo dele... A mãe desse menino morava aqui, mas depois que mataram o filho dela, ela foi embora. E quem a polícia queria pegar mesmo está solto, que é o menino que matou o policial, que era muito amigo do Rodrigo.

Mas, agora que o pior já passou, quero reformar minha casa, colocar piso novo no chão, azulejo, reformar, trocar o sofá... E ser feliz!

Teresa Maria da Conceição



A ENTREVISTA COM DONA TERESINHA ACONTECEU NUM MOMENTO BASTANTE IMPORTANTE DA PESQUISA, QUANDO SENTI A NECESSIDADE DE BUSCAR EXPERIÊNCIAS QUE SE ASSEMELHASSEM COM AS QUE JÁ HAVIA TIDO CONTATO, PORÉM CUJO ENVOLVIMENTO COM MOVIMENTOS SOCIAIS NÃO FOSSE REGRA. DESTA VEZ, O CONTATO DA ENTREVISTADA ME FOI CONCEDIDO POR GORETE, QUE ENTÃO TRABALHAVA NA ACAT, ASSOCIAÇÃO ONDE A COLABORADORA ERA ATENDIDA. NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO FOI JUSTAMENTE NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO, NUM DIA DE ENCONTRO DE FAMILIARES DE PESSOAS VÍTIMAS DE TORTURA. DEVIDO À FALTA DE TEMPO, MARCAMOS NOVO ENCONTRO DURANTE O QUAL PUDE ADENTRAR A CASA E A HISTÓRIA DE DONA TERESINHA. JUNTAS PERCORREMOS SUA TRAJETÓRIA E, SEM DÚVIDA, ESCREVER SUA NARRATIVA FOI EXPERIÊNCIA NOVA E INSPIRADORA.

“Já passei por muitos momentos bons e por muitos momentos difíceis, como a maioria das mães hoje passa. Mas confio em Deus e peço muito para que, antes de partir desse mundo, eu possa ver meus filhos bem e felizes, longe do vício.”

Meu nome completo é Teresa Maria da Conceição. Nasci na Paraíba, em uma cidade chamada Juazeirinho, no dia 16 de dezembro de 1939. Eu vim para São Paulo em 1996, não faz muito tempo. O que me motivou a vir foram meus filhos. Eles vieram embora para São Paulo e sentiam muita falta de mim. O pior é que eu trabalhava em um colégio e eu era muito apegada com o pessoal; e eles também a mim, até mesmo as crianças. Foi muito difícil sair desse colégio e vir para São Paulo, mas...

Apesar disso, gosto muito muito de São Paulo! Foi aqui que arrumei muitas amizades, muitas coisas boas, mas também muito sofrimento por causa da família. Eu tenho para mim que quando alguma coisa tem que acontecer acontece... Talvez se eu tivesse na Paraíba tivesse acontecido a mesma coisa...

O pai dos meus filhos me deixou quando eles ainda eram pequenos. Fiquei com seis crianças e ainda adotei um! Meus filhos sempre foram muito honestos, trabalhadores, me ajudavam muito, desde pequenos, sempre trabalharam comigo.

Mas, um dia eles vieram para São Paulo e com o tempo começaram a se envolver com droga. Não todos, dois dos meninos. O que era o mais trabalhador, o que mais me ajudou em toda a vida foi o primeiro que se envolveu com droga. Nossa, isso foi muito difícil

para mim! Botei em clinica de recuperação, mas não teve jeito... Foi muito sofrimento!

Apesar de tudo isso, aqui em São Paulo sempre convivi com pessoas que, graças a Deus, eram de bem, muitas de alta sociedade. E essas pessoas sempre gostaram muito de mim! Até hoje ainda tenho muito boas amizades, todo o pessoal me dava força para internar meu filho. É por isso que eu falo que gosto tanto de São Paulo, mesmo com muitos momentos difíceis que passei. Aqui nunca passei fome, nem deixei faltar nada para meus filhos... Nunca cheguei a pedir nada para ninguém, nem me faltou roupa. Até hoje meu guarda roupa é cheio! Minhas patroas me davam muita coisa, nunca me faltou nada. A única coisa que eu compro mesmo é alimento, coisa para casa.

Eu acho que as pessoas que sofrem em São Paulo na verdade é porque não procuram trabalhar honestamente... Quem procura trabalhar honestamente arruma um monte de coisa, muita amizade boa, como aconteceu comigo.

Ao todo, três dos meus filhos vieram para São Paulo e só depois eu vim. Primeiro veio minha filha Maria de Fátima, que hoje tem 42 anos e está na Espanha. Ela sempre foi muito estudiosa e dedicada ao estudo. Ela saiu de casa muito cedo porque eu queria que ela trabalhasse, só que ela insistia em estudar, mas naquela época... Aqui em São Paulo ela fez de tudo: trabalhou com ateliê, abriu uma lojinha e sempre viveu muito bem. Só que por causa do envolvimento do irmão com droga ela ficou muito triste, começou a reclamar e me falou assim:

— *Mainha*, eu vou abandonar a casa, a qualquer momento eu vou embora.

E realmente fez isso. Foi para a Suíça com uma amiga, Diana Miranda, que hoje é cantora, tenho até uma foto dela comigo... A Fátima foi para a Suíça e passou dezessete dias, não deu certo, voltou para São Paulo e trabalhou mais um tempo, mas sempre estudando, ela nunca deixou de estudar. Depois foi para a Espanha, aí pronto, lá ela ficou. Faz muitos anos que ela está lá. A gente sempre se fala, mas ela ainda é muito triste por causa do problema dos irmãos.

Ela foi casada, mas separou. Casou de novo, dessa vez com um espanhol, para ter aquela coisa de cidadania, mas já se deixaram. Agora ela está com um senhor bem mais velho e está muito bem, muito bem mesmo! Lá ela trabalha como massagista, ela faz massagem nas pessoas idosas...

Já minha filha mais velha, a Joanita, mora em Campina Grande, na Paraíba, e só veio a São Paulo a passeio. Tenho ainda o Rinildo, que é encostado à mais velha e mora em Uberaba, Minas Gerais. Os outros moram aqui em São Paulo e são os mais novos. O Luiz Eduardo, que é meu filho adotivo é solteiro. Tem também o Geraildo, que é casado e tem uma filhinha, que hoje já está com quatorze anos!

Eu me perco no meio das fotos dos meus filhos... Cada uma traz uma lembrança... O Luiz Eduardo foi a cruz que Deus me deu, desde os 13 anos me dá trabalho! Lembro como se fosse hoje o dia que botaram ele na minha porta... Essa é uma vida que ninguém explica. Eu amo meus filhos, peço muito a Deus para libertar eles de coisas erradas, para não deixar eles cometerem nada errado, porque o que eu vejo aí me choca, dói dentro de mim! Eu peço muito para eles não fazerem isso, essas coisas erradas.

O José Sandro, que hoje tem 38 anos, tem dois filhos, mas não se casou. Ele foi o primeiro que conviveu com drogas. Antes ele tinha carro, apartamento quitinete, tinha tudo, mas deu fim, acabou com tudo por causa das drogas. Hoje, infelizmente, está preso em Pirajuí. Mas ele está bem, mais recuperado, eu acho que ele está bem porque eu tirei ele do fundo do poço para não morrer. Ele começou a se envolver com drogas quando tinha 18 anos.

O José Sandro sempre foi muito honesto, só que chegou um dia que ele foi roubar para usar droga. Isso é uma coisa que eu não desejo para mãe nenhuma. Ele roubou para usar droga e foi preso, muito drogado, muito drogado mesmo! Sofreu demais e hoje se arrependeu, está bem melhor agora. A cabeça dele hoje é totalmente diferente, ele vive falando que quando sair vai cuidar dos filhos, vai trabalhar. Ele tem uma menina e um menino. No fundo, achei bom ele ir preso porque ele estava se acabando de verdade! Faz um pouco

mais de dois anos que ele está preso e essa foi a segunda vez. Se ele não tivesse sido preso, acho que já tinha morrido! Ele estava muito envolvido! As drogas eram demais. Mas, eu acredito em Deus que quando ele sair as coisas vão melhorar, porque ele vai trabalhar. Ele só fala em trabalhar e criar os filhos. Também diz que não quer mais ficar em São Paulo.

Quando começou a se envolver com drogas ainda morava na Paraíba. Era na época em que eu trabalhava no colégio e quando soube, quase fiquei louca! Lembro como foi quando descobri... Um dia, quando cheguei do trabalho o Luiz Eduardo falou assim:

— Mãe, sabia que o Sandro está usando, fumando um fumo que fede?

Ele era pequenininho e eu disse:

— O que é isso menino? Que conversa é essa?

— É um fumo que fede muito, não é cigarro.

Chamei ele para conversar e ele assumiu tudo! Eu quase enlouqueço! Era a primeira vez que isso acontecia e eu sozinha... Meu marido tinha ido embora, me deixado com eles, um monte de filho para cuidar. Aí eu tive que sair para trabalhar no colégio. É um colégio muito grande, desses particulares.

Quando isso aconteceu, cheguei lá e falei com a diretora, dona Socorro, que não ia trabalhar naquele dia e falei o que tinha acontecido. Tinha um prédio da Polícia Federal vizinho ao colégio e eu falei:

— Dona Socorro, eu vou entregar ele para a Polícia Federal!

Isso de tão louca eu fiquei, desesperada. Mas, ela falou:

— Teresinha, não faça isso não, conversa com ele. Traga ele aqui amanhã que eu converso com ele.

Mesmo assim, passei o dia chorando e fui embora. Quando cheguei em casa chamei ele, conversei, mas não adiantou... Ele continuou fumando a maldita da maconha. Quando fui falar com ele, ele disse que era cigarro, mas ele nunca fumou nem cigarro. Foi aí que eu peguei no pulo! Revirei as coisas dele e encontrei um pozinho, a prova de tudo.

Ele quis bater no Eduardo e eu disse que não porque ele estava falando a verdade! No outro dia fui trabalhar e daí por diante não teve quem segurasse mais. Eu estava sofrendo muito e minha filha que morava aqui em São Paulo disse assim:

— *Mainha*, manda ele pra cá que eu cuido dele.

— Se ele for pra aí, vai ser pior!

Mas ela pediu muito e eu acabei mandando os dois: o José Sandro e o Geraildo. Quando chegou aqui foi que ele desembestou nas drogas mesmo! Eles começaram a trabalhar e o José Sandro conseguiu um emprego muito bom, numa dessas firmas de computação. Ele é muito inteligente, estudou bastante, tudo que manda fazer ele faz. Já naquela época, ele pegava o computador do chefe dele, o doutor Fábio, montava e desmontava e isso era coisa nova ainda. Doutor Fábio ia para Miami e deixava ele tomando conta de tudo com a secretária. Ele é que fazia serviço de banco, num carro lindo! O problema foi mesmo as drogas. Ele era da maior confiança, mas começou a falhar no trabalho também. Quando o doutor Fábio estava viajando, a secretária ligava e dizia que estava sozinha. Pedia para o Sandro ir, mas ele ia? Não tinha jeito!

Aí começou a usar outras drogas pesadas e pronto! Foi começando a destruir a vida, destruir tudo. Na época, eu morava numa casa muito boa, aqui na Arthur Prado, na região da Bela Vista. Era uma casa, um sobrado perto do Consórcio Remaza e do Futurama. Morava muito bem e ele também viveu muito bem em São Paulo. O que acabou com a nossa vida foi ele ter se envolvido com droga. E não só ele. Meu outro filho, o adotivo também começou com coisas erradas. Esse, só Deus mesmo na vida dele!

Essa casa da Bela Vista era muito grande, tinha três quartos, um grande sobrado. Minha filha morava lá, mas depois ela se desgostou e falou assim:

— *Mainha*, a senhora quer ficar na casa? — A casa era alugada no nome dela — A senhora paga o aluguel com os meninos que eu vou embora para a Espanha.

Lá eu fiquei morando com o José Sandro, o Luiz Eduardo e o Geraildo. Aí o Geraildo casou, ficou morando de picado com a esposa

dele e teve uma filhinha. Eles moraram oito anos comigo. Minha nora, Adriana, é maravilhosa, muito trabalhadeira, muito honesta, muita amiga, ela para mim é tudo.

Eu tenho duas noras que, para mim, são mais do que filhas. A gente nunca teve diferença... Só a Adriana que eu mandava ela se cuidar mais. Ela é bonitinha, mas não se cuidava e eu falava assim:

— Adriana, você se cuida, você não pode andar assim, se cuida, veste uma roupinha, você tem roupa, veste uma bonitinha, arruma o seu cabelo, eu quero você bonitinha!

Ela ainda hoje fala isso. Minhas noras são tudo na minha vida. O que me prende aqui são os meus netos e as minhas noras.

Já passei por muitos momentos bons e por muitos momentos difíceis, como a maioria da mães hoje passa. Mas confio em Deus e peço muito para que, antes de partir desse mundo, eu possa ver meus filhos bem e felizes, longe do vício. Eu sei que o Sandro não vai usar mais drogas, porque eu confio em Deus que ele não vai usar mais.

Agora o problema mais sério é com o Luiz Eduardo. Ele deu muito trabalho! Mas, o pessoal da ACAT [Ação dos Cristãos para Abolição da Tortura] foi maravilhoso, me deram uma força tão grande que eu não sei nem explicar. Principalmente dona Isabel, que era coordenadora de lá. Eu falo que a ACAT Brasil foi tudo na minha vida, me ajudou em todos os momentos que eu precisei. Há sete anos eu tenho assistência de todo mundo da ACAT, que foi o tempo que eu frequentei a associação e eles me deram todo o apoio que puderam, todos eles. O padre Valdir foi o grande homem que me ajudou muito, o doutor Ariel de Castro também, que hoje é advogado, dona Isabel, o padre Bernardo... Nossa, é tanta gente que me ajudou!

Doutor Paulo Sampaio também, que foi diretor da ACAT, no momento que eu precisei ele nunca me negou nada. Tenho tido muitas reuniões com a Maria Ramos, também da ACAT que me incentivou a estudar naquele curso de promotoras legais, no Pátio do Colégio...

Quando meu filho começou a dar trabalho, eu não tinha cabeça para estudar e expliquei para a minha professora. Mas, Maria

Ramos me ajudou muito! A gente fazia palestra na OAB, participava, recebia aqueles diplomas... Tenho tudo guardado direitinho. Tem uns três ou quatro diplomas da OAB de quando eu era representante. Tudo que eu fazia e me apresentava lá depois recebia aqueles diplomas bonitos que só vendo! Está tudo guardado na casa do meu filho, na Zona Leste.

O Luiz Eduardo tem uma história muito difícil! Quando ele apareceu, eu morava na Paraíba e minha casa tinha um terraço onde era a porta. Quando foi de madrugada eu comecei a ouvir um chorinho bem baixinho... Parecia um gatinho... Parecia aquele chorinho de gato de tão sem força! Fiquei pensando: “O que esse gato está fazendo aqui essa hora, mais de duas horas da manhã?” E aquilo continuava, continuava até que eu percebi que não era um gato!

Foi quando eu decidi levantar e abri a porta: ele estava lá, no pé da minha porta, dentro de uma caixa. Eu choro cada vez que eu lembro disso, é muito difícil para eu contar... Porque eu criei ele do melhor jeito que eu podia. Se ele não tivesse se envolvido com amigo errado... Ele sempre foi muito amado por mim, muito mesmo! Eu amo ele como um filho, até mais do que eu amo meus filhos e sabe por quê? Os meus filhos saíram de mim e ele não!

Então levantei, peguei a caixinha, tirei ele de dentro, enrolei numa coberta, estava geladinho... Fiquei pensando como eu ia fazer, não tinha mamadeira, nem nada, e ele chorando sem parar com fome. Aí eu peguei um leite, fui dando com uma colherzinha na boca dele, até que ele tomou bastante. Depois enrolei bem enroladinho, deitei na cama e botei ele no meu lado. Ele ficou assim se esfregando em mim, acho que procurando o peito para amamentar.

Quando amanheceu o dia mandei comprar mamadeira, banheira, roupinha, tudo que precisava. Como eu trabalhava no colégio, liguei para lá e contei a história para a minha diretora, que disse:

— Mas Terezinha, por que você vai criar esse menino? Você é uma pessoa que trabalha, não tem condições de criar esse menino. Como vai sustentar essa criança?

— Eu vou criar, jogar na rua eu não vou, dona Socorro. Prefiro perder o emprego, mas vou criar ele.

— Não, então faça assim: hoje você não vem trabalhar, amanhã você vem e traga ele.

No outro dia, fui trabalhar e levei ele comigo. Fiquei com medo de não darem assistência para ele. Mas, lá era uma escola muito boa, tinha maternal e eles deixaram o bebê ficar. Quem estudava lá era tudo gente que tinha condições, era uma escola cara, e os bebezinhos eram todos muito lindos, muito arrumadinhos, e a sorte é que tinha um bercinho sobrando num cantinho. Quando cheguei com ele não tinha quem não olhasse. Ele chamou a atenção de todo mundo. O que esse menino tinha de visita, toda a mãe que chegava ia olhar ele!

Na semana que esse menino chegou, que eu levei ele para lá, tive que ir embora de carro para levar as coisas para minha casa, de tanta coisa que ele ganhou! Ganhou tudo que se possa imaginar! Ele foi muito bem criado! Por isso que tem hora que, quando lembro o tanto que trabalhei e lutei para criar ele e como as pessoas me ajudaram, me dá uma tristeza... Eu continuei trabalhando um tempão e enquanto isso ele foi crescendo, crescendo... O único problema era que os irmãos não batiam com ele. Eles tinham uma diferença de idade de uns oito anos.

O Luiz Eduardo era moreninho, dos cabelos bem lisos, bem liso mesmo, tanto que quando dava um vento, voava tudo. Eu sempre mandava cortar o cabelinho dele bem redondinho, tipo tigelinha. Era a coisa mais linda!

Mas, como eu tinha que trabalhar, o Luiz Eduardo ficava em casa com o irmão. Eu pedia para cuidar dele direitinho, mas foi aí que tudo começou... Quando os amigos chegavam em casa, o mais velho falava assim:

— A minha mãe fez uma viagem pra Amazônia e arrumou um índio lá.

Aí botou o apelido no menino de Paiakan. Isso já faz muito tempo, índio Paiakan... Ele sempre foi muito inteligente, mesmo estudando pouco, tanto que arrumou esse nome de índio naquela época! Vinte e sete anos atrás!

No começo eu levava ele para a escola. Quando ele já estava com uns oito meses, as minhas filhas já tomavam conta dele em casa. Só que elas começaram a trabalhar e então ele ficava com os irmãos menores em casa, o Geraildo e o Sandro, que trabalhava também, mas ajudava a cuidar ele. O problema é que o Geraildo era ruinzinho. Fazia essas coisas... Quando os amigos chegavam lá em casa e perguntavam de quem era aquele menininho, ele falava assim:

— É que a minha mãe viajou pra Amazônia e trouxe esse índio aí.

E começava a judiar do menino, batia nele. Quando eu chegava, o Eduardo falava assim:

— Mãe, o Geraildo falou que eu não era seu filho não, que eu era um índio, que a senhora trouxe eu de um lugar bem longe.

— Você é meu filho sim!

Pegava ele, dava carinho até que o tempo foi passando, ele foi crescendo e os irmãos falavam sempre a mesma coisa, qualquer briguinha eles diziam que ele não era irmão e isso foi um sofrimento muito grande!

Com três anos, quatro anos, contei que ele era adotado:

— Olha filho, deixa a mãe falar uma coisa: você tinha uma mãe, e essa mãe era muito pobre e não podia criar você. E o pai, foi embora, não sei pra onde o seu pai foi embora, e a mãe não podia criar você, aí a mãe perguntou se eu não queria, pra não judiar de você ou você não ficar criado na rua, a mãe perguntou se eu não queria criar você. Aí a mãe ficou muito feliz e eu falei que claro que eu queria, porque meus filhos já estavam grandes, e fiquei muito feliz, até chorei de alegria porque ia ter um bebezinho.

Aí ele agarrou no meu pescoço, me deu um cheiro e perguntou se eu amava ele:

— Você me ama mãe? *Mainha* você me ama? Com uma voz bem de bebê, sabe. Eu disse:

— Eu amo você, eu amo muito você!

— Quem que você quer mais bem, a mim, ou o Geraildo ou o Sandro?

Isso era muito duro para eu falar porque amo todos os meus filhos:

— Eu amo vocês todos. Do jeito que eu amo você eu amo eles também, todos são filhos, você é meu filho e eles também são.

— Mas ele é tão ruim pra mim, e judia de mim.

— Filho, mas você é filho, eles também são filho, mas vai acostumando, vão parar de judiar de você.

— Me leva para o seu trabalho?

— A mãe não pode levar porque você já está grandinho, não posso levar.

Ele foi crescendo e com três anos e pouco, quando entrou no quarto ano botei ele na escola, na mesma escola que eu trabalhava, encaixei ele lá. Ele ficou dois, três anos nessa escola. Mas era uma gracinha! Tão bonitinho na hora do recreio, ele ficava sentadinho, com aqueles cabelinhos, e o pessoal chegava e mexia no cabelo dele que chegava a voar de tão liso que era. E aquelas mães gostavam muito dele, o pessoal todo gostava.

O tempo foi passando, ele foi crescendo, e aos poucos todo mundo veio embora para São Paulo. Até que eu também decidi vir para cá. Quando contei para ele:

— Filho, a gente vai embora para São Paulo, porque a sua irmãzinha quer que você vá para lá.

Na época, ele já estava com oito anos mais ou menos e falou assim:

— Eu não quero ir embora pra São Paulo, eu não quero!

Ele chorou para não vir, chorou muito e disso eu me lembro muito. Lembro ainda que no ônibus que a gente veio e ele falou:

— Eu te falei que eu não queria vir para esse lugar!

Isso porque era uma viagem muito longa! Sai como se fosse hoje, anda a noite, amanhã o dia todo e a noite toda e só chega no outro dia. É muito tempo! Esse ano viajei de avião e foram quatro horas de viagem. Olha que diferença!

É uma longa história minha história de vida! Principalmente essa coisa de criar filho sozinho. Com minhas filhas não, elas nunca

me deram trabalho. Em compensação os meninos... Os que deram mais trabalho foram o José Sandro, que se envolveu logo com droga, e o Luiz Eduardo quando estava com 13 anos.

Quando a gente morava no sobrado aqui em São Paulo, ele subia a escada e eu via uns meninos assobiando. Parece que eu já sabia! Eu saía numa porta, olhava pela janela e eram mesmo os meninos chamando ele. Às vezes, ele estava sentadinho lá assistindo televisão, aí eu dizia que ele não estava e eles iam embora.

Eu trabalhava na época, saía de manhã e só chegava à noite. Quando eram seis horas mais ou menos era o horário que os moleques iam chamar ele. Perto de casa tinha um Consórcio Remaza e ficava uma fila de carro de um dos lados da rua. Um dia, o que é que aconteceu? Os meninos quebraram o vidro de um carro para tirar o toca-fitas. Na época, usavam muito toca-fitas.

Os meninos começaram a fazer isso e ele se envolveu também quando estava com 13 anos. E foi nessa época que começou a conhecer a Febem, que na época ficava na rua Piratininga. Eu me lembro de várias pessoas que me ajudaram e ajudaram o Eduardo porque eu sempre tive uma estrela para arrumar grandes amizades: doutora Sueli, que era assistente social e psicóloga, doutor Ariel... Eles ajudaram muito o Luiz Eduardo! O Luiz Eduardo foi criado por eles por muito tempo, mais de um ano. E a assistência de doutora Sueli foi muito importante! Ele vinha para casa todo dia e eu tinha que levar ele à noite de volta para a Febem.

Quando voltava para a rua, não passava oito dias. Ele ia lá para a avenida Paulista, subia nas árvores, enchia os bolsos de pedra e ficava jogando nos carros que passavam. E eu ficava procurando por ele! Teve uma vez que passei dois dias quase louca sem saber notícia dele. E o que tinha acontecido? Ele e os moleques estavam em cima de umas árvores aí pegaram ele, levaram para uma Febem que hoje nem sei se existe, que era no Brás. Era um lugar velho, horrível! Sei que levaram esse menino para lá e eu fiquei louca, liguei para tudo quanto é lugar para ver se davam notícia, que eu já considerava ele morto. Nem tinha ideia que ele estava na Febem! Ninguém ligou

para me avisar e eu ligava para esse lugar e ninguém me dava uma notícia.

Um dia eram dez, onze horas do noite e eu estava perto daqueles batalhões de polícia da rua Tiradentes pedindo ajuda, porque eu ligava para tanto lugar e não tinha solução. Até que me encaminharam para lá dizendo que eles poderiam me ajudar. Quando cheguei, falei com os chefões e eles começaram a ligar para os lugares, mas ninguém dava notícia desse menino. Só fui descobrir onde ele estava no outro dia.

Eram oito horas da manhã, eu estava naquele desespero porque tinha que trabalhar, foi quando parou uma perua branca na porta, buzinou e eu olhei pela janela. Era a perua da Febem do Tatuapé que tinha levado ele. Naquele tempo tinha a Febem da rua Piratininga e a do Tatuapé, e ele estava no Tatuapé. Perguntei por que não me avisaram. O moço que estava com ele disse:

— Não avisei porque ele falou que a senhora não estava, que a senhora estava viajando, e aí não tinha como a gente avisar.

Na hora me deu vontade foi de bater nele de tão brava que eu fiquei!

Pois ele tinha começado a roubar toca-fitas com esses meninos, mas não usava drogas, só roubava. Eu já desconfiava porque ele chegava em casa com uns ursinhos, mas não tinha como ter dinheiro porque ele não trabalhava. Ele ia para o Shopping Paulista e dizia que tinha um joguinho que ganhava os ursinhos, e trazia para casa para a priminha dele. Ai eu falava:

— Mas você não tem dinheiro.

— Mas os meninos me davam o dinheiro e eu jogava no joguinho e ganhava esses ursinhos.

Tinha dia que ele chegava com uns cinco em casa. Quando foi um dia eu segui ele. Nesse dia ele disse:

— Todo dia, mãe, eu vou pra lá porque o guarda falou que se eu ficasse ali no shopping eu ganhava dinheiro, que eu olhava uns carros e ganhava dinheiro.

— Ah foi, que legal, que legal. Então, vai.

Mas, eu já estava falando isso com o esquema de ir atrás dele. Quando ele falou que o guarda tinha dito que ele podia ir que ali ele ganhava dinheiro, eu disse:

— Vai, porque tu ganha dinheiro, é bom ganhar dinheiro, trabalhar e ganhar dinheiro, só não pode ganhar dinheiro dos outros, roubar, fazer coisa errada, mas se for pra trabalhar e ganhar dinheiro é muito bom.

Naquele dia eu segui esse menino sem ele perceber. Quando chegou num lugar perto da rua Vergueiro, tinha três meninos esperando ele. Escondi do lado para eles não me verem e vi que foram os quatro para o Shopping Paulista. Quando eles chegaram no shopping e já foram entrando eu parei para falar com o guarda:

— O senhor conhece esses meninos?

— É... Conheço, quer dizer, eles vêm muito aqui, só que a senhora é o que deles?

— Eu sou a mãe desse aí dos cabelinho liso.

— Olhe, vou avisar pra senhora, eles aqui não estão fazendo coisa boa não. Ele está mexendo, ele fica olhando os carros, outro menino quebrou um vidro de um carro ali e pegou um toca fita, os dois saíram e foram vender. Depois vieram com dinheiro...

Realmente tinha a máquina com um joguinho, só que eles não tinham o dinheiro. Faziam as coisas erradas, roubavam, faziam qualquer coisa para jogar e ganhar os ursinhos. Acho que eles achavam bonito, não sei o que eles achavam, eu sei que era uma coisa... Aí o guarda falou para mim:

— A senhora faça o seguinte: fica aí de fora que eu vou observar eles.

Fiz o que ele disse enquanto o guarda ficou olhando... Os três começaram a mexer no bolso procurando dinheiro, acho que para fazer o jogo deles. Sei que faltou, aí todos ficaram tristonhos e voltaram. O dinheiro não deu para o que eles queriam. Foi quando o guarda, que estava escondido, barrou eles na porta e falou assim:

— Vocês estão fazendo o que aqui? Eu estou observando vocês aqui, vocês estão roubando. Esse aqui quebrou o vidro do carro ali, vou mandar pra Febem agora!

— Moço, não faça isso comigo não pelo amor de Deus, a minha mãe me mata moço, a minha mãe me mata!

— É? Mas é bom mexer nas coisas dos outros? Você vai dizer onde sua mãe mora, eu vou pegar o meu carro e vou deixar você lá.

Sei que ele perguntou, mas o menino não disse de jeito nenhum. O guarda falou:

— Eu vou ficar de olho em vocês, aqui vocês não entram mais!

Os três foram embora, não fizeram nada, e eu segui atrás e peguei o meu. Quando o meu filho olhou para trás e me viu ele quis correr, mas eu disse que se ele corresse ia ser pior e eu chamava a polícia e mandava levar ele para a Febem, que eu já estava sabendo de tudo. Sei que os quatro pararam e eu comecei a perguntar onde os outros moravam. Um era filho de uma amiga minha e eu nem sabia... Aí, fui deixar ele na casa da minha amiga, levei o meu para casa e os outros dois eu não sabia onde moravam. Tinham todos a mesma idade, entre 12 e 14 anos. Tudo moleque novinho!

Sei que foi muito duro! Daí em diante não teve quem segurasse mais. Meus filhos tinham tudo, não faltava comida, não faltava roupa, não faltava nada. Foi aí que a Fátima juntou uma coisa com a outra, se desgostou...

Ele roubava, mas droga mesmo ele veio usar com 25 anos! Faz dois anos que ele veio começar a usar droga. Ele mesmo falava para o irmão mais velho que estava envolvido com drogas para não usar. Ele fazia as coisas erradas dele e mesmo assim dizia para o irmão:

— Não use droga não que a droga é um caminho sem volta. O que vocês acham nisso? Que gosto vocês tem de droga? Eu nunca vou usar droga. Nunca! Nunca vou dar esse desgosto a minha mãe de usar droga.

Era falador que só ele, mas acabou indo parar na cadeia. Quando era Febem tudo bem, mas quando passou para de maior, quando completou 18 anos, eu falei para ele assim:

— Olha Luiz Eduardo você agora já é de maior. Febem é lazer, apesar dos pesares de tudo o que acontece na Febem é lazer, porque você é um adolescente, não apanha, é punido. Agora passou pra de

maior já sabe como é que é, vai apanhar de policia, se você fizer coisa errada a polícia vai bater mesmo!

E por sinal quando ele completou 18 anos ele disse:

— Não, mãe, agora eu não vou fazer mais isso não porque se eu for pra cadeia, na cadeia é ruim, na Febem é melhor.

Nossa, ele foi tantas vezes para a Febem que eu até perdi as contas! Quando ele estava internado, eu ia visitar no domingo, levava lanche para ele, refrigerante, ficava o dia todinho com ele. Tinha vezes que as monitoras faziam almoço para a gente que era mãe, e eles viviam todos bonitinhos. Era uma época em que a Febem era organizada, hoje não existe mais isso! Tanto era organizada que ele tinha a caminha toda forradinha, toda bonitinha e eu mesma falava que aquilo era conforto.

Quando ele completou 18 anos, ficou quase um ano sem fazer nada de errado. A primeira coisa errada que ele fez foi pegar a bolsa de uma senhora. O carro estava perto da rua 23 de Maio e ele pegou a bolsa, que só tinha dentro um RG, papel de banco, essas coisas, não tinha dinheiro, não tinha cartão de banco, não tinha nada de valor. Só que bem atrás vinha um carro de policia, aí pronto! Pegou em flagrante. Levaram ele para o 5º DP, em frente àquele hospital grande do câncer, e mandaram me chamar. Eles me ligaram, nessa época tinha telefone em casa, não tinha celular. Eu fui e quando cheguei lá ele estava esperando. Já era de maior e me deu vontade de voar para cima dele. Aí eu frisei na palavra:

— Eu falei pra você que quando você tivesse de maior você ia pegar cadeia se fizesse coisa errada.

Estava tão nervosa que fui avançando para cima dele, mas o policial me pegou por trás:

— Não senhora, não precisa disso, não precisa...

O Eduardo começou a chorar e levaram ele preso. Foi processado e condenado por 155, que é furto e ficou preso no 5º DP. Ele ficou menos de um ano preso e isso porque tinha a advogada de uma amiga, Dra. Fernanda, que soltou ele. Ele teve sorte em algumas coisas porque eu tinha muito conhecimento, e o pessoal que eu

conhecia tinha advogado conhecido. Eu mesma trabalhava com advogada, tinha patroa que era amiga de advogada... Estava sempre bem assessorada e acabavam tirando ele das enrascadas.

Saí com 19 anos e quando ia completar 21 anos, foi preso de novo. Lá me chamaram de novo no 5º DP. Lembro que tinha um policial, um moreno forte, e comecei a falar para ele:

— Ai, o que é que eu vou fazer da minha vida? Não dá mais pra viver, eu vou embora e esse menino aí eu vou deixar ele só!

O policial falou assim:

— Só tem uma solução, qualquer dia desse se ele chegar aqui de novo eu dou um jeito. Por essa vai passar, mas qualquer momento se ele chegar aqui de novo eu vou dar uma volta com ele, boto ele no banco da frente e vou dar uma volta com ele!

Disso eu não esqueço nunca! Aí pronto, me irritei! Quando olhei para o policial eu disse:

— O senhor está jurando de matar o meu filho? Se acontecer qualquer coisa com o meu filho o senhor que vai assumir.

Aí o policial ficou meio assim querendo se alterar comigo só que eu me alterei mais ainda e falei assim:

— Olhe, o senhor não pense que eu sou cão sem dono. Sei que ele está errado. Mas não é pela palavra do senhor que ele vai ser punido. O senhor está aqui para cumprir seu trabalho, o juiz e o promotor é quem vai decidir a vida dele, não é o senhor, o senhor está cumprindo o seu trabalho.

Sei que eu disse um monte. Imagine que ele jurou de matar o meu filho, pegar meu filho levar e fazer alguma coisa, eu fiquei em desespero mesmo!

Aí eu sei que desandou. Dessa vez que ele foi preso tinha sido bolsa de novo, só que agora de uma juíza! Na bolsa tinha documento e quando ele viu soltou a bolsa porque tinha um cartão com o nome da juíza. O pior é que ela fazia trabalho na Febem da rua Piratininga. Ele já tinha visto essa juíza lá, já tinha conversado com ela e tudo.

Aí ele disse que jogou a bolsa, mas não adiantou. Ela falou que conhecia ele e já não era de hoje. Sei que ele não sofreu muito porque

ela disse que já conhecia ele e deu a sentença de furto para ele cumprir. Era sempre o mesmo 155, furto. Agora se tivesse sido roubo seria bem pior. Ele pegou a bolsa, mas não deu nem tempo de mexer em nada, então deram o 155 para ele.

Agora teve um roubo que ele fez de uma bolsa que tinha documento e um monte de coisa dentro e dessa vez ele foi condenado a quatro anos e não sei quantos meses. Eu perdi as contas das condenações dele! Foi o filho que mais me deu trabalho e me dá trabalho até hoje. E como! Ele não mora mais comigo porque eu fui obrigada a tirar ele de casa faz umas três semanas.

Depois que ele entrou na cadeia começou a usar droga e tudo piorou. Teve um tempo que ele parou, falou que fez uma promessa e não ia usar mais. Assim ficou quase um ano, tudo normal, bem mesmo! Não usava droga, mas continuava envolvido com coisa errada. Depois voltou a usar droga e eu soube que ele fez uma coisa errada que eu não aceitei de jeito nenhum! Falei para ele:

— Eu sinto muito, meu filho, mas não dá mais pra ter você dentro de casa. Agora você já é maior de idade, já está grande e eu já estou numa idade... 69 anos e tanto sofrimento com um filho, meu Deus! Mesmo assim Deus continua me dando forças para suportar essa dor.

Dessa vez, ele se juntou com quatro amigos, pegou um carro e fez uma coisa aí que eu não aceitei ele mais dentro de casa... Comida não falta para ele, sabe. Eu cheguei até a conseguir um emprego de entregar água e ele disse:

— Ah, e eu vou lá andar de bicicleta e entregar água? De jeito nenhum!

— Olha, você vai ganhar um salário, você é um menino bonito, todo mundo gosta de você. Agora se juntar com esses meninos aí vai botar você no mau caminho.

Foi aí que eu soube desse caso e vi que não dava mais certo não. Perguntei o que ele precisava e ele disse:

— Eu quero um edredom e um lençol, um travesseiro e uma televisãozinha — que tinha aqui uma pequena — que eu vou me embora, vou morar num canto ali.

Um amigo dele veio buscar de carro e ele foi embora. Às vezes me liga. Passam oito dias, às vezes 15 dias para me ligar:

— Mãe, estou bem viu, a senhora está bem?

Eu digo que estou bem e pronto! É só isso que ele fala, que está tudo bem. É que tem certas coisas que não é tão simples de contar...

Tem um menino, o André, que é muito amigo dele! Eu conheço a mãe dele. Ela foi uma mãe que sofreu esses anos todos com o André porque ele se envolveu... Na sua última prisão, ele falou para uma amiga da mãe dele que se fosse preso outra vez, ele ia assinar um papel no PCC. Nossa, a mãe dele sofreu muito com isso e pediu:

— Mas se você fizer isso você acaba com a minha vida, porque é uma ida sem volta. Por quê? Se quiser, seja amigo deles, eu não tenho nada contra, mas só que se fizer isso você vai assumir uma responsabilidade muito grande!

A mãe chorando e falando... Aí o André disse que tudo bem. Só que aconteceu que ele foi preso de novo e dentro da cadeia o André se batizou no PCC! Isso é um batismo que eles assinam um papel e depois que assinam eles vão assumir uma responsabilidade muito grande. É uma responsabilidade que eles têm que fazer tudo e qualquer tipo de coisas para assumir aqueles que estão lá dentro da cadeia. Quando ele está na rua, ele tem que fazer qualquer coisa para assumir o que está lá. E por isso a mãe do André sofreu muito, muito mesmo!

Deixa eu ver quando foi que aconteceu com ele que a mãe dele me falou... Novembro, no mês de novembro que aconteceu isso. Ela falou para mim que às vezes ele estava dormindo e o celular ficava tocando sem parar. Quando ele atendia, falava assim:

— Não, eu estou dormindo um pouco depois eu vou aí, veja aí para mim e tal...

Aí ligavam novamente, ele levantava imediatamente e às vezes não tomava nem banho, vestia a roupa e saía a mil. Ficava dois, três dias sem aparecer. Tinha dia que ligavam tanto que ele só entrava no banheiro, tomava um banho, trocava de roupa e se mandava. Assumir responsabilidade não é fácil não. E foi sofrimento, ainda é

sofrimento, porque é uma ida sem volta. Eu falei para ela, nós conversamos como mães e ela falou:

— É uma ida sem volta.

Ela ficou sabendo de tudo através de uma amiga da namorada dele. Aí, a mãe do André mandou chamar a namorada dele e ela assumiu tudo. A dona Letícia, mãe do André, falou assim:

— Então para eu acreditar que aconteceu isso mesmo eu queria o papel para ver.

Ela levou o papel e mostrou. Isso foi o maior desespero, foi muito desespero, muita angustia! Foram uns três ou quatro meses de sofrimento para uma mãe. Para uma mãe saber uma coisa dessas é muito doloroso... Porque assim: tem o batismo da Igreja Católica, quando a pessoa não quer mais às vezes entra na Igreja Evangélica, tem o batismo da Igreja Evangélica, que é passar pelas águas. São dois tipos de batismos. E tem o batismo do PCC que aí já era! Não tem mais jeito! Ela perdeu o filho, não considera mais que tenha aquele filho que ela amava. Na verdade, ela ama porque é mãe, mas ela fala assim para mim:

— Eu não tenho mais meu filho.

Nossa, mas como ela sofreu! Quem está dando força é Deus, e ele vai dar mais força a ela. É o que ela diz conversando comigo...

O meu filho Luiz Eduardo tem uma história muito dramática! Eu nunca soube quem era a mãe dele realmente. Quando os meninos falavam que ele não era irmão ele chorava muito. Por isso hoje ele é tão revoltado. Até hoje ele fala:

— Eu sofri, eu não tenho pai, meu avô não gostava de mim...

São tantas coisas que aconteceram... Minha mãe faleceu uns seis anos atrás e ela falava assim:

— Esse menino é muito feio, parece um macaco.

Olha que humilhação! Meu pai falava assim:

— Eu não gosto desse menino!

Esses dias mesmo o Eduardo falou:

— Ah, eu sou revoltado mesmo, porque ninguém gosta de mim, aquele meu avô falava que não gostava de mim, minha avó dizia que eu parecia um macaco...

Ele é muito revoltado por essas coisas... Ele fala de muitas coisas que ele passou! Tem algumas coisas da infância dele que nem eu sabia. Ele fala:

— Está pensando que eu não sei de tudo que passou na minha vida? Eu lembro de quando eu tinha oito anos, o meu irmão pegou nas minhas duas orelhas me levantou para cima e para baixo e a senhora estava trabalhando, meu irmão fez isso.

— Que irmão, o Sandro?

— Judiava de mim, batia com a minha cabeça na parede...

— Mas você está falando isso só hoje, agora?

Um mês atrás ele falou isso, revoltado! Naquela época eu não sabia de nada. Mas, lembro que tinha um vizinho amigo meu, que olhava ele e falava assim:

— Dona Teresinha, olha, a senhora tenha cuidado porque esses meninos judiam muito do pequeno.

Eu não sabia o que fazer... Eu trabalhava... Então, eu sabia que os irmãos não se davam muito bem com ele, mas fazia o que podia, tentava conversar, botava de castigo. Eles tinham um brinquedinho que gostavam muito e eu tirava deles, no final de semana não deixava nem irem na rua porque judiavam dele. Fui começando a conversar para tentar unir eles, mas não teve jeito não. Então o que eu fazia? Conversava com a minha vizinha para deixar ele na casa dela. Mas, ele dava muito trabalho, sempre deu trabalho.

Eu ia trabalhar e ele ficava no terreirão, que era uma casona que tinha lá perto. Quando ele sumia, minha vizinha ia ver onde ele estava e via ele jogando pedrinhas no vidro dos carros. Quando não era no vidro do carro era no vidro da casa.

Teve um dia, era uma sexta-feira e eu chegava em casa mais tarde por causa do serviço da escola. Tinha que fazer faxina quando terminavam as aulas e eu chegava mais ou menos umas 7h30 da noite. Quando foi seis horas ele pegou e se juntou mais dois meninos, pegaram um monte de pedra e jogaram em cima da casa da minha amiga. Quebraram o vidro da porta e o vidro da janela. Aí a Teresinha – a gente tinha o mesmo nome —, que era uma amiga, o mesmo que uma irmã, ainda hoje a gente é muito amiga, disse:

— Teresinha, não dá mais para eu ficar com ele, porque nossa, ele dá trabalho demais!

Lá fui eu pagar uma escolinha. Tinha aquelas escolinhas no bairro, perto de casa, e eu sabia que se fosse pagar o dinheiro não ia dar no final do mês para assumir as coisas. Mesmo assim, pensei: “Eu vou ter que pagar uma escolinha para esse menino”.

Fui lá, fiz a matrícula dele, botei ele nessa escolinha e meu Deus do céu, com dois dias já começou! A professora dizia:

— Olha, ele não quer fazer atividade, ele não faz nada, fica implicando com os meninos, belisca um, cutuca o outro com lápis.

Era aquele drama! Ele ficou dois meses nessa escolinha e isso porque queriam me ajudar. Mas, não teve jeito, a professora falou que ele não tinha condições de ficar. Conteí a história toda para ele e fiquei pensando: “Meu Deus, o que eu vou fazer agora?”

Não tinha o que fazer... Até que um dia ele sumiu! A gente procurou o fim-de-semana inteiro no bairro da Liberdade, em Campina Grande. Fui me encontrar com um pessoal conhecido que disse que tinha visto ele jogando pedra dentro de uns canos enormes que tinham na cidade. Aí procurei num cano, depois em outro, depois outro... Até que encontrei o Jó, que era um menino de quem eu tinha muita dó porque judiavam dele. Pois quando encontrei com o Jó eu disse que estava procurando o Eduardo e ele falou:

— Sabe onde eu vi ele? Lá na Liberdade, onde tem um cano bem grande, ele estava tentando descer, é bem capaz de estar dentro do cano.

Fui direto para lá. Quando cheguei vi um menino assim, uma cabeça que bem rapidinho se escondeu. Quando eu olhei bem, era ele! Estava dentro do cano. Sujinho que parecia um mendiguinho, aqueles cabelinhos que estavam grandes, cobrindo até os olhinhos... Nossa, nem acreditei! Peguei ele, levei para casa, cheguei lá dei banho nele, dei comida e toda assistência. E no resto da semana todinha, passei com ele, fomos para um parquinho que tinha na cidade... Quando eu saía com ele e a gente passeava um pouco, era uma semana ou até mais sem ele me dar trabalho.

Com o passar do tempo, meus filhos foram crescendo e depois isso parou um pouco. Aí é que foram pensar em se unir. Depois que fizeram 17, 18 anos, eles viam que o Eduardo continuava fazendo as coisas erradas e diziam que me apoiavam. Eu sofria muito com tudo isso, mais do que eles, porque eles diziam que eu dava cobertura para o Eduardo e que eu deveria era bater nele para dar um jeito.

Já bati sim nos meus filhos. Cheguei a bater várias vezes com cinto, deixava de castigo, para ver se eles tomavam jeito! Tinha coisa que a gente tinha que dar um castiguinho para ver se eles tinham medo. Afinal, eu era sozinha, só tinha eu para eles ouvirem, não tinha a voz de um pai, só a de uma mãe. E tinha coisas que não davam para suportar, tinha que dar uma lapadinha para doer. Mas só que eram só umas palmadas, umas cintadas nas pernas, na bunda, só para fazer um pouquinho de medo, mas aquilo era passageiro.

Aqui mesmo em São Paulo meus filhos ainda falavam que eu dava cobertura ao Eduardo. Mas, entre eles também foi melhorando a amizade e nunca mais teve aqueles problemas de novo. Eles até falavam:

— Mãe, tenha paciência com o Eduardo!

Esse meu filho mesmo que está em Pirajuí, quando me escreve fala assim: “Mãe, tenha paciência com o Eduardo”. Ele manda cada carta pedindo para falar sobre Deus, com as palavras que tem na bíblia, e pedindo para que eu tenha paciência que Deus vai me dar força. Ele sempre diz que eu fui uma guerreira, que criou os filhos que me deram tanto trabalho e ainda estão dando. Diz que me ama e pede para eu ter paciência com o Eduardo porque ele também já sofreu demais!

O Geraildo também é muito amigo dele hoje. É uma pena que só agora, depois de tudo que aconteceu... Na verdade os irmãos querem ser amigos, mas para o Eduardo eles não existem. Ele é muito revoltado com o que fizeram! Acho que se não fosse os maus-tratos dos irmãos, as palavras que meu pai e minha mãe falaram, tudo teria sido diferente! Nossa, essas são palavras que não saem da mente dele, ele sempre falou isso, até esses dias mesmo eu ouvia ele falar disso...

Tem mais uma travessura do Eduardo que eu não posso deixar de contar porque é até engraçada... Tinha um amigo meu que viajava de Campina Grande para São Paulo em uma carreta e veja o que o Eduardo fez um dia... Esse meu amigo tinha um caminhão bem grande, daqueles com baú e sempre que ele vinha para São Paulo, em Guarulhos, passava na minha casa. Era um amigo de infância que hoje está aposentado, nem viaja mais, seu nome é Geraldo.

Um dia o Eduardo falou assim:

— Qualquer dia eu vou em Campina Grande mais Geraldo, a senhora deixa?

— Eu vou pensar.

Na viagem seguinte que Geraldo veio para Guarulhos ele ligou:

— Teresinha, eu estou aqui em Guarulhos, mas acho que não vai dar tempo de ir aí porque estou descarregando e já vou carregar para voltar.

O Eduardo escutou e, como sabe que o Geraldo gosta dele que só, me disse que tinha falado com Geraldo também e que na próxima viagem ele o levaria junto. Ainda perguntou se eu deixaria e eu disse que sim. Nesse dia, depois que fui trabalhar, ele arrumou as coisas dele e foi atrás do Geraldo. Quando chegou lá, disse que tinham mandado ele ir. O danado arrumou umas sacolinhas de supermercado, encheu duas com roupas, pegou um ônibus e se mandou para Guarulhos. Ele tinha só nove anos! Aí foi atrás do Geraldo, chegou lá e disse:

— Geraldo, eu vou mais tu que a minha mãe mandou.

— Tem dinheiro?

— Não!

— E como é que vai comer no caminho nesses três dias de viagem? — Geraldo falou brincando com ele.

— Ah não, a gente dá um jeito...

Aí Geraldo levou ele e de noite ligou para mim. Disse que já estava viajando, que estava tudo bem, eu disse:

— Geraldo, eu estou tão preocupada aqui porque o Eduardo, já sabe né, ele está sempre do mesmo jeito, saiu e não sei para onde ele foi.

Nisso, Geraldo deu uma gargalhada daquelas e falou:

— O Eduardo? O Eduardo está comigo, viajando comigo!

— Geraldo não diga isso não, pelo amor de Deus!

Geraldo começou a rir e me tranquilizou:

— Não se preocupa não, a vida é essa mesmo, deixa que eu levo ele e quando eu vier eu trago ele de volta.

Depois, Geraldo contou que durante a viagem, em cada posto onde paravam, em cada restaurante, ele entrava e dizia assim:

— Moço, eu estou com fome, estou viajando para a Paraíba! Me dá uma comida aí...

Pior é que ele disse que preparavam mesmo uma marmiteix, davam para ele e ele ia comer dentro do carro. Geraldo disse que não gastou com ele a não ser uma garrafa de água mineral!

Lá em Campina Grande tinha uma sobrinha minha, que queria muito que ele ficasse lá com eles. Na época ela era bem novinha e começou a namorar um rapaz. O Eduardo ficou bravo e falou que se ela casasse com o rapaz, ele matava o moço!

— Vou matar ele porque aquele cabra é safado.

— Por que ele é safado?

— Porque ele não é para você não, você vai casar com um rapaz trabalhador, ele é vagabundo.

Olha só isso! Quando Eduardo viu o rapaz ele falou assim:

— Olha, você pode sair fora, saia fora da minha irmã — porque ele chama ela de irmã, mas não é não — saia fora da minha irmã porque se não eu vou matar você, eu vou arrumar um monte de amigo e vou matar você porque eu não quero que você case com ela não.

Pois o cara não ficou com medo? Ficou com medo, mas minha sobrinha disse:

— Eu não posso fazer nada porque ele é um menino que a mãe dele sofre muito e ele é bem atentado.

Ela nem ligou muito e falou para a mãe que ia namorar escondido porque achava que o Eduardo tinha coragem de se juntar com os amigos para pegar o moço. Pior que não precisava muito não. Três ou quatro meninos faziam besteira mesmo.

Eu sei que a vida é muito dura! Tem muita coisa sobre a vida do Eduardo... Foi uma vida muito triste! Primeiro foi humilhado pelos irmãos, depois minha mãe disse uma palavra que não era para ter falado. Ela disse que ele parecia com um macaco! Meu Deus, ela não podia ter falado isso nunca! Na idade dela tinha que ter considerado ele como um neto, como os outros eram. O meu pai também...

Ele já foi tantas vezes no psicólogo que não pode mais ouvir falar essa palavra! Quando ele ia preso, eu ia lá e pedia para a assistente social uma psicóloga para conversar com ele. Em cada lugar que ele ficava tinha uma. Mas quando ela chegava e ia falar com ele, ele dizia:

— Eu estou bem, não quero, não tenho o que conversar, estou bem, não quero psicóloga não, mãe. Não arrume psicólogo para mim!

Agora, com o José Sandro foi um pouco diferente. Na primeira vez que ele foi preso, ele teve uma amizade com um nigeriano, e o nigeriano mandou ele levar uma droga para a França. Aí ele foi preso na alfândega quase quando estava para chegar na França, eu acho. Era um país em que foram revistar ele e ele acabou preso. Ele nunca tinha feito essas viagens, foi uma loucura sem ter experiência nenhuma nessas coisas. Foi preso e ficou dois anos e poucos na França.

Mas ele ficou muito bem lá! A gente se correspondia, todo o mês eu tinha notícia dele que estava muito bem, trabalhando... Essa é a diferença dos outros países para o Brasil, porque aqui só tem miséria em todo canto. Em compensação, a educação penitenciária dos países de fora é dez mil vezes melhor do que daqui. Por que eu falo isso? O Sandro só não virou gente, como diz a palavra do povo do interior, porque não era de virar. Na França ele tinha condições de ser um cidadão de bem, porque lá ele estudou, aprendeu outras línguas. Fala espanhol e francês muito bem! Também ficou bonito, gordo. Teve uma educação muito bonita e chegou aqui tão bonito e educado! Por sinal, ele é muito educado apesar de todos os problemas. Todo mundo gosta muito dele. Puxou a mim assim, muito comunicativo com as pessoas...

Ele passou dois anos e dois meses lá e chegou com cinco mil reais que ganhou trabalhando. Se tivesse sido no Brasil... Eu posso falar que se no Brasil em cada cadeia tivesse trabalho para os presos, não existiria o que existe hoje. Isso porque o preso não tem como ocupar a mente dentro da cadeia, é só marginalidade.

Quando eu ia na cadeia visitar meu filho eu via como era a situação. O que eles mais falam é “que quando eu sair eu faço isso”, “quando eu sair eu faço não sei o quê” é só coisa errada lá dentro, eles só planejam coisa errada para quando saírem. Nenhum fala assim: “Eu vou sair e vou trabalhar”.

Se os governantes botassem uma lei no Brasil de trabalho nas cadeias, não existiria o que existe. Em primeiro lugar: quando o preso sai da cadeia, sai com o nome sujo, não tem emprego, vai procurar um trabalho e não consegue. Meu filho que está em Pirajuí está tão bem por quê? Pirajuí é uma penitenciária disciplinada. Meu filho chegou lá e em pouco tempo começou a trabalhar. Agora ele está com a cabeça boa porque começou a trabalhar logo, está ganhando o dinheiro dele e mandando para os filhos.

Quando fui visitar meu filho em Pirajuí não achava que ele estava em uma penitenciária porque lá eu não via uma penitenciária! O que eu vi lá foi um lugar bonito. Tem até uma parte que parece aquele plenário que tem em Brasília que passa na televisão. É o lugar onde fazem as reuniões de promotor e juiz. Pirajuí é um lugar lindo, lindo. Não dá nem vontade de sair quando eu vou visitar ele. O piso de lá é tão limpo que dá para ver o próprio reflexo quando a gente está andando. O posto de saúde é enorme, os presos são todos bem limpos, bem cuidados. Tem uma cela bem pequenininha para dois ou três presos, mas compensa porque são só dois ou três e tem um banheirinho bem pequenininho, bonitinho, uma pia, dois colchões, mas tudo bem limpo que parece que você está dentro de um consultório.

Aqui no Brasil, o Sandro só ficou em Pirajuí e agora está preocupado porque vai para o regime semiaberto. No semiaberto já é outro lugar, é mais complicado, tem mais presos, tem mais aqueles contatos negativos. Ele já está achando diferente. Essa semana recebi

uma carta dele onde ele disse: “Mãe, eu já estou pensando como vai ser quando eu for pra colônia. Ir pra colônia no lugar tão bom que eu estou... Queria mesmo era sair daqui e ir pra minha casa sem ter que ir pra essa colônia. Lá eu vou me juntar com muita gente, cada um que fala uma coisa que não vai me agradar”. Ele fica triste, muito triste.

Mas, ele deve sair logo e eu sempre falo:

— Filho, tenha paciência que está perto de você sair e quando o pessoal falar alguma coisa que você não gostar, você fala pra Deus no seu coração, “ai meu deus me ajude, me tire daqui”, pense em Deus, ore a Deus quando for dormir e peça para te tirar, que a mãe também aqui está orando pedindo para Deus tirar você daí. E não se irrite com ninguém porque se irritar já sabe como é que é, vai castigo e vai demorar para sair!

Por isso eu me pergunto: por que os governantes não botam trabalho para esses presos? Isso ia evitar assalto porque quando ele saísse ia ter dinheiro. Tinha que ter uma lei assim! Se o preso se corrigisse bem ele ia ter emprego, poderia trabalhar e ter uma chance. Dependendo do comportamento dentro da cadeia poderia chegar em uma empresa e ser encaixado. Se existisse isso não ia ser do jeito que é, tenho certeza! Hoje ele sai com nome sujo, sem dinheiro no bolso e já vem com aquela coisa ruim lá de dentro. Quando chega aqui fora vai fazer coisa errada! Nosso país infelizmente está uma negação, é horror em cima de horror!

Eu sempre falo para ele pensar em Deus porque tenho muita fé! E acredito muito em Deus porque hoje meu filho está vivo. Ele ainda está vivo porque Deus é maravilhoso na minha vida e na vida dele. Principalmente nesse momento que passou... O povo não acredita em sonho não, mas só que a gente que é mãe sabe como é. Mãe é mãe! Tem gente que não acredita em sonho, mas se você vai dormir pensando no seu filho você consegue ver como ele está, aquela oração que você faz entrega seu filho na mão de Deus.

Como no caso da mãe do André. Ela sonhou com um menino que tinha assim uns oitos anos e falava assim: “Mãe, estou arrependido!”

Isso foi um sonho... E o André realmente falou para duas pessoas que tinha se arrependido, depois desse caso que aconteceu... Falou que tinha se arrependido mesmo. Então a mãe sonhou com um menino só que ela não achou que era ele, mas o menino falava: “Mãe, eu estou arrependido, me ajude!”. Então, o que eu faço para ele e para outros é orar!

Já frequentei tanta igreja nessa vida! Minha família toda é católica. Minha filha Joanita é a mais de todas. Ela é tão católica que juntou a comunidade onde mora e construiu uma igreja católica na frente da casa dela, num terreno bem grande que tinha lá.

Hoje posso dizer que nem sou católica e nem de outra religião, mas confio muito em Deus. Não sou barata de igreja, mas frequento. Passei cinco anos na Igreja Universal, depois fui para a Igreja da Graça. Agora estou numa outra igreja. Quando eu ligava a televisão eu via o apóstolo dessa igreja pra lá e pra cá e chamava ele de louco, mas as coisas mudam tanto quando acontece essas coisas com a gente que hoje eu estou nessa igreja. E não é só gente simples que vai não. Teve até médico que mandou uma mãe levar uma criança lá que não tinha cura:

— Vai lá na rua Carneiro Leão e vê se você consegue com esse apóstolo.

A própria médica mandou e eu vi com esses dois olhos que Deus me deu a moça falando que tinha ido mandada por essa médica. E lá tem tanto médico que só vendo! E depois dessa revelação, desse sonho dela, eu tenho uma esperança de que se esse menino fosse na igreja ele ia ser renovado e nada de mal ia acontecer com ele. É uma pena que ele não quer..

Esses dias vi o testemunho de uma senhora de Minas que tinha uma fé tão grande que foi curada com um lencinho abençoado! Tudo depende da fé! Eu não posso dizer que sou uma mulher de fé porque se eu fosse já tinha resolvido todos os meus problemas com a minha fé. Mas Deus está me dando pouco a pouco, eu sinto isso! E olha que antes eu ligava a televisão e pensava: “Só vejo esse louco”, como hoje eu vejo as pessoas falando, dando testemunho, falando para ele que

chamavam ele disso, daquilo, não gostavam dele... E ele só faz rir. Até que um dia decidi ir nessa igreja. Eu tinha visto na televisão uma multidão de gente tão grande, tão grande, que decidi ir! Nessa semana tinha quarenta mil pessoas dentro da igreja, que pega um quarteirão inteiro da rua! Quase não consegui entrar!

Quando meu filho que está em Pirajuí veio, eu dei um lençinho abençoado para ele e disse:

— Olha, tu fica com esse lençinho, pegue esse lençinho e quando estiver pensando em coisas negativas, quando vier o pensamento ou você quiser ficar nervoso, pega esse lençinho...

Quando ele veio no dia dos pais ele falou:

— Mãe, olha aqui o lençinho, eu não me separo dele. Até uma dor de cabeça se eu tiver, eu faço a oração e tenho certeza que esse lençinho é abençoado.

E é mesmo porque ele é ungido pelo homem de Deus, o homem que confia que Deus existe, que tem a unção de Deus! Digo isso por causa de tanta coisa que eu vi lá. Já vi os médicos subirem no altar e dizerem que realmente o caso era raro e mesmo assim a pessoa ser curada!

Mas, foi muito difícil cuidar dos filhos sozinha... Aconteceu muita coisa na minha vida. Quando eu casei, meu pai não queria o casamento. Acho até que fui castigada porque não obedeci! Como meu pai não queria o casamento, casei mesmo fugida. Eu trabalhava na roça e ganhava um pouco de dinheiro. Meu pai me dava aqueles pedaços de roçada aí eu plantava, colhia e vendia. Por isso ganhava meu dinheiro e juntava. Foi aí que pensei: “Vou casar fugida!”.

Meu marido queria me pedir em casamento, mas eu disse:

— Não peça que meu pai não dá, não adianta. Se a gente quiser se casar tem que fugir.

Coloquei na cabeça que ia casar fugida e comprei não sei quantos metros de pano. Naquela época, os vestidos de casamento não eram bonitos como hoje, mas mesmo assim o meu foi um vestido muito bonito! Ele era de godê duplo, como chamavam na época, era um tipo que debaixo vestia uma saia e ficava com aquele corpinho todo ajeitadinho...

E nessa época eu ainda tinha um outro namorado! Que maluquice! A história foi assim: quando casei eu namorava um rapaz, só que ele era de uma família bem mais ou menos. Por isso eu pensava que ele nunca ia me querer. Era de filho de fazendeiro, essas coisas. Só que o danado era louco por mim e eu gostava dele também, só que achava que ele não ia me querer... Na época eu era uma mocinha, casei donzelinha, mas ele era apaixonado por mim mais do que eu por ele. Eu não queria porque sabia que ele não era para mim. Ele era branco dos olhos azuis, muito bonito, de uma família linda!

Eu morava em Juazeirinho, mas me casei numa cidadezinha chamada Solidade, que era outra cidade perto de Campina Grande. Para ir para lá pegamos um carro que nem sei de quem era e fui me arrumar na casa da Socorro, minha amiga. Eu disse:

— Mas olhe Socorro você não fale nada. Só quem sabe que eu vou casar é você, você não fale pra ninguém!

Socorro costurou meu vestido, a gente marcou o casamento e no dia de casar eu, com aquela agonia, com medo de ser flagrada, fui tirando a roupa que estava vestida para colocar o vestido de noiva e em vez de ter tirado o sutiã, coloquei o vestido com o tal do sutiã parado bem no meio da barriga! A sorte era que o vestido era bem coladinho, mas também era franzido e então não deu pra notar o sutiã ali. E também por causa do véu que era um véu capela, aquele *veuzão* bonito que cobria tudo! É tão engraçado e faz tanto tempo...

Bom, mas me arrumei e fomos para a cidadezinha casar. E nisso o carro esperando na porta e duas pessoas para olhar se não vinha ninguém conhecido para eu rapidinho entrar no carro. Deu tudo certo e ninguém viu. Quando passou mais ou menos uma hora é que sentiram falta de mim... A gente morava num sítio, aí começaram a me procurar e nada!

Quando chegamos do casamento fomos até a casa do meu pai, mas quando ele me viu se mandou e nem quis saber. Aí eu comecei a chorar, mas chorei tanto, que meu pai olhou para trás e falou assim:

— Você não me obedeceu, casou com ele, não me obedeceu, você vai ser igual um pássaro, sem paz, sem sossego, voando de galho em galho.

Meu pai falou isso e eu realmente passei um momento difícil de moradia. Não tinha casa para morar, por isso fomos para a casa da sogra, morar numa casa de tijolo bem simples. Lá tinha uma linha de trem que passava bem pertinho e o barulho do trem Maria Fumaça era como se falasse: “café com pão bolacha não, café com pão bolacha não, café com pão bolacha não”... De tão engraçado que era o barulho desse trem... E nessa casa não tinha nem mesmo uma cama! A casa era bem grande, mas não tinha cama, tinha só uma rede. E eu pensava: “Ai, meu Deus, eu vou dormir nessa rede... Se esse inferno sair desse tijolo e cair?” Pior é que a lua de mel foi na rede! A pior coisa! Eu disse:

— Ah não, não, olhe eu quero dormir no chão, mas não quero dormir nessa rede. No chão é melhor!

Mas, o peste do meu marido não quis ir para o chão, ficou na rede e disse:

— Amanhã logo cedo eu vou comprar uma cama.

E foi mesmo. Logo cedo foi para a cidade, comprou uma cama e no outro dia posso dizer que foi lua de mel mesmo, nesse dia não!

Até que foi bom. Meu casamento foi ótimo, mas meu marido sempre foi irresponsável. Eu tinha um roçado e a gente trabalhava lá. A gente namorava debaixo das árvores... Tinha uns pés de Embu, que dão aquelas frutinhas redondas, umas árvores bem grandes e redondas. E era tão verde que os galhos cobriam o chão. E debaixo daquelas árvores você podia fazer o que quisesse, até morar, de tão gostoso que era. E a gente namorava muito debaixo do pé de Embu...

Lá na roça eu trabalhava, apanhava feijão e tinha algumas coisas de roça que eu fazia, mas a gente era uma lua de mel completa! A gente vivia bem... Até quando eu fiquei grávida da primeira filha foi muito bom, mas da segunda ele já estava namorando com outra. Arrumou namoro com uma prima minha e eu descobri tudo! Cheguei a falar com ela, depois falei com ele, mas ela respondeu para mim assim:

— Eu amo muito ele e agora ele vai viver com as duas

Falou que ele ia viver com as duas porque ela era uma moça e ele tinha mexido com ela, aquelas coisas todas. Depois disso fui

embora quebrar o pau com ele, disse monte de coisa, mas ele não ligou não. Eu sei que quando foi mais ou menos um ano depois eu ganhei a Fátima. O pior é que minha prima também ficou grávida na mesma época! Eu não sabia quem ia ganhar a menina primeiro, se era eu ou se era ela porque as barrigas estavam crescendo igual. Sei que eu ganhei a Fátima num dia e ela ganhou uma menina no outro.

De lá para cá pronto, acabou o sossego, não tive mais sossego. Ele começou a namorar e era namorada para todo lado. E ainda aguentei isso por um tempo. Ele fazia essas coisas, mas eu gostava dele. Todos os filhos que tive foram com ele. Quando ele me deixou, o Gerailton, que hoje tem 32 anos era o mais novo. Depois eu fiquei lá e ele veio embora para São Paulo e ficava indo e voltando...

Quando o Eduardo chegou, eu ainda estava com ele, mas ele vivia mais fora do que em casa... Ele nem falava nada, só dizia que eu achava pouco os filhos que já tinha, já que tinha pego mais um.

Mas, eu não me arrependo! O que tenho é mágoa do que meus pais fizeram com ele. Eu amava meu pai, mas sinto pelo que ele fez, não era para ele ter falado o que falou. Minha mãe também não era para ter falado. Eu fiquei muito triste! O Eduardo lembrou da última vez uns quinze dias atrás e eu disse:

— Perdoe ela, eu perdoei meu pai, perdoei minha mãe, perdoa também que é para você não sofrer depois.

— Mas eu já estou sofrendo, a minha vida está por um fio de cabelo. Eu posso estar vivo aqui hoje e amanhã estar morto.

Eu olho para ele com carinho e ele desvia os olhinhos dele, tão bonitinho que ele é... Ele fala:

— Mãe, eu amo a senhora.

Isso é às vezes. Quando ele estava preso ele falava sempre que me amava...

Mas, meus pais não podiam ter feito isso... Eles sempre viveram na Paraíba. Teve uma vez que fui para o Rio de Janeiro porque meu irmão que mora lá mandou me chamar. E eu tive que deixar os filhos pequenos com meu pai. Na época estava passando pelo momento

difícil da separação do meu marido. E meu pai foi muito grosso com o Sandro e com o Eduardo.

Naquela época, meu pai criava muita cabra, porco, gado, jumento, criava aquele monte de bicho e queria que eles tomassem conta. Ele queria que os netos tomassem conta porque ele não tinha filho perto, estavam todos casados. Um dia meu pai pegou um galho de mato e deu umas lapadas no Sandro, aí escreveram para mim. Uma amiga escreveu dizendo para eu ir embora porque meu pai estava judiando do Sandro e ele estava chorando muito. Aí o Sandro ficou na casa da minha amiga e eu falei para o meu irmão que iria embora.

Eu tenho quatro irmãos homens, eram cinco, mas esse que morava no Rio de Janeiro teve um problema de saúde e morreu, e duas irmãs. Uma mora em Ribeirão Preto que ave Maria, é a minha irmã e maior amiga que eu tenho na vida, se eu pudesse toda a semana estava lá. Nossa, a gente sempre foi muito unida! E tem uma no Rio de Janeiro, mas faz tempo que não tenho nem notícia dela.

Dos meus irmãos, sempre tenho contato com o que mora na Bahia, que eu telefono e a gente tem mais contato. O que mora na Paraíba é menos contato porque não tem telefone em casa. Quando tem telefone em casa é mais fácil de dar um alô. Porque, se botar qualquer coisa assim eu sei ler, mas agora para escrever uma carta é difícil, e depois eu mando uma pessoa ler para mim e ainda falta tanta coisa... Ai meu Deus, isso me deixa chateada...

Quanto ao meu ex-marido, ele arrumou outra namorada... Ele só gostava de menina nova. Eu nunca mais arrumei ninguém, sei lá, eu nunca quis. Sempre fui uma pessoa muito segura. Até aparecia alguém, mas eu sempre coloquei na cabeça o que eu passei e não queria passar mais. Eu nunca bebi, nunca fumei, não tenho vício nenhum na minha vida. Meu único vício são minhas garrafinhas de suco de maçã, goiaba, manga...

Naquela época eu falava assim: "Nunca vou botar um pai para criar meus filhos, jamais!". E isso porque não existia isso que a gente vê hoje de padrasto fazer essas coisas... Tem muita história horrível por aí.

Mas o meu maior sofrimento foi com o Eduardo. Não queria que tivesse acontecido nada disso. Ele foi o que mais deu trabalho e eu lutei por ele. Corria pra cima e pra baixo, levava ele, fazia de tudo, mas a revolta é uma coisa complicada! Com a criança é aquela coisa: se ela recebe grito, ela dá grito; se ela recebe amor ela dá amor, se ela recebe carinho ela dá carinho. Se ela recebe maus tratos, não trata ninguém bem.

O que me ajudou muito foi a ACAT, que conheci através da Maria Ramos e ela disse:

— Tem uma ONG muito boa, se você quiser fazer parte, que é a ACAT Brasil, que trabalha sobre tortura, essas coisas.

Fiquei amiga de Maria Ramos e o Eduardo já estava na época dando trabalho. Eu comentava com ela, e na época em que o Eduardo estava preso no 5º DP, quando eu ia visitar ele, as paredes de lá eram tudo cheias de buracos de bala e tiro em todo em canto. Tinha um senhor japonês que estava preso também e a esposa dele acabou ficando minha amiga. Em uma visita ele estava sentado, e ela de lado, aí eu disse:

— Cida, por que o Japão está assim, cheio de mancha?

— Depois eu te falo.

Quando a gente saiu, ela me contou o que tinha acontecido... Porque meu filho, podia acontecer o que fosse lá dentro, não me contava nada! Eu sabia pela boca dos outros, mas ele não me contava nada. Ele sabia que eu caía em cima, por isso não me contava. Ainda hoje ele não conta, porque sabe como eu sou.

A Cida falou para mim que os policiais entravam nas celas, batiam, davam tiros e sei que começou o comentário de que era assim lá, de que eles judiavam, batiam nos presos. Aconteciam muitas tragédias lá dentro, muitas mesmo! Eu acabei contando isso para Maria Ramos e ela me disse para continuar na ACAT, porque era uma ONG muito boa e que trabalhava pelas pessoas. Eu fiz isso mesmo, continuei indo, ainda mais que era perto de casa.

O Eduardo desde pequeno tem o apelido de Paiakan e hoje os próprios parceiros chamam ele assim. Durante uma visita, um dos meninos presos falou assim para mim:

— Tia, é o seguinte, nós estamos combinando pra fazer uma coisa... A senhora tem problema de coração?

— Não tenho não.

— Tia porque nós estamos pensando em falar para aquelas pessoas que têm problema de saúde e vieram na visita irem embora na saída das 4h (que tinha uma saída de quatro, e a de cinco horas). E a turma das cinco horas ia ficar porque nós vamos fazer uma greve aqui porque os policiais estão batendo muito em nós e nós vamos ficar aqui hoje. Nós não vamos pegar vocês como refém, a senhora topa?

Aí mostrou as pessoas que já tinham concordado, que toparam e eu disse:

— Ô, eu topo sim, eu topo. Para o bem da gente, de vocês, eu sou mãe! Faço tudo.

Sei que quando deu 4h todo mundo saiu e só ficou quem tinha topado. No toque de cinco horas os meninos tomaram a frente da porta. Quando vieram para abrir a porta disseram que não era para abrir e os meninos foram para a frente da porta. Veio aquele *fecheiro*, mas falaram:

— Não adianta porque não vai sair ninguém!

Nossa, naquele tempo eu tinha uma coragem! Eu ainda tenho coragem apesar de tudo. E eu falei:

— Não vai sair ninguém.

— Por que não vai sair?

— Porque não vai sair ninguém.

Nisso as mulheres, todo mundo começou a gritar que não ia sair ninguém. Eu disse:

— Você não está vendo a situação que está aí dentro? Porque não existe coragem. Os presos não têm coragem de denunciar o que está acontecendo aqui.

E mesmo com todo mundo criando coragem, sempre tem algumas pessoas que atrapalham. Eu sempre acho que no comportamento a gente resolve as coisas de um jeito melhor, só que as outras mulheres começaram com gritaria boba. Então eu disse:

— Eles não pegaram a gente como refém, nós ficamos aqui porque quisemos ficar. Olha, está vendo aí ó, as paredes furadas de bala, a polícia entra de noite, bate nos presos, o preso está roxo, tem preso que está cheio de hematomas de borrachada de polícia que bate. Não, não é assim. Ou vem uma lei aí para cumprir isso aqui ou então não vai ficar assim.

Sei que deu cinco, seis, sete, oito horas e eles implorando para os presos liberarem as pessoas, mas não adiantou. Nós estávamos ali porque a gente queria ficar! Eles não obrigaram ninguém. E continuei:

— Porque o que a gente quer para fazer uma greve, nós estamos querendo aqui a presença de um juiz corregedor para resolver o problema desses presos que estão apanhando aqui. Eles não estão presos? Não estão pagando pelo que fizeram? Pra que bater? Pra que policiazinha atirar aqui dentro? Pra que tanto buraco de bala aí dentro? Se essas balas fossem para atirar em alguém matava todo mundo aí dentro.

Quando deu 9h da noite começou a chegar repórter. Chegou até aquele Celso Russomano que implorou, mas implorou tanto, foi o que mais implorou para a gente sair, para eles liberarem a gente. Eu e outra menina olhamos para ele e falamos assim:

— Celso, você é um amigo, a gente conhece muito você, mas vá pra casa, vá dormir, porque nós estamos aqui para tirar a noite sem dormir. O que tem aqui é uma greve, nós estamos fazendo uma greve!

Daqui a pouco chegou advogado, mais outro repórter, e foi chegando gente. Quando foi meia-noite, que eles viram que não ia sair ninguém mesmo, eles desligaram a luz e a água. Aí tinha mãe com bebê, mas para tudo tinha um jeito. Tem coisa que só preso consegue fazer... E improvisaram até mamadeira para as crianças de água com açúcar até o dia amanhecer.

Amanheceu o dia e a gente continuava lá e sem comer nada! Quando deu 9h, tinha uma televisãozinha preto e branca e começou a mostrar os helicópteros passando por cima e todo mundo gritando!

Eles desligaram a luz de novo para ninguém assistir e os helicópteros continuavam lá encima. E chegavam repórteres da Band, da Record, gente de todo lado implorando, mas ninguém liberava, só pedia a presença do juiz corregedor. Que só liberava o pessoal com a presença do juiz corregedor para ver as condições dos presos que estavam lá.

Meio-dia tinha uma monte de gente da Globo filmando lá dentro. E nisso era tanta gente implorando para liberar e nada. Quando foi duas e meia da tarde chegou uma juíza e a gente só saíria nessa condição. Ela foi fazer acordo para todo mundo sair e com educação disse:

— Eu vim conversar com vocês para vocês liberarem todo mundo que está aí e nada vai acontecer com vocês. Eu prometo que não vai acontecer mais nada com vocês. Vou mandar revistar todo mundo aí dentro, ver como é que está a situação.

— É doutora, tem tiro por todo o canto, eles batem na gente...

E começaram a contar o que acontecia. Quando ela disse que podia liberar todo mundo eles disseram que nós estávamos como refém. Aí nós dissemos que não estávamos! Eu falei:

— Doutora, nós não estamos como refém, o problema é que aqui a situação está muito grave e ninguém toma uma providência, por isso que a gente está aqui, para ver se alguém toma uma atitude porque a situação é dos presos apanhando... Eles já não estão presos? Não estão pagando pelo que fizeram? Pra que bater? Pra que a polícia entrar aqui dentro e dar tiro pra cima? As paredes estão todas cheias de tiro, isso não é certo! Se eles foram escolhidos pra esta profissão eles têm que ser educados, tem que escolher dar valor à profissão deles, não isso que estão fazendo, estão errados.

— Eu vou tomar uma providência, vocês não se preocupem que a gente vai tomar uma providência. Pode liberar todo mundo, que não vai acontecer nada com vocês.

Aí dois ou três presos falaram assim:

— A senhora promete que o Choque não vai entrar?

O medo deles era o Choque entrar depois de tudo e bater neles.

— A senhora promete que o Choque não vai entrar aqui?

— Eu prometo. Eu não já falei que todo mundo pode sair que nada vai acontecer?

Eu olhei para trás e falei com um dos meninos que estavam presos que chamava Daniel:

— Ela já não deu a palavra? Por favor! Daniel, já deu a palavra! Ela é uma juíza, deu a palavra e você se cale, por favor.

Eu já estava querendo me irritar porque se ela deu a palavra ela ia cumprir. Meu filho também estava lá e ele achou que eu sou corajosa, uma guerreira! Sei dizer que foi legal!

Depois disso, abriram a porta e todo mundo foi saindo, menos os presos. Quando a gente saiu lá fora tinha tanto repórter na porta e na frente do hospital! Saí de lá e fui direto pra ACAT. Quando contei o que tinha acontecido o pessoal não se aguentou! Ninguém acreditou! Eles falavam:

— Mas Teresinha, eu vi você! Ontem eu vi você na TV!

Contei toda a história, e dona Isabel que estava lá me parabenizou, disse que eu era corajosa de na minha idade ter a coragem que eu tive. E todo mundo me deu o maior apoio. Depois fui para casa e quando foi na outra semana disseram que iam suspender a visita, mas acabaram não suspendendo. Quando cheguei tinha dois caras lá, dois carcereiros, que eu bato no meu peito que fui eu que tirei eles de lá. Eu falei com o delegado, contei o que eles estavam fazendo lá dentro com a gente e ele tirou os caras de lá. Eles pegavam as coisas dos presos e jogavam de qualquer jeito, uma coisa horrível! Não respeitavam a gente e ainda bem que já caíram fora. O importante é que quando fui visitar meu filho vi que estava tudo bem!

E tudo isso começou quando aquela minha amiga comentou das marcas no marido dela... Foi aí que contei tudo para dona Isabel na ACAT e ela me disse:

— Teresinha, pode deixar que amanhã mesmo eu te prometo que o juiz corregedor vai ver isso aí.

Na semana seguinte eu soube que o juiz corregedor foi. Mas na mesma hora que a gente conversou ela falou com o ele e me ligou dizendo:

— Teresinha, fica sossegada, que eu já falei com o juiz corregeador e eles vão tirar os presos que estão com marcas para levar e fazer corpo de delito.

E foi isso mesmo. Fizeram corpo de delito, e os policiais que bateram neles foram afastados. Tanta coisa mudou que o 5º DP até fechou, agora é só para ocorrência, não tem mais cadeia.

Na ACAT era sempre assim. Eles procuravam resolver os problemas o mais rápido possível. Particpei de reuniões lá durante sete anos. Agora estou um pouco afastada porque teve algumas mudanças e acho que não me adaptei. Antes as reuniões eram para a gente desabafar, contar os problemas, o que a gente estava passando, o problema que o filho da gente estava passando. Tinha assistente social, psicólogo, a assistente social acompanhava nós mães, a gente contava para ela o que estava acontecendo e ela anotava o que acontecia com o nosso filho lá dentro da prisão... Agora tem algumas reuniões com teatro e outras coisas e acaba não dando tempo da gente desabafar.

E também precisava ter algum advogado da área criminal e lá não tinha porque não podia. A gente precisava de umas sugestões e não tinha quem desse. Às vezes eu sabia mais que eles sobre a sentença dos nossos filhos. E eu posso dizer que isso eu sei bem! A pena do preso é assim: se meu menino pegou cinco anos, sempre tem um mês, dois meses, três meses, eu já tenho feito as contas, o meu menino pegou seis anos, seis meses e dois dias. Então o meu menino vai sair em quanto tempo? Vai ter com dois anos e seis meses a primeira “saidinha”. E tinha gente que teimava que não. Eu acabei debatendo e no final estava certa! O tempo bateu certinho.

Outra coisa que faziam para a gente na ACAT era resolver as coisas quando nosso filho estava doente. Teve vezes que o pessoal fez na hora uma carta pedindo os remédios no presídio. Mas, tem gente dessa época que não está mais lá. Outro motivo que eu parei de ir foi que é na mesma hora que eu vou na igreja aprender um trabalho de pintura, aí não dá tempo de chegar. Quando eu consigo ir nas reuniões na ACAT eu vejo que todo mundo fica feliz de me ver, por isso não quero me afastar tanto.

Minha história tem muito sofrimento... Ser mãe hoje é muito difícil, mais do que na minha época de criança. Tem tanta coisa. Primeiramente essas meninas que ficam grávidas, o pior que eu acho na minha vida, que eu sinto dentro de mim, é ver uma menina nova, de seus 15, 16 anos grávida.

Eu amo a minha nora porque ela foi mãe cedo, engravidou com 15 anos e foi mãe com 16 anos da Juliana, mas é uma mãe exemplar! Ela só tem a Juliana, mas agora está com vontade de fazer um tratamento para ter outro filho, porque a Juliana está com 14 anos. O problema é que ela trabalha muito! Eu digo isso, mas mesmo assim ela quer fazer um tratamento porque acha que está tendo problema para ter mais filhos. Ela perdeu um com um mês e pouco.

Mas, do jeito que as coisas estão hoje, essas meninas tendo filho, matando, jogando no lixo, outras não cuidam, isso me dói. Me dói muito mesmo! Ver tanta criança sofrendo... Mas ser mãe é bom e sabe por quê? Se o marido for um bom marido e tiver um emprego, quando chega e tem o filho para dar carinho, tem a mãe e o pai juntos e isso é uma maravilha.

Agora, quando a mãe não tem um marido, o filho é uma companhia, é um amor que quando você vai chegando e vê aquele filho correndo na sua direção e olhando para você com aquele olhar que só um filho pode dar, a mãe dá aquele sorriso! Tá louco é muito bonito isso, muito emocionante! Só quem tem um filho sabe o que é isso! Você está andando, fazendo as coisas do dia-a-dia, mas está pensando naquele filho, em chegar em casa para pegar ele, dar um beijo, um abraço, para dar carinho, uma assistência de mãe. Você fica toda feliz e se o seu marido não estiver em casa, você não está nem aí muito por ele, porque você está ali agarrada com o seu filho!

Se o homem deixa a mulher, com quem ela quer que o filho fique? Com ela. Não quer que o marido leve. Ser mãe é muito bom! Eu sofri muito, aliás, minha vida toda foi de sofrimento. Criei meus filhos, nunca dependi de ninguém, trabalhei pra caramba para criar meus filhos, para não vê-los em caminho errado, nunca cheguei numa casa pedindo:

— Olha, me dê isso para o meu filho, eu estou precisando disso...

Nunca faltou nada para os meus filhos. A diretora da escola onde eu trabalhava até brincava comigo falando assim:

— Teresinha, quando chega o final de mês, assim, às vezes eu penso que tu deixa de comprar um quilo de feijão para comprar rouge...

Eu gostava muito dessas coisas. Tinha um pó acho que a marca era Promeza que eu adorava! Mas, acho que nem existe mais... Um perfumezinho, não muito forte que eu também amava! Quando falavam isso eu dizia:

— Não, de jeito nenhum, isso eu não faço.

Até as mães dos alunos já sabiam o quanto eu gostava. Quando era dia das mães ou aniversário sempre ganhava presentinhos. Ainda mais que era um colégio particular e só estudava “filhinho de papai”... Lá eu trabalhava no maternal com as crianças, sempre trabalhei com criança. E a diretora só confiava em mim para limpar o maternal e deixar bem bonitinho. Era lá que sempre ganhava presentes. Elas vinham com aqueles pacotinhos bonitinhos na mão e quando eu abria tinha aquelas caixinhas. Era pó, rouge, desodorante, colônia Alma de Flor... Esse é o perfume que eu sou mais apaixonada ainda... Que cheiro delicioso!

Até hoje meu patrão, o Marcelo, todo ano me dá uma caixa completa que vem com o perfume, o sabonete, o kitzinho completo. Eu adoro e sou vaidosa! Até ganhei um corte de cabelo e um tratamento que botam touca térmica lá na Consolação! Quando eu sair do trabalho já vou direto para lá. Foi uma amiga que me deu isso de presente. Ela é desse pessoal que tem boas condições e quando me vê com o cabelo meio feio já fica perguntando o que aconteceu, porque sabe como sou vaidosa. Eu gosto do meu cabelo bem cortadinho, mas ultimamente estou sem dinheiro para pagar um salãozinho mais chique, e esses “pé rapado” não resolvem muito... Mas essa minha amiga é um amor e disse:

— Então você vá, você mande fazer a sua unha e vai arrumar o cabelo. Mas isso é para fazer o cabelo, a unha você se vira!

Ela é muito engraçada! E eu acho isso tudo muito legal. Minha vida tem esses momentos alegres, mas é tanta coisa na minha história! Sempre fui uma pessoa que nunca gostou de baile, de beber, nunca fumei, nunca gostei disso... Às vezes me pergunto por quê? Nunca fiz essas coisas. E dediquei a minha vida a quê? Sinceramente não sei! Hoje, estou com 70 anos e não adianta mais. Talvez se tivesse fumado e feito noitada, acho que não estaria trabalhando, estaria bem mais cansada. Porque o que me deixou mais acabada foi tudo isso que aconteceu com meu filho. Depois disso, quando olho no espelho, vejo que estou muito decaída. Mas, quando me arrumo, corto o cabelo, já me mostro diferente e todo mundo percebe.

Agora, se for pensar em um momento bom na minha vida foi quando vivi em Campina Grande, eu já era separada e tinha uma casa onde morava com os meus filhos. Eu aluguei uma casa muito grande e lá comprei um conjunto de sofá de veludo que era lindo, com uma cor que era quase branco. A casa tinha três quartos: o meu, o dos meninos e outro onde eu até botava duas camas para os meninos, mas eles queriam dormir tudo em um quarto só. Minhas meninas quase nunca ficavam em casa. Quando não iam estudar ficavam nas amigas. Nessa casa eu me sentia feliz!

Eu já trabalhava no colégio e me sentia tão feliz porque era uma casa muito bonita e que eu podia pagar com meu próprio dinheiro. Estava sempre bem arrumada e eu tinha um cachorro pequenino marronzinho chamado Rian que era o amor da minha vida. Quando eu saía, ele me deixava no portão e ali ficava até que eu pegasse o ônibus. E ficava o dia todinho no portão, deitadinho, esperando eu chegar. Quando o sol estava muito quente ele procurava uma sombrinha e ali ficava. Quando eu chegava, nossa, era a alegria! Ele era fofinho, a coisa mais linda!

Eu tinha tanta alegria de ver meus filhos todos perto de mim! Aconteciam até umas coisas engraçadas... A gente tinha, na época, uma televisão feia, daquelas bem antigas. Minha sala tão linda e a televisão tão feia... Um dia Juanita disse:

— Ah mãe, fazer o quê, ninguém pode comprar nem tão cedo uma televisão nova, tem que ficar com essa mesmo. Também a

senhora em vez de ter comprado esse jogo de sofá podia ter comprado uma televisão boa pra gente assistir que era melhor!

Mas, o importante é que o sofá deixava a casa bonita. Aí eu botava o jogo de sofá bem no meio da sala. Tinha duas salas e um terraço bem grande. Quando entrava na porta tinha a primeira sala, depois a segunda e no meio tinha uma cortina bem bonita para passar na sala de jantar. Lá tinha uma mesa bem grande, forrada bem bonita... E a cozinha? Nossa, a cozinha era linda! Tinha tudo de tudo! Eu era feliz nessa casa. Aliás, foi a única casa em que eu fui feliz. Eu não tinha marido, mas tinha meus filhos e era muito feliz!

Trabalhava a semana todinha, e no sábado até o meio dia ainda. Quando chegava em casa, ia limpar, lavar banheiro, deixar a casa toda limpinha para no domingo fazer sabe o quê? Cuidar do monte de planta que eu tinha. O jardim era enorme, e de lado eu mandei fazer uma tela bem grande onde pendurava a cesta de samambaia... Enchia de todo o tipo de planta. Eu não podia ver uma planta que já pegava um galhinho para plantar. Era tanta planta que até comecei a vender!

Minha casa era tão linda que meus amigos, até do colégio, adoravam ficar lá. Meus filhos trabalhavam, o Sandro fazia aquelas antenas grandes, parabólicas. Tenho até foto dele ali fazendo. Ele sempre me ajudou e tenho fé que ainda vou ver meu filho feliz... Tinha um cantinho lá que ele falava:

— Mãe, deixa esse cantinho assim que quando os meus amigos vierem aqui, para não sujar a casa, eu fico nesse canto no jardim para tomar uma cervejinha, pode?

— Pode sim.

Ai ele arrumava uns tijolinhos e fazia como banquinho e mesa e botava a cerveja do lado e ficavam ouvindo o sonzinho deles. Era muito bonito de se ver. Eles lá e eu com as minhas amigas conversando, tomando cafezinho, brincando, ouvindo um som... Mas, tive que deixar minha cidade...

Gosto muito de música antiga. Por sinal estou com uns discos antigos que preciso ver quem passa para CD para mim... Quero

comprar um som, nem que seja pequeno. Mas, adoro música, sou louca, apaixonada pela música de Nelson Gonçalves! Quando eu ouvia, era aquela coisa tão gostosa, eu não pensava em nada, nem nesse negócio de namoro. Era só a sensação que eu tinha de ouvir aquela musica bonita, apaixonada, mas eu não tinha paixão por ninguém, só gostava da musica. E quando tocavam aquelas músicas eu chorava de emoção! Tenho muitos discos: tenho do Caetano Veloso, do Gil, tudo que o Marcelo me deu. E ele disse que se eu conseguir passar para CD, posso escolher um monte dos que eu gosto. Ele tem mais de 500 discos na biblioteca...

Mas, tenho saudade da minha casa de Campina Grande, que trouxe tanta felicidade, paz e alegria. Teve um dia que aconteceu uma coisa muito legal. A diretora, dona do colégio onde eu trabalhava, era muito rica, mas ela gostava demais de mim. E uma vez ela quis dar uma feijoada para um político da cidade, o Cássio Cunha Lima, que é o prefeito hoje. Aí ela falou assim:

— Tua casa é muito grande, tem um quintal grande, eu estou com vontade de fazer uma feijoada pra Cássio.

— Minha casa está às suas ordens.

Dali a pouco chegou o carro com as panelonas, uns caldeirões de ferro pesados que só! E tinha tanta carne, tanto feijão preto, tanta coisa! O motorista dela foi tirando todas as coisas, veio cozinheiro e tudo, foi uma festona! A rua ficou repleta de carro e a casa ficou lotada de gente. Foi uma feijoada tão grande, tão grande! Era gente da política, era carro, era não sei o que, era cerveja, era comida, nossa muita coisa! E não me deixaram lavar um prato. Ela levou gente para limpar tudo.

Nessa casa tive os melhores momentos que passei na minha vida, com os meus filhos, amigos, e de lá pra cá, também tive aqui em São Paulo, não vou dizer que foi só em Campina Grande não. Aqui em São Paulo, logo que cheguei também tive momentos felizes na casa que morei na Arthur Prado.

Também era uma casa muito grande e a Fátima na época tinha alugado. Ela sempre teve amigos chiques. Tinha o Daniel, que era

da revista *Veja*, as amigas dela eram tudo gente fina. De vez em quando ela já me preparava:

— *Mainha*, acho que esse final de semana a gente vai fazer um almoço aqui ou então algum lanche, alguma coisa que vem uns amigos meus pra cá, tá bom?

— Tudo bem!

No sábado de manhã, a gente já fazia a faxina, deixava tudo arrumadinho. Quando eram seis, sete horas, já começava a chegar gente. A gente tinha duas geladeiras, uma grande e uma pequena. A pequena ficava entulhada de cerveja... Eles bebiam até dez horas da noite e depois pegavam o carro e se mandavam!

Eu ficava em casa esperando chegar o domingo e o pessoal que vinha para ajudar a fazer a comida. Nossa, era muito bom! Sempre gostei de fazer feijoada e frango. É o que eu sei fazer de melhor!

Esses foram os momentos mais felizes da minha vida... Agora, o mais difícil de todos foi o problema familiar porque eu me dediquei muito a criar meus filhos. Até minha diretora falava assim:

— Teresinha você é muito dedicada com seus filhos, será que esses filhos vão compensar?

— Ah, dona Socorro, vai sim, eu amo meus filhos e eu tenho certeza que eles me amam.

— Falo porque pra você, tudo da sua vida é seus filhos, tudo.

— Tenho certeza que eles me amam e no futuro eles vão colaborar comigo.

Então, o momento mais difícil da minha vida foi esse com meus filhos. Essa decepção... E ainda estou passando por isso... Não posso dizer que acabou, não acabou! E por sinal meu filho de Uberaba quer muito que eu vá morar com ele porque, graças a Deus, ele está vivendo muito bem. Então ele quer que eu vá embora para perto dele de qualquer jeito. Ele é muito apegado a mim e falou que não me quer mais em São Paulo, quer que eu vá embora para alugar uma casa, morar perto dele. Aí vou poder ter minhas plantinhas de novo... É o que ele quer que eu faça e vai acabar acontecendo isso mesmo... Eu tenho vontade de ir.

O maior sonho da minha vida, para ser sincera, Deus sabe muito bem disso porque eu já venho pedindo muito para Ele, só não sei se ainda não mereci, mas o maior sonho que eu tenho na minha vida e que eu tenho lutado muito é por uma moradia digna! O que eu mais quero é ter uma moradia digna! E isso eu já falei na Secretaria de Habitação e em vários lugares, até na Câmara Municipal quando eu ia às reuniões lá. Eu era do grupo de reuniões, não faltava em nenhuma, mas acabei perdendo o gosto porque eles me enganaram muito! Falaram que tinham me encaixado no projeto de idosos, um projeto em que eu ia ter um apartamento quitinete porque eu sou só, me deram a maior garantia que em março eu receberia esse apartamento. Tinha tanta certeza que ia ter essa quitinete...

Sempre morei em casa boa tanto em Campina Grande como aqui em São Paulo. Mas, de algum tempo para cá, me acho humilhada. Tenho amigos que querem vir na minha casa, mas eu sempre arrumo uma desculpa, então quase nunca tenho visita. Eu me escondo das pessoas. Não tenho vergonha de dizer, porque ninguém, nem minhas amigas me conheceram morando nesse lugar.

Posso dizer que morei em três lugares onde não levo minhas amigas. Até mesmo o Marcelo, com quem convivo há treze anos, não trago aqui. O pessoal da Vila Mariana também quer vir aqui almoçar comigo, comer da minha comida, mas eu não trago ninguém. Eles falam que estou tapeando para não trazer, mas a verdade é que tenho vergonha. Eles me conheceram morando tão bem, numa vida tão boa, apesar dos problemas, que eu não tenho coragem. Eu tinha meus problemas, mas tinha uma casa digna para receber as pessoas, um lugar digno para chegar no portão e receber aquela pessoa com alegria. Hoje eu recebo as pessoas com decepção... O bairro aqui, a Aclimação, é um lugar bonito, mas aqui ninguém colabora...

Faz pouco tempo que moro aqui. Antes vivia numa pensão, mas já não aguentava mais. Pagava um absurdo numa pensão que era ruim de tudo. Nem lugar para guardar minhas coisas tinha. Tanto que deixei muita coisa na Zona Leste porque não tinha onde botar.

Conheço este lugar onde estou morando agora faz tempo. Foi uma amiga que também mora aqui que me disse:

— Teresinha tem um quarto lá perto de mim, por que você não compra? É maior que esse, é melhor, tem um banheiro dentro de casa...

Lá na pensão não tinha banheiro dentro de casa e quando chovia era muito ruim... Tenho até vergonha de falar. Então, decidi comprar esse lugar aqui. Como não tinha dinheiro na hora, fiz um empréstimo que desconta todo mês. Quando comprei isso aqui estava uma verdadeira sucata! Era água derramando em todo canto, aí mandei pôr torneira, fui logo na loja de material de construção, pedi uma descarga e um chuveiro para pôr no banheiro de fora. Isso porque tem mais homem do que mulher usando! Teve um dia que até chorei de ver tanta água desperdiçada. Eu tenho meu próprio banheiro, mas o outro é para o pessoal que mora aqui no andar de baixo. Fico desesperada quando vejo aquela água se perder, sabendo que aquilo ali um dia vai fazer falta para a gente...

Aqui ninguém paga água, ninguém paga luz... Eu queria pagar água, eu queria pagar luz, sabe? Mas morando num lugar desse eu não posso fazer nem isso. Pelo menos aqui tenho meu cantinho. Foi meu filho Geraildo que me ajudou a arrumar tudo, fazer a decoração e a pintura. Ele também fez na casa dele e no quarto da minha neta Juliana. E ficou tão lindo!

Sempre tento melhorar o lugar aqui e até me dou bem com todo mundo, cumprimento tudo direitinho. Mas, tem coisa que não adianta, tem muita gambiarra na fiação e é até perigoso! Morar em cortiço é muito difícil! Por isso que meu sonho é sair daqui. Outro dia falei assim:

— Meu deus, o Senhor me dê uma morada digna, mesmo que eu chegue num dia e no outro me apague, mas me dê uma morada... Me dê uma morada para poder ter um quarto, uma mesa bonita, essas coisas todas.

Eu tenho uns móveis bem bonitos, mas ficaram lá na Zona Leste. Até tentei morar para lá, perto do meu filho, mas não consegui.

Era uma casinha boa, bonitinha, mas eu continuava trabalhando para os lados de cá. Meu negócio é a região central, não tem jeito! Por isso que se um dia eu sair de São Paulo tem que ser para o exterior... Desde que cheguei em São Paulo moro na região central e se eu for para outro canto não adianta que não acostumo.

Quando estava morando na Zona Leste e comecei a vir para cá naqueles trens foi horrível! A primeira coisa que aconteceu: quebraram meus óculos de tão cheio que estava o trem! Fiquei vários dias com um defeito no meu rosto... Quando passaram onze meses vim embora. Até chorei de desgosto, mas não aguentei apesar da casa ser boa. Não queria ficar indo de um lado para outro. Queria mesmo era um lugar, uma morada digna!

Durante quarenta anos eu paguei aluguel. E quando foi para tentar um apartamento meus filhos, graças a Deus conseguiram, mas eu por causa da idade não consegui! O Sandro infelizmente já perdeu o dele, mas meu outro filho está muito bem. Fiquei muito triste com essa história de não poder pegar apartamento por causa da minha idade. Achei que foi discriminação. Afinal, se eu podia pagar um aluguel, por que não um apartamento? Se eu morresse, eles que se virassem e ficassem com o apartamento!

Dessa vez se não sair o apartamento eu vou embora para onde está meu filho Carlinhos... Mas, bem que eu queria que fosse diferente... Eu gosto muito daqui de São Paulo, não queria ter que ir embora!

Maria Railda Silva Alves



A PESQUISA HAVIA CHEGADO NUM MOMENTO CRUCIAL. O TEMPO SE ESGOTAVA, AS POSSIBILIDADES SE AMPLIAVAM E ESCOLHAS PRECISAVAM SER FEITAS. POR MAIS QUE O DESEJO FOSSE O DE REALIZAR MAIS ENTREVISTAS, A COMPLEXIDADE DAS HISTÓRIAS CAPTADAS DAVA SINAIS DE QUE ESTAS ERAM SUFICIENTES. CONHECI RAILDA POR ACASO E QUANDO SOUBE DE SEU COMEÇO NA MILITÂNCIA IMEDIATAMENTE VISLUMBREI A POSSIBILIDADE DE FINALIZAR O TRABALHO COM SUA HISTÓRIA DE VIDA. AFINAL, ESTA COLABORADORA ME FAZIA VOLTAR AO INÍCIO DA PESQUISA POR SUA PARTICIPAÇÃO NA FUNDAÇÃO DA AMAR, MAS APONTAVA PARA O NOVO, COM SUAS INICIATIVAS COMPLEMENTARES À ATUAÇÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. A FORMAÇÃO DE UMA NOVA ASSOCIAÇÃO, A AMPARAR, TINHA COMO OBJETIVO CONTEMPLAR TAMBÉM FAMILIARES DE PESSOAS QUE INGRESSARAM NO SISTEMA PRISIONAL. DESTA FORMA, AO FINAL DE NOSSO ENCONTRO SENTI COMO SE PARTE DO TRABALHO ESTIVESSE FEITA E É COM A NARRATIVA DE RAILDA QUE *PADECER NO PARAÍSO? EXPERIÊNCIAS DE MÃES DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI* TEM SUA CONCLUSÃO.

*“A gente tinha aquela força, porque a mãe tem poder,
e a gente descobriu isso!”*

Meu nome é Maria Railda Silva Alves, nasci em 1966, dia 3 de outubro, na cidade de Coraci, Bahia. Para falar da minha história vou começar do começo... Nasci na Bahia, minha mãe veio comigo e com meu irmão para São Paulo quando eu tinha cinco anos de idade. Minha mãe trabalhou muito para me criar, me dar estudo e depois com 15 anos me casei com o pai dos meus filhos. Tive quatro filhos: Davi, Daniel, Fábio e Thaís.

Minha separação dos pais dos meus filhos aconteceu quando eu tinha 20 anos de idade... E assim foi porque ele me maltratava muito e não tinha como a gente manter esse casamento. Começaram a ficar as mágoas e quando isso acontece misturado com a falta de respeito não dá mais! Eu larguei dele, arrumei um emprego, fui trabalhar e meus filhos eram muito pequenos ainda... Depois disso, o mais velho ficou com a avó paterna, que criou ele, até para me ajudar a cuidar deles e manter a casa. Não tenho nada que reclamar da minha vida... O único problema que tive mesmo foi com meu filho do meio, o Daniel.

Eu tenho boas recordações da Bahia... Minha grande recordação é minha mãe de leite, a dona Jade, e o pai. Meu pai mesmo eu nunca conheci, mas eu tinha um pai, que era o marido da minha mãe de leite. Minha mãe mesmo não tinha leite, então minha mãe de leite era vizinha e elas eram muito amigas! Então, ela me amamentou por vários meses quando bebezinha... Disso se falar que me lembro é mentira...

Fiquei lá até o cinco anos e lembro que quando vim para São Paulo eu chorei muito porque não queria vir embora. Também, esse pai fazia de tudo para mim, o Sr. Joaquim, que hoje é falecido. Eles tinham muito carinho por mim, muito amor, me tratavam como filha. Até meu irmão de leite fala:

— Meu pai fazia tudo por você e pela minha irmã...

Então hoje eu posso dizer que isso marcou muito na minha história, porque a gente não é irmão de sangue, mas somos irmãos do coração. Aonde a gente vai, a gente se apresenta como irmão e só algumas pessoas que percebem que não somos irmãos legítimos.

Na minha história foi muito legal essa convivência que tive na Bahia, de ter meus amiguinhos e mesmo com cinco anos eu lembro vagamente de algumas coisas. Mas de todas, o que mais lembro é de brincar com a minha irmã e com meu irmão de leite, tinha vezes que eu até dormia na casa deles. Tudo que meu pai comprava para eles, comprava para mim também. Ele me tinha como filha mesmo! Por isso foi muito ruim a separação, foi muito doloroso quando vim para São Paulo. Aqui já eram outros costumes, diferentes da Bahia e eu já não tinha meu pai, que era super protetor, fazia de tudo por mim, me mimava. Eu era a caçulinha, a menor, o xodó, e isso porque eu não era filha. Imagina se fosse!

Quando chegamos, a gente foi morar na Vila Carrão e eu fui estudar, fazer o primeiro ano na escola. Minha mãe sempre trabalhou e minha avó cuidava da gente. Mas, sempre tive uma coisa em mim que não tinha a aceitação dessa separação ainda depois de muitos anos, do porque eu tive que vir embora. Só depois entendi que se minha mãe tivesse condições melhores lá, com certeza não ia deixar sua origem, seu estado, para vir para outro estado desconhecido. Com o passar do tempo fui entendendo tudo...

E minha mãe sempre trabalhou, sempre cuidou da gente, de mim e do meu irmão, ainda mais que eu era a caçula, a “rapa do tacho”. Meus outros irmãos já eram casados. Nós éramos em seis irmãos, mas hoje somos cinco. Minha mãe ficou viúva quando eu nasci, por isso não conheci meu pai. A sorte foi que outra pessoa se

fez presente na minha vida e isso marcou muito! Então eu tenho como referência que aquele é meu pai!

E foi muito difícil toda essa aceitação porque eu conhecia uma família, tinha uma referência e, de repente, tive que vir embora, morar na casa dos outros, na minha tia, na minha avó, então não era mais aquela criança que tinha todo aquele carinho... Porque o nortista é um povo muito trabalhador, mas um pouco ignorante na educação com os filhos. Então minha avó era muito dura comigo, por isso não tinha amizades quando era criança, nem podia ficar brincando. Se brincava um pouquinho, depois já corria para dentro de casa. Mas, ela foi uma boa avó, não tenho do que reclamar, fez muitas coisas boas...

Minha avó se casou quando tinha 11 anos de idade. Ela até contava que ainda brincava de casinha. Depois, com 13, 14 anos que foi se tornar mulher do meu avô mesmo. Ela contava muitas histórias dos antigos, então isso também marcou muito! Mas, confesso que queria mesmo era estar na Bahia...

Quando minha mãe veio para São Paulo, veio só comigo porque meus outros irmãos já moravam aqui, já eram casados. Minha avó e minhas tias também já tinham vindo, a família inteira. Só faltava minha mãe e um irmão dela que continuava na Bahia.

Por fim, viemos e lembro que no dia que chegamos era casamento de uma das minhas irmãs. A gente tem uma diferença bem grande de idade. Minha irmã mais velha hoje está com 57 anos, foi a última que casou, as outras já eram todas casadas. A gente chegou muito cansada, mas lembro que teve a festa... Nossa, vomitei a viagem inteira! Porque era assim num pau de arara, bem precário mesmo. Não tinha outro jeito, a gente era pobre e não posso fugir dessa origem nunca! Sei que demorou uns três ou quatro dias e eu vomitando, comendo farofa e aqueles frangos que o povo que vem do Norte faz e traz aquelas latas de leite Ninho cheias de farofa com frango, lembro muito bem disso! Água também, todo mundo leva muita água, suco e bastante fruta que a gente vinha comendo no meio do caminho porque não tinha nem mesmo dinheiro para poder

passar em algum lugar para almoçar. Lembro que meu pai ainda deu dinheiro para mim, que era para eu não passar nenhuma necessidade no meio do caminho!

Meu pai e minha mãe de leite já são falecidos... Quando meu pai ficou doente, não pude ir para a Bahia por conta dos problemas que estava tendo com meu filho, então não deu para acompanhar toda a doença dele. Logo depois ele veio a falecer, teve um derrame. Sofri muito porque ele pedia para me ver, eram muitos anos longe da filha querida dele, e não pude ir porque foi justo na época que começou a dar os problemas. Entre ele e meu filho eu tive que escolher o meu filho. Depois que ele faleceu, eu lembro que chorei tanto! Meus irmãos ainda falaram que pagavam passagem de avião para eu ir, mas não tinha condições de... Também ia ver meu pai depois de morto? Eu queria guardar a lembrança dele vivo, que é a que eu tenho até hoje!

Esses dias eu fui na casa da minha irmã e quando vi a foto dele eu chorei muito! Ela falou:

— Você gostava muito do meu pai, né?

— Claro! Seu pai não, nosso pai!

Também sofri muito quando minha mãe de leite morreu. Ela tinha problema de coração por causa da doença de Chagas. Teve uma vez que ela veio para São Paulo e eu lembro que quando ela chegou fui vê-la. Eu já mulher, mãe de filho, tudo. Ela nem acreditou! Me abraçou, me beijou... Aí eu dei a bênção, porque lá no Norte a gente dá a bênção, tudo, tem todo aquele ritual... Minha mãe também foi junto porque elas eram muito amigas, eram como irmãs mesmo! Ela ficou tão feliz quando viu minha mãe e disse:

— Ai, Dica, quanto tempo! Nunca pensei que fosse ver você de novo na minha vida!

A gente ficou em contato, eu ia na casa dela, ela vinha na minha... Não ficava uma semana sem vê-la. Depois que ela ficou doente, deu até para acompanhar o processo da doença. Aí, quando ela faleceu, minha irmã me ligou e falou:

— Rai, tenho uma notícia ruim para te dar...

— Fala logo! O que aconteceu? – Nem passou pela minha cabeça...

— A mãe faleceu...

— Está bom, estou indo para aí!

Minha mãe aqui se trocou rápido e falou que também ia porque precisava ver a amiga dela. A gente se trocou, foi para lá e ficamos o tempo todo juntos, porque ela faleceu dentro de casa, então a moça que cuidava dela ligou para minha irmã avisando. Fomos para lá, depois no IML acompanhei todo o trâmite para fazer autópsia, funeral, enterro... Foi muito triste! Isso é o que mais machuca porque não se tem respeito. Eles vêm a pessoa morta ali e para eles é como se fosse um objeto, não se tem respeito... Mas, a gente aguentou firme, viu caixão, essas coisas, a coroa.

Na época, meu irmão morava no Jardim Helena e ela estava no IML das Clínicas, então quando o carro do IML saiu, a gente saiu logo atrás. Ela acabou de chegar, deu entrada no IML, a gente chegou junto e o corpo foi liberado pelas 2h30 da manhã, aí é que fomos na funerária ver caixão, essas coisas. Essa parte é a mais triste, não gosto muito não... Eu gosto só de lembrar de coisas boas... Mas, tudo bem. Teve o velório, a gente enterrou ela e eu fiquei uns dois dias na casa da minha irmã sendo solidária, depois minha irmã veio para minha casa também. Como ela mesma falou: “Minha mãe já se foi, mas eu ainda tenho outra mãe”. Eles falam que foram muito felizes porque tiveram duas mães. E minha mãe também ajudou muito!

Quando a gente veio para São Paulo, moramos no Carrão e na Água Rasa. Minha infância foi muito legal na Água Rasa, não tenho do que reclamar. Eu morava com a minha tia e com o meu tio. A casa da Vila Carrão era um quarto e cozinha e acho que moravam mais de dez pessoas! Ficava todo mundo apertadinho, mas era gostoso. De domingo a gente colocava a mesa lá fora e fazia aqueles almoços de família. Minha avó gostava muito da família unida, ela exigia das filhas que todo fim-de-semana estivessem na casa dela com os netos, com os seus genros. Então todo mundo vinha, fazia o almoço, tinha um tio meu que era chefe de cozinha, ele que fazia todo o

almoço para a gente... Eu lembro que as mesas antigamente tinham uma abertura no meio que dava para aumentar de tamanho e a gente colocava na área com todas as cadeiras em volta. Como a gente era pobre não tinha nem máquina de fotografia e quando tinha, como demorava para revelar, já tinha queimado o filme... Não é como hoje que a gente tem acesso a tudo. Depois que minha avó veio a falecer, minha mãe conseguiu esse apartamento, que saiu pela Cohab e a gente veio morar aqui. Faz 27 anos que estamos aqui.

Antes eu era da igreja de crente, da Igreja Batista e foi lá que conheci o pai dos meus filhos. Começamos a namorar, ele era um rapaz muito bonito, mas hoje é horrroso! Aí me apaixonei porque ele, que era loiro, dos olhos verdes... Tinha tudo para dar certo! Mas, eu não conhecia ele de verdade. A gente não conhece ninguém, a verdade é essa. Eu era muito nova, ele na época tinha 21 anos e, por ser da igreja de crente, se quisesse namorar, tinha que casar. Namorou, ficou noivo, casou! Então nos casamos e não demorou muito, começaram a vir as decepções...

Dele eu não tenho boas recordações. Foi muito ruim, foram muitas brigas, muitos maus-tratos, várias vezes ele me espancou, apanhei grávida, principalmente do meu filho do meio, que é o Daniel. Foi uma gravidez muito conturbada, de alto risco, eu vivia mais no hospital do que em casa, tinha que fazer repouso...

Tive o primeiro filho e logo em seguida engravidei do Daniel. Quando o Daniel fez um ano, já fiquei grávida da Tábita, que também foi outra gravidez horrível demais! Meu marido era um cara que me maltratava, me chamava de vagabunda, de puta, lembro até de uma vez em que ele chutou minha barriga... Isso me marcou muito! A Tábita nasceu, tinha feito todo o pré-natal, nunca deixei de fazer, também nunca rejeitei meus filhos dentro da barriga.

Quando estava grávida do Daniel, lembro que eu estava com uma bata e ele rasgou... O pai deles tinha muito ciúmes de mim. E eu não tinha experiência nenhuma... Não tinha noção da vida! Depois fiquei grávida da Thaís, que é a caçula. Quando fiquei grávida dela, falei para mim mesma: "Vou colocar um ponto final nisso.

Chega!” Não dava mais! Estava sofrendo calada até que minha mãe começou a perceber...

Quando a Thaís nasceu, meu irmão de leite veio da Bahia. Ele mandou uma carta avisando porque a gente não tinha telefone na época. A mãe dele mandou uma carta para a minha mãe falando que o único lugar que ela confiava que ele ficasse em São Paulo era aqui, que ela sabia que ela ia cuidar dele como a própria mãe. Meu irmão veio e foi até meu ex-marido que arrumou emprego para ele. Um mês depois que ele chegou em São Paulo, já estava trabalhando. E eu estava grávida da minha filha. Meu irmão começou a perceber maus-tratos, chegou no meu marido e falou:

— Olha, não vai dar certo porque minha irmã é uma pessoa batalhadora, não é uma mulher vagabunda e você está extrapolando, cara! Na minha frente você não vai por a mão na minha irmã! Porque se você puser, eu não vou te bater, não vou te matar. Eu vou chamar a polícia e você vai sair de casa

Nessa época eu morava aqui com a minha mãe e até que maneirou um pouco. Ele só me batia quando não tinha ninguém em casa. Ele começava a querer arrumar briga, aí minha mãe se colocava entre a gente e ele acabava não fazendo nada. Mas, o problema era no outro dia quando eu estava sozinha... A religião também era um problema porque eu chegava na igreja, falava com o pastor que não estava aguentando mais, que não dava mais e ele falava que eu tinha casado e tinha que orar a Deus. E eu dizia:

— Mais do que eu oro? Mais do que eu peço? Ele não muda pastor! Estou me enchendo de filho, não dá mais!

Quando fiquei grávida da Thaís, Deus foi tão bom comigo, me lembro como se fosse hoje! Nunca fui de ter muita amizade, até pela criação que tive, porque minha avó não deixava a gente ficar na casa dos outros para evitar qualquer coisa... Coisa de pessoas antigas. Então era assim: se ia na casa da vizinha buscar alguma coisa, já voltava, se ia na venda, tinha que voltar logo porque senão ali o couro comia! Hoje eu adoro o ECA. Eu brinco que o ECA devia ter nascido na minha época, isso sim!

Naquela época tinha um serviço temporário na Prodesp e eu estava grávida da Thaís. Sempre gostei de trabalhar para ter minhas coisas, desde solteira. Meus irmãos, meus cunhados me davam tudo! Eu falava: “Quero uma boneca, quero uma roupa.”, e eles me davam. Eu fui pobre, mas tinha minhas coisas, mesmo que fossem simples. Eu ia para a casa da minha irmã e falava que queria tal roupa, ela me comprava. Ia na outra irmã ou na minha mãe e fazia isso, fui bem mimada mesmo! Até que casei. Queria ter as coisas e não tinha porque ele não me deixava trabalhar. Quando fiquei grávida da Thaís, já eram três filhos, eu falei para o meu irmão:

- Cara, são três filhos! Não dá mais!
- Se você não operar, vai se encher de filhos.

Foi meu irmão que chegou para o meu marido e falou para ele fazer a cirurgia, mas ele não quis. Porque era muito mais simples ele fazer do que eu. Foi quando veio esse vizinho do segundo andar, que tinha conseguido um emprego na Prodesp e falou para o meu marido, que estava desempregado:

— Cícero, está tendo vaga na Prodesp, o salário é muito bom, que é a conferência dos títulos. Por que você não vai?

Foi na época da troca dos títulos de eleitor. Nossa, minha imaginação já foi além! O salário era bom e o que eu fiz? Peguei minha calça de gestante, apertei a barriga, coloquei a bata e fui na agência. Quando cheguei lá, a moça que estava selecionando as pessoas, selecionou a mim e meu marido. Só que ela me chamou de canto e falou:

— Posso te fazer uma pergunta indiscreta? Mas, eu quero sua sinceridade. – Ela olhou bem nos meus olhos e eu olhei bem nos olhos dela.

- Pode falar.
- Você está grávida, não está?
- Estou, mas estou precisando muito desse emprego porque meu marido está desempregado e eu tenho três filhos para cuidar. Eu preciso desse emprego.

— Tudo bem. Até quando você vai conseguir esconder essa barriga eu não sei, mas o emprego é seu.

Aí eu fui para a Prodesp, que era na Luz, toda feliz! Se tivesse telefone naquela época eu ligava correndo, mas não tinha. Levei minha carta de referência da agência e aquele foi o meu primeiro emprego. Ela me disse para estar à meia-noite na Prodesp e que o emprego era temporário, mas a grana era boa. Também expliquei para ela que queria fazer minha cirurgia e essa foi uma outra etapa para batalhar uma cirurgia e fazer a laqueadura. Como eu tinha 20 anos não podia... Eu fui em quatro médicos particulares! No quarto, que era aqui mesmo da Cohab, ela fez a cirurgia.

Eu trabalhava da meia-noite às 6h todos os dias e quando tinha hora extra eu dobrava. Quando o pessoal da Prodesp percebeu que eu estava grávida, o chefe me chamou, mas eu não ia contar o que eu passava com meu marido, então eu falei:

— Meu marido está desempregado, a gente tem três filhos, me casei muito nova...

Meu marido também tinha entrado nesse emprego. Tinha vezes que eu ia de olho roxo, mas disfarçava e ficava tudo bem... Lembro que uma das vezes que fui trabalhar, e eu era o xodó do pessoal porque todo mundo admirava eu grávida e me esforçando tanto! Depois o pessoal acostudou...

Quando o chefe me chamou falei que era temporário e eu estava precisando, que meu marido estava desempregado e a gente tinha os outros filhos, eu precisava fazer minha cirurgia, que era uma gravidez de alto risco e eu precisava do emprego. Pedi pelo amor de Deus para não ser mandada embora, disse que não ia processar a empresa nem fazer nada, eu só queria ter meu trabalho e ganhar meu dinheiro todo mês honestamente. Era um direito meu! Aí o chefe, que era um japonês, falou:

— Então tudo bem. Quando você tiver essa criança, você vai voltar aqui e a gente vai ver como fazer para encaixar você na Prodesp direto.

Esse foi outro problema sério porque meu marido achou que o homem já queria ser meu amante. “Todos” eram meus amantes... Ele queria me arrumar amante de qualquer jeito. Um dia a gente

estava em casa e no meio de uma discussão ele pegou a bota ortopédica do meu filho Daniel e tacou no meu olho. Na hora o sangue desceu. Como eu ia fazer para trabalhar no outro dia com o olho roxo? E a vergonha? Pensei: “Meu Deus, o que vou fazer agora?”. Fui trabalhar e quando cheguei lá todo mundo veio me perguntar o que era aquele olho roxo:

— Vai dizer que seu marido está te batendo?

— Não, gente, é que ontem meu filho pegou a bota ortopédica dele e brincando jogou e bateu no meu olho.

Só Deus sabe como eu estava naquele momento, trabalhei a noite toda e nesse meio tempo, já tinha ido na ginecologista aqui mesmo da Cohab que falou que ia me operar. Ela me fez muitas perguntas, eu expliquei, mas não falei nada do que eu passava com ele:

— Doutora é que eu já tenho quatro filhos, nós somos pobres e não dá mais para ter filhos porque é uma situação difícil. Para que eu quero mais filhos doutora? Tenho que me operar!

Eu não podia usar nenhum método de prevenção porque eu passava mal com anticoncepcional. Não tinha injeção naquela época, e tinha outros meios que ele poderia evitar, mas ele mesmo não queria porque ele queria me encher de filhos. Ele mesmo falava:

— Eu quero te encher de filhos e quando você ficar acabada eu largo de você!

O pior é que ele ia para a igreja, era crente. Uma coisa de louco! Quando entrei na Prodesp estava de quatro para cinco meses de gestação. Fiquei dos cinco até os nove meses trabalhando, e o contrato venciam em três meses. Fiquei ali, juntei a grana da operação, que era dois milhões na época, e graças a Deus eu consegui a operação.

Eu sempre fazia feira quando saía da Prodesp. Saía do trabalho 6h, chegava 7h30 aqui e já ia direto para a feira. Lá tinha uma barraca que eu só comprava fruta ali, que era de um senhor negro. Ele admirava muito eu estar grávida e trabalhar na Prodesp. Ele achava que eu tinha muito dinheiro, mal sabia da minha situação... Um dia cheguei e o funcionário dele não tinha ido trabalhar, aí eu falei:

— E o seu funcionário?

— Ai, dona do Morumbi – brincando comigo – hoje ele não veio trabalhar.

— E você está sozinho?

— Estou sozinho.

— E quanto você paga o dia para o seu ajudante?

Acho que era uns 50 cruzeiros na época.

— E o que mais?

— As frutas. Não vai me dizer que você vai querer pular para dentro dessa barraca e vender frutas?

— Amigo, demorou!

— Eu pago pra ver!

Ele não acreditou quando eu pulei para dentro da barraca. Pulei para dentro e comecei a gritar: “A laranja, o abacaxi, a mexerica, a uva”. Ele falou: “Ela é louca!” Aí viu o cara bonitão, que era meu marido, que na época tinha uma boa presença, e achou estranho... A mulher e o marido trabalham na Prodesp, por que eu ainda queria trabalhar lá? Até então ele não sabia da minha vida. Naquele dia, cheguei em casa toda feliz! Não gastei o dinheiro das frutas, ainda ganhei meus 50 cruzeiros e minhas frutas todinhas! Ele falou para eu separar todas as minhas frutas e não esperar o final da feira para pegar as mais fresquinhas. Quando terminou o dia, peguei a sacola e ele falou:

— Escuta, você não quer vir domingo de novo? Você aguenta?

— Você vai me pagar de novo e dar as frutas? Demorou, companheiro!

No outro domingo, estava na feira! Não contente com isso, ele falou

— Eu gostei muito de você. Você é uma mulher muito esforçada, estou muito admirado! E seu marido? – E começou a fazer perguntas e eu sempre me esquivando. Mas ele já tinha percebido. Era uma pessoa bem mais velha e experiente, ele falou:

— *Fia*, eu faço feira de sábado lá na Vila Matilde. Como você trabalha a semana inteira, fica cansativo de terça até domingo, então sábado e domingo são seus os dias, o que você acha?

Eu adorei! No sábado, saía da Prodesp e ia direto para a feira, trabalhava, depois ele me colocava no ônibus porque não tinha metrô até a Vila Matilde, aí eu descia aqui e trazia as frutas para os meus filhos toda feliz da vida. Eu dava dinheiro, eles compravam as coisas... A situação começou a mudar porque eu comprava as coisas para eles, aquela coisa toda. No domingo eu ia para a feira de novo. Quando foi um dia, meu patrão da feira, o Sr. Luís, veio perguntar para mim:

— Eu acho muito estranho porque você, sendo mulher, toma atitudes dessas e o seu marido não... Eu não acredito que esse cara faz tudo isso.

O que eu fazia? Ia para a feira e ele, o meu marido, ficava na frente da barraca olhando. Nisso eu já tinha marcado a cirurgia e ele sabia de tudo. Mesmo não querendo eu falei que se ele não assinasse a autorização eu o matava! Já fiquei louca! Falei:

— Não dá mais! Você está vendo que a gente tem os filhos, hoje em dia não dá mais para criar filhos. Tem quatro filhos e você trabalha quando quer...

Ele arrumava empregos ótimos, mas não ficava em nenhum. Na CMTC não ficou, Banco Nacional não ficou, ele era funcionário da FEG não ficou, ele era funcionário da Empresa Alvorada, não ficou. Ele não parava nos empregos porque surtava, achava que eu estava traindo ele. Ele era doente! Até então eu nunca tinha trabalhado, só fui trabalhar nessa última gravidez. E ele saía dos empregos porque naquele tempo você trabalhava e quando saía recebia uma boa bolada. Dava para se manter porque o salário era ótimo.

Só que ele tinha uma coisa de bom. Ele trabalhava, pegava o dinheiro, ia no mercado e estocava no armário. Isso era muito bom, uma bênção! Ele ia, comprava roupa para os filhos, para mim, nisso ele era um homem muito bom. Ele falava:

— O que você está reclamando? Eu não te traio com outras mulheres... Eu não bebo, não sou usuário de drogas, nem ladrão, você quer o que da vida? Eu trabalho e deixo as coisas dentro de casa. Está reclamando do que? Você não tem do que reclamar. Porque eu bato em você? Você merece, tem que aprender!

Ninguém imagina o que é escutar isso! É uma tortura. E começava do nada. Era alguma discussão e pronto. Vamos supor: fazia três meses que ele estava desempregado e eu falava:

— Cícero, precisa arrumar emprego, tem nossos filhos. Não digo nem por mim, eu me viro, mas as crianças precisam das coisas.

É muito triste seu filho pedir uma coisa e você não ter o dinheiro para dar e eu nunca passei por isso, nunca passei fome. Pelo contrário, a gente era pobre, mas a gente sempre teve fartura, geladeira e armário sempre cheios. Então, a gente nunca passou necessidade de nada. Minha mãe era funcionária de uma fundação de pesquisa e trabalhava no Tatuapé como uma louca de faxineira para não deixar faltar nada para a gente dentro de casa. Não dá, os filhos estão vindo e aí?

Aí começava a briga:

— Você está querendo que eu vá trabalhar, você está querendo me trair, já saiu com fulano...

Eu não aguentava e começava a ofender também, aí terminava saindo na porrada e quem mais levava desvantagem era eu mesma. E foi indo... Foi quando arrumei serviço na feira e na Prodesp. Aí, marquei minha cirurgia e ele me levou, porque ele era bom, sabe... A errada sempre fui eu! Até parece!

Fui para o hospital e me internei 9h da manhã para ganhar neném e sair operada. Falei que não queria sentir dor e a médica disse que eu era muito nova, mas eu repeti que não dava mais para colocar filho no mundo! Filho tem que ter educação, não é só arroz e feijão. Minha mãe me deu educação! Minha educação não se resumia em roupa, sapato e comida. Minha mãe pode dar um estudo para mim, cursos, mesmo pobre ela sempre fez as coisas e hoje vejo que com quatro filhos, o que eu ia dar para eles? Fui obrigada a contar para a médica mais ou menos por cima, não falei das agressões, mas falei que meu marido não parava em emprego, não dava sorte, aquela coisa toda.

Por fim, marcamos a cirurgia. Fui ganhar a Thaís e lembro que ele chegou no hospital quando ela nasceu e veio falar que queria ter

mais filhos. Aí eu estava revoltada! Saí do hospital, vim para casa, estava dando de mamar para minha filha, ele veio e deu um soco no meu olho. Ali foi tudo! Aí, a vizinha que olhava meus filhos para eu trabalhar entrou pela porta. Naquela hora eu ia jogar a menina. Não para matar. Eu ia colocar na cama para ir para cima dele e ia estourar todos os meus pontos de cesariana. Minha vizinha gritou:

— Não faça isso, não fala isso! Fica quieta. Aguenta calada! Você casou, ele é seu marido e você tem que aguentar até o resto da vida.

Aquilo me revoltava mais ainda. Poxa vida, me casei, tenho meu marido, tenho meus filhos, não faço nada de errado, por que tudo isso? Conversava com ele, fazia carta e nada adiantava. Fazia 15 dias que estava de dieta, aí falei para minha mãe que ia na feira e ela disse que não, que não tinha necessidade porque tinha as coisas para mim. Meu irmão também morava aqui com a gente, trabalhava e ganhava super bem. Meu irmão falou:

— Você não vai, você não está louca!

— Eu vou trabalhar. Vou ficar aqui olhando para esse cara? Não dá mais!

Coloquei minha cinta e fui. Quando cheguei, o Luís falou:

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim trabalhar.

— Você só pode estar de brincadeira...

Aí ele viu que eu baixei a cabeça e comecei a chorar. Ele perguntou o que aconteceu e eu falei:

— Essa semana eu estava dando de mamar e meu marido deu um soco no meu olho. Isso não é vida para mim, não quero! Eu preciso desse trabalho.

A Prodesp já tinha acabado, quer dizer, não tinha estabilidade nenhuma, ali era uma coisa contratada e eu falei para ele:

— Eu preciso desse trabalho até que eu possa arrumar outro emprego para poder manter meus filhos e me separar dele.

— Tá bom, *fia*, vou pagar seu dia, mas você fique sentadinha aí, porque você está de dieta e não pode fazer esforço. Quando terminar a feira eu te levo em casa.

Quando terminou a feira ele me colocou no caminhão e trouxe minhas frutas. Meu irmão tinha passado lá para fazer feira, aí o Luís falou assim para ele:

— Fala assim para a sua mãe que hoje eu vou almoçar lá, para ela fazer uma macarronada.

Depois que carregou o caminhão, ele falou que ia passar no barzinho para tomar uma cerveja e falou para eu esperar no caminhão para o pessoal não ficar comentando, porque eu era casada, e nem ficar me cantando, porque ninguém podia olhar para mim que ele brigava. Ele mantinha o respeito com todos os feirantes, falava que eu era uma mulher de respeito e estava trabalhando. Ele veio em casa, a gente almoçou e ele disse:

— *Fia*, vou fazer o seguinte, todo domingo você vai para a feira lá pelas 11h. Durante a sua dieta eu vou pagar de terça até domingo, tudo bem para você? Sem interesse nenhum. Olha, dona Edite, eu gosto muito da sua filha...

Falou com meu irmão, tudo. Ah, mas o Cícero escutou isso, nossa senhora, no outro dia foi briga! “Porque eu estava saindo com o negrão, porque eu estava sendo amante, vai saber se aquela filha era mesmo dele”. Tudo bem, passou, e quando acabou minha dieta voltei a fazer de terça a domingo as feiras, até que consegui um serviço no Hospital da Mama. Minha tia era encarregada lá, arrumou serviço para mim e eu fui trabalhar. Eu entrava às 6h da manhã e saía às 4h da tarde. Como não trabalhava de sábado e domingo, nesses dias eu ia para a feira para poder pagar uma pessoa para olhar meus filhos para mim, que era a dona Carolina.

Foi ela quem sempre cuidou deles, até o dia que mudou daqui. Dona Carolina cuidava, levava eles para o prezinho, dava comida, tudo. Quando a Thaís tinha uns quatro ou cinco meses eu não aguentei mais! Tinha voltado a estudar, aí começaram as brigas porque eu estava estudando e tinha arrumado amantes... Eu chegava aqui 4h da tarde e tinha uma hora para fazer tudo porque estudava na Penha, que é um pouco longe e antigamente não tinha metrô até Itaquera, era uma hora de ônibus até a Aricanduva, perto da escola.

Ele ia me buscar na escola e já arrumava problema lá e os alunos também queriam arrumar problema com ele, até que eu saí e nem cheguei a terminar. Estava prestes a dar um basta!

Quando foi um belo dia e não tinha ninguém em casa ele resolveu fazer uma sessão de pancada. As crianças saíram correndo, aí quando meu irmão chegou eu falei para ele e para o Cícero:

— A partir de hoje, se você me amar coloca esse cara para fora porque aqui eu não fico com ele. Ou eu vou pegar meu dinheiro e vou embora para a casa do meu pai. Estou indo para a Bahia. Se meu pai souber o que está acontecendo comigo, cara, você não vai mais contar história, porque meu pai te mete na cadeia. Meu pai sempre foi um homem íntegro, trabalhador e honesto. Matar você ele não vai, mas ele chama o delegado e não vai ficar bem para você. E eu sumo com os seus filhos.

Ele chorou porque queria outra chance, aquela coisa toda e eu pensei: “Não acredito!”. Mas, eu não quis:

— Agora chega, vou viver e cuidar da minha vida!

Eu estava trabalhando e pagava a dona Carolina para olhar as crianças para mim aí meu irmão falou:

— Vamos fazer o seguinte para economizar dinheiro. A dona Carolina vem aqui para trocar uma fralda e coisas simples e a gente se vira como pode.

— Está bom!

Aí meu irmão chegava às 6h da manhã e eu saía às 5h. A gente deixava as crianças dormindo, imagine como eu ia trabalhar... Quando meu irmão chegava eles estavam dormindo, eu deixava até as mamadeiras prontas no isopor. Meu irmão dava as mamadeiras e ia dormir porque tinha trabalhado a noite inteira. Durante a noite ficava eu e minha mãe em casa.

E finalmente o Cícero foi embora. Ele começou a chorar, aquela coisa toda, mas não adiantou. Até que consegui meu apartamento pela Cohab e fomos morar na Cohab Cidade Tiradentes. Nessa época meu irmão falava que o Cícero tinha mudado, estava trabalhando... Ele tinha ido para a casa da mãe dele na zona sul. Minha

madrinha de casamento, até por ter um padrão de vida melhor que a gente falou:

— Não fui madrinha para vocês se separarem. Sei que o Cícero foi errado, mas dê uma chance pelas crianças, porque é muito ruim criar filho sem pai, vocês casaram dentro da igreja e no civil.

Aí fui eu novamente dar uma outra chance. Tinha passado uns cinco meses e eu não queria mesmo, estava bem endurecida. Aí saiu o apartamento e ele falou que ia ser diferente porque aqui meu irmão e minha mãe se envolviam e por isso não dava certo. Antes da gente voltar meu irmão falou para ele:

— O primeiro tapa que você der na minha irmã e ela voltar para cá e acabou hein!

Nossa, foi a pior coisa que já fiz! Ele me tirou da feira, lembro que ele arrumou serviço no Banco Nacional, que tinha cooperativa, convênio médico para as crianças, a gente estava super bem! Até deu um tempo nas agressões, mas depois voltou tudo de novo. Quando foi um dia eu falei:

— Sinto muito, mas estou indo embora.

Passsei a mão nos meus três filhos e vim embora. Deixei móveis, deixei tudo. Passou dois dias ele veio e trouxe todas as coisas para cá. Veio conversar comigo e eu disse:

— Não quero mais! Se quiser pode me matar, se quiser me bater, vai me bater, faça o que quiser comigo, mas com você não me deito mais, acabou! Não dá mais, Cícero! Coloca na sua cabeça que eu não gosto mais de você, eu não te amo, não vou ficar com você por causa dos meus filhos porque não está favorecendo nada nem a mim nem aos meus filhos. Você não está passando nada para eles. Eles vão crescer revoltados e eu não quero isso para os meus filhos!

Por incrível que pareça, com as crianças ele era carinhoso. Mas, eles viam o pai me batendo. O que mais presenciou foi o Daniel, ele lembra de algumas coisas. Mas, depois disso não quis mais. Com os filhos ele era carinhoso, dava banho, trocava, dava atenção, fazia de tudo. Mas, na hora que resolvia me bater, não tinha lugar nem hora certa. Muitos empregos eu perdi por causa disso. Acordava apanhando

sem saber o porquê. E ele não bebia nem era usuário de drogas, o que é incrível! Nunca usou maconha ou cocaína e beber ele bebia no final do ano e quando muito uma cerveja. Quando reunia a família ele falava: “Ah, não estou na igreja mesmo!”

Depois de um tempo eu também parei de ir para a igreja. E ele falava que tomar uma cervejinha não era pecado, e bebia só entre os familiares. Mas, nunca foi alcoólatra, nem de beber. Ele ia trabalhar e vinha direto para casa, não tinha essa de ter amigos, de ir para a farra nem nada. Às vezes eu mesma paro para pensar como isso é uma loucura porque ele não era um dependente nem coisa do tipo.

Aí passou, ele foi viver a vida dele, arrumou uma mulher. Mas, até hoje mesmo a gente separado, ele nunca aceitou muito. Se pudesse, ele estaria aqui comigo e com os filhos dele, mas eu não quero! Não tem nem lógica! Tanta tortura para quê? Ele quase me matou, teve uma vez que me enforcou! Não sei como, mas na hora tive uma força fora do comum quando vi meus filhos chorando! Se a situação já estava ruim comigo, imagina meus filhos sem mãe...

Não ia aceitar isso porque fui criada sem pai, o que entre aspas é um trauma. Quer dizer, eu tinha minha mãe e um outro pai que por estar longe não podia fazer nada. Mas, meus filhos não! Não tinha mais como a gente viver junto. Eram maus tratos em cima de maus tratos. Não ia ficar com uma pessoa porque era de uma religião, tinha que aprender a separar as coisas. Deus existe? Existe, só que Deus não quer que ninguém sofra, não permite isso. E o que eu vivia era uma tortura! Apanhar do nada, ficar com o olho roxo, a boca inchada, deitar sem poder virar para o outro lado por estar toda machucada e a pessoa falar: “você tem que apanhar para aprender!”

A gente se separou mesmo, mas até hoje somos casados no papel. Esse ano é que eu vou fazer o divórcio! Nisso, os anos foram passando e hoje ele tem outra família que passa pelas mesmas coisas que eu passei. Eu falo para a mulher dele:

— Não sei por que você aceita tudo isso!

Hoje ela tem o maxilar quebrado, não enxerga direito de um olho de tanto apanhar, não escuta muito bem. E ela tem 38 anos,

mas parece que tem uns 60. O rosto dela é todo enrugado! Ela teve oito filhos dele, fora os que morreram, ou que ela perdia quando estava grávida ou quando nascia...

Depois que a gente se separou, eu arrumei uma pessoa muito legal na minha vida. Aí as coisas já mudaram e melhoraram! Meu patrão falava que eu tinha que arrumar alguém, que eu era muito esforçada e ele só não casava comigo porque era muito velho. Ele era muito brincalhão! Eu falava que não queria mais ninguém porque já tinha sofrido muito, o que eu queria era trabalhar e cuidar dos meus filhos, que assim estava muito bem.

Mas, acabei arrumando uma pessoa muito mais velha que eu. Era um cabeleireiro que morava no centro de Itaquera, o nome dele era Ulisses. A gente foi morar juntos, ele levou a gente para morar na casa dele e lá já era um outro padrão de vida. Meus filhos estudavam em escola particular, ele me tratava muito bem, a família dele também. Os filhos dele eram todos adultos e casados e ele gostava muito dos meus filhos e fazia de tudo por eles e pela minha mãe.

Eu já tinha 21 para 22 anos e a gente ficou uns seis anos juntos, bastante tempo. Ele cuidava muito dos meus filhos e ajudava muito minha mãe. A sogra era tudo na vida dele. Eu então, nem se fala! Meus filhos tinham de tudo, não faltava nada. As condições de vida dele eram melhores e ele nem queria que eu trabalhasse, só cuidasse das crianças. Então, eu levava eles para a escola e ia buscar no horário. Quando ele não podia ir de carro, eu ia de táxi. Depois ele começou a pagar a perua. Aí, me colocou para fazer um curso de manicure que eu queria. Eu já fazia unha, mas queria me profissionalizar. A gente viajava muito, passeava com as crianças...

Essa fase foi muito legal, mas depois já não estava mais tão legal... Acho que por eu ter casado muito nova e ele ser meu segundo homem, comecei a me sentir presa. Eu queria ter liberdade, queria sair, passear, mas queria ir sozinha. Não que eu quisesse arrumar outro homem, mas ele não entendia isso, até por eu ser muito mais nova que ele. Se hoje ele fosse vivo, deveria ter uns 65 anos. Era uma diferença muito grande de idade. E eu queria sair...

A gente passeava, ia na casa dos familiares, almoçava, eu ia para o cinema, para o shopping, tudo que eu falava que queria eu tinha. Se eu queria ir para a praia, a gente ia, mas em tudo ele tinha que estar presente. O mundo que eu não conhecia eu comecei a sentir a necessidade de conhecer, o que era desconhecido para mim.

Na adolescência eu não era de ir para baile, minha mãe nunca deixou. As vezes que fui foi escondida. Com a minha mãe era assim: escola e casa e queria ver a lição de casa pronta! Ela pegava o caderno e tinha que estar tudo bonitinho. Ai, se tivesse alguma reclamação da professora, tinha castigo!

Ainda na adolescência me casei, quer dizer, não curti meu corpo, não curti nada! Me tornei mãe e tive que amadurecer muito cedo. E na casa do Ulisses eu não podia fazer nada também. E isso aconteceu bem na época da lambada! E minhas primas eram todas solteiras, a única idiota era eu, cheia de filhos, casada. Gente, como eu chorava! Hoje eu dou risada, mas já chorei muito por isso... Minhas primas indo para a lambada e eu que na época era bem feitinha de corpo queria ir junto. Comprava aquelas saias rodadas e tudo! Casada, mãe de quatro filhos e queria ir para a lambada! Ele até chegou a me levar, mas eu não queria ficar junto com ele porque todo mundo ia comentar. Eu não falava para ele, mas já começou a ter uma diferença. Ele falava que gostava de mim e queria ficar comigo. Nunca colocou a mão em mim, nunca me xingou, me tratava como se eu fosse uma rainha, principalmente, tratava muito bem os meus filhos.

Fiz que fiz que comecei a ir para a lambada. Queria porque queria, mas não que ele fosse comigo. Eu colocava as crianças para dormir, ele pegava o carro, me deixava na lambada, me dava dinheiro, eu ficava lá dançando... Mais fingia do que dançava, mas só pelo fato de sentir a liberdade era ótimo! Até que chegou um dia e eu falei para ele:

— Não dá mais. Não é isso que eu quero para mim. Quero trabalhar, terminar meus estudos e quem sabe fazer uma faculdade.

— Eu faço tudo isso para você. Eu pago, dinheiro não é problema para a gente.

Mas, o meu problema agora não é dinheiro. É que eu quero conhecer o mundo que eu não conheci.

Ele entendeu numa boa, em partes e falou:

— Então, está bem. Você vai voltar para a casa da sua mãe.

Eu vim, ele me ajudou, eu arrumei outro emprego e comecei a trabalhar. Ele ainda dava dinheiro para mim, fazia as compras, ajudava com os meus filhos. Assim foi indo, até que comecei a cortar porque eu queria viajar, ir para barzinho, que eu só fui conhecer depois que tinha 20 anos! Nunca tinha sentado num barzinho para tomar uma cerveja com as minhas amigas. Antes, quando estava com o marido, era com o marido; depois, quando estava com o Ulisses, era com ele. Mas, eu queria ter minhas próprias coisas, minha casa, meu dinheiro. Ele era muito bom para mim, eu gostava dele, mas não queria mais morar com ele. A gente ainda saía junto, passeava, mas eu mesma fui cortando.

Fiquei uns dois anos sozinha e depois arrumei outro companheiro, o Everaldo. Esse eu posso dizer que amava mesmo! A gente se mudou daqui, mas ele morreu... Parece até brincadeira! Ficamos juntos só um ano e oito meses... A gente se conheceu, foi uma amiga que me apresentou, ele era motorista particular. Minha amiga tinha falado que tinha uma amiga solteira, que estava separada e tinha filhos, não mentiu nada. Mas, ele me disse que não queria uma aventura, ele queria uma coisa séria. Então, vamos tentar!

Nisso, eu já estava sozinha e mudando a cabeça... Quando a gente se conheceu eu já estava com 29 anos. Já estava com outra cabeça, aquela fase de adolescência já tinha acabado, porque até então eu me achava uma adolescente, queria ir para o Ibirapuera, essas coisas...

Quando era pequena, sempre estava com as irmãs e os cunhados, depois cresci e casei, com o outro companheiro também era tudo com ele... Aí, quando conheci o Everaldo, ele também era separado, tinha uma filha, mas não queria uma aventura, e sim uma coisa séria! Começamos a namorar e um belo dia ele falou:

— Vamos procurar uma casa? O que você acha?

Ele veio conhecer meus irmãos, todo mundo gostou dele, mas meus irmãos preferiam o Ulisses... Tanto que hoje um dos meus irmãos é cabeleireiro por causa dele. Ele ajudou muito a gente e era um dos melhores cabeleireiros de Itaquera. Mas, a família nem sempre tem a mesma vontade da gente e eu aprendi a ter opinião própria, porque antes eu fazia o que as pessoas gostavam...

Lembro que quando me separei meus irmãos saíam daqui e iam para a casa do Ulisses para serem solidários. Eles ficavam inconformados porque ele era um homem que me tratava bem e fazia de tudo por mim, me chamavam de louca porque tinha deixado ele. Mas, não tinha jeito. Eu não queria mais e acabou! Era um direito que eu tinha! Não estava me separando para sair com um e outro, estava saindo para conquistar minha liberdade. E isso era diferente! Até aquele momento eu estava na aba da minha mãe e do meu irmão, e na do Ulisses. Até quando isso? Eu tinha que crescer. E quando eu não tivesse mais eles, o que seria da minha vida? Ia ser uma parasita?

Depois de dois anos trabalhando conheci essa pessoa. Ele era dez anos mais velho que eu e a gente foi morar junto. Nossa, foi totalmente diferente! Ele tinha mais a minha cabeça. Na verdade, ele fazia mais o meu jogo. Depois que ele morreu eu falei: “Mas você foi um tremendo filho da puta, né?” Ele teve um ataque cardíaco. Foi muito triste!

Era muito legal! Ele me levava para passear, tinha os momentos com os meus filhos também. Mas, era importante que a gente tinha os nossos momentos. E ele não me controlava. Tinha dias que eu falava que ia sair com uma amiga e ele falava que tudo bem e ainda perguntava se eu queria que ele fosse me buscar:

— Que horas você vai chegar?

— Não sei. Se estiver bom, lá pelas 2h eu chego.

Ele ficava com as crianças e eu ia. Até que comecei a parar para pensar: “Que estranho!”. Mas, sempre deixava alguém dentro de casa, ele não ficava sozinho com meus filhos porque eu morria de medo, afinal eu tinha duas filhas mulheres! Dos meus filhos eu cuidava de

uma tal maneira que até eu mesma me sufocava. Então sempre tinha uma prima minha em casa, eu dava algum dinheiro para ficar com os três, porque meu outro filho, o mais velho, ficava com a avó, mãe do Cícero.

Então eu saía e umas duas ou três vezes voltei fora de hora, de táxi, mas ele também não fazia nenhum comentário nem cara feia, me tratava do mesmo jeito de antes de sair. Era muito bom para ser verdade! Nem eu podia acreditar... Achava que uma hora aquilo ia mudar. Tinha uma amiga que me falava para ter cuidado porque ele era cearense e homem cearense é muito machista.

Um dia eu mesma falei com ele e perguntei por que ele nunca questionou nada e ele disse:

— Para pra pensar: se eu vou brigar com você, vou ter dois trabalhos. Um porque eu gosto de você e vou brigar. Você vai ficar aqui com a cara desse tamanho porque não saiu. Pelo menos você vai, se diverte, sei que você não está fazendo nada de errado. Não gostei muito, mas vou estar de bem com você e você mesma vai chegar uma hora que não vai mais querer ir. Isso é uma fase e eu também tive essa fase.

Até acabou a graça da briga. E a gente viveu muito bem, não tinha briga, nem discussão. Quando tínhamos algum problema, o que era muito difícil, ele chegava, conversava comigo e falava do que não tinha gostado. Só que ele tinha a vida dele e eu tinha a minha e nenhum dos dois vivia a vida do outro.

Depois de um ano e oito meses ele acordou passando mal e eu levei ele para o hospital... Teve um infarto e morreu... Como ele era muito bom, Deus levou. Continuei minha vida porque tinha que continuar. Depois disso, morei durante um ano em Brasília. Foi tudo muito triste, eu gostava muito dele e quando aconteceu tudo isso eu não estava preparada para a perda, então foi um choque muito grande.

Da minha infância até ali eu tive muitas perdas e ele era tudo para mim, fazia de tudo para mim. Não me maltratava, me dava carinho, tratava meus filhos super bem, tanto que eles até o chamavam de pai. Meus filhos não viam mais o próprio pai como pai, tudo

era o Everaldo. Ele ia nas reuniões da escola e tudo! Ele saía de manhã para o trabalho, já deixava as crianças na porta da escola e falava para mim quando fosse meio dia para ir buscá-las. Quando as crianças chegavam eu dava o almoço e às vezes a gente saía à tarde. Quando ele chegava à noite, às vezes a gente ia numa lanchonete, ia dar uma volta.

Meu filho Daniel era muito agarrado com ele. No final de semana ele ia jogar bola e o Daniel ia junto. Às vezes de brincadeira colocavam o Daniel como juiz e ele dava falta para todo mundo, só o pai dele podia fazer o que quisesse. Lembro que o Everaldo era palmeirense e o Daniel era são-paulino, até que ele convenceu meu filho a ser palmeirense! E o menino mudou! Na nossa casa tudo era do Palmeiras.

Depois minha mãe também ficou um pouco doente e meu irmão que tinha vindo da Bahia já tinha ido embora. Fora isso, eu tinha outro irmão que tinha problema psiquiátrico. Ele foi super bacana e disse que se minha mãe não se importasse a gente ia para a casa dela para cuidar dela. E foi isso que fizemos. Logo depois ele faleceu e eu fiquei muito decepcionada. Foi muito sofrimento, uma dor muito grande! Eu não estava preparada, nunca imaginava que aquela pessoa que eu tanto gostava, em quem eu realmente confiei e tinha segurança fosse morrer...

Então, fui embora para Brasília e fiquei lá um ano, mas não me adaptei lá com meus filhos, então voltei. Eu tinha família lá, mas mesmo assim não adiantou. No mesmo ano em que ele morreu, também tinha falecido uma tia minha que era a tia que eu mais gostava. Lembro que essa tia tinha vindo ver a gente, porque ela vinha fazer compras em São Paulo para a loja que tinha em Brasília.

Naquela época a situação já tinha melhorado bastante, a gente tinha até telefone e meus primos ligaram de Brasília dizendo que minha tia estava doente. O Everaldo falou para eu comprar a passagem de ônibus ou avião para ir ver ela. Lembro que foi a primeira vez que andei de avião. Minha tia ainda ficou no hospital dez dias e todos os dias ele ligava para saber como estavam as coisas e falava

para minha prima não me deixar ficar sem me alimentar porque era a tia que eu mais gostava. Ele tinha muito cuidado comigo. Ele não podia deixar o trabalho para ficar comigo, mas se preocupava muito. E olha que minhas primas nem o conheciam. Poucos meses depois da morte da minha tia ele faleceu.

Lá em Brasília não deu certo porque tudo lembrava ele e eu comecei a entrar em depressão. Na época eu pesava 68 quilos e fui para 120 quilos! Nossa, como eu sofri! Eu via ele nos lugares... Minha irmã era da Igreja Messiânica, então comecei a frequentar também; depois minha mãe foi para o espiritismo e me levou também para eu tentar encontrar alguma resposta porque não tinha explicação. Tudo me lembrava ele. Se eu pegava o metrô ou o ônibus, eu lembrava dele, os lugares todos me lembravam e eu comecei a entrar em pânico e procurar ele no meio das pessoas. Quando estava em casa e o telefone tocava eu atendia achando que era ele, comecei a entrar em paranoia. Dois meses depois, fui para Brasília, mas lá também não adiantou. Eu ficava 15 dias em cada lugar. Eu comprava roupas no Brás e vendia em Brasília, o que dava para me manter e manter meus filhos em Brasília.

O pessoal da minha família de Brasília tinha muito carinho por nós, eles até falavam que meus filhos eram os filhos branquinhos deles. Foi um momento muito difícil, mas eles me apoiaram muito!

Nesse meio tempo o Ulisses quis voltar comigo, mas não dava. Meus irmãos falavam que eu estava louca, chegou um ponto que meu irmão quase me levou para o hospício. Comecei a engordar desesperadamente até que um dia eu sonhei com ele. No sonho ele me pedia... Dizia que eu precisava sobreviver e precisava cuidar dos meus filhos. Eram coisas da cabeça... Naquele dia eu “acordei” e pensei: “Ele não quer isso para mim! Ele quer que eu dê continuidade à minha vida e cuide dos meus filhos.”

A partir daquele dia, não que eu tenha esquecido, porque eu guardei no coração, mas eu voltei a viver, comecei a ter outras amizades e outro ritmo de vida. Depois de uns três anos eu arrumei uma

outra pessoa, o João, mas a gente morou só dois anos juntos. Eu já não quis muita aproximação. Isso foi muito tempo depois da morte do Everaldo... E hoje faz dois anos que nos separamos. Depois disso não quis mais, esse foi meu último relacionamento.

O João me ajudou muito na questão do meu filho. Depois que a gente voltou de Brasília, meu filho estava com 13 para 14 anos e foi quando começou a dar trabalho. Ele me ajudou muito em questão de apoio quando meu filho começou a se envolver com drogas, com assaltos, até que foi para a Febem e ele acompanhou todo o processo de medida socioeducativa, ele visitava, sempre estava do meu lado dando apoio, só que chegou uma hora que eu tive que escolher entre meu filho e ele.

Não que ele tenha colocado isso para mim, mas é que aí comecei a viver a vida do meu filho, já não estava mais vivendo a minha vida, que foi mais um erro que eu cometi na minha vida, porque meu filho era o “coitadinho”. Ele precisava de mim, então eu olhava para trás e pensava no que o pai dele tinha sido e todos os porquês, eu entrei em paranoia e pensava que eu tinha que fazer alguma coisa por ele. Então se a gente se via uma vez por mês, por exemplo, a gente passou a se ver uma vez a cada dois ou três meses, e o João sempre conversando, muito atencioso, até que chegou uma hora que eu falei:

— Vamos fazer o seguinte: vai viver sua vida, que eu não estou a fim de homem do meu lado. Quero cuidar do meu filho, ele está dando muito problema...

Foi quando a gente se separou. Eu trabalhava no sindicato quando começou essa história toda do meu filho. Logo que vim de Brasília, o irmão de uma amiga que era presidente do sindicato estava precisando de uma secretária. Foi aí que ela falou de mim e ele disse para eu fazer a entrevista. Se os advogados me aprovassem, o cargo seria meu. Fiz a entrevista, datilografei, porque tinha curso de Datilografia, fiz uma carta, eles gostaram e os dois advogados com quem conversei disseram que eu estava aprovada e poderia começar no dia seguinte.

Comecei a trabalhar. Entrava no sindicato às 9h e saía às 4h da tarde. Deixava meus filhos na escola e tinha uma moça do prédio do lado que acompanhava esse processo para mim. Sempre tinha alguém para ficar com eles, até que um menino que mora aqui no andar de baixo começou a se “envolver”, e começaram a se envolver os dois juntos, meu filho e ele. A mãe do menino, assim como eu, trabalhava. No trabalho às vezes a gente tinha que fazer algumas visitas nas garagens porque era o sindicato dos motoristas e eu terminava chegando tarde, lá pelas 11h da noite. Quando chegava, ele estava dormindo. De manhã eu levantava e falava:

— Filho, toma banho e se arruma para ir para a escola.

Olhava os cadernos rapidamente e ele, ao invés de ir para a escola, começou a cabular aula e ir para a cidade roubar. Ele sempre passava no sindicato e quando chegava lá não estava com roupa nova ou sapato novo, porque ele tinha as coisas. Quando me pedia alguma coisa, um tênis por exemplo, e eu falava que não podia, sempre dizia que no mês seguinte eu compraria e pagaria no cartão. Ele dizia que tudo bem, então eu nunca ia desconfiar.

Mas, achava estranho quando ele aparecia no sindicato de repente:

— Mas, eu não falei para você vir para cá hoje, filho!

— Ah, mãe, eu estava com saudade de você...

Bem cínico... Foi então que percebi que algumas coisas não estavam legais. Até que a professora me chamou na escola e falou:

— Olha, mãe, seu filho está andando com alguns indivíduos que não são legais...

— Mas como? Porque ele vem para a escola e quando não está na Cohab ele está no meu serviço. Estou achando estranho, mas vou começar a reparar.

E realmente percebi que ele começou a chegar com o olho vermelho, depois começou a chegar com tênis novo. Eu perguntava onde estava o tênis que eu tinha comprado e ele falava que tinha emprestado para o amigo e o amigo tinha emprestado o dele. Eu falava para a gente ir na casa do tal amigo e eles articulavam tudo!

Quando ia na tal casa, era sempre uma que nunca tinha ninguém. O horário que eu ia nunca batia da mãe estar junto e eu lembro de uma vez que fui numa casa e a mulher aceitava as coisas erradas. Só que eu não tinha maldade de droga, de nada e falava:

— É que meu filho sempre pega as roupas do seu filho, já fui na casa de uma outra mãe, mas nunca encontro...

— É sim, seu filho sempre vem aqui...

Era um apartamento normal que eu nem desconfiava. Depois que descobri que ela pegava dinheiro dos meninos e por isso tinha o apartamento todo bem arrumado. E eu muito boba, ingênua, disse que tinha ido lá por causa da forma como eu tinha sido criada. Minha mãe trabalhava para por as coisas dentro de casa e minha avó era a responsável. Então, se eu chegasse em casa e a vizinha me desse um chinelo ela ia lá para perguntar. Se não tivesse dado eu ia entrar no cacete porque o “rei de três pernas” já estava preparadinho de couro cru, que eram só três lambadinhas que qualquer um pulava na hora e ficava um, dois anos sem fazer nada de errado, até esquecer. Minha avó era desse jeito! Minha educação foi bem assim! Então, falei para ela que tinha sido criada assim e não aceitava essas coisas, por isso queria saber o que estava acontecendo porque via que os jovens se envolviam com coisas erradas, então tinha medo. Ela disse para eu não me preocupar, que meu filho e o dela eram muito amigos, essas coisas... Na realidade, eles estavam roubando e ela sabia de tudo!

Quando percebi que ele estava chegando com os olhos vermelhos notei que tinha alguma coisa errada. Já imaginei que ele estava usando maconha. Tinha voltado novamente para a Igreja Adventista e lá estavam fazendo trabalho sobre álcool e drogas, então comecei a ler e conversar com o pessoal, ver os depoimentos das pessoas e dos familiares, aí comecei a ficar atenta.

Cheguei no meu serviço e falei para o presidente e para os dois advogados:

— Meu filho está com o comportamento diferente.

Para piorar, o pai, por eu não querer mais ele, não queria aceitar essa situação e essas coisas erradas. Ele nunca aceitou. Ele pode

ter acabado com a minha vida, mas roubar ou usar drogas, isso ele nunca fez. Então, o Daniel ia até o pai e contava para ele e para a avó que eu dizia que ele estava roubando e usando drogas e que eu estava mentindo. Pior que meu marido nunca ajudou com nada, então eu criei meus filhos praticamente sozinha. Nunca pedi uma lata de leite, uma roupa, nada. Tanto que esses dias minha filha falou para ele:

— Pai, eu não devo nenhuma obrigação para o senhor. Só agradeço a Deus porque o senhor me deu a vida, mas só isso. Mas, eu não lhe devo nada e nem você a mim.

Então o Daniel ia para lá, fazia a cabeça da avó, a avó ia na loja, comprava um monte de roupa, sapato, tênis, como se ele não tivesse nada disso. Ele falava que eu o maltratava, que não gostava dele, fez todo um jogo para o pai. E o pai achava estranho porque eu nunca tinha permitido que ele ficasse com as crianças. Como o Cícero era segurança, ele sempre foi muito rígido nessa questão, nunca gostou de bandido... Ele pode ter sido um puta sacana comigo, mas de coisa errada ele nunca participou. Até onde sei, até hoje que a gente é separado eu sei do procedimento dele. E ele achava que eu estava louca, me ligava e falava:

— Você está blasfemando! O menino vem para cá e fica tranquilo, não faz nada de errado...

Mas, nisso eu já tinha provas, porque estava seguindo o Daniel, comecei a ir atrás, ver as amizades dele e a tirar informação. Teve um dia que eu dei um “psicológico” no menino aqui de baixo, o Rodolfo:

— Olha, eu não sou juiz, nem promotor, mas a casa caiu. Vieram falar para mim que você e o Daniel estão roubando. E o policial vai te matar!

Era o único argumento que eu tinha! Ele falou que era verdade e chorando me contou:

— Realmente a gente rouba...

Eles iam para a cidade roubar. Roubavam dinheiro, mas eu nunca vi a cor desse dinheiro, nunca peguei um real do meu filho. Eles iam, roubavam, depois iam para as lojas e compravam os tênis

que eles chegavam no pé dizendo que era do amigo. E eu nunca achava essa bendita família, até que achei essa mulher e pensei que eu é que estava errada. Depois que a ficha foi caindo e vi que realmente eu estava certa, mas era um pouco tarde...

Aí, levei o Daniel no Dr. Ajax em Moema, pela Igreja Adventista, porque esse doutor era um psicólogo e tinha feito uma palestra lá. Os irmãos da igreja falaram:

— Vamos marcar uma consulta porque ele é muito bom!

Conversei com ele, expliquei o que estava acontecendo e ele pediu para eu ligar no dia seguinte, que ele veria a agenda para colocar o Daniel no encaixe. Lembro que eu e minha sogra pagamos a consulta. Até meu primo, que é da polícia, veio. Colocamos o Daniel no carro e nessas alturas já estávamos sabendo de tudo. Não chegamos a forçá-lo a ir, mas quando o outro menino me disse o que estava acontecendo, eu falei para ele:

— Cara, você está usando maconha e isso vai te levar para a cadeia. Se você ficar roubando, tudo bem que você é menor, mas mesmo assim a polícia vai te pegar, vai te bater, os próprios bandidos vão te matar e quem vai sofrer as consequências vai ser você. Ou você vai se tratar ou você vai embora para a casa do seu pai.

— Então eu vou, mãe. Quem vai comigo?

Eu disse que seria o Wagner, meu primo, que sempre resolveu todos os problemas da família e também era da Igreja Adventista. Fomos até Moema e passamos o Daniel na consulta. Sei que ele fez terapia uns três meses, mas já estava envolvido até o pescoço...

Nessa época ele só usava maconha, mais nenhum tipo de droga. Ia para a cidade, roubava e lá mesmo comprava as roupas. Tinha os lugares onde eles iam que davam guarida para eles e que aceitava dinheiro de roubo. Ficavam naquele lugar, almoçavam, estouravam todo o dinheiro com droga e com a mulherada e depois iam embora!

Eu acabei perdendo o controle da situação porque comecei a entrar em atrito com ele e o médico mesmo me aconselhou, como psicólogo:

— Mãe, como a senhora pode falar para ele que a Febem é ruim? Ele quer ir, não quer? Deixa ele ir e quando estiver lá a senhora

não visita. Porque estou vendo que a senhora está fazendo de tudo, é uma mãe da igreja que está empenhada.

Eu ia na igreja e levava meus filhos, tanto que minha caçula é batizada na Igreja Adventista, então sábado de manhã todo mundo ia para a igreja. De tarde todo mundo ia para o JÁ, matriculei todos eles nos Desbravadores também. Mas com tudo isso que estava acontecendo, o Daniel já começou a não ir mais, na escola também não tinha mais presença. Chegaram até a me levar para o Conselho Tutelar falando que eu ia ser presa porque meu filho não estava frequentando a aula. Eu deixava ele dentro da sala de aula e ele fugia. Eu não podia parar de trabalhar porque tinha as duas irmãs dele para cuidar e minha casa que eu tinha que manter, tinha que pagar a luz, fazer compra, tinha todas as despesas.

Até que chegou uma hora que eu tive que sair do emprego porque já tinha virado baderna! Ele, com 14 anos, já não tinha mais limite. E foi assim! Quando ele começou a roubar mesmo, a gente sempre entrava em atrito, eu não aceitava dinheiro dele de jeito nenhum e falava:

— Meu amigo, roupa que você comprou com esse dinheiro não quero de jeito nenhum! Pode voltar! Você vai entrar aqui com roupa que sua avó deu ou que eu dei para você. De roubo não!

Aí ele vinha querendo me manipular:

— Mãe, coloca o dinheiro no banco que eu vou comprar uma moto, que eu quero comprar um carro, vou montar um negócio para a senhora...

— Não quero! Imagina eu saber que meu filho morreu para me bancar! Não precisa meu filho, eu sempre trabalhei.

Nisso, comecei a fazer unha para poder me manter. Saí do emprego, mas fazia unhas na vizinhança, das minhas amigas, então não precisava do dinheiro dele. E para tirar meu filho dessa eu não poderia compactuar com ele!

Foi quando ele foi para a Febem a primeira vez, com 14 anos. Me ligaram em casa falando que ele estava preso. Foi uma coisa assim que eu acho que só não fiquei louca porque não era o dia nem

a hora. Nossa, foi muito ruim! Era outra realidade. Uma coisa é ver pela televisão e outra coisa é ver o que eles passam de verdade. O Daniel tinha só 14 anos, não tinha nenhum dente estragado na boca, era bonito, alto, forte...

Ele foi preso roubando naquela famosa “saidinha de banco” que eles fazem. As pessoas sacam o dinheiro e eles pegam na rua. Nossa, fiquei muito P da vida. Cheguei no distrito, aí foi toda aquela humilhação que a gente passa, tive que gritar com o delegado, até liguei para o lugar onde eu trabalhava...

Quando cheguei na delegacia, meu filho estava algemado. E naquele tempo, adolescente não podia ficar algemado. Meu filho foi preso às 11h30 da manhã e eu só fui avisada 2h30 da tarde. Meu filho estava sem comer e, por mais que ele tivesse cometido um delito, ele tinha seus direitos. E ele tinha tido todos seus direitos violados! Fui falar com o delegado e ele disse:

— Você quer o quê? A senhora não deu educação para o seu filho! Ficava batendo papo na casa da vizinha. Não tinha roupa para lavar em casa? Olha aí agora! O filho virou bandidinho, mas vou dizer uma coisa para a senhora, viu, até a cueca e a meia do seu filho são de marca.

— Sabe por quê? Porque eu levanto de manhã, pego uma maleta e vou fazer unha o dia inteiro para poder dar as coisa para ele, eu e a avó dele. Ele tem duas avós e basta ele pensar em alguma coisa que ele tem!

E realmente, naquele dia que ele foi fazer a merda na vida dele, tudo que ele estava usando era de marca, mas não tinha sido com dinheiro de roubo. Minha sogra, naquele tempo, isso foi em 1998, fez um crediário para ele de 800 reais, que naquela época era muita coisa! Minha sogra sempre teve boas condições financeiras, tanto que sempre teve carro, tudo. Então, falei para o delegado:

— Espera aí! Eu nunca aceitei dinheiro do meu filho, nunca fui conivente com o roubo dele. E o senhor vem gritar comigo? Falar que eu ficava tricotando na porta de vizinho, sendo que nem meus vizinhos eu conheço direito, porque eu não tenho tempo, sempre

ralei que nem uma filha da puta para dar tudo que eles sempre precisaram! E o senhor vem falar isso! Não, o senhor não está no seu direito!

Meu filho era bem branco, que a bochecha chegava a ser rosada e quando eu olhei no rosto dele, ele estava todo vermelho de tanto que tinha apanhado! Um dos presos me falou:

— Senhora, fica em cima e vê se tira seu filho daqui porque eles vão levar para a “sala do pau” e vão bater muito nele.

Aí, eu comecei a ficar louca! Mas não disse que tinha sido o preso que tinha me falado. Fui até o carcereiro e perguntei se meu filho tinha almoçado porque já eram 6h da tarde e eu tinha chegado por volta de umas 4h. Falei com o carcereiro e o delegado viu que eu tinha um outro perfil, percebeu que eu não tinha envolvimento nenhum, era outra história. Aí, eles queriam saber quem estava com meu filho e eu disse:

— E eu vou saber quem estava com meu filho? — Eu sabia que o vizinho estava, mas não podia falar nada. — Não sei quem são as pessoas, como falei para o senhor sou uma pessoa decente, nunca fiz nada de errado na minha vida. Se eu entrei na delegacia foi para tirar RG. Nunca fui presa, nunca fiz nada de errado e agora, infelizmente, meu filho está aqui. Então que se cumpra a lei! O senhor faça os procedimentos legais, senão eu vou ligar para alguém.

Liguei para o sindicato, falei com o advogado e ele disse:

— Dona Railda, não vou poder ir até aí, mas que horas ele foi preso?

Dei o horário e o advogado me orientou:

— Pelo Estatuto da Criança e do Adolescente é ilegal ele estar algemado...

Eu fui questionar a algema e o delegado ficou louco. Eu disse:

— Está tudo errado aqui! O senhor vai tirar a algema, ele não vai fugir. Ele não tem que ir para a Febem? Então, ele vai para a Febem. Ele já está preso, não precisa ser torturado, ele não tem que apanhar. Ele já foi preso, já fez a merda na vida dele, o senhor quer que eu faça o quê? Que acabe de enterrar?

Ele viu que eu não falava em gíria, pelo meu procedimento viu que liguei do celular para uma pessoa. O presidente do sindicato até foi lá nesse dia. Eu tinha saído do trabalho, mas tinha amizade com o pessoal, que gostava muito de mim. Afinal, eu tinha saído por conta do Daniel. O Sr. Bispo veio, me deu o maior apoio naquele momento e falou para o delegado:

— Olha, doutor, ela é minha secretária. Sou presidente do sindicato. O moleque tinha tudo, a gente não entende.

E todo mundo falava para o Daniel que não entendia, porque ele nunca tinha precisado. Ele chegava no sindicato e se eu não estivesse, e ele falasse que queria alguma coisa, o pessoal fazia. Até por ele não ter o pai presente, o pessoal sabia que eu era sozinha...

Quando ele foi para a Febem, na época era UAI, no Brás, eu acompanhei todo o processo, o advogado me orientou e disse que eu poderia ir junto. Ele foi fazer corpo de delito e apagaram o cigarro na boca dele no caminho até o IML. Quando chegaram na UAI eu já estava lá esperando com o Sr. Bispo e eles não viram que a gente estava lá no carro. Quando foram entrar, o policial que estava junto ia dar uma coronhada na cabeça dele. Aí, eu cheguei:

— *Epa!* O seu papel é prender! Não é bater, nem torturar! Sei que meu filho está errado sim. Não estou passando a mão na cabeça dele. Mas, se hoje ele está aqui não é porque foi maltratado em casa, ele nunca apanhou, nunca ficou de castigo. Sempre eduquei da melhor maneira possível, só que o mundo ensina outras coisas. E você não vai pôr a mão no meu filho!

Nisso, pedi para falar com o coordenador, que me deixou falar com meu filho porque até então eu não tinha falado. Vim embora e no outro dia foi a audiência dele. A gente colocou advogado particular, mas mesmo assim ele ficou nove meses na Febem. Aí, minha vida parou porque eu só vivia a vida dele! Foram nove meses assim, só Febem. Eu era a mãe voluntária, eu era a mãe que dormia dentro da Febem, eu fazia tudo, tudo, tudo! Depois de nove meses ele saiu. Passaram dois meses ele voltou novamente. Dessa vez o problema foi uma pizza! Que vergonha!

Eles juntaram uma turma, eu não estava em casa porque aí já estava na Associação que a gente tinha fundado, e ele com outros moleques foram pedir pizza. O único que foi preso foi ele. Eles ligaram para a pizzaria, fizeram o pedido e troco para 50 reais. Quando o motoboy chegou ele, sem arma, sem nada, porque aquilo na verdade foi uma traquinagem, mas teve suas consequências, abriu a porta para o cara dar a pizza e o dinheiro...

A gente tinha acabado de processar o governador do estado... Nós fundamos a AMAR e já começamos a ir no fórum, essas coisas todas. Foi quando o Givanildo, que era coordenador do Fórum da Criança e do Adolescente, começou a fazer formação com a gente. O Giva e o Sr. Resende, que era o diretor da unidade onde o Daniel estava, quando viram o grupo de mães interessadas em mudar, decidiram ajudar. E a gente não ficava só com os nossos filhos, a gente também ficava com os outros adolescentes, conversava com as outras mães, foi quando o Sr. Resende achou que tinha que ter um grupo de mães, uma associação de mães da Febem, que teriam toda a autonomia de denunciar.

A gente era um grupo de mães muito bom na época. Lembro que a primeira denúncia que fizemos foi quando eles queriam tirar o Resende, porque nessa unidade dele não tinha *couro*. Tinha um trabalho pedagógico de verdade, onde a gente podia ficar com o filho, acompanhava toda a dinâmica. Quando aconteceu isso a gente já ficou com medo, pensando que iam colocar um “caceteiro” no lugar dele. Nessas alturas, já sabia o que era e o que acontecia na Febem. Aí, a gente foi no Fórum da Vara da Infância e de lá mandaram a gente para a presidência da Febem, onde receberam a gente. Estávamos num grupo de 46 mães ou mais. Foi um grupo de mães bem ativo mesmo! Mesmo assim, não conseguimos resolver e o Resende saiu, mas antes ele falou:

— A partir de hoje vocês vão ter que formar uma associação.

Colocou a gente em contato com o Giva e com tantas outras pessoas e então formamos o grupo de mães. Lembro que naquela época os meninos que estavam com 18 anos foram mandados todos

para o COC, que era um Centro Criminológico, que hoje nem existe mais, mas era para adultos. Mandaram os meninos todos para lá e a gente acompanhou todo esse processo.

Lembro da primeira passeata que a gente fez, porque até então eu nunca tinha participado de uma passeata com o pessoal de direitos humanos de outras entidades. Depois também fizemos um manifesto contra a Febem Imigrantes no Palácio do Governo. Lembro que a gente saiu de lá, fizemos a documentação e levamos para o Ministério Público, falando dos maus tratos que havia dentro da Febem.

No dia que o Daniel foi preso pela segunda vez eu tinha chegado muito cansada mesmo! Tinha acabado de chegar, tirei a roupa e fui para o banheiro, tomei um banho, coloquei a roupa, passou uma meia hora bateram na porta. Olhei no olho mágico era a polícia! Perguntei pelo Daniel, mas ele não estava! Abri a porta e o policial falou:

— A senhora é a mãe do Daniel?

— Sou.

— O seu filho acabou de ser preso.

— Então o senhor vai entrar, sentar porque eu vou pôr minha roupa e acompanhar o senhor até a delegacia. E vou pegar meu Estatuto da Criança e do Adolescente.

Nessa época eu já sabia de cor o ECA, lia todos os dias, sabia de tudo! Fui para a delegacia e quando cheguei lá o delegado meu falou o que tinha acontecido, mas como o Daniel estava de liberdade assistida e tinha quebrado a medida, ele estava preso. Eu disse:

— Sou de uma associação de direitos humanos, estou vindo de uma manifestação contra o governo. — Não tinha mais nada a perder.

— Não acredito, mãe.

— Pois é, doutor, faz o que tem que ser feito, o BO. Tem que ir para a Febem porque quebrou a medida, vai para a Febem! Amanhã eu resolvo isso.

Nisso, desceram oito policiais para dar revista nele e eu perguntei para os policiais:

— Mas, vocês vão acompanhar o adolescente, vão revistar ele?

— Sim senhora, ele é um bandido.

— E? Mas vocês são oito! Que ameaça ele está representando para vocês? Nenhuma, né? Pelo que estou vendo... Foi um roubo de pizza e mesmo se fosse um assalto ou outra coisa vocês não teriam esse direito.

Entrei no quartinho e uma policial civil feminina perguntou se eu via meu filho se trocar, eu disse que sim, que ele sempre se trocava na minha frente. Isso aconteceu quando ele estava com 15 anos. Ele entrou no quartinho, fizeram a revista, tudo bem humilhante, fizeram ele agachar três vezes, e eu olhando tudo. Cheguei no sargento que estava fazendo o boletim de ocorrência e falei:

— Olha, meu filho está indo para a Febem, ele vai para o IML. Se eu chegar amanhã na audiência dele e tiver um arranhão nele eu tiro sua farda. Me coloca na viatura, porque é meu direito de acompanhar o adolescente, eu vou até o IML e depois até a UAI deixar ele lá.

E fui com eles. Eles viram que eu era meio louca mesmo... Saímos da delegacia por volta de 11h da noite, paramos para abastecer a viatura, fomos para o IML, ele fez o corpo de delito, aí fomos para a UAI, e eu acompanhando tudo, depois os policiais me deixaram na minha porta.

Dessa vez ele ficou cinco meses preso e fugiu. Aí ele foi fazer um tratamento para dependência química, porque da maconha ele já tinha ido para a cocaína e eu comecei a perceber que não era mais a maconha, era cocaína e já estava indo para o crack. Sempre tive muito pavor de droga, nunca gostei.

A gente começou a questionar isso, tanto eu como a Conceição, e eles conseguiram, na época, um lugar em Guarulhos que fazia tratamento. Naquele dia que o Daniel fugiu eu estava responsável por acompanhar os adolescentes, mas não lembro bem o que aconteceu em casa que eu não pude ir e liguei avisando. Os adolescentes já tinham combinado a fuga no domingo e eu não sabia de nada. Quando chegou lá em Guarulhos, passaram com a psicóloga na terapia e na saída, dentro da perua, falaram que iam fugir e fizeram todo aquele drama. Um dos meninos saiu correndo falando que era

ladrão atrás dele e um funcionário foi preso no lugar do menino. Parece até filme de comédia... Até o funcionário conseguir explicar tudo... O Daniel ficou porque um funcionário segurou, mas ele falou assim:— Ah, já que eu não fugi, compra uma coca para mim...

O funcionário deu o dinheiro e ele foi embora! Aí, ele me chega aqui em casa com a maior cara lavada! Na mesma hora eu queria levar ele de volta, mas me pediram para esperar para tentar fazer um trabalho com ele, porque eu mesma não acreditava mais, não tinha mais o que oferecer... Na unidade dele não tinha *couro*, não apanhava, tinha-se um tratamento mais humanizado, era a unidade 20, no Tatuapé que hoje não existe mais. E depois que o Sr. Resende saiu quem ficou foi o Sr. Hélio.

Mas, eu continuei meu trabalho normal. Realmente meu filho tinha fugido e eu não ia entregar ele. E como fugitivo ele ficou dois anos e oito meses. Nesse tempo, ele tirou documento, conheceu uma menina que morava aqui na rua, que nessa segunda vez que ele tinha ido para a Febem ela tinha ido visitar e engravidou. Hoje tenho uma neta de oito anos, a Daniela Gabriela.

A menina começou a visitar ele e quando ele saiu os dois ficaram juntos. E mulher é muito burra, não tem jeito... Ela era muito novinha e ele também, e ela se envolveu com ele, afinal ele era “o cara”. Então ela enchia a boca para falar que era a esposa, a mulher dele. Quando eu falava que ela era só a namorada dele, para quê? Ela ficava brava e dizia que era a esposa dele! Eu tentava conversar, falava para ela se cuidar para não arrumar filho, aquela coisa toda, mas não adiantou, ela quis ficar grávida. Isso foi outro tormento na minha vida! Porque a mãe dela não aceitava e ela veio morar comigo. Depois a mãe resolveu aceitar, mas foi uma coisa muito complicada! Eu falei para o Daniel:

— É o seguinte, cara, agora você tem uma mulher, você vai ter um filho e eu acho que o seu filho não vai querer visitar você na Febem. Eu como sua mãe, suas irmãs, a gente tem que tirar tudo, mostrar tudo, e agora você já tem uma mulher. Então você escolhe, se quiser mergulha de vez nessa vida e me esquece. Passa aqui só

para ver se eu estou bem, não precisa muito não. Você tem uma família, uma avó, por mais que eu e seu pai tenhamos nos separado, você tem um pai e ele nunca aceitou suas coisas erradas. Então, ou você muda de vida ou você vai embora porque droga e família não combinam!

Como eu já tinha começado a frequentar reuniões sobre álcool e drogas na Igreja Adventista, já estava tendo outra noção sobre o assunto. Falei para ele escolher ou a família ou os amigos da rua:

— Você é quem sabe. Você é fugitivo, se você voltar para a Febem, agora com 17 anos, você sabe como é, eu não escondo nada de você, você sabe meu trabalho qual é, sabe a nossa luta e aí você vai voltar com mais um BO e sair só com a maioridade. Se você tiver sorte, sai para a rua, senão vai sair dentro de um caixão, ou você pode sair algemado para um CDP da vida. E aí? Você teve princípios, você teve tudo, está nas suas mãos, porque eu não vou mais aceitar isso dentro da minha casa. Tenho minhas duas filhas, parei minha vida, agora não dá mais. Desse jeito a gente não vai se dar bem.

Todas as nossas brigas eram por causa disso. Ele falou:

— Mãe, a senhora vai me ajudar?

— Vou te ajudar, mas desde que você seja certo, arrume um trabalho, assuma sua filha ou filho que vai nascer. Por que qual exemplo você vai dar para o seu filho? Tudo bem, seu pai nunca foi um exemplo de pai, mas também nunca roubou, você nunca foi visitar ele dentro de uma cadeia. E eu também nunca fui uma usuária de droga.

— Está bom, mãe, não vou fazer mais nada.

E realmente parou com tudo. Depois começou a ir para a igreja, fazia parte do coral, saía com os irmãos para evangelizar, ia com a namorada para a igreja. Quando a filha dele nasceu tinha acabado de sair um projeto da AMAR em que ele participou. Ele tinha seu salário e depois que a Gabriela nasceu, de manhã ele ia para a AMAR, fazia curso à tarde e ganhava 50 reais. Lembro que quando ele recebia o pagamento, ele ia em todos os lugares para ver onde tinha a fralda, o lenço umedecido e o leite mais barato e começou a ter mais responsabilidade.

Aqui no bairro ele só cumprimentava os amigos, “Oba, oba, tudo bem”, mas ficava na dele, ia para a igreja, para o trabalho, para a escola. Assim ele ficou uns seis meses, foi quando eu sai da AMAR. A gente rompeu porque não deu mais certo eu ficar na Associação, aí ele foi morar junto com a menina, começou a trabalhar e a ter um outro ritmo de vida, não se misturava mais com o pessoal. Depois disso, ele nunca mais voltou nem para a cadeia nem para a Febem, mas se tornou um dependente químico crônico. Hoje posso dizer que ele tem seus altos e baixos.

A gente teve que internar ele porque chegou uma hora que a mulher dele também não suportou mais e conseguimos na instituição Cláudio Amâncio, onde ele ficou nove meses na primeira internação. Quando saiu, teve uma recaída que foi muito feia mesmo! Ele já estava usando crack.

A gente se mudou daqui e foi muito difícil! Acho que foram os piores momentos da minha vida, o meu pior pesadelo foi quando ele se envolveu mesmo no crack e a coisa foi muito séria! Tivemos que tirar tudo de dentro de casa, ele chegou a vender minha máquina de lavar que eu tinha comprado fazia três meses. Quando isso aconteceu, minha filha estava grávida do Gabriel e eu tinha decidido comprar uma máquina maior porque viria mais uma criança, então a gente se reuniu e fomos comprar. Quando o Gabriel nasceu eu percebi que não tinha como ficar com o Daniel dentro de casa com uma criança. E ele não ia embora! Então a gente foi. Eu disse:

— Ou a gente se une todo mundo e põe ele para fora ou a gente vai embora.

Nesse meio tempo eu consegui um apartamento na Tiradentes. Fui para lá, minha filha foi morar com o marido, minha mãe ficou com a minha irmã que mora aqui embaixo e isso foi um verdadeiro tormento na nossa vida. Foi uma coisa de louco que eu nunca tinha pensado em passar, de chegar o ponto dele querer até mesmo agredir a gente por causa de dinheiro, de inventar que estava devendo, mandar pessoas virem na porta, ameaçava que ele ia morrer, depois saía correndo para pagar a dívida e na verdade era para ele usar mais um pouco.

E a gente não tinha experiência com tudo isso... Foi quando eu falei que não dava mais, fui embora e deixei o apartamento. Ele ficou sozinho aqui, mais por causa da minha mãe, porque ela não queria pôr ele na rua. Foi quando ele vendeu a máquina. Para mim, depois daquilo não dava mais! E falei:

— Agora estou para tudo ou nada porque louca eu não vou ficar. Seu pai já me deixou quase louca e não vai ser você que vai me deixar louca não! Uma coisa foi seu pai no passado. Acho que você tem o direito de errar, mas permanecer no erro não. Tudo tem um basta! Eu não posso mais viver sua vida, isso é uma opção de vida sua. É isso que você quer? Então é você quem vai viver porque eu preciso viver minha vida...

Eu fiquei envelhecida, voltou tudo que eu tinha passado, comecei a engordar de novo e foi um sofrimento. Eu só chorava, ia para a igreja em busca de alguma ajuda, os irmãos falavam que as coisas iam melhorar, mas chegou uma hora que eu também não fui mais para a igreja, sinto muito, não queria participar de mais nada...

Até que ele voltou e começou a frequentar as reuniões do Cláudio Amâncio e naquele tempo eu até conhecia um pouco da dependência química, mas não tudo. Foi quando também passei em consulta lá e o Cláudio disse que eu precisava frequentar os grupos de familiares, o que realmente comecei a fazer. Isso foi me fortalecendo, comecei a ver que essa era uma opção de vida dele e não minha, era uma coisa que ele gostava e eu não podia impedir, então ele tinha que querer mudar, não era o meu querer que estava em jogo. Foi só então que comecei a aprender como lidar com essa situação.

Quanto ao Daniel, ele teve várias internações, várias recaídas e eu sempre falava:

— Eu tenho que estar de pé para te dar a mão para te ajudar.

Hoje ele não mora mais comigo, tem uma outra companheira, mora junto com o pai, está trabalhando, acho que faz seis meses que não usa nada e está super bem. Agora com quase 27 anos tem que tomar um rumo, né! E contar com a mamãe também não dá mais! Eu não tenho mais aquele pique que eu tinha na época da AMAR.

Já passei por tanta coisa e não vejo mudança no sistema nem nele e isso é muito complicado! Além disso, eu preciso viver!

Foi quando eu me candidatei para conselheira tutelar de Itaquera, mas fiquei para suplente. Tinha saído pela AMAR, a Conceição me deu uma carta de apresentação, saí pela AMAR, mas não ganhei. Depois a gente fundou uma outra associação, a AMPARAR.

Mesmo depois que o Daniel saiu da Febem eu continuei militando. Apesar da ajuda dos advogados do sindicato, eu não posso dizer que tinha conhecimento dessas coisas... O que posso dizer é que tudo isso, esse envolvimento, mudou totalmente a minha vida! Se tivesse que fazer tudo de novo eu faria porque tudo é muito fácil quando acontece na casa do vizinho, mas quando é na nossa pele, muda.

E isso aconteceu quando eu tive oportunidade porque até então eu era uma dona de casa e só via o que a mídia mostrava, não estava ali para ver a realidade. Eu tinha alguma ideia, mas nada perto do que era a realidade da situação. E quando surgiu a oportunidade era um momento de estar se aproximando dos nossos filhos, porque a gente começa a ver que trabalha muito, mas para sustentar o sistema capitalista, nem tem como fugir disso. Até que seu filho vai para um lugar depois que cometeu um ato e quando você chega lá eles são os piores infratores, muito piores que os meninos porque lá nada funciona!

Aí a gente começa a ter a noção de que o menino que está ali só é tirado de circulação, porque dizem que ele é uma ameaça à sociedade, então a sociedade manda ele para lá. Mas ele só é tirado de circulação e quando sai, não tem oportunidade nenhuma. De repente, meu filho estava naquele lugar e a única maneira de proteger era estando ali. Isso tudo aconteceu num momento muito difícil da Febem, porque foi um momento de muita rebelião, teve muitas mortes, em 1999 para 2000.

Eu tinha um ritmo de vida e de repente tudo muda, é uma outra realidade e que é o que realmente acontece no dia-a-dia, que é um sistema hipócrita e que não faz nada! Ele te tira seu filho que

você criou com o maior amor e carinho, passou educação e, de repente, vem e tira seu filho. Não te prepara para isso, não tem conversa, o que você escuta são gritos, você é humilhada, seus direitos são violados e ainda dizem:

— Olha, mãe, aqui seu filho tem tudo: roupa, comida, bolacha e até danoninho.

Mas, meu filho também tinha tudo isso dentro de casa, só que quando eu fui buscar ajuda ninguém me ajudou, o Estado não me ajudou. Quando eu gritava: “Meu filho está usando droga, meu filho está roubando”, ninguém me ajudou. A resposta que eu tinha é que só teria solução quando meu filho fosse preso e quando isso aconteceu nada foi feito, a realidade é essa. Se não fôssemos nós ali, todos os dias, cuidando dos nossos filhos, no grito e na dor, na berração e no choro só Deus sabe o quanto teria sido pior.

Foi então que comecei a me ver como mulher e comecei a acordar para outra vida. Comecei a conhecer meus direitos, porque até então eu sabia que tinha direitos, nunca tinha ido a fundo para saber o que falava no parágrafo tal e dizer que o meu direito e o direito do meu filho eram aqueles. A gente começou a ler o Estatuto da Criança e do Adolescente, que eu até brinco numa reportagem, dizendo que era a bíblia, que eu colocava embaixo do braço e ia embora! E falava:

— Espera aí, doutor! O senhor está equivocado! Não é isso que diz no parágrafo tal... O adolescente está incomunicável com a família, o senhor está violando o direito do adolescente.

Aí os caras começam a ver que ali não tinha nenhuma boba. Por isso eu posso dizer que realmente foi uma mudança radical na minha vida! Depois disso eu me entreguei à militância, já não tinha mais horário para chegar em casa, não tinha vida mais uma vez...

Depois senti que precisava dar um tempo para minha cabeça, afinal eu tinha minhas outras filhas e se continuasse desse jeito eu ia ter os mesmos problemas. Eu só me dedicava a isso, era Febem o tempo todo, fórum, manifestação, coisa que eu nunca tinha vivido... A gente se reunia e articulava tudo! A gente ligava para os outros

parceiros de direitos humanos e todo mundo se reunia para fazer manifestação ou o que fosse necessário!

E fazendo isso eu me sentia útil! Eu até brinco com isso porque as pessoas dizem que é bom ser servido, mas eu discordo. Bom mesmo é você servir! Porque o ser humano que não serve para servir, não dá. Sempre tive isso comigo. Servindo a gente passa a ver as coisas de outra maneira. Quando a gente só é servido, passa a não valorizar as coisas e servindo a gente vê a força que tem, o que estava escondido dentro de você passa a ser colocado para fora.

Acho até que desde nova eu já tinha isso dentro de mim, mas nunca tinha colocado para fora. Até que meu filho foi para a Febem. E hoje falo com todas as letras: eu não troco a minha vida de militância por nada nesse mundo! Essa é uma coisa que eu gosto de fazer. Então é muito legal quando eu lembro que sem saber de nada, talvez um pouco por ignorância, faltou ter alguém para me ensinar alguma coisa. E hoje eu posso passar alguma coisa para alguém!

Então quando chega uma mãe desesperada, sem saber o que fazer, eu sei que posso ajudar. Esses dias mesmo, no fórum, chegou uma mãe com problema de dependência química do filho. Eu disse para ela que o problema do filho dela não era polícia, mas saúde pública e que a gente ia buscar caminhos juntas. Ela ficou parada sem saber o que dizer. Eu continuei:

— A senhora tem que odiar a droga que ele usa e não seu filho. Quer queira ou não, ele é seu filho.

Nisso ela já ligou para o Cláudio Amâncio, marcou consulta, já vai internar o filho. Essa mãe vai começar a aprender e vai ser mais uma multiplicadora, como eu fui.

É muito fácil chegar, ter sua casa, sua televisão, abrir a geladeira e ter as coisas para comer, só que muita gente hoje não tem nada disso!

Desde a época da AMAR, fui aprendendo muita coisa, ainda mais quando começamos com projetos. O projeto que o Daniel participou, por exemplo, foi um da Unicef e algumas pessoas foram contratadas para trabalhar lá, que no caso foram ele e o filho da

Conceição. Esse foi um projeto que surgiu depois de uma matéria com a Conceição na Caros Amigos e a ideia era acompanhar as mães no fórum, acompanhar as visitas, fazer fiscalização, geração de renda para as mães, atendimento dentro da associação tanto psicológico como jurídico. Fizemos o projeto e ele foi aprovado.

Teve um outro projeto também com o Ilanud, que tinha os advogados que iam até as unidades e o nosso papel era ir para a porta da Febem conscientizar as mães, contar nossa experiência e falar que aquele era um sistema que realmente não funcionava e que precisava ser mudado. A gente precisava trazer essas mães para o nosso lado, porque já que tinha que ter Febem, que tivesse, mas que o tratamento fosse humanizado e não fosse como era. Na época eram 1.800 reais por adolescente e a gente queria que esse dinheiro realmente funcionasse e não fosse uma medida “espancativa” como sempre foi e continua sendo, porque o couro continua comendo...

O Daniel só apanhou uma vez dentro da Febem e quando souberam que era meu filho rapidamente tiraram ele porque não queriam ter problemas com a associação. A gente tinha aquela força, porque a mãe tem poder, e a gente descobriu isso! A gente tinha poder nas mãos, então tínhamos caminhos para mudar tudo aquilo. Nossa intenção era trazer esses meninos e essas mães para a associação, até porque os adolescentes eram muito inteligentes, então em cada projeto a ideia era mostrar para a sociedade que não era reduzindo a maioria penal, não era trancando ou prendendo que se resolveria a situação. Isso era um problema social. E assim precisava ser encarado!

Isso era o que a gente tinha que provar para o Estado e para todo mundo, através dos nossos projetos e dando condições para esses meninos, porque não adiantava os meninos chegarem na associação, passar na psicóloga, mas chegar em casa e não ter comida, nem nada. É certo que esse menino ia voltar a infracionar, como tinha casos em que realmente o menino roubava porque não tinha nada para comer dentro de casa. Teve vezes em que a gente chegou em visitas e tivemos que comprar um frango assado, porque quando

ligamos para a mãe ela ficou morrendo de vergonha. E quando a gente perguntou o que estava acontecendo, ela disse:

— Minha filha, eu não tenho nada para oferecer para vocês.

Aí eu disse:

— Conceição, a mãe está sem nada, não foi visitar o filho porque não tinha dinheiro.

Nesse dia, passamos no mercado, compramos uma massa de tomate e um macarrão, só para ela não se sentir mal. A gente fazia um macarrãozinho e comeu com um frango assado... A gente tinha um pouco de dinheiro, então demos para a mãe o dinheiro da condução para ela visitar o filho e ainda um pouco mais para ela comprar um pacote de arroz, uma lata de óleo e o sal. Esse era um tipo de situação que a gente chegou a ver de perto! A gente presenciava tudo isso. Mas, as coisas na associação começaram a mudar e já não combinava com as minhas ideias, por isso preferi me afastar. Foi aí que surgiu a AMPARAR. Mas, a gente ainda não tem todos os registros, só temos o CNPJ. Por isso, ainda não tem um *site* em pleno funcionamento.

Quando saí da AMAR, em 2003, entrei numa grande depressão porque eu acreditava muito em tudo aquilo. Era um trabalho no qual eu acreditava, porque se não acreditar no ser humano, se enterra! É preciso dar um voto de confiança. E eu me deparei com uma situação inusitada: nós que lutávamos por direitos, estávamos nos desentendendo no próprio trabalho. O pior é que foi numa época em que estavam surgindo projetos de tudo quanto era lado. Comigo saíram várias outras mães também. Por causa de algumas incompatibilidades, o Daniel também se afastou do trabalho. Mas não chegou a passar dois anos eu fundei a AMPARAR. Falei com a Dora, que na época era diretora do Cláudio Amâncio:

— Dora, estou mal, porque essa é uma coisa que eu gosto de fazer e que eu aprendi, e acho que a gente não deve deixar esse trabalho morrer.

Por volta de 2004, parece que foi uma luz! O pessoal começou a me procurar aqui no prédio. Meninos que tinham ido para a Febem

estavam começando a ir para o sistema prisional e tinha muitas mães com quem eu tinha feito amizade e sempre me visitavam. Como sempre morei aqui, me achavam fácil, e começaram a me chamar para ir no fórum ver os processos dos meninos, jovens e adultos e eu comecei. Também vinham porque estavam com o filho dependente químico e não sabiam o que fazer. A gente mandava para o Cláudio Amâncio, para as salas de família. Aí, a Dora sugeriu que a gente começasse a fazer palestras e começamos falando sobre o álcool, sobre drogas. Vendo como as coisas estavam caminhando, falei para a Dora:

— Acho que a gente vai ter que fundar uma associação. E agora? A gente não tem dinheiro, não sabemos fazer estatuto, e aí? Só que eu tenho um estatuto que uma pessoa na época em que a gente estava fundando a AMAR me deu para ter uma base e a gente pode usar.

Lá fui eu procurar. Achei e falei com a Dora que por aquele estatuto a gente poderia fazer outro, era impossível que a gente não fosse competente! Se a gente enfrentou o comandante da polícia militar, o presidente da Febem e até o Mário Covas, acho que fazer o estatuto era o de menos! A Dora também achou uma boa ideia e ela tinha uma amiga advogada que escreveu e explicou as coisas para a gente. Foram três meses trabalhando nisso direto. Eu saía daqui para Santo André e ficava o dia inteiro à base de cigarro e Coca-cola, enquanto a Dora ficava no café. Ali a gente ficava e procurava o que não sabia no “pai dos burros”, até que conseguimos fazer ao menos um esboço do estatuto. Nesse meio tempo encontrei um ex-diretor da Febem no metrô Jabaquara quando estava chegando de viagem. Ele perguntou:

— E aí, como você está? Saiu da AMAR?

— Saí. Mas, foi bom ter te encontrado porque eu e a Dora estamos fundando uma outra associação, você não quer dar uma força?

— Opa! Demorou!

E nesse tempo eu já tinha perdido alguns contatos, como o do Giva, do Sr. Resende, não sabíamos onde estava mais ninguém. Esse

diretor disse que nos autorizaria a entrar na Febem e indicou um gabinete para fazer o estatuto para a gente, com as palavras certas, porque tem muita burocracia para essas coisas. Fizemos o estatuto e eu e outras cinco pessoas, três que eram da época da AMAR, e fundamos a AMPARAR. Na época, a gente encaminhava para tratamento de dependência química, conseguimos psicólogo, para ver como Deus foi tão bom para a gente!

Teve um dia que eu estava super desanimada, só tínhamos o estatuto e o CNPJ, aí conseguimos um espaço aqui perto para poder falar com as famílias, principalmente sobre álcool e drogas, porque era uma época em que os meninos estavam se envolvendo muito rápido, tinha meninos de 11, 12 anos. Aí vinha a Dora de Santo André e um pessoal de São Caetano, mas eu achava que a gente ainda precisava fazer mais alguma coisa, porque ficava no vazio, a gente só estava apagando incêndio. Também íamos para o fórum ver os processos, falava com o pessoal da Defensoria que já conhecia a gente. Mas tinha muitos empecilhos e um deles era que a gente não podia entrar na Febem. Por causa dessas coisas, acabei desanimando, estava pensando em largar tudo isso e ir arrumar um emprego. Parecia que eu lutava e lutava e não via mudança nenhuma na Febem. Passei uma fase muito triste, mas nunca perdi a fé em Deus. Aí, um belo dia, eu estava morando na Cidade Tiradentes, o meu telefone toca:

— Bom dia, por favor a Railda.

— Pois não.

— Aqui é a Marisa da Bola de Neve (e eu nem sabia o que era isso). Sou empresária e fiquei sabendo da associação AMPARAR e quero te ajudar. Você pode vir na minha casa hoje ou você quer que eu vá na sua casa?

Ela é bem assim. Fiquei espantada porque a mulher mal me conhecia, mas agradei a Deus, afinal acho que eu mereço. Peguei o metrô e fui embora. Ela me encontrou na estação, a gente almoçou juntas, ela perguntou sobre várias coisas e contou que fazia trabalho evangélico na Febem, levava cesta básica, tinha um pessoal que ela conhecia do Corinthians e ela levava os meninos para jogar bola. Sei

que na época o Alckmin deu até um troféu para ela como exemplo de cidadã. Depois ela me disse que me apresentaria um diretor muito bacana e quando eu decidisse o trabalho que a gente ia fazer ela me ajudaria na condução. Para mim estava ótimo!

Aí o diretor me chamou, a Marisa nos apresentou como da AMPARAR e a gente começou na unidade. Íamos uma vez por semana conversar com os meninos e com os familiares. Os que a gente percebia que tinham problemas com drogas a gente encaminhava para o Cláudio Amâncio. Depois aconteceram algumas mudanças e a gente acabou se afastando. Mas, a Marisa não desistiu e nos apresentou para o Sr. Salvador e disse que nós tínhamos uma outra visão que valeria a pena ele ouvir. Nisso a gente começou a dar atendimento psicológico na Cidade Tiradentes, dentro do meu apartamento. Conseguimos duas psicólogas de imediato. E no meu prédio tinha de tudo que se possa imaginar...

A Marisa também começou a ir para lá. E tinha um espaço que ficava acima do bloco de apartamentos que a gente achou que daria para fazer um campo de futebol. A Marisa, com o jeito dela disse:

— Espera aí que são dois minutos! Já estou vendo eles jogando bola!

Chamamos os meninos e conversamos com eles. Foram os próprios que colocaram os pedaços de pau e aprontaram o campo de futebol. A Marisa ainda conseguiu com um colega dela que eles fossem treinar na zona norte. Além disso, a gente precisava muito de psicólogo porque era cada caso que chegava! Era muito angustiante. Então, vieram a Rosana e a Gleice como psicólogas, depois veio a assistente social e a gente fazia tudo lá dentro do apartamento.

Teve um dia que durante uma reunião falei sobre o trabalho e todo mundo se interessou. Nessa época, o Resende veio para a cidade Tiradentes, na prefeitura, e a gente acabou se encontrando por acaso em uma dessas reuniões. Ele perguntou o que eu estava fazendo da vida, eu expliquei para ele, que achou super legal. Nessa mesma reunião estava uma líder comunitária do Vilma Flor, que trabalhava com mutirão de casas, que era uma coisa tão bonita que até parecia

local privado, muito legal! Ela colocou na reunião que o pessoal estava desapropriando o terreno e que a comunidade poderia participar do mutirão. Ela estava muito preocupada e conscientizando as pessoas para que não pegassem os cinco mil reais que estavam oferecendo, mas exigissem do governo que dessem apartamentos para eles. Quando terminou a reunião, ela tinha me escutado falando sobre o meu trabalho e disse que precisava falar comigo. Expliquei como era onde eu morava, que a droga lá comia solta e os meninos estavam se envolvendo muito cedo e indo para a Febem. Ela viu que eu não tinha espaço e disse:

— Estou te cedendo meu espaço.

— Jura que você está fazendo isso?

— O espaço é todo seu! Veja o que você quer fazer lá e é com você!

Então fomos para o Vilma Flor, levamos o atendimento psicológico para lá, e a gente atendia das 9h da manhã até as 3h da tarde. A cada 15 dias tinha as reuniões com os familiares, depois começamos a colocar oficinas, conseguimos professores de karatê e capoeira. E começamos a fazer um trabalho legal, mas sem dinheiro nenhum.

Nesse tempo o Dr. Salvador me chamou para uma conversa na Febem. Ele queria saber qual era o nosso projeto, a gente fez um e ele gostou. Só que quando se faz um projeto para a Febem eles aceitam, mas quando chega na hora dos conformes é do jeito deles e não do seu. Ele disse que o projeto era muito bom, que era trabalhar com as famílias dentro da Febem, cuidar do menino lá dentro e depois inserir no mercado de trabalho, ajudar a tirar documentação, fazer formação, uma série de coisas. Ele adorou o projeto, mas quando chegou lá em cima, no “todo poderoso”, tudo que a gente tinha colocado no projeto eles tinham feito um outro em cima do nosso.

Tinha sido um projeto que a gente se inspirou naquele livro *Capitães de Areia*. Esse homem disse que inicialmente ia nos dar 40 meninos e uma verba *per capita* de 30 reais. Para quem não tinha verba nenhuma já era alguma coisa! Mas pensei melhor e decidi não

aceitar. Eles pagavam a técnica, que era assistente social, e a psicóloga. A nossa psicóloga tinha que ir até a Febem e quem tinha que fazer o vínculo com a família e com o menino éramos nós: eu, a Dora e a Cida. Quando esse menino saísse da Febem ele ia para a associação e a gente tinha que colocá-lo para aprender um curso profissionalizante, tinha que tirar documentação, fazer visita domiciliar e tudo isso com 30 reais. Não dava! Por isso não aceitei. O Salvador disse para a gente esperar que ele ia ver se conseguia aumentar mais, mas eu disse:

— Salvador, vou ser sincera com você. Eu não acredito mais na Febem e a realidade é uma só: você tem seus doutorados e eu não. Meu doutorado é o da vida e esse ninguém me tira. — Ele gostava de mim por causa disso. — De vez em quando a gente dá uma escoregada no português, mas é só ir no “pai dos burros” que a gente conserta. Porque veja bem, você está me dando o projeto, eu aceito, mas se lá na frente não der certo vocês vão falar que tal associação trouxe o projeto, vocês investiram, então que é problema deles. E ia sobrar para quem?

O que aconteceu: a gente ia ficar sem credibilidade e por isso falei que não dava realmente. Se fossem 20 meninos até pensaria no caso. A gente brigou tanto com a Febem porque o ECA determina que sejam 40 meninos por unidade. Agora me dar 40 meninos numa associação que não tinha suporte nenhum, estrutura nenhuma, nós não tínhamos verba. A única coisa que a gente tinha era essa da Febem e não dava! Eu continuaria a fazer o trabalho que já estava fazendo porque de dez, recuperando dois, para mim estava ganho o dia, o ano, estava ótimo! E o Salvador ainda disse:

— Mas, Railda... Vocês podem nos ajudar muito! E também podem crescer, através desse projeto virão outros.

— Salvador, não vou me corromper, não estou à venda e no dia que eu estiver à venda você pode ter certeza que será por muito! Não dá mesmo.

Depois disso, fiz a reunião com o pessoal e expliquei tudo, porque a gente veio para fazer a diferença! Chamei todo mundo para

conversar todos concordaram. Ou a gente fazia alguma coisa que funcionasse ou não faríamos nada, porque eu estava cansada de fazer coisa “para pobre”. Enquanto se fizer coisa “para pobre” não vai funcionar. Já que vai fazer, faça direito! Investe, mas investe legal, de verdade mesmo! Se investissem na gente, principalmente porque nossa prioridade eram os meninos, eu não precisava nem ter salário. Mas, pagar para trabalhar não tinha como! Isso aconteceu em 2005 mais ou menos.

A AMPARAR surgiu para dar continuidade ao trabalho que era feito na Febem, mas hoje o leque se abriu. Depois de tudo isso, a gente ficou um tempo no Vilma Flor, mas não dava para irmos todos os dias e o pessoal de lá também ia precisar do espaço. A Solange, que tinha arrumado o lugar para a gente, queria que eu fosse para um outro lugar, que era mais longe que São Miguel, mas eu disse que também não dava. Eu ia ficar na Cohab mesmo, que era a minha praia, era mais perto, mas eu poderia continuar ajudando no que fosse preciso. Ficava muito cansativo e, além disso, não tinha dinheiro para pagar a psicóloga para ela dar atendimento, os professores também começaram a não dar mais as oficinas...

Mesmo assim a gente ainda conseguiu começar a desenvolver um projeto de geração de renda. Então a mãe que sabia fazer alguma coisa, a gente montava um grupo e ela ensinava aquele conhecimento para as outras, que poderia ajudá-las a se manterem e poderem pelo menos ir visitar os filhos. Ficamos quase um ano lá, mas é como eu dizia para a Sol, não dá para fazer militância com a barriga vazia.

Aí voltamos para cá e o pessoal da Cohab doou um espaço para a gente. Aqui passamos a fazer tudo o que fazíamos no Vilma Flor, mas não conseguimos fazer as oficinas porque tinha gastos que a gente não podia arcar. Então decidimos só acompanhar as famílias no fórum e continuar com o acompanhamento psicológico. Mas a psicóloga teve problema e teve que se afastar. Como ela era voluntária, eu nem tinha como exigir nada.

Durante uma outra reunião, minha fala chamou a atenção mais uma vez porque eu disse que nós queríamos fazer a diferença, que

eu estava cansada de tantas ONGs, as pessoas estavam se tornando ongueiros e as crianças continuavam no meio da ruas, os adolescentes indo para a Febem e esses mesmos adolescentes se tornando jovens adultos e indo para o sistema prisional. Mais uma vez uma Marisa, não a mesma de antes, que estava dando a formação, veio falar comigo depois da reunião, pediu meu telefone e passaram-se sete meses, até que um belo dia, quando eu estava prestes a desistir, ela me ligou e perguntou se eu poderia encontrar com ela no dia seguinte.

Isso tudo foi quando eles estavam formando o Tribunal Popular. Aí participei da formação do tribunal e as coisas começaram a melhorar. Fiquei mais animada, estava conhecendo novas pessoas e pessoas antigas voltaram a se aproximar... A gente ficou mais com a parte de mobilização no Tribunal Popular.

Foi assim também que começamos a rede de familiares no Rio de Janeiro, na Bahia. Esse mês, vamos para o Rio para um ato das Mães de Acari porque nesse ano o caso faz vinte anos e caduca e o processo é arquivado por falta de provas e vítimas. A mãe de Acari que está mais atuante é a Marilene, mas até hoje não encontrou o corpo da filha. É muito sofrimento!

O Tribunal Popular aconteceu em 2008. Várias associações se reuniram para falar sobre alguns temas: a terra, os indígenas, a tortura, presos políticos e denúncias do sistema prisional e da Fundação Casa. Mas o Tribunal Popular foi uma coisa simbólica. E nós colocamos o Estado no banco dos réus. Foi muito legal! Teve toda a articulação, a gente se dedicou muito, fomos atrás de famílias que perderam seus filhos na Febem, de indígenas, vieram pessoas de outros estados. Conseguimos um advogado conhecido para fazer a defesa do Estado e ele ficou numa situação muito ruim. Vieram as entidades e denunciemos juntos tudo o que acontecia, mas foi tudo simbólico. Nessa ação também abriu-se o leque para a AMPARAR. Foram três dias de Tribunal, as pessoas denunciando e mesmo que fosse tudo simbolicamente, foi muito legal! A gente fez toda a panfletagem, divulgamos muito, vieram defensores, promotores e autoridades assistir e todo mundo ajudou.

Uma denúncia que foi feita no Espírito Santo depois, inclusive, foi feita através do Tribunal Popular, pela Maria das Graças, que mostrou tudo o que estava acontecendo lá. O Tribunal foi em dezembro e quando foi em janeiro fomos para o Fórum Social em Belém do Pará. Fomos eu, a Dora e a Débora de Santos, que era responsável pelas execuções sumárias dos ataques do PCC, a líder das Mães de Maio. O que aconteceu foi que falavam que quem matou era o PCC e não o Estado. E foi através das denúncias das mães que perderam seus filhos que se comprovou que o Estado matou muito mais que o próprio PCC.

Depois fomos para o Espírito Santo encontrar a Maria das Graças, que estava muito angustiada porque lá a situação é terrível. Não tem lei! O filho dela foi executado, tinha problemas psiquiátricos, até então os policiais não tinham ido a júri popular. Depois do Tribunal eles foram, mas infelizmente não foram condenados. Foi quando ela denunciou as cadeias do Espírito Santo. A gente conseguiu trazê-la para falar com o presidente dos conselhos penitenciários nacionais e até a fazer uma matéria para a Record. Depois disso conseguiu-se uma reunião em Brasília e por fim as visitas nos presídios. E tinha um processo pior que o outro: era gente sem cabeça, sem partes do tronco, uma coisa terrível!

O bom disso tudo é que começou a mobilizar muitos grupos que estavam isolados e que depois disso começaram a se unir. Fomos diversas vezes para o Rio, eu e a Débora, fizemos um encontro com famílias em Salvador, depois fomos para o júri popular de policiais do Rio que foram condenados pela chacina da Baixada Fluminense.

Mais recentemente teve uma rebelião no presídio de Iaras e uma mãe de preso que mora no Jd. Planalto, perto da Míriam, me ligou e em meia hora tínhamos articulado tudo. Conseguimos marcar uma reunião no Santos Dias, na semana seguinte marcamos com o Hélio Bicudo, com a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, denunciemos tudo que aconteceu lá. As mães e as esposas não sabiam onde os presos estavam, era uma coisa de louco,

mas conseguimos achar todo mundo! Depois teve uma audiência pública sobre os presídios e o próprio pessoal de Iaras viu que a gente tinha um trabalho sério e começaram a denunciar o que acontecia em outros lugares, como em Presidente Venceslau, que é o mais emblemático! Fiz um ofício e mandei para a Comissão de Direitos Humanos, aprovaram nossa visita, eu mesma fui junto...

As coisas melhoraram bastante. Não tenho vínculo nenhum, mas faço parte do coletivo, e tudo que se diz sobre presídio eu tenho autonomia para ligar para a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa. A gente tem parceria com a ACAT também e outras associações.

Hoje a AMPARAR está numa situação muito melhor e quanto a mim posso dizer que estou muito feliz! E esse é o nosso trabalho. A atuação da AMPARAR é mais ampla e abrange qualquer pessoa em situação de risco.

Mas, ser mãe numa situação como essa é algo muito difícil porque mãe nenhuma tem aceitação. Afinal, você cria seu filho para ele ser o melhor da escola, até mesmo um doutor. Hoje meu filho sendo um trabalhador já está de bom tamanho, não precisa ser um doutor. Mas, o fato é que você não cria o seu filho para ele pegar uma arma, colocar na cabeça de uma pessoa e pegar aquilo que não é dele. É muito difícil, mas se eu não der a mão para o meu filho, se eu não ajudar meu filho, não é ninguém que vai ajudar. Ele é o meu filho e eu não posso esquecer disso! Sei que ele foi errado, mas sempre tenho que apoiá-lo buscando caminhos.

É muito difícil aceitar. A gente chega num ponto de se perguntar: “O que eu fiz da minha vida?”. Eu trabalhei como uma louca, fiz tudo que podia e depois olho assim e vejo que não fiz nada. Porque você vê seu filho tomando outro rumo. Você quer que seu filho estude, vá para o baile, tenha suas amizades, seja normal. Só depois você vai tendo a convicção de que mesmo com esses problemas, ele é normal. Mas, você não quer que ele passe para esse outro lado porque é muito sofrimento. É uma coisa que você não sentiu na pele, mas deduz que ele passa.

Por mais que eu tenha dormido na Febem e acompanhado a dinâmica da unidade, eu nunca vou entender isso. Só ele pode falar o que passou. Eu só posso falar do meu sentimento como mãe e se eu não amá-lo, não mostrar caminhos, não der a mão para ele e tentar procurar ajudá-lo, ninguém vai ajudar, porque a única que sobra é a mãe. Na hora do aperto, nem os irmãos querem saber. No caso do Daniel, ele ainda foi feliz porque sobrou para ele duas avós e uma mãe. Então, é muito ruim quando seu filho pega esse caminho de roubo, de droga. É muito sofrimento porque não se tem apoio de ninguém.

Foram muito poucos os casos que eu vi de mães que abandonam o filho. O que a gente percebe é que mesmo no sistema prisional, a mulher até pode abandonar; a mãe não! E a única esperança que ele tem é a mãe. É o que resta para ele. A mãe é tolerante, por mais que o filho faça, foi ela quem gerou, sentiu todas as emoções... E se ela não amparar ele, quem vai amparar? Mais ninguém. O que resta é a mãe, é a única esperança. Tanto que dentro de uma cadeia a mãe é muito respeitada. Uma mãe quando chega é tratada como rainha. A mãe é tudo para eles e isso é dito por todos. O único amor que nunca termina é o da mãe.

PARTE III

ANÁLISE

1. Militância, luta e apropriação institucional

Uma das formas de vivenciar a experiência da maternidade na adversidade, aqui circunscrita às histórias de vida de mulheres-mães de adolescentes em conflito com a lei, é o ingresso em ações de âmbito social. A formação de associações e movimentos de mães se mostra como forma de combater as angústias que, sentidas no nível individual, conquistam alcance coletivo no momento em que o compartilhar de experiências similares faz emergir a solidariedade característica da identificação.

É somente a partir do processo de construção identitária nestas condições excepcionais que podem emergir comportamentos diferenciados dos até então adotados. Assim, mulheres que antes de experienciar a conflitualidade de seus filhos e suas consequências incorporavam os estereótipos tradicionais de que à mulher cabe o espaço da casa e o cuidado dos filhos passaram a agir de maneira diferente. A identificação proporcionada por esse encontro entre mulheres-mães que compartilham experiências oferece o espelhamento necessário para o desenvolvimento do senso de identidade.

Os outros nos são significativos em nossa noção de quem somos, dependemos em grande parte dessas conexões que nos refletem de uma ou outra maneira. Esse reflexo quando positivo gera sentimento de competência e autovalorização do self e quando negativo faz com que o sentimento de valia e competência sejam difíceis de serem mantidos. Essa conexão aliada ao processo de reflexão e observação simultâneas são a base da formação identitária. (DANTAS, 2009, p. 108)

Pudemos verificar que no caso destas mães militantes houve o efeito positivo deste reflexo, como atestam as diferentes formas de atuação que serão apresentadas.

São muitos os exemplos em diferentes momentos históricos e contextos que apresentam a atuação de mães lutando pelos direitos de seus filhos. Casos notáveis como o das Mães da Praça de Maio, na Argentina, fizeram-se sentir sobretudo a partir da segunda metade do século XX, em países que passaram por regimes ditatoriais. A perda dos direitos constitucionais dos cidadãos foi acompanhada por tortura, desaparecimentos e mortes de militantes políticos. Tal qual o exemplo argentino, a atuação de mães solitárias ou organizadas em grupos em diversas ocasiões foi perceptível em diferentes níveis de intensidade.

Dando seguimento a esta linha de participação de mães, há trabalhos que buscam penetrar o universo da família de vítimas na situação de perda violenta, explorando grupos de diferentes gerações, como é o caso de pais, avôs, companheiros e filhos de desaparecidos políticos na Argentina e suas estratégias para conviver com o que Catela (2001) denomina situação-limite.

No Brasil, passado o período ditatorial, as violações de direitos humanos se mantiveram, desta vez não mais direcionadas a estudantes e políticos considerados subversivos, mas aos chamados “criminosos comuns” ou àqueles identificados como tais. Os altos índices de violência policial, bem como a atuação de grupos de extermínio em regiões periféricas das grandes metrópoles brasileiras, a partir da década de 1980, são dados que confirmam a manutenção de tais violações.

É possível dizer e provar que hoje no Brasil existe um processo fragmentado e em crescimento de extermínio de menores infratores ou supostos infratores – uma política que conta com o apoio ou conivência de amplos segmentos sociais, apavorados com a insegurança dos grandes centros urbanos. Conta, sobretudo, com a participação, apoio ou conivência da polícia. (DIMENSTEIN, 2004, p. 14)

O ponto diferenciador, portanto, é objetivo. As vítimas, em geral, não integram famílias das classes privilegiadas da sociedade, como antes. A partir da década de 1980, são os filhos das camadas menos favorecidas os alvos da violência. Neste contexto, surgem movimentos formados por mães que lutam pelos direitos subtraídos de seus filhos.

Este é o caso da AMAR (Associação de Mães e Amigos da Criança e Adolescente em Situação de Risco), organização que cedeu espaço aos primeiros passos da presente pesquisa. Formada no ano de 1999 por mulheres-mães de internos de unidades da antiga Febem, atual Fundação Casa, a AMAR surgiu em momento marcado por intensas rebeliões nas unidades da Febem, entre as quais teve destaque a ocorrida no mês de outubro daquele ano:

Nos dias 23, 24 e 25 de outubro de 1999, a cidade de São Paulo assistiu a cenas dramáticas: a grande rebelião do Complexo Imigrantes da Febem-SP, envolvendo 900 adolescentes, que culminou com o assassinato de quatro internos pelos próprios companheiros. Um deles teve a cabeça decepada e jogada do alto do prédio sobre a polícia e membros do Ministério Público. Um impacto! (TRASSI, 2006, p. 173-4)

A autora nos oferece ainda apontamentos sobre as consequências imediatas do evento no que diz respeito à opinião pública e ao cotidiano de funcionários e internos:

A rebelião foi um espetáculo de horror, documentada pela imprensa em tempo real, mobilizou diversos setores da sociedade e governantes. O saldo foi aterrorizador, muitos funcionários e internos feridos, quatro adolescentes mortos pelos próprios companheiros: a crueldade construída no cotidiano

institucional. A opinião pública se dividia entre a indiferença (a banalização do mal), um posicionamento por práticas mais controladoras e repressivas (a transferência para o sistema penitenciário, a redução da idade penal) e a reivindicação de que o Estado cumprisse sua função de responder pela integridade física e psíquica dos cidadãos sob sua custódia, no caso, os adolescentes. (TRASSI, 2006, p. 174)

Os eventos que tiveram destaque neste período também foram tema do trabalho de Sales (2009), que analisou a “invisibilidade perversa” de adolescentes infratores.

As mães dos internos, apoiadas por membros de organizações de defesa dos direitos humanos, além de integrantes de quadros da própria instituição, preocupados com a situação catastrófica então vivenciada, deram início a um movimento social que conquistou destaque no início da década de 1990. As ações da AMAR tinham como foco a fiscalização das unidades, praticada durante visitas não agendadas, e a denúncia das irregularidades verificadas em tais ocasiões. A abertura e o acompanhamento de processos judiciais se faziam como continuidade destas atividades. Além disso, o apoio jurídico e psicológico oferecido às famílias completava as atividades da associação.

A participação das mães na AMAR foi, desde o início, irregular. A causa para tal situação tem relação direta com a condição de vida destas mulheres. Muitas vezes trabalhadoras que não podiam abrir mão de suas funções ou mesmo sem ter o dinheiro para o transporte, a atuação das integrantes tinha, em geral, a duração da interação de seus filhos.

Para além de tais especificidades, vale ressaltar que as associações que tomam forma na contemporaneidade são marcadas pela fluidez ou, nos termos de Bauman (2003), pela liquidez. A individualidade característica dos tempos atuais acaba por refletir no envolvimento cada vez menos comprometido das pessoas nas comunidades.

Sua participação se restringe ao período de identificação com a causa, a qual pode perder importância de acordo com a realidade vivenciada em cada momento. Para Bauman:

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluido e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofredores: antes os divide e os separa. (BAUMAN, 2003, p. 48)

Se, por um lado, constatamos a instabilidade comunitária nos agrupamentos formados por mães, por outro não podemos desconsiderar o caráter de resistência que movimentos como estes representam. Assim como a AMAR, outras organizações formadas por mães se destacaram no cenário da década de 1990 em diante. A proliferação de movimentos sociais organizados pela sociedade civil demanda atenção e reflexão cuidadosa. Sendo símbolos de resistência, podem também ser concebidos como manifestações superficiais e sem propostas concretas de transformação.

O Rio de Janeiro foi cenário do surgimento de pelo menos dois movimentos de mães militantes – As Mães de Acari e o Movimento Moleque. Ambos foram objetos de estudo de trabalhos acadêmicos (FREITAS, 2000; LIRA, 2006; ARAÚJO, 2007), os quais buscaram destacar as características peculiares da identidade de mulheres-mães engajadas em movimentos sociais de luta pelos direitos de seus filhos. Designadas como “mães em movimento” (ARAÚJO, 2007), “mães em luta” (FREITAS, 2000) ou “mães-liderança” (LIRA, 2006), estas mulheres contribuíram para ressignificar o papel social da mãe e da mulher em nossa sociedade.

Uma das maneiras de qualificar a postura em questão é enquanto um tipo de maternidade que seria social:

A maternidade social faz surgir a necessidade de vincular grupos de mães com base no interesse comum de modificar a forma como seus filhos são tratados pelo sistema socioeducativo. (LIRA, 2006, p. 35)

A autora toma como base em sua pesquisa as experiências de mães que lideram o Movimento Moleque, criado em condições semelhantes ao surgimento da AMAR em São Paulo. A constatação de irregularidades no sistema socioeducativo no Rio de Janeiro e a prática constante de violações de direitos de internos foi o ponto de partida para que estas mães se unissem para lutar contra tais irregularidades.

A decisão por ingressar em organizações que se posicionam contrárias às condições em que vivem ou morrem seus filhos podem ser entendidas como uma estratégia frente ao trauma vivenciado. Sendo este um dos comportamentos possíveis da maternidade na adversidade, vale refletir sobre quais os desdobramentos da opção de levar a conhecimento público suas histórias de vida. Primeiramente, é uma etapa que sucede a fase do medo e da vergonha. Em geral, estas mulheres, antes de se tornarem ativistas, fazem o possível para não acreditar na situação em que se encontram seus filhos e, quando admitem finalmente a situação, esta muitas vezes já se encontra em estágio avançado. A vergonha em assumir diante dos olhos dos outros a conflitualidade de seus filhos é motivo de outro sentimento: a culpa.

Tais fases por que passam grande parte das mães de adolescentes em conflito com a lei remetem a ideais de família que, desde tempos passados, foram impostos à sociedade brasileira. A responsabilidade da mãe pelo sucesso ou fracasso da família – sobretudo dos filhos – conduz diretamente à culpa desencadeada nos casos em que o sucesso não é conquistado.

Estamos diante de mulheres que não tiveram o projeto da família ideal efetivado. Sua forma de sobreviver ao trauma foi agir em âmbito coletivo, o que foi possível pela participação em movimentos sociais de luta pela defesa dos direitos de seus filhos. Assim como

o lema feminista “o pessoal é político”, foi expondo sua experiência pessoal que estas mães, ao se identificarem, transpuseram sua causa para o nível coletivo.

A criação de ONGs e associações diversas cujos objetivos se concentram em defender os direitos humanos de crianças e adolescentes ganha aos poucos caráter institucionalizado. Isto poderia remeter à submissão por parte das mães militantes aos rigores inerentes a tais tipos de organização. Entretanto, a proliferação de organizações com projetos de luta semelhantes dão pistas de outra forma de estabelecer vínculo com suas respectivas causas.

Não são poucos os casos mesmo de dissidências no interior dos próprios grupos, como aconteceu com o Movimento Moleque e mesmo com a AMAR. Em hipótese alguma este tipo de consideração pretende oferecer juízos de valor a respeito de cada associação, valendo ressaltar que em todos os casos o que é perceptível positivamente é a verificação da apropriação por parte destas mulheres dos movimentos sociais aos quais se vinculam e não o contrário.

Análises superficiais podem induzir à ideia de que a participação em organizações como as aqui apresentadas tem a ver com a submissão das integrantes a pressupostos institucionais. A história oral, que tem preocupação em conhecer a variedade das versões a respeito das experiências de vida, nesta pesquisa permitiu reconhecer um tipo de envolvimento socialmente ativo caracterizado pela autonomia das mulheres-mães militantes.

A subversão institucional representa ainda outro papel desempenhado por estas mulheres que, não somente encontram nos movimentos sociais espaço para a identificação e o desabafo, mas também lugar de participação política onde podem estabelecer seus parâmetros de atuação. São os seus interesses os que devem prevalecer nas causas da instituição e não o contrário. A existência de diversos grupos que buscam constituir perfis que contemplem as necessidades das envolvidas é, desta maneira, mostra de sua apropriação dos movimentos sociais de acordo com suas necessidades específicas.

2. Gênero e geração: diálogos não convencionais

O projeto de pesquisa que serviu de base para o desenvolvimento deste trabalho, até por pouca experiência na ocasião de sua elaboração, não previu recortes claros a respeito das questões de gênero. Era sabido desde o princípio que trabalhos que têm como ponto de partida o tema “mulheres” acabam por ser considerados “de gênero”. Quando o senso comum é substituído pela pesquisa bibliográfica, outros horizontes se apresentam: há trabalhos de gênero e trabalhos sobre mulheres. Ao nos apoiarmos no chão historiográfico temos gênero ou história de mulheres?

Ao deparar-me com tal indagação notei que desenhava um trabalho sobre mulheres. O gênero, contudo, sendo tema no mínimo paralelo, apresentava-se constantemente como possibilidade não explorada de forma convincente. Afinal, ao nos referirmos ao termo *gênero* temos como impressão imediata a ideia da relação entre homens e mulheres de uma mesma geração. Não é por acaso que grande parte da produção que tem o termo gênero como denominação trata das relações entre homens e mulheres que possuem ligação matrimonial e seus similares ou aquelas estabelecidas em ambientes compartilhados, tais como o local de trabalho ou a escola.

A educação dos filhos também tem se mostrado ambiente propício para a discussão de gênero, sobretudo em momento de redefinições dos papéis de homens e mulheres enquanto construções ancoradas na experiência vivenciada na infância.

No caso da presente pesquisa, o tema em questão ganha feições não convencionais. Gênero aqui pode ser vislumbrado a partir de uma relação específica, cuja experiência é pautada no contato entre a mulher-mãe e o filho homem, aspecto que envolve também uma relação que remete aos conflitos geracionais.

Quando fizemos a opção por adentrar o universo das mães de adolescentes em conflito com a lei, não o restringimos a mães de meninos. Entretanto, o andamento da pesquisa nos colocou diante desta realidade. O maior envolvimento de meninos com atos infracionais pode ser uma das explicações:

O número de meninas na criminalidade é bem menor, segundo informações de policiais, educadores e juizados de menores. Estatística da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro sobre homicídios dolosos contra menores mostra que de cada 10 mortes, uma vítima é do sexo feminino. São raras as meninas que aparecem na lista de assassinatos por grupos de extermínio. (DIMENSTEIN, 2004, p. 21)

Coincidência ou não, fato é que nos deparamos com uma relação de gênero pouco abordada pela literatura especializada. A mulher é aqui procedente de uma geração diferente do homem. Causa mesmo estranhamento denominar “homens” meninos que tampouco puderam chegar à idade adulta.

O impasse estava dado. Não havia alternativa que não nos colocasse diante de uma relação que comporta questões não somente de gênero, mas de geração. Para além da especificidade da relação maternal, os papéis assimilados socialmente como projetados para homens e mulheres assumem uma cor que pede reflexão mais apurada.

Ribeiro (2006), em pesquisa etnográfica realizada com crianças de uma comunidade praieira da Bahia sobre a construção social das diferenças de gênero entre meninos e meninas, aponta para a existência de um sistema de gênero brasileiro que seria marcado por “conflitos geracionais na delimitação do que seria próprio dos homens e das mulheres, o que relativiza a legitimidade das ações que diferenciam o mundo masculino e o feminino” (*Ibid.*, p. 156). Desta maneira, considera-se que:

Quanto mais cedo melhor para as crianças não só observarem as práticas de seus genitores, mas para incorporarem as idealizações e representações transmitidas pelas gerações mais velhas. (DIMENSTEIN, 2004, p. 156)

Falamos a partir de uma sociedade que, a despeito de considerar superados certos preconceitos, os aponta com frequência inquestionável. Se nos ativermos somente à educação oferecida e diferenciada para meninos e meninas, temos material suficiente para apontar diferenças substanciais acerca do que é apropriado para um grupo ou para o outro. Os múltiplos resultados possíveis a partir de tais pressupostos saltam aos olhos em casos conhecidos por seu grau de sensacionalismo quando estes chegam aos meios de comunicação, mesmo que sabidos como frequentes em situações obscurecidas ou pouco refletidas por não condizerem com os padrões ideais.

As consequências na educação diferenciada entre meninos e meninas são vastamente discutidas pela Psicologia. Na presente pesquisa interessa adentrar no aspecto que conjuga tal diferenciação, mas que a vincula com a variação geracional, apresentada pela relação entre mães (mulheres) e filhos (homens).

A construção dos papéis sociais mostra-se algo amplamente aceito, de modo que se torna trivial o que esperar dos futuros meninos e meninas. Mas, quem está por trás de tal projeto? A família pode ser uma resposta simplificadora. A mãe, enquanto figura que desde algum tempo assumiu a responsabilidade não somente pelo bom andamento familiar, mas pelo destino da prole, nos oferece pistas para compreender o que se passa com as mulheres-mães colaboradoras da presente pesquisa.

Data do século XVIII a mais visível imposição do papel da mulher enquanto sujeito privilegiadamente atrelado a casa e à família. Muitos são os exemplos oferecidos por pesquisas de abordagens variadas que verificam em distintos momentos e contextos posturas femininas pouco afeitas ao trato da casa e dos filhos. O abandono

de crianças e a indiferença que estas despertaram durante muito tempo denotam o aspecto “inventado” da noção da mulher enquanto esposa, mãe e figura vinculada inexoravelmente ao espaço privado.

Por próxima que seja esta datação, não se pode negar que o peso da tradição repousa de maneira notável sobre as mulheres de nosso tempo. As transformações na posição da mulher enquanto mãe ganharam contornos tão nítidos que se mostra difícil rejeitar tal papel em nossa sociedade. Uma vez assumida a trajetória idealizada para a mulher, esta se torna não somente mãe biologicamente, mas tem como dever intrínseco ser mãe incondicionalmente. Posto isso, deve não apenas parir, mas criar os filhos desde tenra idade até que estes se tornem adultos. Nesta trajetória, passa a ser responsável pelos destinos dos filhos. Seu sucesso ou fracasso são indissociáveis de sua capacidade enquanto mãe.

E quando o projeto concebido de antemão não se concretiza? E quando os meninos e meninas não se tornam as mulheres e homens esperados pela sociedade? A culpa é de quem? Aqui temos algo que atinge diretamente nossa pesquisa.

Falamos de mulheres “feitas” que são responsáveis por futuros homens. E quem são, ou devem ser, de acordo com os estereótipos arraigados, os futuros homens? Minimamente devem ser trabalhadores (e aqui são indiscutíveis os parâmetros capitalistas) e “pais de família”. O que fazer quando este projeto não se cumpre? O que fazer ou dizer quando o menino não se transforma no homem que a sociedade e a família esperam?

Ouvir mães de adolescentes em conflito com a lei nos defronta com tal problema. O que sentem estas mulheres que nasceram e cresceram em uma geração ainda não acostumada com os questionamentos feministas acerca do papel social da mulher? Como equacionar a experiência que mistura a tradição e o novo? Estamos falando de mulheres que nasceram pouco antes ou depois da década de 1970. Algumas eram ainda crianças quando um número restrito, porém de alcance inestimável de mulheres, veio a público exigir direitos ao menos iguais aos dos homens. Sabemos que as transformações

conviveram e convivem com a tradição, mesmo que esta esteja fundada em mitos e invenções.

Estas mulheres, que aqui mostram a vitalidade de sua vivência, são contemporâneas destas condições. Em suas narrativas deixam claro os preceitos de sua formação. São mulheres, mas depois de terem filhos, são mães. Sua geração assim as orientou e quem somos nós para questionar?

Sendo mães devem se responsabilizar pelo caminho de seus filhos, que devem ser pessoas “de bem”. Caso não o sejam, a culpa indiscutivelmente é da mãe. Pode-se até transferir a responsabilidade para algum episódio trágico vivenciado na família, mas o que se percebe mesmo nas entrelinhas é a culpa ou assumida pela figura da mãe ou a ela apontada.

A geração dos filhos, os meninos, por sua vez, também aglutina tradições e rupturas. O contexto atual facilita o contato com as descobertas tão caras a pessoas que estão experimentando as sensações pela primeira vez. O mesmo contexto edifica as diferenças entre as classes sociais e estimula a busca pelo “direito” de consumir, seja qual for o meio para sua realização.

O termo adotado para designar os filhos das colaboradoras da pesquisa é “adolescente”, num sentido amplo que não pretende incrementar as controvérsias sobre a idade cronológica desta fase da vida. Ainda que para algumas mães o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) seja uma importante referência, não há no âmbito da pesquisa a necessidade de enrijecer algo que podemos considerar um ponto subjetivo.

A situação mais uma vez expõe convicções carregadas do passado perante possibilidades visualizadas no presente. Mãe e filho se entreveem sem compartilhar os mesmos códigos. A comunicação não é mais a mesma. Como penetrar no universo daquele que já foi tão próximo? A impossibilidade de comunicação não é a única coisa que reverbera. As consequências podem ser a distância suficiente para um afastamento nunca reconquistado. Mais que isso, podem representar um projeto de vida nunca concretizado. O menino pode

não se tornar um homem, menos ainda um “pai de família”. O menino pode se tornar um infrator. A lei pode julgá-lo e condená-lo a viver longe da família e, sobretudo, da mãe. Não é por acaso que as filhas das instituições possuem maioria arrebatadora de mulheres-mães. Culpa ou amor incondicional?

A morte aparece como uma situação traumática e que marca de forma sensível a vida de mulheres que perderam seus filhos, assim como daqueles que com eles conviviam, como é o caso dos irmãos e amigos. Este também não era um pressuposto da pesquisa, entretanto, no desenrolar da realização das entrevistas, deparei-me com a repetida experiência da morte do filho. O luto materno colocou-se como elemento indissociável das histórias de vida destas mulheres. Morte e adolescência soam como polos opostos, cujo cruzamento aponta para algo não natural. Isto porque a adolescência

[...] é um momento da vida muito idealizado pela representação de força, saúde e beleza; cobiçado pela mídia e pelos ideais de consumo. Assim, incentiva-se a ideia de que o jovem está na melhor fase de sua vida e este pode sentir uma grande dificuldade de ingressar no mundo adulto, que exige mudança de postura em relação a deveres e responsabilidades. (RODRIGUEZ, 2008, p. 19)

A geração dos filhos destas mulheres possui outros parâmetros para buscar o futuro, e talvez nem vislumbrem o futuro. O momento e sua liquidez convidam à ausência de limites, muitas vezes colocados por outra geração, mais acostumada com a calma dos projetos pensados e digeridos ao sabor do tempo.

Para além das especificidades geracionais, no que diz respeito ainda aos filhos, é preciso considerar as condições estruturais em que estes vivem. O contexto da passagem do século XX para o XXI é representativo por ser um momento em que as desigualdades socioeconômicas e o aumento indiscutível da violência oferecem um

mundo que convive com o paradoxo do aumento da expectativa de vida junto ao aumento da mortalidade entre os jovens.

Desde 1960, os adolescentes são o único grupo populacional a experienciar um aumento da mortalidade. O aumento dessas taxas é resultado de acidentes, homicídios, suicídios, complicações da gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e problemas relacionados a abuso de substâncias. (RODRIGUEZ, 2008, p. 22)

A situação adversa da vivência da maternidade aqui abordada tem relação direta com as escolhas e desdobramentos das vidas de seus filhos, que por algum motivo se viram em conflito com a lei. O uso de drogas e o envolvimento com a criminalidade são os principais desencadeadores que aparecem nas narrativas das colaboradoras, o que corrobora alguns apontamentos que tentam explicar as características particulares da adolescência.

O paradoxo da vida e da morte na adolescência está presente. Há uma busca intensa pela vida, com sentimentos de onipotência e ideias de imortalidade, o que acaba levando a uma aproximação dos perigos e à possibilidade da morte. (*Ibid*, p. 39)

A morte precoce aparece em três das seis entrevistas realizadas durante a pesquisa e suas causas, a partir da perspectiva materna, reiteram as ideias expostas que misturam onipotência e fragilidade, também relacionadas com aspectos socioeconômicos. As particularidades do universo da adolescência não podem, com isso, ser separadas das histórias de vida das mães, sobretudo diante de uma abordagem que relaciona gênero e geração.

Falamos de gênero, mas falamos de geração. A convivência de mulheres e homens, por óbvia que seja, carrega significados distintos

quando outros referenciais são conjugados. O aspecto geracional aqui abordado fala de mães e filhos, mas também de mulheres e homens. Não é convencional, porém atinge a presente discussão como algo esclarecedor de que é preciso ir além do debate de gênero, que perfila homens e mulheres em relações baseadas em problemáticas concernentes a uma mesma geração ou pelo menos a uma mesma faixa etária.

Para tentar capturar, apreender o adolescente e suas novas formas de “estar no mundo” é necessário considerar, por exemplo, a revolução no papel da mulher na segunda metade do século XX, porque seus novos lugares e conquistas têm importantes desdobramentos na família – lugar social e de origem e filiação do adolescente – enquanto relação de gênero e geração. (TRASSI, 2006, p. 12)

Ainda que a escolha tenha sido o recorte baseado nas experiências das mães, era sabido que elementos concernentes à família e aos próprios filhos se faziam fundamentais. Os filhos aqui ocupam espaço indiscutivelmente atrelado à experiência da maternidade na adversidade, afinal é na relação exposta que se desenham as narrativas construídas. É, pois, na história do tempo presente que se verificam as condições que são pano de fundo para os conflitos geracionais apresentados.

As mudanças observáveis nos padrões de conduta e de relações humanas estão imbricadas com os novos valores de socialização das novas gerações em que se prioriza a independência, a autonomia, ou seja, uma alteração significativa nas funções parentais e no intercâmbio entre gerações, com seus efeitos sobre as atribuições tradicionais do cuidar, do controle e da autoridade dos mais velhos sobre os mais novos. (*Ibid.*, p. 13)

3. O amor materno: o mito e suas releituras

Um dos pontos centrais da pesquisa foi a reflexão acerca do mito do amor materno. O tema, que chamou atenção desde a composição do projeto, foi a cada etapa considerado tanto a partir da bibliografia consultada quanto à luz das experiências das mulheres-mães de adolescentes em conflito com a lei.

As histórias de vida que compuseram o trabalho claramente apontam para um posicionamento por parte das mães entrevistadas como de protetoras de seus filhos. Frequentemente mencionado, o amor pelo filho, a despeito de condições excepcionais, pode ser percebido como elemento modelador das identidades constituídas a partir da experiência da maternidade na adversidade. Mais que isso, em alguns casos foi o ponto de partida para mudanças radicais em relação à participação social, visivelmente identificada na militância de algumas mães.

Podemos afirmar, portanto, que o amor materno está presente em todas as narrativas apresentadas. Consideramos, tendo como base a proposição de Badinter (1985), que assim como quaisquer sentimentos humanos, o amor da mãe pelo filho é uma possibilidade, a qual pode ganhar intensidade ou não. A incondicionalidade do amor materno constituiria, desta forma, um mito. Condições adversas poderiam indicar uma maior propensão para a perda de estima por aquele que causa as dificuldades. O que vimos ao longo do processo de pesquisa, entretanto, foi o contrário. O filho envolvido com a conflitualidade, desencadeador de sentimentos como a dor, o sofrimento e a culpa, mostra-se alvo de maiores cuidados e preocupações, como atestam as atitudes tomadas por parte das mães.

Se o amor materno é uma possibilidade dentre tantos outros sentimentos, como explicar sua permanência em condições adversas, aqui expressas nas histórias de vida de mães de adolescentes em conflito com a lei? Para chegar a uma resposta, este capítulo explora a constituição do que podemos identificar como mito do amor materno, seus questionamentos e suas ressignificações ao longo de diferentes momentos históricos.

Importa desde o princípio esclarecer que não se busca advogar suposta falsidade nos sentimentos vivenciados e compartilhados entre mães e filhos. Ao contrário, o que se deseja é compreender como, de sentimento possível e real, o amor da mãe pelo filho constitui-se como uma obrigação social, cujo descumprimento desencadeia uma série de severas críticas às mulheres que porventura não reproduzam as expectativas.

Entendemos que a origem da construção do amor materno enquanto mito remonta a meados do século XVIII e tem na publicação do *Emílio* de Rousseau seu marco histórico. É nesta obra do filósofo francês que se encontra a legitimação para toda uma série de normas que gradativamente passaram a direcionar as ações das mulheres, sobretudo das mães.

É possível, contudo, encontrar em momentos muito anteriores figuras maternas nas quais podemos identificar raízes para diversos mitos que envolvem a mãe. Um dos mais representativos remete à história de Deméter e Perséfone e oferece elementos para a identificação do mito da “Mãe-terra”. O amor da mãe pela filha, neste contexto, interfere mesmo na ordem natural das coisas e, na Antiguidade Clássica, dava conta de explicar as mudanças climáticas expressas nas estações do ano.

A identificação da mulher com a natureza em oposição à relação do homem com a cultura tem oferecido material para a construção de papéis sociais específicos para cada um e, mais que isso, para a justificação de sua naturalidade. A maternidade, enquanto destino biológico e socialmente desejado para as mulheres, contudo, deve ser observada em perspectiva histórica para que possamos entender

o que aconteceu a partir século XVIII a ponto de tornar o amor materno algo praticamente incontestável.

Paralelamente a mitos como o de Deméter e da *mater dolorosa*, cuja figura principal é a da Virgem Maria, a vivência da maternidade na Antiguidade e na Idade Média podia ainda expressar outras possibilidades. O amor e o sofrimento da mãe em relação aos seus filhos, por mais que sempre tenha existido, não impediu, por exemplo, que o abandono de crianças fosse uma prática não somente constante, mas socialmente aceita.

Ricos e pobres abandonavam filhos na Roma Antiga. As causas eram variadas: enjeitavam-se ou afogavam-se as crianças malformadas; os pobres, por não terem condições de criar os filhos, expunham-nos, esperando que um benfeitor recolhesse o infeliz bebê; os ricos, ou porque tinham dúvidas sobre a fidelidade de suas esposas ou porque já teriam tomado decisões sobre a distribuição de seus bens entre os herdeiros já existentes. (MARCÍLIO, 2006, p. 25)

As transformações atreladas à cristandade não se mostraram suficientes para sua interrupção. Diante de outras necessidades que se mostravam mais imediatas, a responsabilidade com relação aos filhos acabava sendo secundária e o abandono se mostrava alternativa da qual frequentemente lançavam mão diversas famílias. A pobreza, durante muito tempo entendida como motivo aceitável para o abandono dos filhos, deu espaço para o surgimento de atitudes complementares que buscavam amenizar as consequências do abandono, entre as quais podemos destacar as ações beneficentes.

O significado da beneficência parece conter, nos primeiros séculos da Idade Média, uma contradição interna. Os bens e as rendas da igreja, bem como as obras de misericórdia dos fiéis, eram destinados a

corrigir as desigualdades sociais, mas não a suprimi-las. (*Ibid.*, p. 31)

Marcílio, ao traçar o percurso da infância abandonada da Antiguidade aos nossos dias, oferece material precioso que demonstra que o abandono de crianças, de fato considerado aceitável em tempos passados, passou a constituir feição de preocupação social e constituiu-se mote para a caridade e para a filantropia até atingir estatuto de política pública.

Antes disso, foi preciso um longo percurso até que a criança fosse considerada alguém que necessitava de atenção diferenciada e cuidados especiais.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas, os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 2006, p. 28)

É possível identificar durante a Idade Média a manutenção do abandono de crianças acompanhada ainda pela ausência de uma noção de infância enquanto período diferenciado da existência humana. Algumas justificativas para a falta de sensibilidade com relação à infância, expressa inclusive pela indiferença diante das altas taxas de mortalidade infantil, podem apresentar explicações de caráter demográfico.

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XIII ao XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade

que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (*Ibid.*, p. 25)

A situação marginalizada das crianças até período recente indica posturas maternas que se distanciam sensivelmente do amor incondicional da mãe pelo filho. Afinal, de acordo com os preceitos que regem o mito do amor materno, não seria possível uma mãe abandonar seu filho, independente da motivação; menos ainda ser indiferente à sua morte. As condições históricas e sociais apontam para a formação e transformação de estereótipos ao longo do tempo e a figura da mãe tem aí destaque considerável.

Além das posturas de possível identificação na relação mãe-filho, a rejeição à maternidade aparece também em condições nas quais as mulheres não são mães, inclusive em situações inusitadas como a da vida religiosa.

Em geral pode-se postular que a vida monástica era uma forma socialmente aceita para as mulheres que pretendiam escapar do matrimônio e suas cargas maternas, substituindo-o por uma maternidade simbólica. (JULIANO, 2010, p. 48)

Se até aqui abordamos situações que denotam a existência de múltiplas tendências com relação ao comportamento de mulheres-mães, o que esclareceria a especificidade do século XVIII para o surgimento do mito do amor materno e, mais que isso, como explicar sua intensificação e manutenção até nossos dias, a despeito das críticas e questionamentos observáveis ao longo do período?

Eric Hobsbawm, em sua análise sobre a invenção das tradições, fornece elementos que indicam algumas possibilidades de interpretação. Segundo ele,

[...] é o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea. (HOBSBAWM, 2008, p. 10)

O século XVIII sem dúvida representa momento caracterizado por importantes transformações, sobretudo no mundo ocidental. Denominado pelo mesmo autor como “Era das Revoluções”, é período em que novidades e tradições convivem e se chocam constantemente. Diante de tantas mudanças, a necessidade de conferir legitimidade ao novo torna urgente a identificação com elementos tradicionais, o que explicaria a proliferação de tradições principalmente do século XIX em diante.

Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem identidade e coesão social, e que estruturassem relações sociais. (*Ibid*, p. 271)

Sua análise, embora esteja centrada em aspectos dos Estados Nacionais em ascensão, permite reflexão ampliada e que contempla a questão do mito do amor materno. Seria o amor materno uma tradição inventada? É sobre tal indagação que nos debruçaremos para buscar compreender a experiência de mulheres-mães de adolescentes em conflito com a lei que colaboraram com a pesquisa.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e

normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (*Ibid.*, p. 9)

Partindo do conceito proposto, é possível perceber algumas similaridades entre as tradições inventadas estudadas por Hobsbawm e o mito do amor materno, construção social, de acordo com Elizabeth Badinter. Foram vários os exemplos apontados que procuram dar conta de demonstrar a inexistência de um padrão de conduta entre as mulheres-mães antes do século XVIII. Ao contrário, o que foi possível verificar diz respeito à pluralidade de comportamentos, os quais vão sendo paulatinamente moldados, inicialmente com as transformações relativas à concepção da infância.

Num segundo momento, mais explicitamente voltado para a mulher-mãe, está a postura diante da amamentação. Possivelmente este seja o ponto crucial a partir do qual todo o ritual ligado à maternidade sofre transformações indiscutíveis. Atualmente sabe-se dos benefícios do leite materno para a saúde da criança, mas mesmo antes de tais constatações os cuidados diretos da mãe para com o filho, em que a amamentação ocupa espaço privilegiado, deixaram de ser tarefa inadequada para uma mulher de sociedade e passaram a constituir o comportamento correto para aquela que viria ser a mãe de família ideal.

Ser a própria ama de seus filhos ou, se dispunham de meios, fazer vir a domicílio uma mulher do campo. Nos dois casos, a mãe urbana fazia um novo esforço, maior ou menor segundo a solução escolhida, aceitando tomar conta do bebê, julgado um estorvo algumas décadas antes. (BADINTER, 1985, p. 203)

Tais mudanças se fizeram sentir de maneira desigual nas diferentes camadas sociais. No caso da sociedade francesa, base do estudo de Badinter, a nova mãe é a mulher da burguesia:

A mãe moderna pertence à média burguesia, mais apegada às virtudes austeras do que aos sucessos pessoais, mais à vontade no Ser e no Ter do que no Parecer. Mais provinciana do que parisiense, sua casa é um universo fechado em que ela reina soberana. (*Ibid.*, p. 217)

É, portanto, no século XIX que as prescrições filosóficas sobre o comportamento ideal da mulher são complementadas pelo discurso médico e mesmo político. A biologização do destino das mulheres, que encontra na maternidade seu principal reflexo, seria o mote indispensável para distanciá-las de quaisquer outras atividades de caráter público.

Hobsbawm identifica neste período uma produção em massa de tradições, as quais poderiam ser originadas oficialmente (políticas) ou não-oficialmente (sociais),

[...] sendo as invenções oficiais – que podem ser chamadas de “políticas” — surgidas acima de tudo em estados ou movimentos sociais e políticos organizados, ou criadas por eles; e as não oficiais – que podem ser denominadas “sociais” – principalmente geradas por grupos sociais sem organização formal, ou por aqueles cujos objetivos não eram específica ou conscientemente políticos... Essa distinção é mais uma questão de conveniência do que de princípio. Pretende chamar a atenção para duas formas principais da criação de tradições no século XIX, ambas reflexos das profundas e rápidas transformações sociais do período. (*Ibid.*, p. 271)

As transformações sociais e seus desdobramentos certamente interferiram nas relações entre as pessoas. Os comportamentos considerados adequados para cada grupo, por sua vez, respondem a

necessidades diversas que incluem questões econômicas, políticas e sociais. Neste sentido, os diferentes discursos que buscam normatizar os papéis sociais ganham força e o amor materno incondicional pode ser percebido como constitutivo de uma série de elementos que buscam naturalizar o destino da mulher enquanto mãe e esposa.

Tomando como exemplo o duplo processo de invenção de tradições apontado, é possível sugerir que a construção e o fortalecimento do mito do amor materno, neste contexto, sofre influências tanto no aspecto político quanto no social. A institucionalização cada vez mais nítida dos discursos (aspecto político) é acompanhada pela absorção por parte da sociedade do que é considerado correto e refletido nas ações e comportamentos cada vez mais semelhantes entre as mulheres (aspecto social).

Seguros de suas certezas, os ideólogos do século XIX aproveitaram a teoria da mãe “naturalmente devotada” para estender ainda mais as suas responsabilidades. À função nutritícia, acrescentaram a educação. Explicaram às mulheres que elas eram guardiãs naturais da moral e da religião e que da maneira como educavam os filhos dependia o destino da família e da sociedade. (BADINTER, 1985, p. 256)

A pressão ideológica para a constituição de um papel social da mulher estritamente vinculado à maternidade ganha fôlego com as teorias psicanalíticas, objeto constante da crítica formulada por Badinter, para quem “a psicanálise não só aumentou a importância atribuída à mãe, como ‘medicalizou’ o problema da mãe má” (*Ibid.*, p. 296).

Durante o século XX ganham forma diversas teorias sobre a maternidade e sobre a maternagem, entendida como o cuidado com as crianças. Ainda que a capacidade de maternar seja estendida a qualquer pessoa, seu desempenho está preferencialmente vinculado à figura da mãe.

Em trabalho desenvolvido com mães de jovens envolvidos com o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, Gandur aborda diversos aspectos ligados à maternagem como mais uma atribuição da mãe. Citando Winnicott (2005), aponta para as consequências da ausência da mãe, a qual pode provocar a delinquência dos filhos.

É o fracasso da mãe em propiciar um “ambiente bom o bastante” que leva os filhos à perda da capacidade de envolvimento afetivo e a sua substituição por angústias e por defesas cruas, tais como a delinquência, manifestada na tendência antissocial, na mentira e no roubo. (WINNICOTT, *apud* GANDUR, 2008, p. 41)

A proliferação de manifestações que conferem à mãe cada vez maiores responsabilidades sobre os filhos ganha nitidez durante o século XX e se desdobra em sentimentos contraditórios, entre os quais a culpa ganha destaque, sobretudo quando o filho não alcança os objetivos lançados pela sociedade como ideais.

Mas, como poderá uma mulher saber que expiou suficientemente e que se sacrificou o necessário para cumprir seus deveres maternos? A resposta lhe é dada pelo filho. Como o destino físico e moral deste depende totalmente dela, o filho será o sinal e o critério da sua virtude ou de seu vício, de sua vitória ou de seu fracasso. A boa mãe será recompensada e a má será punida na pessoa do filho. Uma vez que “o filho vale tanto quanto a mãe” e que a influência desta é absolutamente determinante, só depende dela que seu filho seja um grande homem ou um criminoso. (BADINTER, 1985, p. 272)

Vê-se que a responsabilidade da mãe cresceu substancialmente e paralelamente ao enraizamento do mito do amor materno. Não é

por acaso que tais concepções são acompanhadas de verbalizações de caráter popular que buscam materializar o significado da maternidade e possivelmente sejam sugestivas para compreendermos a maternidade adversa vivenciada pelas colaboradoras da presente pesquisa.

“Padecer no paraíso” é a expressão que melhor definiria a maternidade, envolta por dores e delícias que somente a mulher-mãe seria capaz de sentir. Ao aceitar esta condição, a mulher-mãe fatalmente considera justa qualquer situação que venha a experimentar promovida por ações de seus filhos. Mais que isso, a tal responsabilidade a ela atribuída sobre o destino da prole poderia justificar suas atitudes para contornar os desvios sofridos na trajetória do próprio filho.

A militância, fortemente presente na narrativa de quatro das seis colaboradoras, pode assim ser entendida como uma estratégia utilizada por estas mães para consertar o que deu errado. Está aí implícita sua responsabilidade. Possivelmente indique seu sentimento de culpa na medida em que a escolha da luta pelo filho implica na renúncia a suas experiências enquanto mulheres. Mesmo que tal opção signifique mudanças complementares refletidas na identificação com a participação em movimentos sociais, é na experiência primeira da frustração do ideal de cumprimento do dever de “boa mãe” que estas circunstâncias se originam.

O amor de mãe, incondicional, repleto de sofrimento e aceitação, tal qual o mito, surge como pilar das narrativas das mulheres-mães de adolescentes em conflito com a lei e molda suas identidades. Entretanto, não é como mito e sim com a concretude da experiência vivida que estas mulheres são mães e amam seus filhos. A repetição da especificidade do sentimento característico da mãe presente em todos os relatos indica a crença de que ser mãe realmente é padecer no paraíso.

A verificação da manutenção e ressignificação do mito do amor materno deve considerar, contudo, as investidas no sentido de desnaturalizar a maternidade enquanto destino indiscutível das mulheres.

O movimento feminista foi responsável por produzir diversas críticas e propor novas teorias a este respeito, mas o que temos hoje? A literatura, embora contribua indubitavelmente, não dá conta de esboçar o que sentem ou tentam sentir as mulheres-mães em sua saga individual e coletiva.

A história oral, chave-mestra para desvendar inquietações que ganham forma no tempo presente, serviu não apenas como procedimento adotado, mas iluminador diante da possibilidade de descortinar o que o mito e mesmo suas contestações não permitem ver de forma simplificada.

A experiência de ser mãe, enquanto algo majoritariamente vinculado à mulher, foi a fonte das principais indagações da pesquisa. O que é ser mãe nos nossos tempos? Mais que isso, o que é ser mãe em situação-limite, pautada na impossibilidade de vivenciar todos os elementos atribuídos pela sociedade à maternidade. Com isso, referimo-nos à possibilidade de corresponder às manifestações consideradas adequadas à condição de mãe. Estas, por sua vez, misturam-se constantemente aos ideais de sensibilidade, compreensão, amor e, sobretudo, proximidade. Afinal, para que os atributos listados possam se efetivar, a presença da mãe, se não imprescindível, é algo pelo menos desejável. Lidamos, entretanto, com uma condição em que a maioria dos itens apontados é não somente dificultada, mas impossibilitada. Em alguns casos, de forma irreparável.

Como concretizar o plano primeiro de ser mãe incondicionalmente? E como fazer o projeto de família ideal chegar ao seu destino? As colaboradoras da pesquisa e suas histórias dão conotações de realidade a uma situação que se repete constantemente em nosso cotidiano.

Ao passo que essas trajetórias nos projetam seu peso de realidade, damo-nos conta de que há uma dissonância entre o que é vendido pela publicidade, almejado como desejável na experiência compartilhada entre mãe e filho, e aquilo que atinge de forma incontestável grande número de famílias, mães e filhos, ainda que não se dê de forma majoritária (MARGOLIS, 1985).

A impossibilidade de tornar palpável o que se mostra desejável na relação maternal ganha contornos de violência. Impedir a mãe de cuidar de seu filho, levando em conta seus diversos desdobramentos, coincide mesmo com a violação de um direito que é seu e que lhe foi dado desde muito tempo pelo próprio mito edificado socialmente. Ao imprimir à mãe o papel de responsável pela procriação e, posteriormente, pela criação e educação da prole, a sociedade dita regras e normas que passam a fazer parte do repertório de referências das mulheres que se tornam mães. Uma vez que isso é tido como um dado, estranha observar quaisquer movimentos contrários ao que poderíamos identificar como tendência. Ou seja, com todos os elementos que coexistem na atualidade e interferem na possibilidade da maternidade, ser mãe assume a conotação de opção. Neste sentido, é esperado por parte das mulheres-mães que estas correspondam às expectativas pautadas pelo senso comum.

Tudo aquilo que não contempla a regra tem efeitos de anomalia e imprime a necessidade de verificação. E o que dizer daquelas mulheres-mães que não atingem as projeções porque são impedidas por forças maiores? O que fazer quando nem o simples contato é permitido entre mãe e filho? Como absorver diferenças geracionais, por um lado, e barreiras institucionais por outro? E quando seu filho é um infrator? O que fazer quando ele vai para a Febem? E se tirarem sua vida?

Estas indagações esboçam parte das trajetórias das colaboradoras da presente pesquisa, que se depararam com tais situações-limite, uma vez rompido o ideal de vivência da maternidade e, mais que isso, tendo em tantos casos a possibilidade de entendimento entre mãe e filho interrompida com a situação inexorável da morte.

Impunidade, violência, luta, silêncio, são motes para tatear um tipo de maternidade que não se configurou como realizada. Apesar de tudo isso, as mulheres que aqui tiveram suas histórias de vida apresentadas, mesmo nas situações adversas, não deixaram de ser mães. Mais que isso, não desistiram de acreditar ser este seu principal papel na sociedade. Mito ou realidade, o amor materno permanece colorindo as narrativas das mulheres da sociedade contemporânea.

Considerações finais

Finalizar a pesquisa *Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei* foi tarefa que demandou cuidado no momento de fazer escolhas. Cuidado porque a cada história de vida por mim ouvida, maior era o anseio em explorar todos os aspectos que se desenhassem, tanto tematicamente quanto na utilização de recursos disponibilizados pela história oral.

A ética que envolve o trabalho, contudo, reiterava a importância das narrativas em sua singularidade e daí a necessidade indispensável de manter no texto da dissertação a história de vida completa. Não seria capaz de excluir passagens que porventura não pudessem ser analisadas posteriormente com maiores detalhes, daí a escolha por assumir a construção das narrativas enquanto integrante do processo de trabalho.

Da mesma maneira, busquei extrair das disciplinas cursadas durante a pós-graduação elementos que alimentassem a pesquisa, sobretudo o que dissesse respeito ao tema mais amplo abordado, qual seja, da maternidade e as discussões que o ligam ao debate sobre gênero. Tais aspectos foram explanados nos capítulos “Mãe, mulher ou família... A escolha da mãe como tema da pesquisa” e “Gênero e Maternidade: questão ultrapassada ou incômodo atual?”.

A opção em incluí-los na Parte I tem a ver justamente com a intenção em apresentar a maneira como os temas e indagações foram se colocando ao longo da pesquisa e dando base para o desenvolvimento de interpretações mais apuradas posteriormente. Estas dependeriam indiscutivelmente dos resultados das entrevistas, as quais foram realizadas ao longo de quatro anos, período que permitiu o incremento de dúvidas, mas também de maturidade para gerenciar o que serviria de base para a análise das narrativas.

A análise ou interpretação dos textos resultantes das entrevistas, por sua vez, seria pautada por escolhas não menos difíceis. Após a leitura cuidadosa de cada narrativa e destas em conjunto, muitos foram os temas que se desenharam. A isto acompanhou-se a vontade de adentrar cada um deles. Contudo, o tempo para tal atividade e a necessidade de restringir o foco para melhor visualizar o que poderia de fato ser feito, fez com que me deparasse com as escolhas da pesquisa, aqui materializadas na opção pelos três aspectos abordados na Parte III: a militância das mães, as relações entre gênero e geração e o mito do amor materno e suas releituras.

O mais complexo e polêmico dos três, e por isso mesmo, o mais sugestivo e atraente, foi desde o início a questão do mito do amor materno. Por tocar em debate de ordem delicada, seria necessário apontar as condições de edificação do mito para somente então relacioná-lo às narrativas das colaboradoras. A tarefa não parecia simples, pois se na teoria tudo indicava que o amor incondicional da mãe era algo construído socialmente, não era isso que as palavras e ações das mulheres-mães de jovens em conflito com a lei demonstravam. Ao contrário, a despeito de tantos questionamentos e afirmações que impeliam à convicção do caráter artificial deste amor materno incontestável, este se mostrava inerente às histórias de vida que se apresentavam diante de mim.

A história oral, neste sentido, foi crucial para compreender que nem sempre o que as letras afirmam pode ser confirmado na experiência vivida. O amor materno estava ali, a cada etapa da vida das colaboradoras que se reconheciam enquanto mães até mais do que enquanto mulheres.

Desta maneira, não procurei negar o amor materno enquanto mito, mas sugerir que ainda que o seja, o debate que envolve a maternidade em condições adversas, aqui abordada através da história oral, é universo repleto de elementos para discutir as reelaborações deste mito em nossa sociedade. Mais que isso, nos remonta à possibilidade de apreender como as profundas transformações do tempo presente se mesclam com tradições enraizadas em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Sérgio. SALLA, Fernando. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. In: *Estudos Avançados*, 21(61), 2007.
- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. JANNELLI, Maurizio. *A Princesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- ALMEIDA, Juniele Rabelo. AMORIM, Maria Aparecida. BARBOSA, Xênia. Performance e objeto biográfico: Questões para a História Oral de Vida. In: *Oralidades*. Revista de História Oral. Ano 1, n.2 (jul/dez.2007) – São Paulo: NEHO.
- ARAÚJO, Fábio Alves. *Do luto à luta: a experiência das mães de Acari*. Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. UFRJ, 2007.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *Decifra-me ou devoro-te: História oral de vida dos meninos de rua de Salvador*. São Paulo: Loyola, 1995.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERTAUX, Wiame. Mémoire at récits de vie. In: *Penélope* (pour l'histoire des femmes), n. 12, 1985.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O Tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CALDAS, Alberto Lins. Pontuação em História Oral. In: *Oralidades*. Revista de História Oral. Ano 2, n.4 (jun/dez.2008) – São Paulo: NEHO.
- _____. Transcrição em história oral. In: *NEHO-HISTÓRIA*, Revista do Núcleo de Estudos em História Oral da USP. São Paulo, n.1, USP/FFLCH/DH, Novembro, 1999, p. 71-9.

- CATELA, Ludmila da Silva. *Situação-Limite e Memória: A reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos na Argentina*. São Paulo: Hucitec, Anpocs, 2001.
- DANTAS, Sylvia Duarte. Mulheres entre culturas e seu mundo emocional. In: *Oralidades. Revista de História Oral*. n. 6, jul-dez/2009.
- DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *A guerra dos meninos: Assassinatos de menores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- EVANGELISTA, Marcela Boni. A transcrição em história oral e a insuficiência da entrevista. In: *Oralidades. Revista de História Oral*. N. 7, Jan-Jun/2010.
- FÁVERO, Eunice Teresinha (Org.). *Famílias de Crianças e Adolescentes Abrigados*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FREITAS, Rita de Cássia Santos. “Mães de Acari”: preparando a tinta e revirando a praça. Um estudo sobre mães que lutam. Rio de Janeiro: Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. (Tese de Doutorado).
- _____. “Famílias e Violência: reflexões sobre as Mães de Acari”. In: *Psicologia USP*, vol.13, n.2, São Paulo, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- GROS, Frédéric (Org.). *Foucault: A Coragem da Verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- JULIANO, Dolores. *Excluidas y Marginales*. Madri: Edições Cátedra, 2010.
- KOVÁCS, Maria Julia (Org.). *Morte e Existência Humana: Caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

- LIENHARD, Martín. Os Testemunhos Populares: Leituras. In: *Oralidade: Revista de História Oral*. São Paulo: NEHO, jul/dez 2008, n.4.
- LIRA, Vilnia Batista de. *Maternidades e esfera pública: um estudo sobre a inserção de mães no atendimento aos adolescentes em conflito com a lei*. Rio de Janeiro. Escola de Serviço Social. UFF, 2006.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- MARGOLIS. Maxine L. *Mothers and Daughters: Views of American Women and Why they Changed*. University of California Press, 1985.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Augusto e Lea: um caso de (Des)amor em tempos modernos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. A Família. In: SHAPIRO, Harry. *Homem, cultura e sociedade*. Ed. Fundo de Cultura, 1956.
- ORMANEZE, Fabiano. *Vidas Partidas: Histórias de luto materno*. Campinas: Akademika Editora, 2006.
- PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, Vol. 2, n. 3.
- PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Tramas e Traumas: Identidades em Marcha*. Tese (doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- _____. Visões e Perspectivas: Documento em História Oral. In: *Oralidade: Revista de História Oral*. São Paulo: NEHO, São Paulo, jul/dez. 2007, n. 2.

- RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. In: *Cadernos Pagu*, n. 26, janeiro-junho, 2006, p.145-169.
- RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo. In: *Nueva Antropología*. Vol. VIII, n. 30. México, 1986.
- SALES, Mione Apolinário. (*In*)*visibilidade perversa*: Adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: MATOS, Maria Izilda S. de.; SOLER, Maria Angélica (Org.). *Gênero em debate*: Trajetórias e Perspectivas na Historiografia Contemporânea. São Paulo: Educ, 1997.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2), jul-dez, 1990, p.5-22.
- SOARES, Barbara Musumeci (Org.). *Auto de Resistência*: Relatos de familiares de vítimas de violência armada. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- STRATHERN, Marilyn. Necessidade de Pais e Necessidade de Mães. In: *Estudos Feministas*. Vol. 3, n. 2, 1995.
- _____. *O Gênero da dádiva*. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *O que são direitos humanos das mulheres*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- TRASSI, Maria de Lourdes. *Adolescência Violência*. Desperdício de vidas. São Paulo: Cortez, 2006.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade Negada. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.
- VILAS BOAS, Sergio. *Biografismo*: Reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.



Mulher com criança.
Georg Schrimpf (1989-1939)